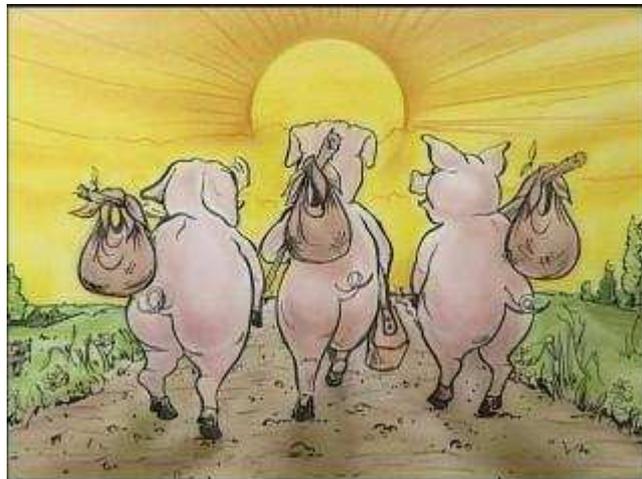


**Agatha Christie**

# **OS CINCO PORQUINHOS**

**(Five little pigs – 1943)**



**Edição Guinefort**

**2007**

## INTRODUÇÃO - CARLA LEMARCHANT

Hercule Poirot examinou com interesse a mulher jovem que era introduzida na sala.

A carta que esta havia escrito não continha nada de particularmente notável. Era um simples pedido de entrevista, sem qualquer sugestão da razão de tal pedido. Era curta e precisa. Apenas a firmeza da caligrafia indicava que Carla Lemarchant era uma mulher jovem. E agora aqui estava ela em pessoa, uma jovem senhora alta e esbelta de vinte e poucos anos. O gênero de jovem para quem se olha definitivamente duas vezes. Trajava roupa de qualidade, um casaco caro, de corte impecável, uma saia e peles luxuosas. A sua cabeça assentava nos ombros com elegância, possuía uma testa quadrada, o desenho do nariz sugeria sensibilidade e o queixo determinação. Exibia uma aparência muito viva. Era esta vivacidade, mais do que a sua beleza, que lhe conferia a nota predominante.

Antes da sua entrada, Hercule Poirot sentira-se tomado de uma sensação de velhice, agora sentia-se rejuvenescido, vivo, alerta.

Avançando para cumprimentá-la, apercebeu-se dos seus olhos cinzentos escuros que o estudavam atentamente. Era um escrutínio diligente.

Ela sentou-se e aceitou o cigarro que ele lhe ofereceu. Depois de aceso, deixou-se estar sentada a fumar, durante um ou dois minutos, continuando a mirá-lo com aquele olhar reflexivo e diligente.

Poirot disse suavemente:

— Sim, é uma decisão que deve ser tomada, não é verdade?

Ela sobressaltou-se:

— Como disse?

A sua voz era cativante, com uma leve e agradável aspereza.

— Está a decidir, não é verdade, se eu sou um simples vendedor de banha da cobra ou o homem de que precisa?

Ela sorriu e disse:

— Bem, efetivamente... não está longe da verdade. É que o senhor não... não tem exatamente o aspecto que eu imaginei, M. Poirot.

— E sou velho, não sou? Mais velho do que imaginou.

— Sim, isso também. — hesitou — Estou a ser franca, compreende? Quero... tenho de ter... o melhor.

— Fique descansada. — disse Hercule Poirot. — Eu *sou* o melhor!

— Modesto não *é*... — *disse* Carla. — De qualquer forma, sinto-me inclinada a acreditar em si.

Poirot disse, placidamente:

— Sabe, uma pessoa não se serve unicamente dos músculos. Eu não preciso de me baixar e medir as pegadas e pegar nas pontas de cigarro e examinar a relva calcada. Basta-me reclinar-me na minha poltrona *e pensar*. *É* isto — deu uma palmada na cabeça oval — *isto* que funciona!

— Eu sei. — disse Carla Lemarchant — Foi por isso que me dirigi ao senhor *É* que, compreende, quero que o senhor faça uma coisa extraordinária!

— Isso cria-me expectativas agradáveis! — comentou Hercule Poirot. — Olhou-a, tentando encorajá-la.

Carla Lemarchant respirou fundo.

— Não me chamo Carla. — disse — Chamo-me Caroline. O mesmo nome da minha mãe. Puseram-me o nome dela. — fez uma pausa — E apesar de ter sempre usado o apelido de Lemarchant, o meu verdadeiro apelido é Crale.

Hercule Poirot franziu momentaneamente o sobrolho, perplexo. Murmurou:

— Crale... julgo lembrar-me...

— O meu pai era pintor. — continuou ela — um pintor muito conhecido. Há quem diga que era um excelente pintor. *Eu* sou de opinião que sim.

Hercule Poirot disse:

— Amyas Crale?

— Sim. — fez uma pausa e prosseguiu: — E a minha mãe, Caroline Crale, foi julgada pelo seu assassínio!

— Ah! — disse Hercule Poirot. — Estou a lembrar-me... embora vagamente. Estava no estrangeiro na época. Foi há muito tempo.

— Dezasseis anos.

O seu rosto estava agora muito pálido e os olhos eram dois archotes acesos.

— Compreende? — perguntou. — Ela *foi julgada e condenada*... Não a enforcaram, porque consideraram que havia circunstâncias atenuantes... e assim a sua pena foi comutada para prisão perpétua com trabalhos forçados. Mas ela faleceu decorrido apenas um ano do julgamento. Compreende? Chegou ao fim... está tudo acabado... terminado...

Poirot disse calmamente:

— E então?

A rapariga chamada Carla Lemarchant apertou as mãos uma na outra. Falou pausada e hesitantemente, mas com uma ênfase estranha e acutilante:

— O senhor tem de compreender... exatamente... o meu papel. Eu tinha cinco anos de idade na altura em que... aconteceu. Demasiado nova para saber o que se passava. Recordo a minha mãe e o meu pai, naturalmente, e recordo que saí de casa abruptamente... que fui levada para o campo. Recordo os porcos e a mulher simpática de um lavrador gordo... e que todos eram muito amáveis... e recordo, muito claramente, a forma esquisita como me olhavam... toda a gente... uma espécie de olhar furtivo. Claro que sabia, as crianças sabem, que havia qualquer coisa que não estava bem... mas não sabia o quê.

E, em seguida, fui levada para um barco... foi uma aventura... que durou dias, e cheguei ao Canadá, onde o meu tio Simon estava à minha espera, e fui viver com ele e com a tia Louise em Montreal, e, quando perguntava pela minha mãe e pelo meu pai, diziam-me que eles estavam a chegar. Depois... depois acho que esqueci... só que tinha uma espécie de pressentimento de que estavam mortos, embora não me lembrasse de ninguém mo ter realmente dito. Porque, por essa altura, não sei se está a ver, eu já não pensava neles. Sentia-me muito feliz, compreende. O tio Simon e a tia Louise tinham muitos amigos e eu já me tinha esquecido de que tinha tido outro nome, de que não me chamava Lemarchant. A tia Louise disse-me que era o meu nome no Canadá, compreende, o que na altura me pareceu fazer todo o sentido... era simplesmente o meu nome canadiano... mas, como disse, acabei por esquecer que tinha tido outro no passado.

Ela levantou o queixo provocadoramente e disse:

— Olhe para mim. Diria, não diria?, se me conhecesse: «Ali vai uma rapariga que não tem preocupações!». Vivo folgadoamente, a minha saúde é esplêndida, sou suficientemente agradável à vista, posso desfrutar dos prazeres da vida. Aos vinte anos, não havia rapariga nenhuma no mundo com quem quisesse trocar de pele.

Mas, sabe, já tinha começado a fazer perguntas. Sobre a minha mãe e o meu pai. Quem eram e o que tinham feito. Quis o destino que, no fim, viesse a saber...

Com efeito, contaram-me a verdade. Quando eu tinha vinte e um anos. Tiveram de contar, porque, quanto mais não fosse, tomei posse do dinheiro que me pertencia. E depois, compreende?, havia uma carta. A carta que a minha mãe me escreveu antes de morrer.

A sua expressão alterou-se, ensombrando-se. Os seus olhos não eram mais dois pontos ardentes, mas poços escuros e sombrios.

— Foi aí que eu soube a verdade disse. Que a minha mãe tinha sido condenada por homicídio. Foi... absolutamente tremendo.

Fez uma pausa.

— Há outra coisa que tenho de lhe dizer. Eu estava noiva e ia casar. Disseram que eu devia esperar... que não podia casar-me até fazer vinte e um anos. Quando soube, compreendi porquê.

Poirot agitou-se e falou pela primeira vez:

— E qual foi a reação do seu noivo?

— O John? O John não se importou. Disse que não fazia qualquer diferença... a ele não fazia. Eu e ele éramos a Carla e o John... e o passado não tinha importância.

Ela inclinou-se para a frente.

— Continuamos noivos. Mas sabe, apesar de tudo, tem *realmente* importância. Para mim, tem. E também tem para o John... Não é o passado que nos preocupa... é o futuro. Apertou as mãos. É que queremos ter filhos.

Queremos os dois ter filhos. E não queremos ver os nossos filhos crescer com medo.

— Não compreende que existem, entre os antepassados de toda a gente, histórias de violência e maldade? — perguntou Poirot.

— O senhor não está a entender. Isso é verdade, claro. Mas, por outro lado, as pessoas normalmente não conhecem essas histórias. Nós conhecemos. São demasiado recentes. E por vezes... apanho o John a olhar para mim.

Um olhar breve, de relance... um lampejo apenas. Se nos casarmos e tivermos uma discussão... e eu o vir olhar para mim e... e duvidar?

Hercule Poirot disse:

— Como foi assassinado o seu pai?

A voz de Carla surgiu clara e firme.

— Foi envenenado.

— Compreendo. — disse Hercule Poirot.

Instalou-se um silêncio. Em seguida, a rapariga disse, num tom de voz calmo e directo:

— Graças a Deus que o senhor é sensível. Compreende que tem importância... e quais as implicações. Não procura pôr água na fervura e balbuciar meia dúzia de palavras de consolo.

— Compreendo perfeitamente. — disse Poirot — O que não compreendo é o que pretende de *mim*.

Carla Lemarchant respondeu simplesmente:

— Quero casar-me com o John! E tenciono casar-me com o John! E quero ter, pelo menos, duas raparigas e dois rapazes. E o senhor vai tornar isso possível!

— Quer dizer... que quer que eu fale com o seu noivo? Claro que não, que idiotice que eu estou para aqui a dizer! O que está a sugerir é uma coisa muito diferente. Diga-me qual é a sua ideia.

— Ouça, M. Poirot. Veja se entende... com toda a clareza. Estou a contratá-lo para investigar um caso de homicídio.

— Quer dizer...?

— Sim, é isso mesmo que quero dizer. Um caso de homicídio, quer tenha ocorrido ontem ou há dezasseis anos.

— Mas, minha cara senhora...

— Espere, M. Poirot. Ainda não entendeu tudo. Há um ponto muito importante.

— Sim?

— A minha mãe estava inocente. — disse Carla Lemarchant.

Hercule Poirot esfregou o nariz e murmurou:

— Bem, naturalmente... eu compreendo que...

— Não se trata de sentimentalismo. Existe a carta que ela escreveu. Deixou-ma, antes de morrer. Devia ser-me entregue quando eu fizesse vinte e um anos. Deixou-a por uma única razão... para que eu não tivesse dúvidas.

A carta não continha mais nada. Ela dizia apenas que não tinha cometido o crime... que estava inocente... que eu podia estar sempre certa da sua inocência.

Hercule Poirot olhou pensativamente para o rosto jovem e cheio de vida que o fitava com tanta sinceridade. Disse, pausadamente:

— *Tout de même...*

Carla sorriu.

— Não, a minha mãe não era assim! Está a pensar que pode ter sido mentira... uma mentira sentimental? — inclinou-se para a frente, ansiosa — Ouça, M. Poirot, há coisas que as crianças sabem perfeitamente. Eu recordo a minha mãe... é uma recordação indistinta, naturalmente, mas recordo muito bem *o gênero* de pessoa que ela era. Ela não dizia mentiras... mentiras piedosas. Se uma coisa ia causar dor, ela nunca escondia esse fato. Dentistas ou espinhos cravados no dedo... esse gênero de coisa. A verdade era para ela... um impulso natural. Eu não lhe tinha, creio, uma afeição particular... mas confiava nela. *Ainda* hoje confio nela! Se ela diz que não matou o meu pai, é porque não matou o meu pai! Não era pessoa para escrever solenemente uma mentira, sabendo que estava a morrer.

Lentamente e quase com relutância, Hercule Poirot inclinou a cabeça.

Carla continuou.

— É por isso que posso casar-me com o John. *Eu sei que posso. Mas ele não sabe.* Acha que é perfeitamente natural que eu considere a minha mãe inocente. A questão tem de ser deslindada, M. Poirot. E o *senhor vai* fazê-lo!

Hercule Poirot disse pausadamente:

— Assumindo que aquilo que está a dizer é verdade, mademoiselle, a verdade é que já passaram dezasseis anos!

— Sim, vai ser *difícil*, naturalmente! — disse Carla Lemarchant — Só o *senhor* é capaz de esclarecer este caso!

Os olhos de Hercule Poirot cintilaram levemente.

— Está a lisonjear-me, hein? — disse ele.

Carla disse:

— Ouvi falar em si. Nas coisas que fez. *Na forma* como as fez. É a psicologia que o fascina, não é assim? Pois essa não muda com o tempo. As coisas palpáveis desapareceram... a ponta de cigarro e as pegadas e a relva calcada. Essas já não pode procurar. Mas pode analisar todos os fatos do processo e talvez falar com as pessoas que estiveram presentes na altura... encontram-se todas vivas ainda... e então... e então, como acabou de dizer, pode reclinar-se na sua poltrona *e pensar. E saberá o que realmente aconteceu...*

Hercule Poirot pôs-se de pé. Cofiou o bigode.

— Mademoiselle, sinto-me muito honrado! — disse. — Verá que a sua fé em mim será justificada. Vou investigar o seu caso de homicídio. Examinarei as ocorrências que tiveram lugar há dezesseis anos e descobrirei a verdade.

Carla levantou-se. Havia um brilho nos seus olhos, mas limitou-se a dizer:

— Ótimo.

Hercule Poirot agitou um dedo indicador eloquente.

— Um momentinho. Eu disse que descobriria a verdade. Não tenho, compreenda, a ideia preconcebida. Não aceito a sua garantia de que a sua mãe está inocente. Se ela for culpada... *eh bien*, em que pé ficamos?

Carla atirou para trás a sua altiva cabeça, dizendo:

— Sou filha dela. Quero a *verdade*.

Hercule Poirot disse:

— Então, *en avant*. Embora não seja o que eu devia dizer Pelo contrário.

*En arrière...*

## CAPÍTULO I - O ADVOGADO DE DEFESA

— Se me lembro do processo Crale? — perguntou Sir Montague Depleach — Com certeza que lembro. Lembro-me muito bem. Uma mulher extraordinariamente atraente. Mas desequilibrada, claro. Sem autocontrole.— Olhou de soslaio para Poirot — Que o leva a fazer-me essa pergunta?

— Estou interessado.

— Não é muito diplomático da sua parte, meu caro. — disse Depleach, exibindo os dentes no seu abrupto e famoso «sorriso de lobo», que tinha a reputação de exercer um efeito aterrador sobre as testemunhas — Não figura no rol dos meus êxitos, sabe. Não a ilibei.

— Eu sei.

Sir Montague encolheu os ombros e disse:

— É claro que na época não tinha a experiência que tenho hoje. Mesmo assim, penso que fiz tudo quanto era humanamente possível. Sem *cooperação*, não se pode ir muito longe. Mas a *verdade* é que conseguimos comutar a pena para prisão perpétua com trabalhos forçados. Na base de que foi provocada, compreende. Muitas esposas e mães respeitáveis assinaram uma petição. Havia uma simpatia generalizada por ela.

Reclinou-se, esticando as suas longas pernas. O seu rosto assumiu uma expressão judicial e apreciativa.

— Sabe, se ela o tivesse morto a tiro ou mesmo esfaqueado... eu teria tentado tudo por tudo para conseguir uma acusação de homicídio involuntário. Mas veneno... não, com veneno não se brinca. É complicado... muito complicado.

— Qual foi a defesa? — perguntou Hercule Poirot.

Ele sabia, porque já tinha lido os arquivos de jornal, mas não viu qualquer inconveniente em fingir-se completamente ignorante com Sir Montague.

— Oh, suicídio. Era a única *coisa possível*. Mas não convenceu. O Crale, pura e simplesmente, não era esse gênero de homem! Suponho que nunca o conheceu? Não? Bom, era um sujeito fanfarrão e vivo. Um grande mulherengo, amigo da cerveja... e por aí fora. Era partidário dos prazeres da carne e gozava-os. É impossível persuadir os jurados de que um homem assim se vai sentar calmamente e pôr termo à vida. Não faz sentido. Não, infelizmente tive em mãos, desde o início, um caso perdido. E ela não alinhava! Percebi que íamos perder, mal ela subiu ao banco. Completamente desprovida de qualquer espírito combativo. Mas lá está... se não pomos o nosso cliente no banco, os jurados tiram as suas próprias conclusões.

— Era a isso que se referia quando ainda há pouco disse que não se pode ir muito longe sem cooperação? — perguntou Poirot.

— Absolutamente, meu caro. O senhor sabe que não somos mágicos. Metade da batalha é a impressão que o réu causa nos jurados. Já vi júris, vezes sem conta, proferir vereditos que vão completamente contra a síntese do juiz. «Ele é culpado, é sim senhor»... é o ponto de vista. Ou «Ele nunca fez uma coisa daquelas... não acredito!». A Caroline Crale nem sequer tentou dar luta.

— E porque não?

Sir Montague encolheu os ombros.

— Não me pergunte. É claro que ela tinha afeição pelo sujeito. Ficou destroçada quando caiu em si e compreendeu o que tinha feito. Acho que nunca recuperou do choque.

— Então na sua opinião ela era culpada?

Depleach pareceu bastante surpreendido.

— Hum... bem disse, pensei que tínhamos isso como assente.

— Alguma vez ela admitiu ao senhor que era culpada?

Depleach mostrou-se chocado.

— Com certeza que não... com certeza que não. Nós temos a nossa deontologia, sabe. Partimos sempre de um princípio de... hum... inocência. Se está assim tão interessado, é uma pena não poder falar com o velho Mayhew. Os Mayhews foram os juristas que contrataram os meus serviços. O velho Mayhew podia dizer-lhe muito mais do que eu. Mas enfim... juntou-se à grande maioria. Há o jovem George Mayhew, claro, mas na altura não passava de um rapaz. Já lá vai muito tempo, sabe.

— Sim, eu sei. É uma grande sorte para mim que o senhor recorde tanta coisa. A sua memória é notável.

Depleach pareceu satisfeito e murmurou:

— Bem, sabe, uma pessoa lembra-se dos pontos principais. Especialmente quando se trata de um crime capital. E, é claro, o processo Crale foi muito badalado pela imprensa. Muito sexo envolvido e tudo isso. A rapariga era muitíssimo atraente. Mas casmurra como tudo, na minha opinião.

— Desculpar-me-á se pareço demasiado insistente, — disse Poirot — mas volto a perguntar: não tinha qualquer dúvida da culpa de Caroline Crale?

Depleach encolheu os ombros e disse:

— Francamente, de homem para homem, não me parece que haja grande dúvida nesse ponto. Acredite, ela matou-o, sim senhor.

— Quais eram as provas contra ela?

— Terrivelmente incriminatórias, na verdade. Em primeiro lugar, havia o motivo. Ela e o Crale viviam há anos uma vida de cão e de gato... quezílias constantes. Ele andava sempre metido com outras mulheres. Era superior às suas forças. Era o gênero de homem que ele era. De uma maneira geral, ela aguentava bem a situação. Dava-lhe os devidos descontos por causa do seu temperamento... e o homem era realmente um pintor de primeira água, sabe. Os seus quadros subiram imenso no mercado... imenso. É um tipo de pintura que, *a mim pessoalmente*, não me diz nada... os temas são repulsivos e vigorosos, mas tem *qualidade*... disso não restam dúvidas.

Bem, como digo, de vez em quando, havia discussões por causa de mulheres. Mrs. Crale não era do tipo dócil que sofre em silêncio. Havia brigas,

sim senhor. Mas no fim ele voltava sempre para ela. Eram aventuras passageiras. Mas o último caso foi muito diferente. Tratou-se de uma rapariga, está a ver... uma rapariga muito nova. Tinha apenas vinte anos.

Elsa Greer, era como se chamava. Era filha única de um industrial qualquer do Yorkshire. Tinha dinheiro e determinação e sabia o que queria. E o que queria era o Amyas Crale. Conseguiu que ele a pintasse... habitualmente, ele não pintava retratos da sociedade, «Sra. Fulana de Tal em cetim e pérolas», mas pintava figuras. Duvido que, na maioria dos casos, as mulheres tivessem querido que ele as pintasse... o homem não as poupava! Mas pintou Elsa Greer e acabou completamente embeijado por ela. Ele ia a caminho dos quarenta, sabe, e estava casado há muitos anos. Estava em ponto de rebuçado para fazer figura de parvo com uma rapariguinha nova. Elsa Greer foi a rapariga. Estava doido por ela e fazia tenções de se divorciar da mulher e casar com a Elsa.

A Caroline Crale não estava pelos ajustes. Ameaçou-o. Houve duas pessoas que a ouviram dizer que, se não deixasse a rapariga, o matava. E falava a sério, pode crer! No dia anterior ao assassínio, tinham tomado chá com um vizinho. Este interessava-se por ervas e remédios caseiros. Entre as infusões de que era autor, contava-se a conina... ansarina malhada. Conversaram sobre ela e sobre as suas propriedades mortíferas.

No dia seguinte, ele reparou que metade do conteúdo do frasco tinha desaparecido. Ficou nervosíssimo com a situação. Encontraram um frasco quase vazio de conina no quarto de Mrs. Crale, escondido no fundo de uma gaveta.

Hercule Poirot mexeu-se desconfortavelmente na cadeira e disse:

— Pode ter sido lá posto por outra pessoa.

— Não, não! Ela admitiu à polícia que foi ela que o levou. Muito irrefletido, naturalmente, mas nessa fase ainda não tinha um advogado que a aconselhasse. Quando a interrogaram sobre o assunto, admitiu abertamente tê-lo levado.

— Por que *razão*?

— Afirmou tê-lo levado com a ideia de se suicidar. Não foi capaz de explicar como o frasco ficou vazio... nem como só tinha as suas impressões

digitais. Este aspecto foi altamente prejudicial. Ela argumentava, compreende, que o Amyas Crale se tinha suicidado. Mas, se ele tivesse tomado a conina do frasco que ela tinha escondido no quarto, este teria as impressões digitais *dele* juntamente com as dela.

— Foi-lhe administrada na cerveja, não é verdade?

— Sim. Ela tirou a garrafa do frigorífico e levou-lha pessoalmente ao jardim onde ele estava a pintar. Serviu-lha e passou-lhe o copo, ficando a vê-lo beber. Toda a gente subiu para almoçar e deixaram-no... era frequente ele não comparecer às refeições. Mais tarde, ela e a preceptora encontraram-no morto. A sua história foi que a cerveja que *ela* lhe deu estava boa. Nós defendemos a teoria que ele se sentiu subitamente tão preocupado e arrependido que ingeriu ele próprio o veneno. Tudo balelas... ele não era esse gênero de homem! E a evidência das impressões digitais foi a mais incriminatória de todas.

— Encontraram as impressões digitais dela na garrafa?

— Não, não encontraram... só as *dele*... e eram forjadas. Ela ficou sozinha com o corpo, compreende, enquanto a preceptora foi chamar o médico. E o que deve ter feito foi limpar a garrafa e o copo e apertar os dedos dele em volta de ambos. Está a ver, ela queria dar a entender que nunca tinha manuseado os objetos. Bem, não resultou. O velho Rudolph, o advogado de acusação, divertiu-se à brava com aquilo... provou sem sombra de dúvida, por demonstração no tribunal, que um homem não podia segurar numa garrafa com os dedos naquela posição! Claro que nós fizemos o possível por provar *que podia*,... que as suas mãos teriam assumido uma posição contorcida no momento da morte... mas francamente a nossa defesa não foi muito convincente.

Hercule Poirot disse:

— A conina na garrafa deve ter sido lá posta antes de ela a levar para o jardim.

— Na garrafa não havia conina nenhuma. Só no copo.

Fez uma pausa o seu rosto largo e bem-parecido subitamente alterado e virou bruscamente a cabeça. — Que vem a ser isso, Poirot? — perguntou — *Onde é que quer chegar?*

— Se Caroline Crale estava inocente. — disse Poirot — como é que a conina foi parar à cerveja? A defesa disse na altura que o próprio Amyas Crale a pôs lá. Mas o senhor está a dizer-me que isso era altamente improvável e eu, pelo meu lado, concordo consigo. Ele não era esse gênero de homem. Nesse caso, se Caroline Crale não o fez, foi outra pessoa.

Depleach disse, quase numa explosão atabalhoada:

— Ora, com mil diabos, homem, não se pode carregar água em peneira. O caso foi encerrado há muitos anos. Claro que foi ela. O senhor não teria dúvidas, se a tivesse conhecido na época. Estava-lhe estampado na cara! Até acho que sentiu alívio com o veredito. Não estava assustada. Não estava minimamente nervosa. Só queria que o julgamento terminasse depressa. Uma mulher muito corajosa, realmente...

— E, no entanto, — disse Hercule Poirot — quando morreu, deixou uma carta para ser entregue à filha, em que jura solenemente estar inocente.

— Não me admira nada. — comentou Sir Montague Depleach — Qualquer um de nós teria feito o mesmo no lugar dela.

— A filha afirma que ela não era esse gênero de mulher.

— A filha afirma... ora! Que sabe *ela* sobre o assunto? Meu caro Poirot, a filha não passava de uma criança quando a mãe foi julgada. Quantos anos tinha... quatro... cinco? Mudaram-lhe o nome e mandaram-na para o estrangeiro, para casa de uns parentes. Que pode *ela* saber ou recordar?

— Por vezes as crianças conhecem muito bem as pessoas.

— Talvez sim. Mas neste caso isso não se aplica. Naturalmente que a rapariga quer acreditar que a mãe não cometeu o crime. Deixá-la. Não faz mal nenhum.

— Só que infelizmente ela pretende a prova.

— A prova de que a Caroline Crale não matou o marido?

— Sim.

— Pois, — disse Depleach — mas não vai consegui-la.

— Acha que não?

O famoso advogado da coroa olhou pensativamente para o seu companheiro.

— Sempre o tive na conta de um homem sério, Poirot. Que está a fazer? A tentar ganhar dinheiro à custa dos afetos naturais de uma rapariga?

— O senhor não conhece a rapariga. É uma rapariga invulgar. Uma rapariga com grande força de carácter.

— Sim, imagino facilmente que a filha do Amyas e da Caroline Crale o seja. Que é que ela pretende?

— A verdade.

— Hum... receio que venha a achar a verdade amarga. Sinceramente, Poirot, não me parece que haja qualquer dúvida sobre o assunto. Ela matou-o.

— Vai-me perdoar, meu amigo, mas quanto a esse ponto tenho de ser eu próprio a tirar as minhas conclusões.

— Bem, não sei que mais pode fazer. Pode ler as notícias sobre o julgamento saídas nos jornais. Humphrey Rudolph foi o representante da coroa. Já faleceu... ora deixe ver, quem era o seu assistente? O jovem Fogg, creio. Sim, Fogg. Pode falar com ele. E depois há as pessoas que estavam presentes ao tempo. Não me parece que vão gostar de vê-lo intrometer-se e desenterrar a história, mas atrevo-me a dizer que há-de conseguir delas o que quer. Capaz de convencer é o senhor.

— Ah, pois, as pessoas envolvidas. É um aspecto muito importante. Lembra-se com certeza delas?

Depleach considerou.

— Deixe ver... já lá vai muito tempo. Eram só cinco as pessoas realmente implicadas, por assim dizer... não estou a contar com os criados... duas criaturas absolutamente leais e com ar de assustadas... não sabiam nada de nada. Ninguém podia suspeitar delas.

— Cinco pessoas, diz o senhor? Fale-me delas.

— Bem, havia o Philip Blake. Era o maior amigo do Crale... conheceram-se toda a vida. Estava em casa deles na altura. Esse está vivo. De vez em quando, cruzamo-nos no comboio. Vive em St Georges Hill. Corretor da

bolsa. Joga no mercado financeiro e safa-se bem. Um homem de sucesso, está a ficar um tanto gordo.

— Sim. E a seguir?

— Depois temos o irmão mais velho de Blake. Proprietário rural... um fulano de hábitos caseiros, gosta de ficar em casa.

Passou pela cabeça de Poirot uma melodia que ele recalcou. *Não* devia estar sempre a pensar em lengalengas infantis. Ultimamente, parecia ter-se tornado uma obsessão. E, todavia, a ária persistia.

*«Este porquinho foi ao mercado, este porquinho ficou em casa...»*

— Ficava em casa... sim?

— É o sujeito de quem lhe falei... o que se dedicava a remédios caseiros... e ervas... uma espécie de boticário. Um passatempo. Como é que ele se chamava? Tinha um nome literário... já sei. Meredith. Meredith Blake. Não sei se está vivo ou não.

— E a seguir quem temos?

— A seguir? Bem, temos a causa de todo o problema. A rapariga do processo, Elsa Greer.

*«Este porquinho comia rosbife murmurou»* Poirot.

Depleach olhou-o fixamente.

— Lá carne comeu ela e muita. — disse — É uma mulher empreendedora. Desde então casou três vezes. Casa e descasa como quem bebe um copo de água. E sempre que muda de marido é para melhor. Lady Dittisham, é como se chama hoje em dia. Abra uma edição qualquer da *Tatler* que há-de vê-la lá.

— E os outros dois?

— Havia a preceptora. Não me lembro do nome. Uma mulher afável e competente. Thompson... Jones... qualquer coisa assim. E havia a criança. A meia-irmã da Caroline Crale. Devia ter cerca de quinze anos. Tornou-se bastante célebre. Escava coisas e faz caminhadas a pé até ao calcanhar-do-mundo. Warren... é o nome dela. Angela Warren. Uma jovem mulher muito inquietante nos dias que correm. Encontrei-a um dia destes.

— Não é então o porquinho que guinchou «hi hi hi»...?

Sir Montague Depleach olhou-o, com uma expressão de estranheza.

Disse secamente:

— Não lhe faltaram razões na vida para guinchar «hi hi hi»! Está desfigurada, sabe. Tem uma cicatriz feia, de um dos lados da cara, a todo o comprimento. Ela... bem, você há-de ouvir a história toda, estou certo.

Poirot levantou-se e disse:

— Agradeço-lhe muito. Foi muito amável. Se Mrs. Crale *não* matou o marido...

Depleach interrompeu-o:

— Mas matou, meu velho, mas matou. Acredite no que lhe digo.

Poirot prosseguiu, sem atender à interrupção.

— Então toda a lógica parece apontar para que tenha sido uma dessas cinco pessoas que o matou.

— Suponho que uma delas *podia* tê-lo morto. — disse Depleach, num tom de dúvida — Mas não vejo, em nenhum dos casos, qualquer razão para que o *tivesse* feito. Absolutamente nenhuma razão. Tenho a certeza de que nenhuma o *fez*. Tire essa ideia da cabeça, meu velho!

Mas Hercule Poirot limitou-se a sorrir e a abanar a cabeça.

## CAPÍTULO II - O ADVOGADO DE ACUSAÇÃO

— Mais culpada não podia ser. — disse sucintamente o Dr. Fogg.

Hercule Poirot olhou reflexivamente para o rosto magro, de traços vincados, do causídico.

Quentin Fogg, advogado da coroa, era um tipo de pessoa muito diferente de Montague Depleach. Depleach possuía força, magnetismo, uma personalidade dominadora e ligeiramente intimidante. As suas abruptas e dramáticas mudanças de atitude produziam efeitos notáveis. Num momento era elegante, urbano, encantador, e no momento seguinte, numa transformação quase mágica, crispava os lábios e sorria mal-humorado pronto a comer couro e cabelo.

Quentin Fogg era franzino, macilento, com um déficit singular daquilo a que se chama personalidade. As suas perguntas eram calmas e desprovidas de emoção mas inflexivelmente persistentes. Se Depleach lembrava um florete, Fogg lembrava uma verruma. Perfurava sem piedade. Nunca atingira uma celebridade aparatosa, mas era conhecido como um jurista de primeira classe. Normalmente ganhava as causas em que se envolvia.

Hercule Poirot perscrutou-o pensativo.

— Foi então assim que lhe pareceu? — perguntou.

Fogg assentiu.

— Devia tê-la visto no banco. — disse. — O velho Humpie Rudolph... era o advogado principal, compreende... fê-la completamente em picado. Picado!

Ao fim de uma pausa, disse inesperadamente:

— No geral, sabe, foi uma coisa excessiva.

— Não sei bem se estou a entendê-lo. — disse Hercule Poirot.

Fogg contraiu as sobrancelhas delicadamente desenhadas. Com a mão sensível, afagou o lábio superior.

— Como hei-de pôr a questão? — disse. — É um ponto de vista muito inglês. «Um alvo demasiado fácil» é a melhor descrição. Faça-me entender?

— É, como diz, um ponto de vista muito inglês, mas julgo compreendê-lo. No Tribunal Criminal Central, como nos campos de jogos de Eton e nas coutadas, agrada ao inglês que a vítima tenha a hipótese de ganhar ou perder.

— É exatamente isso. Bom, neste caso, a ré *não* teve qualquer hipótese. Humpie Rudolph fez o que muito bem quis com ela. Ela começou por ser interrogada pelo Depleach. Ficou ali, não sei se está a ver... tão dócil como uma rapariguinha numa festa, dando às perguntas de Depleach as respostas que tinha aprendido de cor. Muito dócil, as palavras na ponta da língua... e absolutamente convincente! Ensinares-lhe o que devia dizer e ela disse-o. A culpa não foi do Depleach. Esse velho charlatão desempenhou o seu papel na perfeição... mas, numa cena que requer dois atores, um só não é capaz de levá-la até ao fim. Ela não lhe deu a contracena, e isso teve sobre os jurados o pior efeito possível. E então o velho Humpie levantou-se. Imagino que já o viu em ação? Foi uma

grande perda. Puxou a toga para cima, baloiçou o corpo para trás... e depois... lançou-se como uma bala!

Como lhe digo, fê-la em picado! Levou-a por um lado e pelo outro... e, a cada passo, ela ia caindo na armadilha. Ele conseguiu que ela admitisse os paradoxos das suas próprias declarações, conseguiu que ela se contradissesse, e ela foi-se afundando cada vez mais. E depois ele acabou com a sua estratégia habitual. Muito persuasivo... muito convicto: «Sugiro-lhe, Mrs. Crale, que essa sua história de ter roubado conina, para se suicidar, é um chorrilho de mentiras. Sugiro que a levou com o propósito de administrá-la ao seu marido que estava em vias de trocá-la por outra mulher, e que lha *administrou* intencionalmente». E ela olhou para ele... uma criatura tão bonita... graciosa, delicada... e disse: «Oh, não... não, não administrei». Coisa mais insípida não se podia ter ouvido, não podia ser menos convincente. Vi o velho Depleach contorcer-se na cadeira. Foi aí que ele soube que estava tudo perdido.

Fogg fez uma curta pausa, continuando em seguida:

— E contudo... não sei. De certo modo, foi a coisa mais inteligente que ela podia ter feito! Apelou à nobreza de sentimentos... essa peculiar nobreza de sentimentos intimamente associada aos desportos sangrentos que faz com que a maioria dos estrangeiros nos considere uns impostores consumados! Os jurados acharam... todo o tribunal achou... que ela não tinha a mínima hipótese. Não foi sequer capaz de lutar pela sua própria pele. Absolutamente incapaz de contrariar um brutamontes inteligente como o velho Humpie. Aquele débil e pouco convincente: «*Oh não... não, não administrei*» foi patético... simplesmente patético. Arrumou com ela!

Sim, de algum modo, foi a melhor coisa que lhe podia ter acontecido. O júri só esteve reunido pouco mais de meia hora. Anunciaram o veredicto final: culpada com uma recomendação de clemência.

Na verdade, ela constituía um bom contraste em relação à outra mulher do processo. A rapariga. Nunca, desde o início, os jurados mostraram qualquer simpatia para com *ela*. Nunca perdeu o sangue-frio. Muito bonita, determinada, moderna. Para as mulheres em tribunal, simbolizava um tipo, o tipo da

destruidora de lares. Com raparigas daquelas à solta, não há casamento que esteja seguro. Raparigas que só pensam em sexo e desprezam os direitos das esposas e das mães. Não demonstrou qualquer contenção, devo dizer. Foi honesta. Admiravelmente honesta. Tinha-se apaixonado pelo Amyas Crale e ele por ela, e não teve quaisquer escrúpulos em roubá-lo à mulher e à filha.

Num certo sentido, senti admiração por ela. Era corajosa. O Depleach avançou com sugestões feias quando contra-interrogou, mas ela aguentou-se bem. O tribunal, contudo, não mostrou qualquer simpatia. E o juiz não gostou dela. Era o velho Avis. Ele próprio tinha sido um estoura-vergas em novo... mas quando enverga a toga para presidir é um defensor ferrenho da moralidade. Foi extremamente brando na sua síntese contra a Caroline Crale. Não podia negar os fatos, mas deixou no ar algumas fortes insinuações de que tinha havido provocação e tudo isso.

Hercule Poirot perguntou:

— Não apoiou a teoria da defesa, de suicídio?

Fogg abanou a cabeça.

— Essa teoria sempre foi manca. Repare, não digo que o Depleach não se tivesse esforçado para defendê-la. Foi magnífico. Pintou um retrato muitíssimo comovente de um homem generoso, amante do prazer, temperamental, subitamente preso numa paixão por uma bela e jovem rapariga, consumido pela consciência, mas incapaz de resistir. Depois, a sua hesitação, a sua repugnância pelos seus próprios atos, o seu remorso pela forma como estava a tratar a mulher e a filha e a sua súbita decisão de pôr fim a tudo! A saída honrosa. Afianço-lhe, foi uma exposição tocante; a voz do Depleach fez vir lágrimas aos olhos. Viu-se o pobre diabo como um homem dilacerado pelas suas paixões, mas basicamente decente. O efeito foi estupendo. Só que, quando acabou e o encanto se quebrou, ninguém conseguiu encaixar aquela figura mítica na pessoa do Amyas Crale. Toda a gente sabia demasiadas coisas sobre o Crale. Ele não era, de maneira nenhuma, esse gênero de homem. E o Depleach não tinha conseguido deitar a mão a quaisquer provas que demonstrassem que o era. Devo dizer que o Crale surgiu aos olhos de todos praticamente como um homem

que nem uma consciência incipiente possuía. Era um egoísta implacável, centrado em si próprio, bem-disposto e alegre. Qualquer sentido ético que tivesse, tê-lo-á aplicado na pintura. Não teria pintado, estou convicto, um quadro sórdido e de má qualidade... por mais estimulado que se sentisse. Mas, quanto ao resto, era um homem vigoroso e amava a vida... retirava prazer dela. Suicídio? Ele não!

— Uma linha de defesa talvez infeliz?

Fogg encolheu os ombros magros.

— Que outra alternativa havia? — perguntou. — Ele não podia baixar os braços e alegar que não tinha argumentos para oferecer aos jurados... que a acusação tinha de provar o seu caso contra a ré. Provas não faltavam. Ela tinha manuseado o veneno... admitiu mesmo tê-lo furtado. Existia o meio, o motivo, a oportunidade... tudo.

— Podia ter-se tentado demonstrar que essas coisas tinham sido artificialmente preparadas?

Fogg disse sem evasivas:

— Ela admitiu a maior parte delas. E, em todo o caso, é demasiado rebuscado. Está a sugerir, presumo, que outra pessoa o assassinou e arranjou as coisas de maneira a parecer que tinha sido ela.

— Acha uma ideia insustentável?

Fogg disse pausadamente:

— Infelizmente, acho. Está a sugerir o misterioso X. Onde é que o procuramos?

— Obviamente num círculo restrito. — respondeu Poirot — Havia cinco pessoas, não é verdade, *que podiam* estar implicadas?

— Cinco? Deixe ver. Havia o velho tonto que lidava com infusões de ervas. Um passatempo perigoso... mas uma criatura afável. Um sujeito vago. Não o vejo como o nosso X. Havia a rapariga... era capaz de dar conta da Caroline, mas do Amyas não, com certeza. Depois havia o corretor da bolsa... o melhor amigo do Crale. Seria popular nos romances policiais, mas na vida real custa-me

a crer. Não há mais ninguém... ah, pois, a irmã mais nova, mas essa não se pode considerar seriamente. Temos quatro.

Hercule Poirot disse:

— Está a esquecer-se da preceptora.

— Sim, tem razão. Pobre gente, as preceptoras, nunca nos lembramos delas. Mas recordo-a vagamente. De meia-idade, simples, competente. Suponho que um psicólogo diria que ela tinha uma paixão criminosa por Crale e, portanto, o matou. A solteirona reprimida! Não serve... pura e simplesmente não acredito. Tanto quanto a minha vaga memória me permite recordar, ela não era do tipo neurótico.

— Já lá vai muito tempo.

— Quinze ou dezasseis anos, julgo. Sim, muito tempo. Não pode esperar que as minhas recordações do processo sejam muito nítidas.

— Pelo contrário, — disse Hercule Poirot — lembra-se com grande clareza. Fico espantado. É capaz de ver toda a situação, não é verdade? Quando fala, a imagem forma-se diante dos seus olhos.

Fogg disse pausadamente:

— Sim, tem razão... realmente vejo... com muita clareza.

— Interessar-me-ia, meu amigo, — disse Poirot — se pudesse dizer-me porquê.

— Porquê? — Fogg ponderou sobre a pergunta. O seu rosto magro, de intelectual, estava alerta... interessado. — Sim, ora porquê?

Poirot perguntou:

— *Que* vê com tanta nitidez? As testemunhas? Os advogados? O juiz? A ré no banco?

Fogg disse calmamente:

— Claro, é essa a razão! O senhor pôs o dedo na ferida. Hei-de sempre *vê-la*... É uma coisa estranha, o romance. Ela tinha essa qualidade. Não sei se era realmente bonita... Não era muito jovem... tinha um ar fatigado... olheiras em redor dos olhos. Mas tudo se centrava nela. O interesse... o drama. E, contudo, durante grande parte do tempo, *ela não estava lá*. Tinha partido para qualquer

lado, distante... tinha apenas deixado ficar o corpo, inerte, atento, com aquele sorrisinho delicado nos lábios. Toda ela era meios-tons, compreende, luz e sombra. E, no entanto, mesmo assim, era mais viva do que a outra... a rapariga do corpo perfeito e do rosto belo e do vigor viçoso, em bruto. Eu admirei a Elsa Greer, porque ela tinha coragem, porque era capaz de dar luta, porque enfrentava os seus atormentadores e não se acobardava! Mas admirei Caroline Crale, porque ela não combatia, porque se refugiava no seu mundo de meias luzes e sombras. Ela nunca foi derrotada, porque nunca deu luta.

Fez uma pausa.

— Só tenho a certeza de uma coisa. Ela amava o homem que matou. Amava-o tanto que parte dela morreu com ele...

O Dr. Fogg, advogado da coroa, calou-se e limpou os óculos.

— Que é que me deu? — disse. — Acho que estou para aqui a dizer coisas muito estranhas! Na época, eu era um rapaz muito novo, sabe. Um jovem ambicioso. Estas coisas impressionam. Mas, mesmo assim, estou certo de que a Caroline Crale era uma mulher notável. Nunca a esquecerei. Não... nunca a esquecerei...

### CAPÍTULO III - O JOVEM JURISCONSULTO

George Mayhew mostrou-se cauteloso e prudente.

Recordava o processo, naturalmente, mas não com nitidez. O responsável tinha sido o pai; ele próprio tinha apenas dezanove anos na época.

Sim o processo tinha sido muito badalado. Porque Crale era um homem muito conhecido. Os seus quadros eram de grande qualidade de grande qualidade, sim. Dois deles estavam na Tate. Não que isso fosse de grande relevância.

M. Poirot desculpá-lo-ia, mas não via muito bem qual o interesse de M. Poirot na questão. Ah, *a filha*. A sério! Na verdade? No Canadá? Sempre tinha ouvido dizer que estava na Nova Zelândia.

George Mayhew tornou-se menos rígido. Começou a descontraír.

Uma coisa chocante na vida de uma rapariga. Sentia a mais profunda simpatia por ela. Teria sido francamente muito melhor, se ela nunca tivesse sabido a verdade. Mesmo assim, *agora* não servia de nada dizê-lo.

Ela queria saber? Sim, mas que *havia* para saber? Havia registros do julgamento, claro. Ele, pelo seu lado, não sabia realmente nada.

Não, receava que não subsistissem muitas dúvidas sobre a culpabilidade de Mrs. Crale. Até certo ponto, podia-se desculpá-la. Estes artistas gente com quem é difícil viver. Tanto quanto tinha percebido, sempre houvera uma ou outra mulher na vida de Crale.

E ela própria tinha provavelmente sido uma mulher do gênero possessivo. Incapaz de aceitar os fatos. Hoje em dia, ter-se-ia simplesmente divorciado dele e ultrapassado a situação.

Acrescentou cautelosamente:

— Deixe ver... hum... Lady Dittisham, creio, era a rapariga no processo.

Poirot disse que assim julgava.

— Os jornais falam do assunto de vez em quando. — disse Mayhew — Ela tem passado por vários divórcios. É uma mulher muito rica, como deve saber. Esteve casada com esse sujeito, o explorador, antes de Dittisham. Está sempre mais ou menos na mira do público. O gênero de mulher que aprecia a celebridade, imagino.

— Ou possivelmente que idolatra heróis. — sugeriu Poirot.

A ideia perturbou George Mayhew. Aceitou-a com desconfiança.

— Bem, possivelmente... sim, suponho que possa ser o caso. Pareceu ficar com a ideia às voltas na cabeça.

— A sua firma representou Mrs. Crale durante vários anos? — perguntou Poirot.

George Mayhew abanou a cabeça.

— Pelo contrário, Jonathan e Jonathan eram os advogados dos Crales. Nas circunstâncias, porém, o Dr. Jonathan achou que não podia representar Mrs. Crale e acordou conosco... com o meu pai... que pegássemos no caso. Seria boa ideia, julgo, M. Poirot, combinar um encontro com o velho Dr. Jonathan. Ele está

reformado... está com mais de setenta anos... mas conhecia intimamente a família Crale, e poderá dar-lhe informações muito mais completas do que as minhas. Na realidade, eu, pela minha parte, não posso dizer-lhe absolutamente nada. Na época, não passava de um *rapaz*. Acho que nem sequer cheguei a estar presente em tribunal.

Poirot levantou-se e George Mayhew, erguendo-se também, acrescentou:

— Talvez fosse bom trocar umas impressões com o Edmunds, o nosso chefe de escritório. Nessa altura, ele já trabalhava na firma e interessou-se profundamente pelo caso.

Edmunds era um homem que falava pausadamente. Os seus olhos cintilavam de prudência jurídica. Demorou algum tempo a avaliar Poirot, antes de se deixar convencer a falar. Disse:

— Sim, estou ao corrente do processo Crale. — acrescentou severamente: — Foi uma história vergonhosa.

O seu olhar demorou-se apreciativamente em Hercule Poirot.

— Já passou muito tempo para estar a desenterrar tudo novamente. — disse.

— Um veredicto em tribunal nem sempre representa um fim.

A cabeça angulosa de Edmunds aquiesceu lentamente.

— Não diria que não tem aí uma certa razão.

Hercule Poirot continuou:

— Mrs. Crale deixou uma filha.

— Sim, eu sei que havia uma filha. Mandaram-na para o estrangeiro para junto de uns parentes, não é verdade?

Poirot prosseguiu:

— A filha acredita firmemente na inocência da mãe.

Mr. Edmunds ergueu as enormes e fartas sobrancelhas.

— É essa a situação?

— Existe alguma coisa que me possa dizer que sustente essa convicção?

— perguntou Poirot.

Edmunds refletiu. Em seguida, lentamente, abanou a cabeça.

— Não posso em consciência dizer que exista. Eu admirava Mrs. Crale. Independentemente de tudo o mais que fosse, era uma senhora! Não era como a outra. Uma cocote... nem mais, nem menos. Uma descarada! Uma nova-rica sem préstimo... era o que ela era... e ostentava-o! Mrs. Crale tinha distinção.

— Mas mesmo assim uma assassina?

Edmunds franziu o sobrolho e disse, com mais espontaneidade do que até aí demonstrara:

— Isso perguntei eu vezes sem conta a mim mesmo, dia após dia. Ali sentada no banco com tanta calma e docilidade. «Não acredito», costumava eu dizer com os meus botões. Mas, não sei se me faço entender, M. Poirot, não havia mais nada em que acreditar. Aquela ansarina não foi parar à cerveja de Mr. Crale por obra e graça do Espírito Santo. Foi posta lá. E se não foi Mrs. Crale que a pôs lá, quem foi?

— A questão é essa. — disse Poirot. — Quem foi?

Mais uma vez, aqueles olhos astutos perscrutaram o seu rosto.

— Então é essa a sua ideia? — perguntou Mr. Edmunds.

— E o senhor que acha?

Houve uma pausa, antes de o funcionário responder. Em seguida, disse:

— Não havia nada que apontasse nesse sentido... absolutamente nada.

— Esteve presente em tribunal durante a audiência do processo? — perguntou Poirot.

— Todos os dias.

— Ouviu os depoimentos das testemunhas?

— Ouvi.

— Houve alguma coisa em especial que lhe tivesse chamado a atenção, alguma anomalia, alguma insinceridade?

Edmunds disse sem rodeios:

— Está a perguntar se alguém mentiu? Se alguém tinha razões para desejar a morte de Mr. Crale? Queira desculpar-me, M. Poirot, mas essa ideia é muito *melodramática*.

— Pelo menos, considere-a. — instigou Poirot.

Observou o rosto astuto, os olhos semicerrados e meditativos. Lentamente, com pesar, Edmunds abanou a cabeça.

— Miss Greer disse era uma pessoa azeda e vingativa! Diria que passou das marcas em muitas das afirmações que fez, mas era Mr. Crale vivo que ela pretendia. Morto não lhe servia de nada. Sem dúvida que desejava ver Mrs. Crale enforcada... mas isso era porque a morte lhe tinha levado o homem que amava. Era como uma pantera pronta a saltar sobre a vítima! Mas, como digo, ela queria Mr. Crale vivo. Mr. Philip Blake, esse estava igualmente contra Mrs. Crale. Preconceituoso. Sempre que pôde, espetou-lhe o punhal. Mas eu diria que, de acordo com os seus pontos de vista, foi honesto. Tinha sido o maior amigo de Mr. Crale. O irmão, Mr. Meredith Blake... má testemunha, esse... vago, hesitante... nunca me pareceu seguro das respostas que deu. Já vi muitas testemunhas assim. Parece que estão a mentir e, afinal de contas, estão a falar verdade o tempo todo. Não quis dizer mais do que foi preciso, Mr. Meredith Blake. Só por isso, serviu às mil maravilhas os propósitos da acusação. Um desses cavalheiros sossegados que se perturbam facilmente. Agora a preceptora, essa fez-lhes frente. Não desperdiçou palavras e respondeu sem evasivas e com frontalidade. Ao ouvi-la, era impossível dizer de que lado estava. Perfeito domínio das suas faculdades, essa. Uma mulher fina. — Edmunds fez uma pausa. — Não me admirava nada que soubesse muito mais sobre a questão do que aquilo que admitiu.

— Eu também não me admirava. — comentou Hercule Poirot.

Olhou incisivamente para o rosto enrugado e astuto de Mr. Alfred Edmunds. A sua expressão era inócua e impassível. Mas Hercule Poirot desconfiou que talvez lhe tivesse sido dado um palpite.

## CAPÍTULO IV - O VELHO JURISCONSULTO

O Dr. Caleb Jonathan vivia no Essex. Após uma cortês troca de correspondência, Poirot recebeu um convite, quase régio na sua natureza, para jantar e passar a noite. O velho cavalheiro era decididamente um personagem.

Depois da insipidez do jovem George Mayhew, o Dr. Jonathan era como um cálice do seu próprio Porto *vintage*.

Tinha um método muito pessoal de abordar os assuntos, e já era perto da meia-noite, quando o Dr. Jonathan, sorvendo pequenos tragos de um balão de fragrante aguardente velha, descontraiu verdadeiramente. À maneira oriental, havia apreciado a delicada recusa de Hercule Poirot em apressá-lo, fosse de que forma fosse. Agora, quando entendeu chegado o momento, prontificou-se a desenvolver o tema da família Crale.

— A nossa firma, naturalmente, conheceu muitas gerações de Crales. Eu conhecia o Amyas Crale e o pai, Richard Crale, e ainda recordo o Enoch Crale, o avô. Proprietários rurais, todos eles, pensavam mais nos cavalos do que nos seres humanos. Eram pessoas frontais, gostavam de mulheres e as ideias não eram com eles. Mas a mulher do Richard Crale fervilhava de ideias... mais ideias do que juízo. Tinha inclinações poéticas e musicais... tocava harpa, compreende. Gozava de fraca saúde e tinha uma aparência muito pitoresca, quando estava sentada no sofá. Era admiradora de Kingsley. Foi por isso que pôs ao filho o nome de Amyas. O pai escarneceu do nome, mas acabou por ceder.

O Amyas Crale foi favorecido por uma herança mista. Da doentia mãe herdou a vocação artística, e do pai, uma forte impulsividade e um egoísmo implacável. Todos os Crales eram egoístas. Nunca, em circunstância alguma, admitiam qualquer ponto de vista que não fosse o seu.

Batendo com um dedo delicado no braço da poltrona, o velho lançou um olhar penetrante a Poirot.

— Corrija-me, se estiver errado, M. Poirot, mas creio que está interessado... digamos, em questões de caráter.

— Essas, para mim, — replicou Poirot — constituem o interesse central de todos os meus casos.

— Imagino perfeitamente. Pôr-se na pele, por assim dizer, do seu criminoso. Muito interessante. Muito absorvente. A nossa firma, naturalmente, nunca se dedicou ao direito criminal. Não tínhamos competência para representar Mrs. Crale, ainda que eticamente o pudéssemos ter feito. No entanto, os

Mayhews eram uma firma perfeitamente à altura. Passaram a pasta ao Depleach... talvez não tenham revelado aí grande imaginação... seja como for, ele cobrava-se bem e, naturalmente, era excessivamente dramático! O que não foram suficientemente sagazes para compreender foi que a Caroline nunca alinharia da forma que ele pretendia. Ela não era uma mulher minimamente dramática.

— Que era então? — perguntou Poirot — É sobretudo isso que estou ansioso por saber.

— Sim, sim... certamente. Como é que ela acabou a fazer o que fez? Essa é realmente a questão crucial. Eu conhecia-a, sabe, antes de casar. Caroline Spalding, chamava-se. Uma criatura turbulenta e infeliz. Muito viva. A mãe enviuvou cedo e a Caroline era muito dedicada à mãe. Mais tarde, a mãe voltou a casar... teve outra filha. Sim...sim, muito triste, muito doloroso. Estes ciúmes ardentes de jovem adolescente.

— Ela tinha ciúmes?

— Obsessivos, sim. Ocorreu um incidente lamentável. Pobre rapariga, viria a culpar-se amargamente disso. Mas, sabe, M. Poirot, são coisas que acontecem. Nessas idades, existe a incapacidade para refrear as emoções. É uma coisa que vem... vem com a maturidade.

— Que aconteceu? — perguntou Poirot.

— Ela agrediu a criança... a bebé... arremessou um pesa-papéis contra ela. A criança perdeu uma vista e ficou permanentemente desfigurada.

O Dr. Jonathan suspirou e disse:

— Pode imaginar o impacto que uma simples pergunta sobre esta matéria teve durante o julgamento.

Abanou a cabeça:

— Deu a impressão de que a Caroline Crale era uma mulher de mau gênio incontrollável. Mas não era verdade. Não, não era verdade.

Fez uma pausa, retomando depois o discurso:

— A Caroline Spalding passava, com frequência, temporadas em Alderbury. Montava bem e era uma pessoa entusiasta. O Richard Crale gostava dela. Cuidava de Mrs. Crale e era capaz e meiga... Mrs. Crale também gostava

dela. A rapariga não era feliz em casa. Em Alderbury, sentia-se feliz. Começou a nascer uma amizade entre ela e a Diana Crale, a irmã do Amyas. O Philip e o Meredith Blake, uns rapazes da propriedade vizinha, estavam frequentemente em Alderbury. O Philip sempre foi uma bestazinha desagradável, agarrado ao dinheiro. Devo confessar que sempre senti aversão por ele. Mas dizem-me que é um bom conversador e que tem a reputação de ser um amigo leal. O Meredith era o que os meus contemporâneos costumavam chamar um piegas. Gostava de botânica e de borboletas, e de observar as aves e os animais. Estudo da natureza, é o que lhe chamam hoje em dia. Valha-me Deus... todos os jovens eram um desapontamento para os pais. Nenhum deles saía aos seus... caça, tiro, pesca. O Meredith preferia observar as aves e os animais a caçá-los ou a abatê-los, o Philip preferia definitivamente a cidade ao campo e meteu-se nas lides financeiras. A Diana casou com um sujeito de classe inferior um oficial miliciano durante a guerra. E o Amyas, o forte, o bem-parecido, o viril Amyas, entre tantas coisas, havia logo de se tornar pintor. Na minha opinião, o Richard Crale morreu do choque.

E, em devido tempo, o Amyas casou com a Caroline Spalding. Sempre tinham discutido e andado à bulha, mas foi um casamento por amor, disso não há dúvidas. Eram ambos loucos um pelo outro. E continuaram ligados por uma grande afeição. Mas o Amyas era como todos os Crales, um egoísta implacável. Amava a Caroline, mas nunca, em momento nenhum, pensava nela. Fazia o que muito bem lhe dava na gana. Na minha opinião, não podia nutrir mais afeto por ela... mas ela vinha muito atrás da sua arte. Esta estava em primeiro lugar. E devo dizer que nunca a sua arte foi substituída por uma mulher. Tinha aventuras com mulheres... elas estimulavam-no... mas, quando se fartava, deixava-as a chupar no dedo. Não era uma pessoa sentimental, nem romântica. Nem tão-pouco um homem sensual. A única mulher por quem sentia algum apego era a própria mulher. E ela, sabendo disso, aturava-lhe muita coisa. Ele era um pintor excelente, sabe. Ela compreendia e respeitava essa qualidade. Ele partia nas suas conquistas amorosas e voltava sempre... geralmente com um quadro a prová-lo.

Era capaz de ter continuado assim, se não tivesse entrado em cena a Elsa Greer. Elsa Greer...

O Dr. Jonathan abanou a cabeça.

— Fale-me da Elsa Greer. — pediu Poirot.

O Dr. Jonathan disse inesperadamente:

— Pobrezinha. Pobrezinha.

— É esse sentimento que ela lhe suscita? — inquiriu Poirot.

— Talvez seja porque sou um velho, mas creio, M. Poirot, — disse Jonathan — que existe qualquer coisa na vulnerabilidade da juventude que me move até às lágrimas. Os jovens são tão indefesos. Tão implacáveis... tão confiantes. Tão generosos e exigentes.

Levantando-se, dirigiu-se à estante. Retirando um volume, folheou as páginas e leu em voz alta:

*«Se a índole, do teu amor é honrada,  
O propósito o casamento, faz-me saber amanhã  
Por alguém que mandarei ao teu encontro,  
Onde e a que horas executarás o ritual  
E toda a minha sorte a teus pés deponho,  
E te seguirei, meu senhor, até ao fim do mundo.»*

— Aí está a voz do amor aliada à juventude, nas palavras de Julieta. Sem hesitações, sem subterfúgios, sem o recato, por assim dizer, de uma donzela. É a coragem, a insistência, a implacável força da juventude. Shakespeare conhecia a juventude. Julieta escolhe Romeu. Desdémona reclama Otelo. Não têm dúvidas, os jovens, nem medo, nem orgulho.

Poirot comentou, pensativamente:

— Então, para si, Elsa Greer falou com a voz de Julieta?

— Sim. Era uma herdeira mimada... jovem, bela, rica. Encontrou o homem dos seus sonhos e reclamou-o... não era um jovem Romeu, mas um pintor casado e de meia-idade. A Elsa Greer não tinha códigos que a refreassem, o seu código era o da modernidade. *«Leva o que quiseres, só temos uma vida!»*

Suspirou, reclinou-se e voltou a bater suavemente no braço da poltrona.

— Uma Julieta predadora. Jovem, implacável, mas horripelantemente vulnerável! Apostando tudo num lance ousado. E aparentemente ganhou... mas depois... no último momento... a morte faz a sua entrada... e a viva, alegre e ferosa Elsa morreu também. E apenas ficou uma mulher vingativa, fria e dura, odiando com todo o seu ser a mulher cuja mão perpetrara o crime.

O seu tom de voz alterou-se:

— Valha-me Deus, valha-me Deus. Peço-lhe que me perdoe este breve deslize no melodrama. Uma jovem agreste... com uma perspectiva agreste da vida. Uma personagem nada interessante, a meu *ver*. *Juventude branca como uma rosa, apaixonada, pálida*, etc. Quando isso desaparece, que fica? Apenas uma mulher jovem, algo medíocre, em busca de outro herói em tamanho natural, para colocar num pedestal vazio.

— Se Amyas Crale não tivesse sido um pintor famoso...

O Dr. Jonathan concordou imediatamente, dizendo:

— Precisamente, precisamente. Compreendeu admiravelmente a ideia. As Elsas deste mundo são pessoas que idolatram heróis. Um homem tem de *ter feito* alguma coisa, tem de ser alguém... Mas a Caroline Crale era capaz de reconhecer mérito num empregado bancário ou num agente de seguros! A Caroline amava Amyas Crale, o homem, e não Amyas Crale, o pintor. A Caroline Crale não era boçal... a Elsa Greer era. Mas era jovem e bela e, quanto a mim, infinitamente patética. — acrescentou.

Hercule Poirot foi deitar-se, pensativo. Sentia-se fascinado com o problema da personalidade.

Para Edmunds, o empregado de escritório, Elsa Greer era uma cocote, nem mais, nem menos.

Para o velho Dr. Jonathan, era uma eterna Julieta.

E Caroline Crale?

Cada pessoa a tinha visto de modo diferente. Montague Depleach tinha-a desprezado, chamando-lhe derrotista, uma cobarde. Para o jovem Fogg, ela

simbolizava o Romance. Edmunds via-a simplesmente como uma «senhora». O Dr. Jonathan tinha-a caracterizado como uma criatura intempestiva e turbulenta.

Como a teria ele, Hercule Poirot, visto?

Da resposta a esta pergunta dependia, a seu ver, o sucesso da sua investigação.

Até ao momento, nenhuma das pessoas com quem tinha falado duvidava de que Caroline Crale, independentemente de tudo o mais que fosse, era também uma assassina.

## CAPÍTULO V - O INSPETOR-CHEFE DA POLÍCIA

O ex-inspetor-chefe Hale puxou pensativamente o fumo do seu cachimbo.

— A sua pretensão é estranha, M. Poirot. — observou.

— Talvez seja um tanto invulgar. — concordou cautelosamente Poirot.

— É que já passou tanto tempo. — disse Hale.

Hercule Poirot anteviu que viria a cansar-se um pouco desta frase. Disse, suavemente:

— A dificuldade é acrescida, naturalmente.

— Desenterrar o passado. — ponderou o outro. — Ainda se houvesse algum *objetivo*...

— Há um objetivo.

— Qual é?

— É possível tirar prazer da busca da verdade pela verdade. Eu tiro. E não deve esquecer-se da jovem senhora.

Hale assentiu.

— Sim, sou capaz de entender o ponto de vista dela. Mas... desculpar-me-á, M. Poirot... o senhor é um homem engenhoso. Podia congeminar uma história para lhe contar.

— Não conhece a jovem em questão. — replicou Poirot.

— Ora, ora... um homem com a sua experiência!

Poirot empertigou-se.

— Posso ser, *mon cher*, um mentiroso artificioso e capaz... ao que parece pensar. Mas não é a minha idéia de uma conduta ética. Tenho os meus padrões.

— Desculpe, M. Poirot. Não quis ofender os seus sentimentos. Mas seria por uma boa causa, digamos.

— Ah, isso gostava eu de saber, seria mesmo?

Hale disse, pausadamente:

— É um grande azar para uma rapariga inocente e feliz, que está prestes a casar, descobrir que a mãe era uma assassina. Se eu fosse ao senhor, ia ter com ela e dizia-lhe que, afinal, foi suicídio. Diga que o caso foi mal conduzido pelo Depleach. Diga que não existem quaisquer dúvidas, na *sua* cabeça, de que o Crale se envenenou!

— Mas existem todas as dúvidas na minha cabeça! Não acredito, nem por um momento, que Crale se envenenou. O senhor considera que seja sequer uma hipótese razoavelmente possível?

Lentamente, Hale abanou a cabeça.

— Está a ver? Não, é a verdade que tenho de descobrir... e não uma mentira plausível... ou não muito plausível.

Hale voltou-se e encarou Poirot. O seu rosto quadrado, bastante vermelho, ficou um pouco mais vermelho e até pareceu tornar-se um pouco mais quadrado.

— Fala da *verdade*. — disse. Gostava de deixar muito claro que pensamos ter descoberto a verdade no processo Crale.

Poirot atalhou:

— Essa sua afirmação tem um grande significado. Eu conheço-o pelo que é, um homem honesto e capaz. Mas diga-me uma coisa, na época existiu alguma dúvida na sua cabeça relativamente à culpa de Mrs. Crale?

— A resposta do inspetor não se fez esperar.

— Absolutamente nenhuma, M. Poirot. As circunstâncias apontaram imediatamente para ela e todos os fatos, sem exceção, que descobrimos apoiaram esse ponto de vista.

— Pode descrever-me as provas contra ela?

— Posso. Quando recebi a sua carta, consultei o processo. — pegou num pequeno bloco de notas — Anotei aqui todos os fatos de relevo.

— Obrigado, meu amigo. Estou ansioso por ouvi-los.

Hale pigarreou. Ouviu-se no seu tom de voz uma entoação ligeiramente oficial.

— Às duas e quarenta e cinco da tarde do dia de Setembro, — disse — o inspetor Conway recebeu um telefonema do Dr. Andrew Faussett. O Dr. Faussett declarou que Mr. Amyas Crale, de Alderbury, tinha morrido subitamente e que, em resultado das circunstâncias dessa morte e ainda de uma declaração que lhe fora prestada por um tal Mr. Blake, um hóspede da casa, considerava tratar-se de um caso para a polícia.

O inspetor Conway, acompanhado de um sargento e do médico da polícia, deslocou-se de imediato a Alderbury. O Dr. Faussett encontrava-se ali e conduziu-o ao local onde o corpo de Mr. Crale se encontrava inviolado.

Mr. Crale estava a pintar num pequeno jardim vedado, conhecido como o jardim da Bateria, pelo fato de estar virado para o mar e ter alguns canhões em miniatura colocados em parapeitos. Situava-se a cerca de quatro minutos a pé da casa. Mr. Crale não tinha ido a casa almoçar, porque pretendia captar determinados efeitos da luz sobre a pedra... e, mais tarde, o sol estaria numa posição desfavorável a esta pretensão. Tinha, portanto, ficado sozinho no jardim da Bateria, a pintar. A declaração indica que se tratava de uma ocorrência comum. Mr. Crale ligava muito pouco às horas das refeições. Por vezes, era-lhe mandado um sanduíche, mas, o mais das vezes, ele preferia que não o incomodassem. As últimas pessoas que o viram com vida foram Miss Elsa Greer (hóspede da casa) e Mr. Meredith Blake (um vizinho próximo). Ambos entraram na casa juntos e almoçaram com os restantes residentes. Depois do almoço, foi servido o café no terraço. Mrs. Crale acabou de tomar o café e comentou que ia «até ao jardim ver como Amyas estava», Miss Cecilia Williams, a preceptora, levantou-se e acompanhou-a. Ia procurar uma camisola perdida, que pertencia à

sua pupila, Miss Angela Warren, irmã de Mrs. Crale, e que ela achava possível ter sido deixada na praia.

As duas partiram juntas. O caminho descia através de uma mata, desembocando na porta de entrada para o jardim da Bateria. Podia-se entrar no jardim da Bateria ou continuar pelo mesmo caminho, que ia dar à praia.

Miss Williams continuou e Mrs. Crale entrou no jardim da Bateria. Quase imediatamente, porém, Mrs. Crale gritou e Miss Williams voltou atrás a correr. Mr. Crale estava reclinado num banco e estava morto.

A pedido urgente de Mrs. Crale, Miss Williams saiu do jardim da Bateria e correu à casa para telefonar a um médico. Pelo caminho, no entanto, encontrou Mr. Meredith Blake e confiou-lhe essa incumbência, regressando para junto de Mrs. Crale, que entendeu poder necessitar de apoio. O Dr. Faussett chegou ao local um quarto de hora mais tarde. Constatou de imediato que Mr. Crale estava morto há algum tempo... situou o momento provável da morte entre a uma e as duas horas. Não havia nada que indicasse a causa da morte. Não havia sinal de qualquer ferimento e a atitude de Mr. Crale era de perfeita naturalidade. No entanto, o Dr. Faussett, que conhecia bem o estado de saúde de Mr. Crale e sabia, sem sombra de dúvida, que ele não sofria de qualquer doença ou achaque, sentiu-se inclinado a considerar a situação muito grave. Foi neste ponto que Mr. Philip Blake fez uma certa declaração ao Dr. Faussett.

O inspetor Hale calou-se, respirou fundo e passou, por assim dizer, ao Capítulo Dois.

— Subsequentemente, Mr. Blake repetiu esta declaração ao inspetor Conway. Rezava assim: Nessa manhã, ele tinha recebido uma mensagem telefônica do irmão, Mr. Meredith Blake (que vivia em Handcross Manor, a dois quilômetros e meio de distância). Mr. Meredith Blake era boticário amador... ou talvez ervanário seja uma descrição mais adequada. Quando entrou no seu laboratório, nessa manhã, Mr. Meredith Blake tinha ficado surpreendido ao reparar que um frasco, contendo um preparado de ansarina, que no dia anterior estava praticamente cheio, se encontrava agora quase vazio. Preocupado e alarmado com este fato, tinha telefonado ao irmão a pedir conselho sobre o

procedimento a tomar. Mr. Philip Blake tinha instado o irmão a deslocar-se a Alderbury de imediato, para discutirem o assunto. Ele próprio foi ao encontro do irmão, a meio do caminho, e tinham chegado à casa juntos. Não tinham chegado a qualquer conclusão sobre que linha de ação adotar e tinham deixado o assunto para nova discussão depois do almoço.

Em resultado demais averiguações, o inspetor Conway apurou os seguintes fatos: Na tarde do dia anterior, cinco pessoas tinham ido tomar chá a Handcross Manor. Foram eles Mr. e Mrs. Crale, Miss Angela Warren, Miss Elsa Greer e Mr. Philip Blake. Durante o tempo que ali passaram, Mr. Meredith Blake tinha dado uma autêntica palestra sobre o seu passatempo e tinha levado o grupo ao seu pequeno laboratório, numa «visita guiada». Durante esta visita, tinha mencionado algumas drogas específicas... uma delas sendo a conina, o princípio ativo da ansarina malhada. Tinha explicado as suas propriedades, lamentado o fato de que tinha agora desaparecido da Farmacopeia e referido que, em pequenas doses, era extremamente eficaz contra a tosse convulsa e a asma. Mais tarde, tinha mencionado as suas propriedades letais e tinha mesmo lido aos convidados uma passagem de um autor grego que descrevia os seus efeitos.

O inspetor Hale fez uma pausa, voltou a encher o cachimbo e passou ao Capítulo Três...

— O coronel Frere, o chefe da polícia, confiou-me o caso. O resultado da autópsia não deixou margem para dúvidas. A conina, ao que me foi dado entender, não deixa qualquer traço definitivo após a morte, mas os médicos sabiam o que procuravam, e foi recuperada uma boa dose do veneno. O médico foi de opinião de que tinha sido administrada duas ou três horas antes da morte. Diante de Mr. Crale, sobre a mesa, estava um copo vazio e uma garrafa de cerveja vazia. Foram analisados os resíduos de ambos. Não havia conina na garrafa, mas havia no copo. Averigui e vim a saber que, embora fosse costume guardar uma grade de cerveja e copos num pequeno pavilhão no jardim da Bateria, caso Mr. Crale sentisse sede, enquanto pintava, naquela manhã, em particular, Mrs. Crale tinha trazido de casa uma garrafa de cerveja gelada. Mr.

Crale estava absorvido na pintura, quando ela chegou, e Miss Greer estava a posar para ele, sentada num dos parapeitos.

Mrs. Crale abriu a cerveja, serviu-a e colocou o copo na mão do marido que estava em pé diante do cavalete. Ele emborcou-a de um trago... um hábito seu, ao que apurei. Em seguida, fez um esgar, pousou o copo na mesa e disse: «Hoje tudo me sabe mal!». Com isto, Miss Greer riu e disse: «Fígado!». Mr. Crale disse: «Bem, seja como for, estava fresca».

Hale calou-se. Poirot perguntou:

— A que horas se passou isso?

— Cerca das onze e um quarto. Mr. Crale continuou a pintar. Segundo Miss Greer, mais tarde disse sentir os membros rígidos, queixando-se de que deviater uma ponta de reumatismo. Mas era o tipo de homem que detestava admitir sentir-se doente e procurou, sem dúvida, esconder a sua indisposição. A sua exigência mal-humorada de que os outros o deixassem sozinho e fossem almoçar era muito típica do indivíduo, devo dizer.

Poirot assentiu.

— Portanto, deixaram Crale sozinho no jardim da Bateria — continuou Hale — De certeza que se deixou cair na cadeira e descontraiu, assim que se achou sozinho. Deve ter sido então acometido de paralisia muscular. Como não teve ajuda imediata, sobreveio a morte.

Mais uma vez, Poirot assentiu.

— Bem, — disse Hale — eu procedi segundo a rotina. Não tive grande dificuldade em determinar os fatos. No dia anterior, tinha havido uma discussão entre Mrs. Crale e Miss Greer. Esta última tinha, com grande insolência, referido que ia introduzir uma mudança qualquer no arranjo da mobília «quando cá viver». Mrs. Crale respondeu-lhe e disse: «Que queres dizer?! Quando cá viveres?». Miss Greer ripostou: «Não faças de conta que não sabes o que eu quero dizer, Caroline. Não passas de uma avestruz que enterra a cabeça na areia. Sabes muito bem que eu e o Amyas gostamos um do outro e que vamos casar». Mrs. Crale disse então: «Não sei rigorosamente nada». Após o que, ao que

parece, Mrs. Crale se virou para o marido, que acabava de entrar na sala, e disse: «É verdade, Amyas, que vais casar-te com a Elsa?»

Poirot perguntou, interessado:

— E que respondeu Mr. Crale a isso?

— Aparentemente, virou-se para Miss Greer e gritou-lhe: «Onde diabo pretendes chegar ao espalhar isso aos quatro ventos? Não tens juízo para estares calada?». Miss Greer disse: «Acho que a Caroline tem de admitir a verdade». Depois Mrs. Crale disse ao marido: «É verdade, Amyas?». Parece que ele se recusou a olhar para ela, desviou os olhos e murmurou qualquer coisa. E então ela disse: «Fala. Preciso de saber». Ao que ele respondeu: «É verdade... mas não quero discutir isso agora». Depois, saiu rapidamente da sala e Miss Greer disse: «Estás a ver! Continuou... dizendo que não adiantava nada a Mrs. Crale adotar uma atitude de empata-vazas em relação ao assunto. Deviam comportar-se todos como pessoas racionais. Ela própria esperava que a Caroline e o Amyas continuassem bons amigos.

— E que disse a isso Mrs. Crale? — perguntou Poirot, curioso.

— Segundo as testemunhas, riu e disse: «Sobre o meu cadáver, Elsa». Dirigiu-se para a porta e Miss Greer exclamou: «Que queres dizer?» Mrs. Crale olhou para trás e disse: «Antes de deixar que o Amyas seja teu, mato-o». Hale calou-se. Mais incriminatório não podia ser, hein?

— Não. — Poirot pareceu pensativo — Quem assistiu a essa cena? |

— Miss Williams e Philip Blake estavam presentes. Muito embaraçoso para ambos.

— Os seus relatos da cena são concordantes?

— Praticamente... nunca há duas testemunhas que se lembrem de uma coisa exatamente do mesmo modo. *Sabe* disso tão bem como eu, M. Poirot.

Poirot anuiu e disse, pensativamente:

— Sim, será interessante ver... Deteve-se, sem acabar a frase.

Hale continuou:

— Ordenei uma busca à casa. No quarto de Mrs. Crale, encontrei, numa gaveta de fundo, escondido debaixo de umas meias de inverno, um pequeno

frasco com um rótulo que dizia «fragrância de jasmim». Estava vazio. Tirei-lhe as impressões digitais. As únicas que encontrei foram as de Mrs. Crale. Depois de analisado, descobriu-se que continha vestígios tênues de óleo de jasmim e uma forte solução de hidrobrometo de conina.

Adverti Mrs. Crale e mostrei-lhe o frasco. Ela respondeu sem hesitações. Tinha andado, disse, numa disposição muito instável. Depois de ouvir a descrição que Mr. Meredith Blake fez da droga, tinha voltado sorrateiramente ao laboratório, esvaziado um frasco de fragrância de jasmim que trazia na carteira e enchido o frasco com solução de conina. Perguntei-lhe por que razão o fizera e ela disse: «Não pretendo falar de determinados assuntos mais do que o necessário, mas recebi um choque terrível. O meu marido tencionava trocar-me por outra mulher. Se tal viesse a verificar-se, a minha vida deixaria de fazer sentido. Foi por isso que peguei no frasco».

Hale fez uma pausa.

— Afinal... é bastante plausível. — comentou Poirot.

— Talvez, M. Poirot. Mas não encaixa no que a ouviram dizer. E depois, na manhã seguinte, ocorreu outra cena. Mr. Philip Blake ouviu-a em parte. Miss Greer ouviu uma parte diferente. Teve lugar entre Mr. e Mrs. Crale na biblioteca. Mr. Blake estava no corredor e captou um ou dois fragmentos. Miss Greer estava sentada no exterior, junto da janela aberta da biblioteca, e ouviu bastante mais.

— E que ouviram eles?

— Mr. Blake ouviu Mrs. Crale dizer: «Tu e as tuas mulheres. Dá-me vontade de te matar. Um dia destes, mato-te».

— Nenhuma referência a suicídio?

— Exato. Absolutamente nenhuma. Nada do gênero: «Se me fizeres uma coisa destas, mato-me». A declaração de Miss Greer foi muito semelhante. Segundo ela, Mr. Crale disse: «Tenta ser razoável acerca disto, Caroline. Tenho-te muita afeição e quero o melhor para ti... para ti e para a criança. Mas vou casar-me com a Elsa. Sempre concordamos em dar liberdade um ao outro». A isto, Mrs. Crale respondeu: «Muito bem, não digas que não te avisei». Ele disse:

«Que queres dizer?». E ela disse: «Quero dizer que te amo e que não te vou perder. Antes matar-te do que deixar-te nas mãos dessa rapariga».

Poirot esboçou um leve gesto.

— Ocorre-me, — murmurou — que Miss Greer foi estranhamente imprudente ao mencionar essa questão. Mrs. Crale podia facilmente recusar o divórcio ao marido.

— Temos alguns testemunhos nessa matéria. — retorquiu Hale — Mrs. Crale, ao que parece, fez algumas confidências a Mr. Meredith Blake. Era um velho amigo em que confiava. Ele ficou muito perturbado e conseguiu trocar impressões com Mr. Crale sobre o assunto. Devo dizer que isto teve lugar na tarde do dia anterior. Mr. Blake protestou delicadamente com o amigo, disse que ficaria muito desgostoso se o casamento entre Mr. e Mrs. Crale se rompesse de modo tão desastroso. Sublinhou ainda o fato de Miss Greer ser uma rapariga muito nova e de ser uma coisa muito séria coagir uma jovem a aparecer em tribunal, num caso de divórcio. A isto, Mr. Crale replicou, com uma gargalhada (um bruto sem sentimentos, é o que ele deve ter sido): «A ideia da Elsa não é de todo essa. *Ela* não vai aparecer. Havemos de resolver as coisas da forma habitual».

— Portanto, ainda mais imprudente da parte de Miss Greer ter explodido da maneira como o fez. — observou Poirot.

O inspetor Hale disse:

— Ah, já sabe como são as mulheres! Têm de andar sempre à bulha. Em todo o caso, deve ter sido uma situação difícil. Não compreendo como Mr. Crale consentiu que acontecesse. Segundo Mr. Meredith Blake, ele queria acabar o quadro. Isso faz-lhe algum sentido?

— Sim, meu amigo, creio que faz.

— A mim, não faz. O homem andava a pedi-las!

— É provável que tenha ficado seriamente aborrecido com a jovem por ter explodido assim.

— Pois ficou. O Meredith Blake disse o mesmo. Se tinha de acabar o quadro, não vejo por que razão não podia tirar fotografias e trabalhar a partir delas. Conheço um sujeito... pinta aguarelas de paisagens... e é assim que *ele faz*.

Poirot abanou a cabeça.

— Não... eu sou capaz de compreender Crale, o artista. Deve compreender, meu amigo, que, naquele momento, o quadro era provavelmente a única coisa que tinha importância para Crale. Por mais que quisesse casar com a rapariga, o quadro vinha em primeiro lugar. Por essa razão, tinha esperança de chegar ao fim da visita dela, sem que o assunto se tornasse público. Claro que a rapariga não entendeu assim as coisas. Com as mulheres, o amor vem sempre em primeiro lugar.

— Como se eu não soubesse! — exclamou enfaticamente o inspetor Hale.

— Os homens, — continuou Poirot — e especialmente os artistas, são diferentes.

— A arte! — disse o inspetor com desdém — Tanta conversa sobre *Arte*. Nunca a compreendi e nunca hei-de compreender! Devia ter visto o quadro que Crale estava a pintar. Todo cambado. Fez a rapariga parecer que estava com dores de dentes, e as ameias estavam todas de través. Uma coisa feiosa, tudo aquilo. Não me saiu da ideia, durante muito tempo a seguir. Até cheguei a sonhar com ele. E o pior foi que me afetou a vista... comecei a ver ameias e muros e coisas saídas do desenho. Sim, e mulheres também!

Poirot sorriu e disse:

— Embora não o saiba, o senhor está a prestar um tributo à grandeza da arte de Amyas Crale.

— Tretas. Porque é que um pintor não pode pintar uma coisa bonita e alegre de se ver? Para quê tanto esforço para retratar a fealdade?

— Alguns de nós, *mon cher*, vêem beleza nos lugares mais estranhos.

— A rapariga era uma beldade, não há dúvida. — disse Hale — Camadas de maquilhagem e um mínimo de roupa. Não é decente a forma como estas raparigas se comportam. E foi há dezasseis anos, repare. Hoje em dia, nem

se dá grande atenção a estas coisas. Mas, naquela época... bem, fiquei chocado. Calças e uma dessas camisas de lona, aberta no pescoço... e mais nada, acredite!

— Parece recordar esses aspectos com muita clareza. — murmurou Poirot, com alguma malícia.

O inspetor Hale corou.

— Estou só a transmitir-lhe as impressões com que fiquei. — disse, num tom austero.

— Claro... claro. — disse Poirot, apaziguador, continuando: —Então, ao que parece, as principais testemunhas contra Mrs. Crale foram Philip Blake e Elsa Greer?

— Sim. Foram veementes, os dois. Mas a preceptora também foi chamada a depor pela acusação e o que ela disse teve mais peso do que os outros dois. É que ela nunca tinha saído de junto de Mrs. Crale. Defendeu-a com unhas e dentes. Mas era uma mulher honesta e fez um depoimento verdadeiro, sem tentar, de forma nenhuma, minimizá-lo.

— E Meredith Blake?

— Ficou perturbado com a história toda, pobre senhor. E com razão! Censurou-se pelas suas infusões de mezinhas... e o coronel também o censurou por isso. Conina e Sais Tóxicos figuram na Tabela. É da Lei dos Produtos Tóxicos. Foi alvo de violenta censura. Era amigo de ambas as partes, e o choque foi duro... além de ser o tipo de fidalgo rural a quem não agrada a popularidade, nem estar na mira do público.

— A jovem irmã de Mrs. Crale não prestou depoimento?

— Não. Não foi necessário. Não estava presente quando Mrs. Crale ameaçou o marido, e não havia nada que tivesse a dizer-nos que não pudéssemos obter, com o mesmo rigor, de outra pessoa. Ela viu Mrs. Crale dirigir-se ao frigorífico e retirar a cerveja gelada e, claro, a defesa podia tê-la intimado a dizer que Mrs. Crale a levou imediatamente, sem interferir, de maneira nenhuma, com ela. Mas esse ponto não era relevante, porque nós nunca afirmamos que a conina estava na garrafa de cerveja.

— Como é que ela conseguiu introduzi-la no copo, com os outros dois a olhar?

— Bem, antes demais, eles não estavam a olhar. Quer isto dizer que Mr. Crale estava a pintar... a olhar para a sua tela e para o modelo. E Miss Greer estava em pose, sentada, de costas praticamente viradas para o ponto onde Mrs. Crale se encontrava, olhando por cima do ombro de Mr. Crale.

Poirot assentiu.

— Como digo, nenhum deles estava a olhar para Mrs. Crale. Ela tinha o veneno numa pipeta... que usava para encher canetas de tinta permanente. Descobrimo-la em estilhaços no caminho que levava à casa.

— O senhor tem resposta para tudo. — murmurou Poirot.

— Ora, então, M. Poirot! Não tenho preconceitos. *Ela* ameaça matá-lo. Rouba o produto do laboratório. O frasco vazio é encontrado no seu quarto *ninguém o manuseou, além dela*. Leva-lhe deliberadamente cerveja gelada... uma coisa estranha, na verdade, quando sabemos que estavam zangados um com o outro...

— Muito curioso. Eu próprio já tinha reparado.

— Sim. Uma atitude reveladora. Por que *razão* ficou ela tão amigável de repente? Ele queixa-se do gosto da coisa... e a conina *tem* um sabor horrível. Arranja maneira de descobrir o corpo e manda a outra mulher telefonar. Porquê? Para poder limpar a garrafa e o copo e depois pressionar os dedos *dele* à volta da garrafa. Em resultado, pode começar a dizer que foi o remorso e que ele se suicidou. Uma história plausível.

— Uma coisa é certa, não prima pela imaginação.

— Não. Se quer a minha opinião, ela não se deu ao trabalho de *pensar*. Estava roída de ódio e ciúme. Só pensou em liquidá-lo. E depois, quando está tudo acabado, quando o vê ali morto... bem, *nesse momento*, devo dizer, cai subitamente em si e compreende que cometeu um assassínio... e que o assassínio dá direito à forca. E agarra-se desesperadamente, sem pensar duas vezes, à única coisa que lhe ocorre... o suicídio.

— O que está a dizer faz todo o sentido... sim. — disse Poirot — É possível que ela tenha raciocinado assim.

— Por um lado, foi um crime premeditado, mas, por outro lado, não. — observou Hale — Não creio que ela o tenha efetivamente planeado. Limitou-se a ir em frente, às cegas.

— Pergunto-me... — murmurou Poirot.

Hale olhou-o com curiosidade e disse:

— Convenci-o, M. Poirot, de que se tratou de um caso muito simples?

— Quase. Não totalmente. Há um ou dois aspectos peculiares...!

— É capaz de sugerir uma solução alternativa... com pés e cabeça?

— Quais foram os movimentos das outras pessoas nessa manhã? — perguntou Poirot.

— Passamo-los a pente fino, pode crer. Verificamos toda a gente. Ninguém tinha aquilo a que se pode chamar um alibi... num caso de envenenamento, é impossível. Repare, não há nada que impeça um assassino de administrar veneno numa cápsula e entregá-la à vítima, dizendo-lhe no dia anterior que é um remédio especial para a indigestão e que deve tomá-lo antes do almoço... e de ir, a seguir, para a outra ponta de Inglaterra.

— Mas o senhor não acha que foi o que se passou neste caso?

— Mr. Crale não sofria de indigestão. E, de qualquer maneira, não vejo uma coisa dessas a acontecer. É certo que Mr. Meredith Blake tinha o hábito de recomendar mezinhas de curandeiro de sua invenção, mas não vejo Mr. Crale a experimentá-las. E se o fizesse, provavelmente falava e ria-se do assunto. Além disso, que *razão* tinha Mr. Meredith Blake para querer matar Mr. Crale? Tudo leva a crer que mantinha com ele uma excelente relação. Todos mantinham. Mr. Philip Blake era o seu melhor amigo. Miss Greer estava apaixonada por ele. Miss Williams reprovava-o, imagino, com bastante veemência... mas a reprovação moral não conduz ao envenenamento. A jovem Miss Warren discutia muito com ele... estava numa idade cansativa... prestes a entrar para o colégio, creio, mas ele gostava bastante dela e ela dele. Era tratada naquela casa, compreende, com uma afeição e consideração especiais. Devem ter-lhe dito porquê. Foi terrivelmente

ferida em criança... ferida por Mrs. Crale, numa espécie de ataque de cólera desaustrado. O que demonstra que ela era um tipo de pessoa bastante descontrolada, não lhe parece? Atacar uma criança... e mutilá-la para o resto da vida!

— Poderá demonstrar, — disse, pensativamente, Poirot — que Angela Warren tinha boas razões para guardar rancor a Caroline Crale.

— Talvez... mas não ao Amyas Crale. E, em todo o caso, Mrs. Crale era dedicada à sua jovem irmã... deu-lhe um teto, quando os pais dela morreram, e, como digo, tratava-a com afeição especial... mimava-a demasiado, ao que dizem. A rapariga obviamente sentia afeto por Mrs. Crale. Foi afastada do julgamento e, o mais possível, protegida de tudo... Mrs. Crale insistiu particularmente nesse ponto, julgo. Mas a rapariga ficou terrivelmente angustiada e ansiava por que a levassem a visitar a irmã na prisão. Caroline Crale não concordou. Disse que esse tipo de coisa podia perturbar mentalmente uma jovem para toda a vida. Tomou providências para que ela fosse estudar para o estrangeiro. — acrescentou — Miss Warren veio a tornar-se uma mulher muito reputada. Viagens a lugares exóticos. Palestras na Royal Geographical... esse gênero de coisa.

— E ninguém recorda o julgamento?

— Bem, para começar, o nome é diferente. Nem sequer têm o mesmo nome de solteiras. Tiveram a mesma mãe, mas pais diferentes. O apelido de Mrs. Crale era Spalding.

— Essa Miss Williams, era a preceptora da filha, ou de Angela Warren?

— De Angela. A filha tinha uma ama... mas creio que costumava ter algumas aulas diárias com Miss Williams.

— Onde estava a criança na altura?

— Tinha ido com a ama visitar a avó. Uma tal Lady Tressillian. Uma senhora viúva que tinha perdido duas filhas pequenas e que era muito dedicada a esta menina.

Poirot anuiu. — Compreendo.

— Quanto aos movimentos das outras pessoas no dia do assassinio, — continuou Hale — posso informá-lo. Miss Greer sentou-se no terraço, junto à

janela da biblioteca, depois do pequeno-almoço. Ali, como disse, ouviu a discussão entre Crale e a mulher. Em seguida, acompanhou Crale até ao jardim da Bateria e posou para ele até à hora de almoço, com algumas pausas para descontraír os músculos. Philip Blake estava na casa, depois do pequeno-almoço, e ouviu parte da discussão. Depois de Crale e de Miss Greer saírem, ficou a ler o jornal, até o irmão lhe telefonar. Em seguida, foi ao encontro do irmão na praia. Caminharam juntos novamente até ao trilho, passando pelo jardim da Bateria. Miss Greer tinha acabado de ir à casa buscar uma camisola, porque sentiu frio, e Mrs. Crale estava com o marido a discutir questões relativas à partida de Angela para o colégio.

— Ah, uma conversa amistosa.

— Bem, não, amistosa não. Crale estava a gritar bastante com ela, ao que percebi. Irritado por ser incomodado com assuntos domésticos. Suponho que ela desejava esclarecer as coisas, caso houvesse uma ruptura.

Poirot assentiu.

— Os dois irmãos, — prosseguiu Hale — trocaram algumas palavras com Amyas Crale. Em seguida, Miss Greer reapareceu e retomou o seu lugar, e Crale pegou novamente no pincel, querendo obviamente desembaraçar-se deles. Eles perceberam e dirigiram-se à casa. A propósito, foi quando estavam no jardim que Amyas Crale se queixou de que a cerveja, ali guardada, estava quente e a mulher prometeu que lhe levaria cerveja gelada.

— Ah!

— Precisamente, ah! Mais simpática não podia ser. Subiram até à casa e sentaram-se no terraço exterior. Mrs. Crale e Angela Warren serviram-lhes ali cerveja. Mais tarde, Angela Warren foi tomar banho e Philip Blake acompanhou-a. Meredith Blake desceu até uma clareira onde havia um banco imediatamente por cima do jardim da Bateria. Dali via Miss Greer posar nas ameias e ouvia a sua voz e a de Crale que conversavam. Ficou ali sentado, pensando na história da conina. Continuava muito preocupado com a situação e não sabia o que fazer. Elsa Greer lobrigou-o e acenou-lhe com a mão. Quando tocou o sino para o almoço, ele desceu até ao jardim e dirigiu-se com Elsa Greer para a casa.

Reparou, nesse momento, que Crale estava com um ar, como ele o caracterizou, muito esquisito, mas na altura não lhe atribuiu grande importância. Crale era o tipo de pessoa que nunca estava doente... e portanto nunca ninguém imaginava que estivesse. Por outro lado, tinha *realmente* acessos de raiva e prostração, quando a pintura não corria a seu contento. Nessas ocasiões, deixavam-no sozinho e falavam com ele o menos possível. Foi o que ambos fizeram naquela ocasião. Quanto aos outros, os criados estavam ocupados com as lides domésticas e com a preparação do almoço. Miss Williams esteve na sala de estudo durante parte da manhã, a corrigir alguns exercícios. Em seguida, foi para o terraço pontear roupa. Angela Warren passou quase toda a manhã a passear pelo jardim, trepando às árvores e comendo coisas... sabe como é uma rapariga de quinze anos! Ameixas, maçãs ácidas, pêras verdes, etc. A seguir, voltou para casa e, como disse, foi para a praia com o Philip Blake e tomou banho antes do almoço.

O inspetor Hale fez uma pausa.

— Então perguntou, num tom aguerrido, vê aqui algum ardil?

— Absolutamente nenhum. — respondeu Poirot.

— Aí tem!

As duas palavras exprimiram muita coisa.

— Mas, seja como for, — disse Hercule Poirot — eu próprio terei de me certificar.

— Que tenciona fazer?

— Vou visitar essas cinco pessoas... e vou obter a versão de cada uma delas.

O inspetor-chefe Hale suspirou com profunda melancolia.

— Ó homem, o senhor é doido! — disse — Nenhuma das versões vai condizer! Não percebe esse fato elementar? Não há duas pessoas que recordem uma coisa pela mesma ordem. E logo ao fim de tanto tempo! Não vê que vai ouvir cinco relatos de cinco homicídios diferentes?

— É precisamente com isso, — disse Poirot — que estou a contar. Será muito instrutivo.

## CAPÍTULO VI - ESTE PORQUINHO FOI AO MERCADO...

Philip Blake correspondia, de forma reconhecível, à descrição que Montaeue Depleach fizera dele. Um homem próspero, astuto, de aparência jovial ligeiramente para o gordo.

Hercule Poirot tinha marcado este encontro para as seis e meia de um sábado à tarde. Philip Blake tinha precisamente terminado os seus dezoito buracos e o jogo tinha-lhe corrido bem tinha ganho cinco libras ao seu adversário. Estava na disposição de ser amigável e expansivo.

Hercule Poirot explicou ao que vinha. Pelo menos, nesta ocasião, não revelou o menor apetite pela verdade pura. Tratava-se, depreendeu Blake, de uma série de livros sobre crimes famosos.

Philip Blake franziu o sobrolho e disse:

— Deus do Céu, por que inventar essas coisas?

Hercule Poirot encolheu os ombros. Hoje, estava na sua pose mais estrangeira. Queria ser desdenhado, mas tratado com condescendência.

— É o público. — murmurou — Devora essas histórias... sim, devora-as.

— Necrófilos. — disse Philip Blake. Mas disse-o humoradamente, e não com o desagrado e a aversão que um homem mais sensível poderia ter demonstrado.

Hercule Poirot disse, encolhendo os ombros:

— É a natureza humana. Eu e o senhor, Mr. Blake, que conhecemos o mundo, não temos ilusões acerca dos nossos semelhantes. Não são más Pessoas, na sua maioria, mas o certo é que não merecem ser idealizados.

Blake disse com sinceridade:

— Há muito que abandonei qualquer ilusão.

— Mas é um excelente conversador, pelo que ouvi dizer.

—Ah! — os olhos de Blake brilharam — Já conhece esta?

Poirot riu no momento certo. Não era uma anedota edificante, mas tinha graça.

Philip Blake reclinou-se na cadeira, os músculos relaxados, os olhos contraídos com a boa disposição.

Hercule Poirot pensou subitamente que ele se parecia bastante com um porco satisfeito.

Um porco. *Este porquinho foi ao mercado...*

Que tipo de homem era ele, este homem, este Philip Blake? Um homem, dava a ideia, sem preocupações. Próspero, satisfeito. Não alimentava remorsos, não era acometido por incómodos ataques de consciência do passado, não o perseguiram as recordações. Não, um porco bem alimentado que tinha ido ao mercado e arrebanhado o preço máximo.

Mas talvez, no passado, Philip Blake tivesse sido outras coisas. Em novo, deve ter sido um homem bem-parecido. Os olhos um tudo nada pequenos demais, um nadinha demasiado próximos, talvez mas de resto um homem bem constituído, bem-apeado. Que idade tinha agora? À primeira vista, entre cinquenta e sessenta anos. Perto dos quarenta, portanto, na altura da morte de Crale. Menos estupidificado, nessa época, menos preso às recompensas do momento presente. Exigindo mais da vida, talvez, e recebendo menos...

Poirot murmurou uma frase batida:

— Compreende a minha posição.

— Não, francamente, sabe, palavra que não compreendo. — O corretor endireitou-se na cadeira, o olhar tomando de novo uma expressão sagaz. — Porquê o *senhor*? Não é escritor?

— Não exatamente... não. Por sinal, sou detetive.

Provavelmente, nunca até então, em conversa, Poirot fizera esta observação com tanta modéstia.

— Claro que é. Toda a gente sabe disso. O famoso Hercule Poirot!

Mas o seu tom continha uma subtil nota de escárnio. Intrinsecamente, Philip Blake era demasiado inglês para levar a sério as pretensões de um estrangeiro. Aos amigos teria dito: «Pitoresco vendedorzinho da banha da cobra. Enfim, imagino que as histórias dele tenham saída com as mulheres.» E, embora

essa atitude desdenhosa de superioridade fosse exatamente o que Hercule Poirot tinha desejado induzir, sentia-se, todavia, irritado com ela.

Este homem, este homem de negócios bem sucedido, não se deixava impressionar por Hercule Poirot! Era um escândalo.

— Muito me apraz ver que me conhece tão bem. — disse Poirot, mentindo — O meu sucesso, deixe que lhe diga, tem-se fundado na psicologia... o eterno *porquê* do comportamento humano. Isso, Mr. Blake, é aquilo em que as pessoas estão hoje interessadas, em termos de crime. Costumava ser o romance. Os crimes famosos eram narrados unicamente de um ponto de vista... a história de amor que lhes estava associada. Hoje em dia, é muito diferente. As pessoas lêem com interesse que o Dr. Crippen assassinou a mulher, porque ela era uma mulher grande e robusta e ele era pequeno e insignificante e, portanto, ela fazia-o sentir-se inferior. Lêem sobre uma célebre criminosa que matou, porque o pai a repreendeu quando ela tinha três anos. Como digo, é o *porquê* do crime que tem interesse hoje em dia.

Philip Blake disse, com um bocejo reprimido:

— O porquê da maioria dos crimes é suficientemente óbvio, na minha opinião. Geralmente, é o dinheiro.

Poirot exclamou:

— Ah, meu caro senhor, o porquê nunca deve ser óbvio. É precisamente essa a questão!

— E é aí que o *senhor* entra?

— E, como diz, é aí que eu entro! A proposta é reescrever as histórias de determinados crimes passados... do ponto de vista psicológico. A psicologia no crime é a minha especialidade. Aceitei a incumbência.

Philip Blake sorriu.

— Deve ser lucrativo, imagino.

— Espero que sim... espero bem que sim.

— Parabéns. Então, agora, talvez possa dizer-me onde é que eu entro.

— Com certeza. O processo Crale, Monsieur.

Philip Blake não pareceu surpreendido. Mas assumiu um ar reflexivo e disse:

— Sim, claro, o processo Crale...

— Não o aborrece, Mr. Blake? — perguntou, ansiosamente, Hercule Poirot.

— Bem, quanto a isso, — Philip Blake encolheu os ombros — não adianta guardar ressentimento contra uma coisa a que já não se tem o poder de pôr cobro. O julgamento da Caroline Crale é do domínio público. Qualquer pessoa pode escrever sobre ele. Não serve de nada *eu* objetar. De certo modo... não me importo de dizer-lhe... desagrada-me bastante. O Amyas Crale era um dos meus melhores amigos. Lamento que toda essa história repulsiva tenha de ser novamente desenterrada. Mas são coisas que acontecem.

— É filósofo, Mr Blake?

— Não, não Apenas tenho experiência suficiente para não malhar em ferro frio. Estou convencido de que o senhor o fará menos agressivamente do que muitos outros.

— Pelo menos, espero escrever com sutileza e bom gosto. — observou Poirot.

Philip Blake emitiu uma gargalhada sonora, mas sem denotar ter achado graça.

— Dá-me vontade de rir ouvi-lo dizer isso

— Estou genuinamente interessado, Mr. Blake, garanto-lhe. Não se trata apenas de uma questão de dinheiro, no meu caso. Pretendo efetivamente recriar o passado, para sentir e ver as ocorrências que tiveram lugar, para ver para lá do óbvio e visualizar as ideias e os sentimentos dos intervenientes no drama.

— Não sei se houve muita sutileza na história. — disse Philip Blake — Foi tudo muito evidente. Ciúme feminino em bruto, foi o que foi e mais nada.

— Interessar-me-ia muitíssimo, Mr Blake, se me falasse das suas próprias reações ao sucedido.

Philip Blake disse, bruscamente exaltado, a cor subindo-lhe às faces

— Reações, reações! Não fale com tanta presunção. Eu não me limitei a ficar ali e a reagir. Parece que não entende isso, meu amigo... ouça bem, o *meu amigo* tinha sido assassinado... envenenado! E se eu tivesse agido mais depressa, poderia tê-lo salvo.

— Como é que chega a essa conclusão, Mr. Blake?

— Assim. Depreendo que já leu os fatos do processo? — Poirot anuiu.  
— Muito bem. Pois nessa manhã, o meu irmão Meredith telefonou-me. Estava num grande estado de agitação. Tinha desaparecido uma das suas infernais infusões... e era uma infusão relativamente mortífera. E que fiz eu? Disse-lhe que aparecesse para falarmos do assunto. Para decidirmos qual a melhor atitude a tomar. *Decidir qual a melhor atitude a tomar*. Surpreende-me agora como pude ser tão idiota, tão cheio de hesitações! Devia ter percebido que não havia tempo a perder. Devia ter ido imediatamente ter com o Amyas e tê-lo avisado. Devia ter dito: «A Caroline surruiu um dos venenos fabricados pelo Meredith e é melhor que tu e a Elsa se acautelem». — Blake levantou-se. Na sua excitação, começou a dar grandes passadas de um lado para o outro. — Valha-me Deus, homem. Você julga que eu não ruminei sobre isto mil vezes na minha cabeça? Eu *sabia*. Tive a oportunidade de salvá-lo... e perdi tempo... à espera do Meredith! Porque é que não tive o bom senso de perceber que a Caroline não teria quaisquer escrúpulos ou hesitações. Ela tinha pegado na mistela para usá-la... e, sejamos claros, usá-la-ia na primeira oportunidade. Não ia ficar à espera que o Meredith desse pela falta dela. Eu sabia... claro que sabia... que o Amyas corria perigo de morte... e não fiz nada!

— Creio que se culpa injustificadamente, Monsieur. Não dispôs de muito tempo...

O outro interrompeu-o:

— Tempo? Tempo não me faltou. Tive muitas possibilidades de ação. Podia ter ido ter com o Amyas, como disse... mas havia, naturalmente a hipótese de ele não acreditar em mim. O Amyas não era o tipo de homem que acreditasse facilmente que corria perigo. Ter-se-ia rido da idéia. E nunca compreendeu inteiramente o gênero de demônio que a Caroline era. Mas podia ter ido ter com

ela. Podia ter dito: «Eu sei o que andas a tramar. Sei o que planeias fazer. Mas se o Amyas ou a Elsa morrerem envenenados com conina, tu hás-de morrer na forca!». Isso tê-la-ia impedido. Ou podia ter contactado a polícia. Oh! Houve várias coisas que eu podia ter feito... mas preferi deixar-me influenciar pelos métodos morosos e prudentes do Meredith. «Temos de ter a certeza... discutir o assunto... determinar sem sombra de dúvidas quem poderá tê-lo levado...» Grande imbecil... nunca tomou uma decisão rápida na vida! Tem sorte, porque, sendo o filho mais velho, tem uma propriedade onde viver. Se alguma vez tivesse tentado *ganhar* dinheiro, teria perdido tudo o que tinha até ao último tostão.

— O senhor não tinha qualquer dúvida sobre quem tinha levado o veneno? — perguntou Poirot.

— Claro que não. Percebi imediatamente que devia ter sido a Caroline. É que eu conhecia muito bem a Caroline.

— Isso é muito interessante. — comentou Poirot — Gostava de saber Mr. Blake, que espécie de mulher era Caroline Crale.

Philip Blake respondeu bruscamente:

— Não era a inocente ofendida que as pessoas julgaram que era na altura do julgamento!

— Então que era?

Blake sentou-se novamente e disse, com gravidade:

— Quer mesmo saber?

— Gostaria muito de saber, sim.

— Caroline era ruim. Ruim dos pés à cabeça. Repare, era uma pessoa encantadora. Tinha esse tipo de brandura de modos que engana completamente os outros. Exibia um ar frágil e desamparado que tocava o lado cavalheiresco das pessoas. Por vezes, quando leio alguma passagem histórica, imagino que Mary, Rainha da Escócia, deve ter sido um pouco como ela. Sempre meiga, infeliz e magnética, mas, no fundo, uma mulher fria e calculista, uma mulher cheia de estratégias que planeou o assassinio de Darnley e saiu impune. A Caroline era assim... uma conspiradora fria e calculista. E tinha um gênio terrível. Não sei se lhe disseram... não é um aspecto vital do julgamento, mas revela quem ela era... o

que ela fez à irmã, quando esta era bebê? Tinha ciúmes, compreende. A mãe tinha voltado a casar e todas as atenções e afetos iam para a pequena Angela. Era uma situação que a Caroline não conseguia suportar. Tentou matar a bebê com um pé-de-cabra... esmagar-lhe a cabeça. Felizmente, o golpe não foi fatal. Mas foi um ato absolutamente horrível.

— Sim, de fato.

— Bem, era essa a verdadeira Caroline. Tinha de ser sempre a primeira. Era uma coisa que ela simplesmente não conseguia tolerar... não ser a primeira. E dentro dela escondia-se um demônio frio e egoísta, capaz de despertar e ser levado a violentos extremos. Parecia impulsiva, sabe, mas era realmente calculista. Quando ia a Alderbury, ainda jovem, tirou-nos o retrato a todos e fez os seus planos. Não tinha fortuna pessoal. Eu nunca estive na corrida... filho mais novo ainda um caminho a percorrer na vida. (Tem graça, porque hoje em dia provavelmente estou em posição de comprar os bens do Meredith e do Crale, se este fosse vivo!) Durante algum tempo, considerou o Meredith, mas acabou por se concentrar no Amyas. O Amyas herdaria Alderbury e, embora com a propriedade não viesse muito dinheiro, ela compreendeu que o seu talento como pintor era realmente uma coisa fora do vulgar. Apostou em que ele não era simplesmente um gênio, mas que seria também um sucesso financeiro. E ganhou a aposta. Não tardou que o Amyas fosse publicamente aclamado. Não era exatamente um pintor em voga... mas o seu gênio era reconhecido e os seus quadros vendiam. Viu alguma das suas pinturas? Tenho cá uma. Venha ver.

Indicou o caminho até à sala de jantar e apontou para a parede do lado esquerdo.

— Aí tem. Esse é o Amyas.

Poirot observou em silêncio. Ocorreu-lhe, com um pasmo renovado, que um homem podia realmente imbuir um tema convencional de uma magia muito própria. Uma jarra de rosas sobre uma mesa de mogno polido. Um lugar-comum velho e estafado. Como é que Amyas Crale conseguia fazer as suas rosas fulgurar e arder com uma vida tumultuosa e quase obscena? A madeira polida da mesa tremeluzia e assumia uma vida consciente. Como explicar a emoção que o

quadro suscitava? Porque era emocionante. As proporções da mesa teriam abalado o inspetor-chefe Hale, que se teria queixado de que não havia rosas, em lado nenhum, com aquela forma ou cor. E, a partir daí, ter-se-ia interrogado vagamente sobre a razão por que as rosas não lhe enchiam as medidas, e as mesas de mogno redondas tê-lo-iam incomodado, por nenhuma razão identificável.

Poirot emitiu um leve suspiro, murmurando:

— Sim... está todo aí.

Blake indicou novamente o caminho de volta.

— Eu, por mim, nunca entendi muito de arte. — resmungou — Não sei por que razão gosto tanto de admirar aquele quadro, mas gosto. É... ora, que se lixe, *é excelente*.

Poirot assentiu, enfaticamente.

Blake ofereceu um cigarro ao seu convidado e acendeu um para si.

— E foi este homem, — disse — o homem que pintou aquelas rosas... O homem que pintou a Mulher com Shake... o homem que pintou essa espantosa e dolorosa «Natividade», foi este o homem cuja vida foi ceifada na flor da idade, o homem que foi privado de uma vida viçosa e intensa, por causa de uma mulher vingativa e maldosa!

Fez uma pausa.

— Dirá que sou amargo... que tenho preconceitos injustificados contra a Caroline. Ela *era* encantadora... eu próprio o senti. Mas sabia... sempre soube... quem era a verdadeira mulher sob essa capa. E essa mulher, M. Poirot, era ruim. Era cruel e maléfica e uma oportunista!

— E, contudo, houve quem me dissesse que Mrs. Crale aturou muitas contrariedades, durante a sua vida de casada?

— Sim, e alardeou o fato alto e bom som a quem a quis ouvir! Sempre a mártir! Coitado do Amyas. O seu casamento foi um inferno prolongado... ou antes, teria sido, se não fosse o seu talento excepcional. A sua arte, compreende... foi uma coisa que ele sempre teve. Era uma evasão. Quando pintava, não queria saber, afastava a Caroline e o azucrinar permanente e as brigas e as quezílias que não tinham fim. *Ela* deleitava-se com aquilo. Discutir estimulava-a, na minha

opinião. Era uma escapatória. Podia dizer todas as coisas duras, amargas e ofensivas que lhe apetecia dizer. Depois de uma discussão, ela ronronava positivamente de prazer... saía com o ar luzidio e bem nutrido de um gato. Mas fatigava-o. *Ele* queria paz... repouso... uma vida tranquila. Claro que um homem assim nunca devia casar... não está talhado para a vida familiar. Um homem como Crale devia ter aventuras amorosas sem criar vínculos. Os vínculos acabam por desgastá-lo.

— Ele fazia-lhe confidências?

— Bem, ele sabia que eu era um amigo dedicado. Dava-me a entender certas coisas. Não se queixava. Não era esse gênero de homem. Por vezes, dizia: «Diabos levem as mulheres!». Ou dizia: «Nunca te cases, meu amigo. Espera pelo inferno na outra vida».

— Sabia da sua ligação com Miss Greer?

— Certamente... pelo menos, assisti ao seu nascimento. Ele disse-me que tinha conhecido uma rapariga maravilhosa. Disse que era diferente das pessoas que tinha conhecido. Não é que eu prestasse muita atenção. O Amyas estava sempre a conhecer mulheres «diferentes». Normalmente, um mês depois, ficava a olhar-nos esgazeado, quando falávamos nelas, sem saber a quem nos referíamos! Mas esta Elsa Greer era realmente diferente. Compreendi isso, durante a minha estadia em Alderbury. Ela tinha-o apanhado por completo, sabe. Tinha o desgraçado praticamente na mão.

— Também não gostava de Elsa Greer?

— Não, não gostava. Era definitivamente uma criatura voraz. Também ela queria possuir o corpo e a alma de Crale. Mas, mesmo assim, penso que ela teria sido melhor para ele do que a Caroline. Imagino que o teria deixado em paz, depois de tê-lo no papo. Ou talvez se cansasse dele e fosse atrás de outro qualquer. O melhor para o Amyas teria sido estar totalmente livre do estorvo que eram as mulheres.

— Mas, ao que parece, não era essa a sua propensão.

Philip Blake disse com um suspiro:

— O estouvado estava sempre a envolver-se com uma ou outra mulher. E, no entanto, de certo modo, as mulheres significavam realmente muito pouco para ele. As duas únicas mulheres que, de fato, representaram alguma coisa na sua vida foram a Caroline e a Elsa.

— Ele gostava da pequena? — perguntou Poirot.

— Da Angela? Oh, todos gostávamos da Angela. Era tão divertida. Estava sempre pronta a alinhar em tudo. Que vida a daquela maldita preceptora que ela tinha. Sim, o Amyas gostava da Angela, sim... mas, por vezes, ela ia longe demais e aí ele ficava realmente zangado com ela... e depois a Caroline interferia... a Caro tomava sempre o partido da Angela, o que desesperava completamente o Amyas. Ele detestava que a Caro tomasse o partido da Angela contra ele. Havia uma certa dose de ciúme pelo meio, compreende? O Amyas tinha ciúmes da forma como a Caro punha sempre a Angela em primeiro lugar e fazia tudo por ela. E a Angela tinha ciúmes do Amyas e revoltava-se contra os seus modos prepotentes. Foi ele que decidiu que ela devia entrar para o colégio no outono seguinte e ela ficou furiosa. Não, julgo eu, Por não gostar da idéia do colégio, creio que ela queria realmente ir... mas eram os processos despóticos com que o Amyas resolvia as coisas, abruptamente, que a enfureciam. Para se vingar, pregava-lhe todo o gênero de partidas. Uma vez, pôs dez lesmas na cama dele. No geral, penso que o Amyas tinha razão. Tinha chegado a altura de ela ser disciplinada. Miss Williams era muito competente, mas até ela confessou que começava a não ter mão na Angela.

Fez uma pausa.

— Quando perguntei se o Amyas gostava da pequena, referia-me à sua própria filha. — disse Poirot.

— Ah, a pequena Carla? Sim, ela era muito acarinhada. Ele gostava de brincar com ela, quando estava para aí virado. Mas o seu afeto por ela não o teria impedido de casar com a Elsa, se é a isso que se refere. Não nutria esse tipo de sentimento pela menina.

— Caroline Crale era muito apegada à filha?

Uma espécie de espasmo distorceu o rosto de Philip, que disse:

— Não posso afirmar que não fosse uma boa mãe. Não, não posso afirmar isso. É a única coisa...

— Sim, Mr. Blake?

Philip disse, pausada e penosamente:

— É a única coisa que eu realmente... lamento... nesta história. A ideia dessa criança. Um passado tão trágico no princípio da vida. Mandaram-na para o estrangeiro, para casa da prima do Amyas e do marido. Espero... espero sinceramente... que tenham conseguido esconder-lhe a verdade.

Poirot abanou a cabeça e disse:

— A verdade, Mr. Blake, tem o hábito de se dar a conhecer. Mesmo ao fim de muitos anos.

O corretor murmurou:

— Não sei.

— No interesse da verdade, Mr. Blake. — prosseguiu Poirot — vou pedir-lhe que faça uma coisa.

— O que é?

— Vou pedir-lhe que ponha por escrito um relato preciso do que aconteceu, durante esses dias, em Alderbury. Isto é, vou pedir-lhe que escreva um relato completo do assassinio e das circunstâncias que o rodearam.

— Mas, meu caro amigo, ao fim deste tempo todo? De certeza que vou ser desesperadamente impreciso.

— Não necessariamente.

— Com toda a certeza.

— Não, para começar, com a passagem do tempo, a mente retém os aspectos essenciais e rejeita as questões secundárias.

— Ah! Quer dizer uma simples visão geral?

— De maneira nenhuma. Quero dizer um relato minucioso e consciencioso de cada ocorrência, tal como se passou, e de todas as conversas de que conseguir lembrar-se.

— E imagine que as recordo incorretamente?

— Pode fraseá-las, pelo menos, o melhor que a sua memória permitir. Poderá haver lacunas, mas isso é inevitável.

Blake olhou-o com curiosidade.

— Mas qual é a idéia? Os arquivos da polícia registraram tudo com muito mais rigor.

— Não, Mr. Blake. Estamos agora a falar do ponto de vista psicológico. Eu não pretendo fatos descarnados. *Pretendo a sua própria seleção dos fatos.* O tempo e a sua memória são responsáveis por essa seleção. Poder-se-ão ter feito coisas, trocado palavras, que eu nunca encontraria nos arquivos da polícia. Coisas e palavras que o senhor nunca mencionou, porque as julgou irrelevantes, talvez, ou porque preferiu não as repetir.

— Esse meu relato é para ser publicado? — perguntou Blake abruptamente.

— Com certeza que não. É para minha consulta exclusiva. Para me ajudar a fazer as minhas próprias deduções.

— E compromete-se a não citar nada sem o meu consentimento?

— Absolutamente.

— Hum — disse Philip Blake — Sou um homem muito ocupado, M. Poirot.

— Estou consciente de que envolverá tempo e maçada. Estou disposto a negociar consigo uma... remuneração razoável.

Instalou-se um breve silêncio. Em seguida, Philip Blake disse inesperadamente:

— Não, se o fizer... será gratuitamente.

— E fá-lo-á?

— Lembre-se, — disse Philip, em tom de advertência — que não respondo pela exatidão da minha memória.

— Nesse ponto, estamos perfeitamente entendidos.

— Nesse caso, — disse Philip Blake — acho que até terei prazer em fazê-lo. Sinto que o devo... de algum modo... ao Amyas Crale.

## CAPÍTULO VII - ESTE PORQUINHO FICOU EM CASA

Hercule Poirot não era homem para negligenciar pormenores.

A sua abordagem a Meredith Blake foi cuidadosamente pensada. Meredith Blake era, estava já certo, uma pessoa com quem teria de lidar de forma muito diferente de Philip Blake. Com ele, tácticas precipitadas não produziriam resultados. O assalto devia ser vagaroso.

Hercule Poirot sabia que só existia uma maneira de penetrar na fortaleza. Teria de abordar Meredith Blake com as credenciais adequadas. Essas credenciais deviam ser sociais e não profissionais. Felizmente, ao longo da sua carreira, Hercule Poirot tinha feito amigos em muitos condados. O Devonshire não era exceção. Sentou-se para rememorar os recursos que possuía no Devonshire. Então descobriu duas pessoas que eram conhecidas ou amigas de Mr. Meredith Blake. Apareceu-lhe, portanto, munido de duas cartas, uma de Lady Mary Lytton-Gore, uma delicada viúva de meios limitados, a mais recatada das criaturas; e a outra de um almirante reformado, cuja família se fixara no condado há quatro gerações.

Meredith Blake recebeu Poirot num estado de relativa perplexidade.

Como sentia com frequência nos últimos tempos, as coisas já não eram o que costumavam ser. Com mil diabos, os detetives privados costumavam ser detetives privados sujeitos que se contratava para guardar presentes de casamento em copos-d'água no campo, sujeitos com quem se ia ter com algum embaraço quando andava no ar alguma história sórdida e uma pessoa tinha de saber como lidar com ela.

Mas esta era uma carta de Lady Mary Lytton-Gore: «Hercule Poirot é um amigo muito estimado e de longa data. Agradecia que fizesse tudo ao seu alcance para ajudá-lo». E Mary Lytton-Gore não era não, decididamente não era o gênero de mulher que se associa a detetives privados e a tudo o que eles representam. E o almirante Cronshaw escreveu: «Um sujeito excelente de absoluta confiança. Ficaria grato se o ajudasse naquilo que puder. Uma pessoa muito bem disposta, é capaz de lhe contar muitas histórias divertidas».

E agora cá estava o homem em pessoa. Uma criatura francamente impossível; o vestuário errado, botas de abotoar! Um bigode incrível! Não era de todo um indivíduo do seu, de Meredith Blake, agrado. Não tinha ar de quem alguma vez tivesse caçado ou disparado uma arma ou tão-pouco jogado um jogo decente. Um estrangeiro.

Ligeiramente divertido, Hercule Poirot interpretou corretamente os pensamentos que passavam pela cabeça do outro.

Havia sentido o seu interesse recrudescer consideravelmente, enquanto vinha no comboio para a região oeste. Veria agora, com os seus próprios olhos, o lugar físico onde, há tantos anos, tinham tido lugar estes acontecimentos.

Foi aqui, em Handcross Manor, que dois jovens irmãos viveram, visitando Alderbury, onde se divertiam, jogavam tênis e confraternizavam com um jovem Amyas Crale e uma rapariga chamada Caroline. Foi daqui que Meredith partiu para Alderbury naquela manhã fatal. Tinha sido há dezasseis anos. Hercule Poirot olhou com interesse para o homem que o confrontava com uma delicadeza algo desconfortável.

Correspondia, em traços essenciais, àquilo que tinha esperado. Na aparência, Meredith Blake assemelhava-se a qualquer outro fidalgo rural inglês de meios restritos e gosto pela vida ao ar livre.

Um velho casaco puído de *tweedde* Harris, um rosto agradável, de meia-idade, curtido pelo tempo, com olhos de um azul algo esbatido, uma boca flácida, semi-escondida por um bigode um pouco desgrenhado. Poirot achou que Meredith Blake era o oposto do irmão. Os seus modos eram hesitantes, os processos mentais visivelmente lentos. Era como se o seu ritmo tivesse abrandado com os anos, da mesma forma que os do irmão se haviam acelerado.

Como Poirot já tinha calculado, era um homem que não se podia apressar. Corria-lhe nas veias a vida tranquila da Inglaterra rural.

Parecia, considerou o detetive, bastante mais velho do que o irmão, embora, pelo que o Dr. Jonathan dissera, a diferença entre ambos fosse aparentemente de um par de anos.

Hercule Poirot prezava-se de saber como lidar com um conservador tradicional inglês. Não era o momento próprio para tentar parecer um deles. Não, é imperativo ser estrangeiro - abertamente estrangeiro - e ser magnanimamente desculpado pelo fato. «Claro, estes estrangeiros não conhecem muito bem as regras. *Apertam* a mão ao pequeno-almoço. Mas, no fundo, é um tipo decente...»

Poirot esforçou-se por criar esta impressão de si próprio. Os dois homens falaram, prudentemente, de Lady Mary Lytton-Gore e do almirante Cronshaw. Foram mencionados outros nomes. Felizmente, Poirot conhecia o primo de alguém e tinha sido apresentado à cunhada de outra pessoa. Sentiu uma espécie de entusiasmo despontar nos olhos do proprietário rural. O sujeito parecia conhecer as pessoas certas.

Com elegância, insidiosamente, Poirot foi-se aproximando do propósito da sua visita. Não demorou a contrariar a inevitável retração. Infelizmente, este livro ia ser escrito. Miss Crale - Miss Lemarchant, como agora se chamava - estava ansiosa por que ele exercesse um controle editorial criterioso. Os fatos, tristemente, eram do domínio público. Mas podia melhorar-se muito a sua apresentação, para evitar ferir suscetibilidades. Poirot murmurou que, no passado, conseguira usar uma influência discreta para evitar certas passagens demasiado retóricas num livro de memórias.

A raiva fez subir a cor às faces de Meredith Blake. A sua mão tremeu um pouco, enquanto enchia o cachimbo. Disse, gaguejando ligeiramente:

— É... é m-mórbido como desenterram estas coisas. P-passados dezasseis anos. Porque não deixam ficar as coisas como estão?

Poirot encolheu os ombros, dizendo:

— Concordo consigo. Mas que quer o senhor? Existe uma procura para este gênero de coisa. E qualquer pessoa tem a liberdade de reconstituir um crime provado e tecer comentários à sua volta.

— Do meu ponto de vista, é uma falta de gosto.

— Infelizmente, — murmurou Poirot — não vivemos numa época de urbanidade... Ficaria surpreendido, M. Blake, se conhecesse as desagradáveis

publicações que consegui... digamos... atenuar. Estou muito interessado em fazer tudo ao meu alcance para proteger os sentimentos de Miss Crale sobre a matéria.

Meredith Blake murmurou:

— A pequena Carla! Essa menina! Uma mulher adulta. Até custa a crer.

— Eu sei. O tempo voa, não é verdade?

Meredith Blake suspirou e disse:

— Demasiado depressa.

— Como deve ter visto na carta de Miss Crale que lhe entreguei, — disse Poirot — ela está muito ansiosa por saber o máximo possível sobre os tristes acontecimentos do passado.

Meredith Blake disse, levemente irritado:

— Porquê? Para quê desenterrar tudo novamente? Seria muito melhor esquecer o que se passou.

— O senhor diz isso, Mr. Blake, porque conhece muito bem o passado. Lembre-se que Miss Crale nada sabe. Melhor dizendo, conhece apenas a história que consta dos registros oficiais.

Meredith Blake estremeceu e disse:

— Sim, já me esquecia. Pobre criança. Que posição terrível a dela. O choque de saber a verdade. E depois... aqueles relatórios insensíveis e cruéis sobre o julgamento.

— Nunca é feita justiça à verdade, — disse Hercule Poirot — num simples relato jurídico. As coisas que importam são as que são omitidas. As emoções, os sentimentos... o caráter dos intervenientes no drama. As circunstâncias atenuantes...

Fez uma pausa e o outro homem falou entusiasticamente, como um ator a quem tivesse sido dada a deixa.

— Circunstâncias atenuantes! É precisamente isso. Se alguma vez houve circunstâncias atenuantes, foi neste processo. O Amyas Crale era um velho amigo... a sua família e a minha eram amigas há gerações, mas é preciso admitir que a sua conduta era, francamente, escandalosa. Era um artista, claro, e presumivelmente isso explica tudo. Mas lá está... ele permitiu que se avolumasse um conjunto extraordinário de situações. Era uma posição que nenhum homem normal e decente podia ter, por um momento, considerado.

— Esse seu comentário, — disse Hercule Poirot — interessa-me. Já me tinha sentido intrigado com essa situação. Não é maneira de um homem bem-educado, um homem bem vivido, conduzir a sua vida.

O rosto magro e hesitante de Blake iluminou-se vivamente.

— Sim disse. Mas a questão é que o Amyas nunca foi um homem normal! Era um pintor, compreende? e para ele a pintura estava em primeiro lugar... por vezes, da forma mais extraordinária, acredite! Eu pessoalmente não compreendo estes ditos artistas... nunca compreendi. Compreendia Crale um pouco, porque, naturalmente, tinha-o conhecido durante toda a minha vida. Vínhamos de famílias da mesma classe. E, sob muitos aspectos, Crale saía aos seus... era unicamente no capítulo da arte que ele não encaixava nos padrões normais. Não era, de maneira nenhuma, amador, compreende? Era de primeira água... primeiríssima água. Há quem diga que era um gênio. Talvez com razão. Mas, no fundo, sempre foi o que eu descrevo como desequilibrado. Quando pintava um quadro... nada mais importava, não admitia que nada interferisse. Era como um homem num sonho. Completamente obcecado pelo que estava a fazer. Só quando a tela estava concluída é que ele saía da sua obsessão e começava a retomar o fio da vida normal.

Olhou interrogativamente para Poirot e este assentiu.

— Vejo que me compreende. Bom, isso explica, creio eu, por que razão surgiu esta situação em particular. Ele estava apaixonado por essa rapariga. Queria casar com ela. Estava disposto a abandonar a mulher e a filha por ela. Mas tinha começado a pintá-la aqui e queria acabar o quadro. E o fato de a situação ser absolutamente insustentável para as duas mulheres implicadas, parece não lhe ter ocorrido.

— Alguma delas compreendia o seu ponto de vista?

— Sim, sim... num determinado sentido. A Elsa compreendia, suponho. Era uma entusiasta fervorosa da sua pintura. Mas era uma posição difícil para ela... naturalmente. E quanto à Caroline...

Calou-se. Poirot disse:

— Caroline... sim, efetivamente.

Meredith Blake, falando com alguma dificuldade, disse:

— A Caroline... eu sempre... enfim, sempre tinha gostado muito da Caroline. Houve um tempo em que... em que tive esperança de vir a casar com ela. Mas essa esperança morreu à nascença. Contudo, permaneci, se é que posso exprimir-me assim, dedicado ao seu serviço.

Poirot anuiu pensativamente. Aquela frase ligeiramente antiquada tipificava, na sua opinião, o homem que tinha diante de si. Meredith Blake era o tipo de homem que se dedicaria prontamente a uma devoção romântica e honrosa. Serviria a sua dama fielmente e sem esperança de retribuição. Sim, condizia perfeitamente com o seu carácter. Pesando cuidadosamente as palavras, disse:

— Deve ter sido uma... atitude que lhe desagradou... por causa *dela*?

— Claro. Desagradou e muito. Eu... cheguei mesmo a protestar com Crale a propósito do assunto.

— Quando foi isso?

— Por acaso, no dia anterior... antes de tudo acontecer. Vieram cá tomar chá, compreende. Chamei Crale à parte e... falei-lhe do assunto. Disse mesmo, lembro-me muito bem, que não era justo para nenhum deles.

— Ai disse isso?

— Sim. Parecia-me que ele não se *dava conta*, compreende?

— Possivelmente não dava.

— Disse-lhe que ele estava a colocar a Caroline numa posição completamente insustentável. Se era sua intenção casar com a rapariga, não devia tê-la hospedada em casa e... enfim... alardeá-la na cara da Caroline. Era, disse eu, um insulto insuportável.

Poirot perguntou, com curiosidade:

— E que respondeu ele a isso?

Meredith Blake respondeu com repugnância:

— Disse: «A Caroline tem de gramar».

Hercule Poirot ergueu as sobrancelhas.

— Não foi, — disse — uma resposta muito simpática.

— Eu achei-a abominável. Perdi as estribeiras. Disse-lhe que, já que não tinha consideração pela Caroline, sem dúvida que não se importava de fazê-la sofrer, mas, disse eu, e a rapariga? Não tinha ele percebido que era uma situação medonha para *ela*? A sua resposta foi que a Elsa devia gramar também! E depois continuou: «Parece que não compreendes, Meredith, que este quadro que eu estou a pintar é a melhor coisa que já fiz. É *bom*, garanto-te. E um par de mulheres quezilentas e roídas de ciúme não vão dar cabo dele... não vão, com mil diabos!». Era inútil falar com ele. Disse-lhe que ele parecia ter abandonado todo o sentido normal de decência. A pintura, disse eu, não era tudo. Aí interrompeu-me e disse: «Ah, mas para *mim* é». Continuei zangado. Disse que a forma como sempre tratara a Caroline era uma autêntica vergonha. A vida dela com ele sempre fora um inferno. Ele disse que sabia disso e que lamentava. Lamentava! Disse: «Eu sei, Merry, tu não acreditas... mas é a verdade. Tenho tornado a vida à Caroline num inferno e ela tem sido uma santa. Mas acho que ela tinha consciência daquilo em que se estava a meter. Expliquei-lhe, com toda a sinceridade, que tipo de indivíduo egoísta e licencioso eu era». Fiz-lhe ver, com grande veemência, que não devia destruir o seu casamento. Havia a criança a considerar e tudo o mais. Disse que era capaz de compreender que uma rapariga, como a Elsa, desse volta à cabeça dum homem, mas que, até por ela, ele devia acabar com a relação. Ela era muito nova. Estava a meter-se naquilo irrefletidamente, mas podia lamentá-lo amargamente mais tarde. Pedi-lhe que caísse em si, começasse do zero e voltasse para a mulher.

— E que disse ele?

— Limitou-se a olhar... — disse Blake embaraçado — Deu-me uma palmada no ombro e disse: «És um tipo decente, Merry. Mas és demasiado sentimental. Espera que eu acabe o quadro e vais admitir que eu tinha razão». Eu disse: «Que se lixe o quadro!». E ele sorriu e retorquiu que nem todas as mulheres neuróticas de Inglaterra juntas seriam capazes disso. Então eu disse que teria sido mais decente ter poupado a Caroline a toda a situação, até o quadro estar terminado. Ele disse que a culpa não era *sua*. Tinha sido a Elsa que insistira em despejar o saco. Eu perguntei porquê. E ele respondeu que ela considerava

que, de outro modo, não seria correto. Queria que tudo ficasse claro e que não houvesse segredos. Bem, é claro que, num certo sentido, era uma coisa compreensível e a rapariga merecia respeito por isso. Por mais reprovável que fosse o seu comportamento, pelo menos, queria ser honesta.

— A honestidade pode causar muita dor e mágoa acrescidas. — observou Hercule Poirot.

Meredith Blake olhou-o com uma expressão de dúvida. Não era um sentimento que lhe agradasse muito. Suspirou:

— Foi... uma época trágica para todos nós.

— A única pessoa que não parece ter sido afetada foi Amyas Crale. — comentou Poirot.

— E porquê? Porque era um egoísta consumado. Parece que estou a vê-lo. A sorrir-me, enquanto dizia: «Não te preocupes, Merry. Tudo se vai compor pelo melhor.

— O incurável otimista. — murmurou Poirot.

— Era o tipo de homem que não levava as mulheres a sério. — disse Meredith Blake — Eu podia ter-lhe dito que a Caroline estava desesperada.

— Ela disse-lhe que estava?

— Não explicitamente. Mas hei-de sempre ver a sua cara naquela tarde. Branca e tensa, com uma espécie de jovialidade desesperada. Conversava e ria muito. Mas os olhos... revelavam uma espécie de dor angustiada que era a coisa mais comovente que alguma vez vi. E era, além do mais, uma criatura muito meiga.

Hercule Poirot olhou-o, por uns momentos, sem falar. Claramente, o homem à sua frente não considerava uma incongruência falar assim de uma mulher que, no dia seguinte, tinha intencionalmente assassinado o marido. Meredith Blake prosseguiu. Agora tinha ultrapassado a sua inicial hostilidade provocada pela suspeita. Hercule Poirot tinha o dom de ouvir. Para homens como Meredith Blake, reviver o passado possui um fascínio concreto. Falava agora quase mais consigo mesmo do que com o seu visitante.

— Suponho que devia ter suspeitado de qualquer coisa. Foi a Caroline quem desviou a conversa para... para o meu passatempo. Era, devo confessar, um entusiasmo meu. Sabe, os herbanários ingleses de outros tempos constituem um estudo muito interessante. Existe um sem-número de plantas que eram usadas antigamente na medicina e que agora desapareceram da Farmacopeia oficial. E é realmente espantoso como uma simples mistela de uma coisa ou outra opera verdadeiros milagres. Em metade dos casos, os médicos são desnecessários. Os Franceses compreendem muito bem estas coisas... algumas das suas tisanas são de primeira categoria. Agora estava completamente lançado a discorrer sobre o seu passatempo.

— O chá de dente-de-leão, por exemplo, uma infusão fabulosa. E uma fervura de bagas de roseira-brava... reparei outro dia, algures, que está novamente a entrar na moda no seio da profissão médica. Ah, tenho de confessar, sim, que as minhas infusões costumavam dar-me imenso prazer. Colher as plantas na altura própria, secá-las, macerá-las, tudo. Cheguei até a tornar-me supersticioso, em certas situações, e colhia as minhas raízes no pico da lua cheia ou seguia outros métodos aconselhados pelos antigos. Lembro-me *de* que, nesse dia, fiz aos meus convidados uma exposição especial sobre a ansarina malhada. Floresce de dois em dois anos. Colhem-se os frutos, quando começam a amadurecer, imediatamente antes de ficarem amarelos. A conina, sabe, é uma droga que foi posta de lado... não creio que exista qualquer preparado oficial com ela na última Farmacopeia... mas eu provei a sua utilidade na cura da tosse convulsa, e da asma também, aliás...

— Falaram de tudo isso no seu laboratório?

— Sim, mostrei-lhes as instalações, expliquei-lhes as diferentes drogas, a valeriana e a forma como atrai os gatos... basta-lhes cheirar uma vez! Depois eles fizeram perguntas acerca da beladona e eu falei-lhes desta e da atropina. Mostraram-se muito interessados.

— Eles? Quem é que a palavra abrange?

Meredith Blake pareceu levemente surpreendido, como se se tivesse esquecido de que o seu ouvinte não possuía um conhecimento em primeira mão da cena.

— Ah, o grupo todo. Deixe-me ver, o Philip estava presente, o Amyas também, e a Caroline, claro. A Angela e a Elsa Greer.

— Mais ninguém?

— Não... julgo que não. Tenho a certeza, aliás. — Blake olhou-o com curiosidade. — Quem mais havia de estar?

— Pensei que talvez a preceptora...

— Ah, compreendo. Não, ela não esteve presente nessa tarde. Acho que me esqueci do nome dela. Boa pessoa. Levava muito a sério as suas obrigações. Ao que sei, a Angela dava-lhe imensas consumições.

— Por que razão?

— Bem, ela era boa rapariga, mas tinha o diabo no corpo. Sempre metida em sarilhos. Um dia, enfiou uma lesma ou coisa assim pelas costas do Amyas, quando ele estava concentrado a pintar. Ele foi aos arames. Deu-lhe uma corrida de primeira. Foi depois disso que insistiu nessa ideia do colégio.

— Queria mandá-la para um colégio?

— Sim. Não digo que não lhe tivesse afeição, mas às vezes achava-a um estorvo. E penso... sempre pensei...

— Sim?

— Que tinha ciúmes. É que a Caroline era uma escrava da Angela. Num certo sentido, talvez, a Angela, para ela, estava em primeiro lugar... o que não agradava ao Amyas. Havia uma razão, claro. Não vou entrar nisso, mas...

Poirot interrompeu.

— A razão era que a Caroline Crale se sentia culpada por um ato que tinha desfigurado a rapariga?

— Ah, tem conhecimento? — exclamou Blake — Não ia mencionar o assunto. Águas passadas. Mas, sim, a causa da sua atitude era essa, na minha opinião. Dava a ideia que ela sentia permanentemente que nada que pudesse fazer seria demais para... enfim, para compensá-la.

Poirot aquiesceu, pensativamente, perguntando:

— E a Angela? Guardava rancor à sua meia-irmã?

— Não, não, não fique com essa ideia. A Angela era muito dedicada à Caroline. Estou certo de que nunca ligou a essa história antiga. A Caroline é que não era capaz de perdoar a si própria.

— A Angela aceitou pacificamente a ideia de ir para um colégio interno?

— Não, não aceitou. Ficou furiosa com o Amyas. A Caroline tomou o partido dela, mas o Amyas tinha tomado uma decisão irreversível. Apesar do seu mau gênio, o Amyas era um homem brando em quase tudo, mas, quando lhe chegava a mostarda ao nariz, toda a gente tinha de ceder. A Caroline e a Angela tiveram de transigir.

— Ela ia para o colégio quando?

— No Outono... recordo que estavam a preparar-lhe o equipamento. Imagino que, se não se tivesse dado a tragédia, ela teria partido uns dias mais tarde. Ouvi qualquer coisa a propósito de ela fazer as malas na manhã desse dia.

— E a preceptora? — perguntou Poirot.

— Que quer dizer, a preceptora?

— Como é que ela recebeu a ideia? Ficava sem emprego, não é assim?

— Sim... bem, suponho que seria o caso. A pequena Carla costumava ter algumas aulas, mas é claro que só tinha... quantos anos? Seis ou por aí. Tinha uma ama. Eles não tencionavam manter a Miss Williams por causa dela. É isso, o nome, Williams. É curioso como as coisas nos vêm à idéia, quando começamos a falar nelas.

— Sim, é um fato. Agora deu um mergulho, não é verdade, um mergulho no passado? Revive as cenas... as palavras que as pessoas disseram, os gestos, as expressões dos seus rostos.

Meredith Blake disse, pausadamente:

— Num determinado sentido, é verdade... Mas há lacunas, sabe... Faltam grandes fragmentos. Lembro-me, por exemplo, do choque que tive quando soube, pela primeira vez, que o Amyas ia deixar a Caroline... mas não me recordo se foi ele quem mo disse ou se foi a Elsa. Lembro-me de discutir com a

Elsa acerca do assunto, quero dizer, de tentar mostrar-lhe que era uma coisa indecente. E ela limitou-se a rir-se na minha cara, daquele seu modo desprendido, e a dizer que eu era um bota-de-elástico. Bem, é possível que eu seja um bota-de-elástico, mas continuo a pensar que tinha razão. O Amyas tinha mulher e uma filha... era com elas que devia ficar.

— Mas Miss Greer considerava esse ponto de vista antiquado?

— Sim. Repare, há dezasseis anos, o divórcio não era aceito como uma coisa banal, como agora. Mas a Elsa era o gênero de rapariga que adorava ser moderna. Na sua opinião, quando duas pessoas não eram felizes juntas, era melhor que cada uma fosse à sua vida. Disse que o Amyas e a Caroline estavam constantemente pegados e que seria muito melhor para a filha não ser educada num ambiente de discórdia.

— E esse argumento não o impressionou?

Meredith Blake disse, pausadamente:

— Dava-me a sensação que ela não sabia realmente do que falava. Debitava essas coisas... coisas que tinha lido em livros ou ouvido da boca dos amigos... parecia um papagaio. Ela era... não será bonito dizê-lo... mas era algo patética. Tão jovem e tão presumida. — fez uma pausa — Há qualquer coisa na juventude, M. Poirot, que é... que pode ser... terrivelmente tocante.

Hercule Poirot disse, olhando-o com algum interesse:

— Sei muito bem o que quer dizer...

Falando mais consigo do que com Poirot, Blake continuou:

— Penso que foi, em parte, por isso que me atirei ao Crale. Ele era quase vinte anos mais velho do que a rapariga. Não parecia justo.

— Infelizmente, — murmurou Poirot — é raro que nos dêem ouvidos. Quando uma pessoa está determinada em seguir um caminho, não é fácil desviá-la dele.

— É bem verdade. — disse Meredith Blake. O seu tom deixava transparecer mais azedume. — A minha interferência não adiantou nada. Mas, por outro lado, eu não sou uma pessoa muito convincente. Nunca fui.

Poirot lançou-lhe um breve olhar de soslaio. Interpretou aquela ligeira acidez de tom como a insatisfação de um homem sensível perante a sua própria falta de personalidade. E reconheceu interiormente a verdade do que Blake acabara de dizer. Meredith Blake não era pessoa para persuadir quem quer que fosse a fazer ou a não fazer alguma coisa. As suas tentativas bem-intencionadas seriam sempre ignoradas em geral, com indulgência, sem rancor, mas definitivamente ignoradas. Não teriam qualquer peso. Na essência, ele era um homem ineficaz.

Transmitindo a impressão de mudar de um assunto penoso, Poirot disse:

— Continua a ter o seu laboratório de remédios e estimulantes?

— Não.

A palavra foi proferida abruptamente; com uma rapidez quase angustiante, Meredith Blake disse, a expressão inflamada:

— Abandonei tudo... desmantelei-o. Não podia continuar com ele... como era possível?... depois do que tinha acontecido. É que podia bem dizer-se que tinha sido tudo por culpa *minha*, compreende.

— Não, não, Mr. Blake, o senhor é demasiado sensível.

— Não compreende? Se eu não tivesse cultivado aquelas malditas drogas. Se não tivesse chamado a atenção para elas, se não me tivesse vangloriado, obrigado as pessoas a ouvirem-me discorrer sobre elas, naquela tarde? Mas nunca imaginei... nunca me passou pela cabeça... como fui capaz?

— Sim, na verdade.

— Mas continuei a arengar sobre elas. Orgulhoso dos meus insignificantes conhecimentos. Cego, tonto presumido. Mencionei aquela maldita conina. Cheguei mesmo, na minha tontice, a levá-los à biblioteca e a ler-lhes a passagem de Fédon que descreve a morte de Sócrates. Um belo texto, sempre o admirei. Mas nunca mais deixou de me perseguir.

— Encontraram impressões digitais no frasco de conina? — perguntou Poirot.

— As dela.

— De Caroline Crale?

— Sim.

— As suas não?

— Não. É que eu não manuseei o frasco. Limitei-me a indicá-lo.

— Mas decerto que também o tinha manuseado.

— Sim, claro, mas de vez em quando limpava o pó aos frascos... não autorizava os criados a entrarem ali, naturalmente... e tinha-o feito cerca de quatro ou cinco dias antes.

— Mantinha o laboratório fechado à chave?

— Permanentemente.

— Quando é que a Caroline Crale tirou a conina do frasco?

Meredith Blake respondeu com relutância:

— Ela foi a última a sair. Lembro-me de ter chamado por ela e ela apareceu, um pouco esbaforida. Tinha as faces ligeiramente coradas, e os olhos arregalados e brilhantes. Oh, meu Deus, parece que estou a vê-la agora.

— Conversou com ela durante essa tarde? — perguntou Poirot — Quero dizer, discutiu a situação entre ela e o marido?

Blake disse, pausadamente, num tom de voz baixo:

— Não diretamente. Ela parecia, como lhe disse, muito transtornada. A certa altura, quando estávamos mais ou menos sozinhos, disse-lhe: «Passa-se alguma coisa, minha querida?». Ela respondeu: «Passa-se tudo...». Só queria que tivesse ouvido o desespero na sua voz. Aquelas palavras eram a verdade literal e absoluta. Não havia volta a dar-lhe... o Amyas Crale era o mundo da Caroline. Disse ela: «Perdi tudo... tudo acabou. Eu estou acabada, Meredith». E, a seguir, riu-se, virou-se para os outros e, subitamente, ficou excitadíssima e alegre, de um modo artificial.

Hercule Poirot acenou com a cabeça, lentamente. A sua postura lembrava a de um mandarim de porcelana.

— Sim, compreendo... foi então assim... — disse ele.

Meredith Blake deu um murro inesperado com o punho. A sua voz subiu de volume, quase se transformando num grito:

— E digo-lhe uma coisa, M. Poirot, quando a Caroline Crale disse no julgamento que tinha levado o veneno, juro que estava a dizer a verdade! Nessa altura, não alimentava qualquer ideia de assassínio. Garanto-lhe que não. Isso surgiu depois.

— Tem a certeza de que surgiu *realmente* depois? — perguntou Hercule Poirot.

Blake olhou-o fixamente e disse:

— Pode repetir? Não estou a compreender...

— Pergunto-lhe se tem a certeza de que a ideia de assassínio chegou realmente a surgir. — disse Poirot — Está absolutamente convencido, na sua mente, de que Caroline Crale cometeu homicídio deliberado?

Meredith Blake pareceu ter dificuldade em respirar.

— Mas se não... se não... está a sugerir um... enfim, um acidente qualquer?

— Não necessariamente.

— Que ideia extraordinária!

— Será? O senhor disse que a Caroline Crale era uma criatura meiga. As criaturas meigas cometem assassínios?

— Era uma criatura meiga... mas, seja como for... bem, as brigas entre eles eram muito violentas, sabe.

— Então, não era uma criatura assim tão meiga?

— Não, *era*... oh, são coisas muito difíceis de explicar.

— Estou a tentar compreender.

— A Caroline não tinha papas na língua... tinha um modo veemente de falar. Era capaz de dizer «Odeio-te. Quem me dera que morresses». Mas não significava nada... não implicava qualquer... *acão*.

— Então, na sua opinião, era completamente atípico de Mrs. Crale cometer um assassínio?

— Tem uma forma extraordinária de colocar as questões, M. Poirot. A única coisa que posso dizer... é que sim, parece-me atípico dela. A única

explicação que me ocorre é que a provocação foi num grau extremo. Ela adorava o marido. Nessas circunstâncias, uma mulher é capaz... enfim... de matar.

Poirot aquiesceu.

— Sim, estou de acordo...

— De início, fiquei perplexo. Achava que não *podia* ser verdade. E não foi... se é que me está a entender... não foi a verdadeira Caroline quem fez aquilo.

— Mas tem a certeza absoluta de que... no sentido legal... a Caroline Crale cometeu o ato?

Mais uma vez, Meredith Blake olhou-o fixamente.

— Meu caro, se não foi ela...

— Bem, e se não foi ela?

— Não sou capaz de imaginar qualquer solução alternativa. Acidente? Impossível, de certeza.

— Diria que totalmente impossível.

— E não consigo acreditar na teoria do suicídio. Tinha de ser trazida a lume, mas não convenceu ninguém que tivesse conhecido o Crale.

— Precisamente.

— Então que fica? — perguntou Meredith Blake.

Poirot disse friamente:

— Fica a possibilidade de Amyas Crale ter sido assassinado por outra pessoa.

— Mas isso é absurdo!

— Acha?

— Tenho a certeza. Quem havia de querer matá-lo? Quem podia tê-lo matado?

— O senhor está em melhor posição para saber do que eu.

— Não pode seriamente acreditar...

— Talvez não. Mas interessa-me examinar a possibilidade. Pondere sobre ela seriamente. Dê-me a sua opinião.

Meredith ficou a olhá-lo, por uns momentos, baixando, em seguida, os olhos. Decorridos alguns instantes, abanou a cabeça e disse:

— Não consigo imaginar *nenhuma* alternativa possível. Bem gostaria de imaginar. Se houvesse motivo para suspeitar de outra pessoa, seria o primeiro a acreditar na inocência da Caroline. Mas quem mais poderia ser? Quem mais lá estava? O Philip? Era o melhor amigo de Crale. A Elsa? Ridículo. Eu próprio? Tenho ar de assassino? Uma preceptora respeitável? Dois criados antigos e dedicados? Talvez queira sugerir que a rapariga, a Angela, o fez? Não, M. Poirot, *não* existe alternativa. *Ninguém* podia ter assassinado o Amyas Crale, a não ser a mulher. Mas foi ele que a levou a isso. Suponho que, de algum modo, acabou por ser suicídio.

— Querendo dizer que ele morreu em resultado das suas próprias ações e não pela sua mão?

— Sim, é um ponto de vista rebuscado, talvez. Mas... bem... causa e efeito, compreende?

— Já alguma vez pensou, Mr. Blake, — perguntou Hercule Poirot — que o motivo dum crime pode quase sempre determinar-se através da análise da pessoa assassinada?

— Nunca tinha propriamente... mas sim, suponho que compreendo onde quer chegar.

— Enquanto não soubermos exatamente *que tipo de pessoa era a vítima*, — disse Poirot, não podemos sequer entrever com clareza as circunstâncias dum crime. — e acrescentou: — É isso que eu procuro... É o que o senhor e o seu irmão me ajudarem a obter... uma reconstituição do homem Amyas Crale.

Meredith Blake ignorou a ideia principal contida no comentário. A sua atenção recaiu numa única palavra.

— O Philip? — perguntou imediatamente.

— Sim.

— Também falou com ele?

— Com certeza.

Meredith Blake disse, bruscamente:

— Devia ter vindo falar comigo primeiro.

Sorrindo levemente, Poirot esboçou um gesto de deferência.

— Segundo as leis de primogenitura, assim é. — disse — Sei perfeitamente que o senhor é o mais velho. Mas deve compreender que, vivendo o seu irmão próximo de Londres, foi mais fácil visitá-lo em primeiro lugar.

Meredith Blake continuava com uma expressão carrancuda. Puxou, inquieto, pelo lábio.

— Devia ter vindo falar comigo primeiro. — repetiu.

Desta vez, Poirot não respondeu. Esperou. Meredith não demorou a retomar o fio à conversa:

— O Philip — disse — é parcial?

— É?

— Para ser franco, é um poço de parcialidade... sempre foi. — lançou um olhar breve e inquieto a Poirot. — Deve ter tentado virá-lo contra a Caroline.

— Tem assim tanta importância, passado tanto tempo?

Meredith Blake suspirou profundamente.

— Eu sei. Às vezes esqueço-me que já passou tanto tempo... que tudo acabou. A Caroline já não pode ser molestada. Mas, mesmo assim, não queria que ficasse com uma impressão errada.

— E acha que o seu irmão poderá ter-me dado uma impressão errada?

— Sinceramente, acho. É que... compreende... houve sempre um certo... como hei-de dizer?... antagonismo entre ele e a Caroline.

— Porquê?

A pergunta pareceu irritar Blake, que disse:

— Porquê? Eu é que sei *porquê*? Estas coisas acontecem. O Philip criticava-a sempre que podia. Ficou aborrecido, creio eu, quando o Amyas casou com ela. Apesar do Amyas ser

praticamente o seu melhor amigo. Suponho que a razão era essa. Achava que nenhuma mulher estava à altura dele. E provavelmente considerava que a influência da Caroline arruinaria a amizade entre ambos.

— E arruinou?

— Não, claro que não. O Amyas continuou sempre muito ligado ao Philip.- até ao fim. Estava sempre a meter-se com ele, por ser um sovina e por

estar a constituir uma empresa e por ser, em geral, um filisteu. O Philip não ligava. Limitava-se a sorrir e a dizer que era bom para o Amyas ter um amigo respeitável.

— Como reagiu o seu irmão ao caso com Elsa Greer?

— Sabe, tenho grandes dificuldades em dizer-lhe. A sua atitude não era realmente fácil de definir. Ficou aborrecido, julgo, com o fato de o Amyas andar a fazer figura de parvo com a rapariga. Disse, mais do que uma vez, que não ia resultar e que o Amyas viria a arrepender-se amargamente. Ao mesmo tempo, tenho a sensação... sim, tenho definitivamente a sensação de que ficou vagamente satisfeito por ver a Caroline humilhada.

— Foi isso realmente o que ele sentiu? — perguntou Poirot, franzindo o sobrolho.

— Bem, não me interprete mal. Não pretendo dizer mais do que isso, que julgo que tinha esse sentimento de algum modo latente. Não sei se ele próprio alguma vez se deu conta dele. Eu e o Philip não temos muito em comum, mas existe um laço, compreende, entre pessoas do mesmo sangue. Muitas vezes, um irmão sabe o que vai na cabeça do outro.

— E depois da tragédia?

Meredith Blake abanou a cabeça. Perpassou-lhe o rosto um espasmo de dor.

— Pobre Phil. — disse — Ficou terrivelmente abalado. Destroçado. Era muito amigo do Amyas, compreende? Creio que havia um elemento de idolatria na relação. O Amyas Crale tinha a mesma idade que eu. O Philip era dois anos mais novo. E sempre admirou o Amyas. Sim.. foi um golpe enorme para ele. Ficou... ficou profundamente ressentido com a Caroline.

— Então, pelo menos ele não teve qualquer dúvida?

— Nenhum de nós teve qualquer dúvida. — respondeu Meredith Blak.

Instalou-se um silêncio. Quando Blake falou, o seu tom denotava a tristeza irritável de um homem fraco.

— Estava tudo acabado... esquecido, e agora veio o *senhor.*, desenterrar tudo...

— Eu não. Caroline Crale.

Meredith olhou-o fixamente.

— A *Caroline*? Que pretende dizer?

— A segunda Caroline Crale. — disse Poirot, observando-o.

A expressão de Meredith abrandou.

— Sim, pois, a criança. A pequena Carla. Eu... por um momento, interpretei-o mal.

— Pensou que me referia à Caroline Crale original? Pensou que seria ela quem não... como hei-de dizer?... quem não teria descanso na sepultura?

— Cale-se, homem. — disse Meredith Blake, estremecendo.

— Sabe que ela escreveu à filha... as últimas palavras que escreveu... dizendo que estava inocente?

Meredith olhou-o intensamente. Num tom de absoluta incredulidade, perguntou

— A Caroline escreveu isso?

— Escreveu. — Poirot fez uma pausa e acrescentou: — Surpreende-o?

— Surpreendê-lo-ia a si, se a tivesse visto no tribunal. Uma criatura infeliz, apossada, indefesa. Tinha desistido de lutar.

— Uma derrotista?

— Não, não. Não foi isso. Penso que foi antes a consciência de que tinha morto o homem que amava... pelo menos, foi o que eu pensei.

— E agora não tem a certeza?

— Escrever uma coisa dessas. solenemente... às portas da morte.

— Uma mentira piedosa, talvez. — sugeriu Poirot.

— Talvez. — mas Meredith estava vacilante — Mas não é... não diz com a Caroline..

Hercule Poirot assentiu. Carla Lemarchant havia dito o mesmo. Carla não possuía mais do que a memória obstinada de uma criança Mas Meredith Blake tinha conhecido bem Caroline. Era a primeira confirmação que Poirot obtinha de que a convicção de Carla inspirava confiança.

Meredith Blake olhou-o e disse pausadamente:

— Se... *se* a Caroline estava inocente... porquê, é tudo uma loucura! Não vejo... qualquer outra solução possível... — voltando-se abruptamente para Poirot: — E o senhor? Qual é a sua opinião?

Fez-se um silêncio.

— Por enquanto, — disse, por fim, Poirot — não tenho opinião. Limito-me a recolher impressões. O perfil de Caroline Crale. O perfil de Amyas Crale. O perfil das restantes pessoas presentes na altura. O que aconteceu ao certo nesses dois dias. *É isso* que pretendo. Passar todos os fatos em revista, meticulosamente, um a um. O seu irmão vai dar-me uma ajuda nesse capítulo. Vai enviar-me um relato dos acontecimentos, tal como os recorda.

Meredith Blake disse, bruscamente:

— Não há-de ir muito longe com isso. O Philip é um homem ocupado. Esquece as coisas, assim que elas passam e não exigem mais a sua atenção. Provavelmente vai lembrar-se de tudo ao contrário.

— Haverá lacunas certamente. Tenho consciência disso.

— Ouça... — Meredith calou-se bruscamente, continuando em seguida, com um leve rubor nas faces. — Se quiser, posso fazer o mesmo. Quer dizer, seria uma forma de comparar versões, não acha?

Poirot retorquiu, calorosamente:

— Seria extremamente útil. Uma ideia de primeira qualidade!

— Exatamente. Assim farei. Tenho algures uns diários antigos. Mas atenção... — riu, embaraçado — não tenho muito jeito para a linguagem literária. A minha ortografia não é perfeita. Não... não vai alimentar muitas expectativas, espero.

— Ah, não é o estilo que me preocupa. Apenas uma narrativa de tudo aquilo de que conseguir lembrar-se. O que as pessoas disseram, que aspecto tinham... simplesmente o que se passou. Não faz mal, se não lhe parecer relevante. Tudo contribui para estabelecer um ambiente, por assim dizer.

— Sim, estou a ver. Deve ser difícil visualizar pessoas e lugares que nunca se viu.

Poirot fez um gesto de concordância.

— Há uma outra coisa que queria pedir-lhe. Alderbury é a propriedade contígua a esta, não é verdade? Seria possível lá ir... ver com os meus próprios olhos onde se deu a tragédia?

— Posso levá-lo lá imediatamente. — disse, pausadamente, Meredith Blake — Mas é claro que está muito mudada.

— Não foi reconstruída?

— Não, graças a Deus... não está assim tão mudada. Mas agora é uma espécie de residencial... foi uma empresa qualquer que a adquiriu. No Verão, é ocupada por hordas de gente nova e, naturalmente, as divisões foram reduzidas e divididas em cubículos e os jardins foram bastante modificados.

— Deve reconstituí-la na sua exposição, para me ajudar.

— Farei os possíveis. Gostava que a tivesse conhecido nos velhos tempos. Era uma das propriedades mais bonitas que conheço.

Indicou o caminho através da porta envidraçada e começou a descer um declive relvado.

— Quem foi responsável pela venda?

— Os executores testamentários, em nome da filha. Ela herdou todos os bens de Crale. Como ele não deixou testamento, imagino que seria automaticamente dividida entre a mulher e a filha. A Caroline deixou também em testamento tudo o que tinha à filha.

— Nada à meia-irmã?

— A Angela tinha algum dinheiro seu que o pai lhe tinha deixado.

— Compreendo. — anuiu Poirot. Em seguida, proferiu uma exclamação: — Mas aonde é que me está a levar? Estou a ver ali a praia à nossa frente!

— Ah, tenho de lhe explicar a nossa geografia. Vai já ver. Há um riacho, Camel Creek, é o nome, que corre para o interior... parece quase um estuário, mas não é... é simplesmente o mar. Para chegar a Alderbury por terra, é necessário ir até ao interior e contornar o riacho, mas o caminho mais curto de uma casa à outra é atravessar de barco esta parte estreita do riacho. Alderbury fica imediatamente do outro lado... além, pode ver a casa por entre as árvores. Antigamente, íamos sempre por aqui. — explicou Meredith — Salvo se houvesse

uma tempestade, claro, ou se estivesse a chover... aí íamos de carro. Mas o trajeto em volta é de quase cinco quilômetros. — fez deslizar habilidosamente o barco ao longo de um cais de pedra do outro lado. Lançou um olhar depreciativo a um grupo de cabanas de madeira e superfícies de betão. — Isto é tudo novo. Costumava ser uma casa de barcos... um sítio a cair de velho... nada mais. E uma pessoa tinha de caminhar pela beira-mar e tomava banho junto daquelas rochas ali. — ajudou o seu convidado a desembarcar, amarrou o barco e foi à frente subindo por um caminho íngreme. — Acho que não nos vamos cruzar com ninguém — disse, por cima do ombro — Em Abril, está deserto, à exceção da Páscoa. Não faz mal se nos cruzarmos. Mantenho boas relações com os meus vizinhos. Está um dia de sol magnífico. Parece Verão. Aquele dia, estava também estupendo. Mais como Julho do que Setembro. Um sol brilhante... mas um vento frio.

O caminho emergiu das árvores, contornando um afloramento rochoso. Meredith apontou com a mão.

— Ali fica o chamado jardim da Bateria. Estamos mais ou menos por baixo... vamos contorná-lo.

Embrenharam-se novamente nas árvores e, em seguida, o caminho descreveu outra curva apertada e eles emergiram junto a uma porta instalada num muro alto. O caminho continuava a subir em ziguezague, mas Meredith abriu a porta e os dois homens passaram.

Por um momento, Poirot, vindo da sombra, ficou encandeado. O jardim da Bateria era um terraço artificialmente criado, com parapeitos onde assentavam canhões. Dava a impressão de estar suspenso sobre o mar. De um lado havia árvores, mas do lado do mar não havia nada, a não ser a água deslumbrantemente azul em baixo.

— Um lugar atraente. — disse Meredith. — fez um sinal desdenhoso de cabeça na direção de uma espécie de pavilhão posicionado contra o muro do fundo — Aquilo não estava ali, evidentemente... apenas uma casinhota degradada onde o Amyas guardava os materiais de pintura, umas garrafas de cerveja e algumas cadeiras de praia. Nesse tempo, também não estava revestido a

betão. Havia um banco e uma mesa... de ferro pintado. Era tudo. Ainda assim, não está muito alterado.

O tom da sua voz denotava insegurança. Poirot disse:

— E foi aqui que aconteceu?

Meredith anuiu.

— O banco estava ali... contra a casinhota. Ele estava estendido nele. Por vezes, quando estava a pintar, costumava estender-se ali... sentava-se simplesmente *e* ficava a olhar o vazio... e, depois, de repente, levantava-se um salto *e* começava a encher a tela de tinta, como um louco. — fez uma pausa — Foi por isso, sabe, que ele parecia... quase natural. Como se estivesse a dormir... como se se tivesse deixado adormecer. Mas tinha os olhos abertos *e* o corpo... tinha-se tornado rígido. O veneno provoca uma espécie de paralisia, sabe. Não se sente dor... eu... sempre me consolou a ideia de que...

Poirot fez uma pergunta cuja resposta já conhecia.

— Quem o encontrou?

— Foi ela. A Caroline. Depois do almoço. Eu e a Elsa fomos os últimos a vê-lo com vida, suponho. Devia estar a começar a sentir os efeitos nesse momento. Tinha um ar... esquisito. Prefiro não falar no assunto. Vou pôr tudo por escrito. É menos penoso.

Voltou-se abruptamente *e* saiu do jardim. Poirot seguiu-o, sem falar. Os dois homens subiram o caminho em ziguezague. A um nível mais alto, em relação ao jardim da Bateria, havia outro pequeno terraço. Estava à sombra das árvores e tinha um banco e uma mesa.

— Não mudaram muito isto. — disse Meredith — Mas o banco não era uma imitação do rústico, mas um objeto em ferro pintado. Um pouco duro para se estar sentado, mas a vista era uma beleza.

Poirot concordou. Através de uma abertura nas árvores, podia ver-se o jardim da Bateria em baixo até ao estuário do riacho.

— Estive aqui sentado durante parte da manhã. — explicou Meredith — As árvores não estavam tão crescidas na altura. Podia-se ver claramente as ameias do jardim. Era onde a Elsa estava a posar, compreende. Sentada numa

delas com a *cabeça* voltada de lado. — Os seus ombros tremeram ligeiramente — As árvores crescem mais depressa do que se pensa — murmurou — Enfim, devo estar a ficar velho. Venha daí até à casa.

Continuaram pelo caminho até este emergir junto da casa. Via-se que esta tinha sido uma esplêndida casa antiga, em estilo georgiano. Tinha agora extensões e, num relvado verde ao lado, tinham sido instaladas cerca *de* cinquenta pequenas barracas de praia.

— Os rapazes dormem aí e as raparigas na casa. — explicou Meredith — Julgo que não há aqui nada que lhe interesse. Todas as divisões foram subdivididas. Aqui, costumava haver um pequeno pavilhão de verão. Esta gente construiu uma galeria. Enfim, suponho que se divertem nas férias. Não se pode manter tudo como antes... é uma pena. — voltou-se, abruptamente — Vamos descer por outro caminho. Começa... começa tudo a vir-me novamente à memória, sabe. Fantasmas. Fantasmas por todo o lado.

Regressaram ao cais por um percurso mais longo *e* mais convoluto. Nenhum deles falou. Poirot mostrou-se respeitoso para com o estado de espírito do seu companheiro.

Quando chegaram a Handcross Manor, Meredith Blake disse inesperadamente:

— Comprei aquele quadro, sabe. O que o Amyas estava a pintar. Não fui capaz de suportar a ideia de ele ser vendido por... bem... por causa da publicidade... de ser admirado por uma série de gente insensível, a pensar o pior. O Amyas disse que era a melhor coisa que já tinha pintado. Não me admirava nada se ele tivesse *razão*. Estava praticamente acabado. Ele só queria trabalhar nele mais um ou dois dias. Gostaria... gostaria de vê-lo?

— Com certeza! — respondeu imediatamente Hercule Poirot.

Blake indicou o caminho através do corredor e tirou uma chave do bolso. Abriu uma porta e entraram para uma sala razoavelmente grande, cheirando a pó. As portadas das janelas estavam fechadas. Blake abriu-as e, em seguida, com alguma dificuldade, subiu a vidraça de uma janela e uma lufada de fragrante ar primaveril invadiu a sala.

— Assim está melhor. — disse Meredith.

Permaneceu junto da janela a respirar o ar e Poirot aproximou-se. Não era necessário perguntar o que a sala fora noutros tempos. As prateleiras estavam vazias, mas ainda continham as marcas dos frascos. Contra uma das paredes, encontrava-se um aparelho químico deteriorado e uma pia. A sala estava coberta de pó.

Meredith Blake olhava através da janela.

— Vem tudo à memória facilmente. — disse — Aqui, a inalar o odor do jasmim... e a conversar, a conversar... como um idiota... sobre as minhas preciosas poções e essências!

Distraidamente, Poirot estendeu uma mão através da janela. Arrancou um tufo de folhas de jasmim que estavam quase a separar-se do caule lenhoso.

Meredith Blake atravessou resolutamente a sala. Na parede, encontrava-se um quadro tapado com um lençol, a fim de protegê-lo do pó, que ele arrancou com um puxão.

Poirot susteve a respiração. Até ao momento, tinha visto quatro pinturas de Amyas Crale: duas na Tate, outra num galerista londrino, e a quarta era a natureza-morta com rosas. Mas agora estava diante do que o próprio artista tinha considerado o seu melhor quadro, e Poirot compreendeu imediatamente que o homem tinha sido um artista soberbo.

A pintura possuía um verniz antigo superficial. À primeira vista, poderia ser um *cartaz*, pela *crueza* aparente dos contrastes. Uma rapariga, uma rapariga com uma blusa amarelo-canário e calças soltas azuis-escuras, sentada num muro cinzento, à luz do sol, contra um fundo de mar violentamente azul. Exatamente o tema indicado para um *cartaz*.

Mas a primeira aparência era enganadora; havia uma subtil distorção uma fulgência e claridade admiráveis na luz. E a rapariga...

Sim, estava impregnada de vida. Tudo quanto existia, tudo quanto podia existir de vida, de juventude, de simples vitalidade explosiva. O rosto era vivo e os olhos...

Tanta vida! Tanta juventude arrebatada! Foi isto então que Amyas Crale viu em Elsa Greer, o que o tornou cego e surdo à doce criatura que era a sua mulher. Elsa era a vida. Elsa era a juventude.

Uma criatura soberba, esbelta, esguia, arrogante, a cabeça voltada, os olhos insolentes de triunfo. Olhando-nos, vigiando-nos... esperando...

Hercule Poirot abriu os braços e disse:

— É um magnífico... sim, é magnífico...

Meredith Blake disse, a voz embargada pela emoção:

— Ela era tão jovem...

Poirot anuiu, pensando consigo mesmo: «Que querem dizer as pessoas, em geral, com isso? *Tão jovem*. Uma coisa inocente, fascinante, desamparada. Mas a juventude não é assim! A juventude é crua, forte, poderosa... sim, e desapiadada! E uma coisa mais... a juventude é vulnerável».

Seguiu o seu anfitrião até à porta. Agora, sentia um interesse mais premente por Elsa Greer, que planeava visitar em seguida. Que teria feito o tempo àquela rapariga apaixonada, triunfante e crua?

Voltou-se para olhar para o quadro.

Aqueles olhos, vigiando-o, vigiando-o... Dizendo-lhe qualquer coisa.

E se não fosse capaz de entender o que lhe diziam? Seria a verdadeira mulher capaz de lho dizer? Ou diziam aqueles olhos algo que a mulher verdadeira desconhecia?

Uma tal arrogância, uma premonição tão triunfante.

E então a Morte tinha interferido e arrebatado a presa daquelas jovens mãos ávidas e firmes...

E a luz tinha abandonado aqueles olhos apaixonadamente premonitórios. Como seriam agora os olhos de Elsa Greer?

Saiu da sala, olhando uma última vez e pensando: «Ela tinha vida a mais».

Sentiu-se um pouco assustado...

## CAPÍTULO VIII - ESTE PORQUINHO COMEU ROSBIFE

A casa em Brook Street tinha tulipas Darwin nas floreiras das janelas. No átrio de entrada, proveniente de uma enorme jarra de lilases brancos, circulava uma aragem fragrante em direção à porta aberta.

Um mordomo de meia-idade pegou no chapéu e na bengala de Poirot. Surgiu um criado de libré que os levou e o mordomo murmurou deferentemente:

— Importa-se de me acompanhar, excelência?

Poirot seguiu-o pelo corredor, descendo três degraus. Abriu-se uma porta e o mordomo anunciou o seu nome, pronunciando todas as sílabas corretamente.

Em seguida, a porta fechou-se nas suas costas e um homem alto e magro levantou-se de uma poltrona junto à lareira e avançou na sua direção.

Lord Dittisham era um homem de trinta e muitos anos. Não só era Par do Reino, como era igualmente poeta. Dois dos seus fantasiosos dramas poéticos tinham sido levados à cena, a custos astronômicos, tendo sido bem recebidos pela crítica. Tinha uma fronte proeminente, um queixo que denotava impaciência e os olhos e boca surpreendentemente atraentes.

— Sente-se, M. Poirot. — disse.

Poirot sentou-se e aceitou um cigarro do seu anfitrião. Lord Dittisham fechou a caixa, riscou um fósforo e estendeu-o a Poirot para que este acendesse o cigarro, sentando-se então e olhando pensativamente para o seu visitante.

— Veio falar com a minha mulher, não é assim? — perguntou.

— Lady Dittisham teve a amabilidade de me conceder uma entrevista. — respondeu Poirot.

— Sim.

Fez-se uma pausa. Poirot arriscou comentar:

— Espero que não objecte, Lord Dittisham.

O rosto magro e sonhador transformou-se com um sorriso brusco breve.

— Hoje em dia, as objeções dos maridos nunca são levadas a sério, M Poirot.

— Não objecta então?

— Não. Não posso dizer que objecte. Mas estou, devo confessar, um pouco receoso do efeito que poderá ter sobre a minha mulher. Deixe-me falar com franqueza. Há muitos anos, quando era ainda jovem, a minha mulher passou por um terrível sofrimento. Espero que tenha recuperado desse choque. Acredito que já o esqueceu. Agora o senhor aparece e as suas perguntas vão necessariamente acordar essas recordações do passado.

— É lamentável, — disse Hercule Poirot, delicadamente.

— Não sei muito bem qual possa ser o resultado.

— Apenas lhe posso garantir, Lord Dittisham, que serei o mais discreto possível e que farei tudo para não afligir Lady Dittisham. É, estou certo, uma pessoa de temperamento delicado e nervoso.

Subitamente e de forma inesperada, Lord Dittisham desatou a rir.

— A Elsa? A Elsa é uma mulher resistente! — disse.

— Então... — Poirot fez uma interrupção diplomática. A situação intrigava-o.

Lord Dittisham esclareceu:

— A minha mulher é capaz de aguentar todos os choques. Sabe por acaso por que razão ela aceitou falar consigo?

Poirot respondeu placidamente:

— Curiosidade?

A expressão do olhar do outro homem traiu uma espécie de respeito.

— Ah, apercebeu-se disso?

— É inevitável. — disse Poirot — As mulheres nunca recusam falar com um detetive privado! Os homens, por outro lado, mandá-lo-ão para o diabo.

— Há mulheres capazes de mandá-lo para o diabo também.

— Depois de falarem com ele, antes não.

— Talvez. — Lord Dittisham fez uma pausa — Qual é a ideia que preside a esse livro?

Hercule Poirot encolheu os ombros.

— Ressuscitam-se as velhas melodias, os velhos dramas, os velhos fatos. Também se ressuscitam os velhos assassínios.

— Ora! — comentou Lord Dittisham.

— Ora! Como queira. Mas não é com «oras» que vai mudar a natureza humana. O assassinio é um drama. A raça humana sente um desejo compulsivo de dramas.

Lord Dittisham murmurou:

— Eu sei... eu sei...

— Como vê, — disse Poirot — o livro vai ser escrito. O meu papel é garantir que não haja imprecisões gritantes nem deturpações dos fatos conhecidos.

— Quer-me parecer que os fatos são do domínio público.

— Sim, mas não a sua interpretação.

Dittisham disse, incisivamente:

— Que quer dizer exatamente com isso, M. Poirot?

— Meu caro Lord Dittisham, há muitas formas de considerar, digamos, um fato histórico. Repare neste exemplo: escreveram-se muitos livros sobre Mary, Rainha da Escócia, que a retratam como uma mártir, como uma mulher devassa e sem escrúpulos, como uma santa fraca de espírito, como uma assassina e uma intriguista ou ainda como uma vítima das circunstâncias e do destino! Não falta por onde escolher.

— E neste caso? Crale foi assassinado pela mulher... é um fato, naturalmente, inquestionável. No julgamento, a minha mulher foi, na minha opinião, alvo de calúnias imerecidas. No fim, teve de ser levada do tribunal às escondidas. A opinião pública demonstrou uma grande hostilidade para com ela.

— Os Ingleses, — disse Poirot — são um povo muito moral.

— Diabos os levem, sem dúvida que são! — disse Lord Dittisham, acrescentando, com o olhar fixo em Poirot: — E o senhor?

— Eu? — respondeu Poirot — Eu vivo uma vida muito moral. O que não equivale a ter ideias morais.

Lord Dittisham disse:

— Por vezes, pergunto-me como seria realmente essa Mrs. Crale. Toda essa história da mulher ferida... dá-me a sensação de que havia qualquer coisa por *detrás* disso.

— É possível que a sua mulher saiba. — concordou Poirot.

— A minha mulher nunca, nem uma vez, falou do caso. — disse Lord Dittisham.

Poirot olhou-o com interesse acrescido e disse:

— Ah, começo a entender...

— A entender o quê? — interrompeu o outro, abruptamente.

Poirot replicou, com uma vênia:

— A imaginação criativa do poeta...

Lord Dittisham levantou-se e tocou à campainha, dizendo bruscamente-

— A minha mulher está à sua espera.

A porta abriu-se

— Chamou, excelência?

— Leva M. Poirot a Lady Dittisham.

Dois lances de escadas, os pés afundando-se no pêlo macio dos carpetes. Luzes discretas. Dinheiro, dinheiro por toda a parte. Quanto a bom gosto, nem por isso. A sala de Lord Dittisham denotava uma austeridade sombria. Mas aqui, na casa, apenas se entrevia uma pesada prodigalidade. O melhor. Não necessariamente o mais aparatoso nem o mais deslumbrante. Simplesmente um «não olhar a despesas» aliado a uma falta de imaginação.

Poirot disse com os seus botões: «Rosbife? Sim, rosbife!».

Não era ampla a sala em que o fizeram entrar. A grande sala de jantar ficava no primeiro andar. Esta era a sala de estar pessoal da dona da casa e a dona da casa estava encostada à lareira, quando Poirot foi anunciado e entrou.

Uma frase assaltou a sua mente agitada, recusando-se a abandoná-la. *Ela morreu nova...*

Foi com este pensamento que olhou para Elsa Dittisham, noutro tempo Elsa Greer.

Nunca a teria reconhecido pelo quadro que Meredith Blake lhe mostrara. Neste, a sua imagem era sobretudo uma imagem de juventude, de vitalidade. Na mulher à sua frente, não existia juventude; era possível que nunca tivesse existido juventude. E, no entanto, reparou, de uma forma que não tinha reparado no quadro de Crale, que Elsa era bela. Sim, era belíssima a mulher que avançava ao seu encontro. E, de modo nenhum, velha. Que era ela, afinal? Não teria agora mais de trinta e seis anos, se na altura da tragédia tinha vinte. O cabelo negro estava perfeitamente arranjado em torno da sua cabeça bem modelada, as suas feições eram quase clássicas, a sua maquiagem sofisticada.

Poirot sentiu uma angústia estranha. Talvez fosse culpa do velho Dr. Jonathan, quando falou de Julieta... Esta não era nenhuma Julieta - a não ser, talvez, que fosse possível imaginar Julieta como uma sobrevivente continuando a viver, privada de Romeu... Não era uma componente essencial da composição de Julieta que ela morresse nova?

Elsa Greer tinha ficado com vida...

Cumprimentou-o num tom de voz acromático e monótono.

— Estou muito interessada, M. Poirot. Sente-se e diga-me o que quer que eu faça.

Ele pensou: «Mas ela não está interessada. Não há nada que a interesse». Grandes olhos cinzentos - como lagos mortos. Poirot assumiu, como era seu hábito, uma postura declaradamente estrangeira.

— Sinto-me confuso, madame. — exclamou, verdadeiramente confuso.

— Oh, não, porquê?

— Porque me dou conta de que esta... esta reconstituição de um drama passado deve ser excessivamente penosa para a senhora!

Ela pareceu divertida. Sim, era divertimento. Divertimento absolutamente genuíno.

— Suponho que o meu marido lhe meteu essa idéia na cabeça. — disse — Falou consigo quando chegou. É claro que ele não compreende nada. Nunca compreendeu. Eu não sou, de maneira nenhuma, o gênero de pessoa sensível por quem ele me toma.

A sua voz continuava a denotar o tom divertido.

— O meu pai, sabe? — continuou — era operário numa fábrica. Foi subindo na carreira e fez fortuna. Quando se é vulnerável, não se conseguem coisas dessas. Eu sou como ele.

Poirot pensou consigo mesmo: «Sim, isso é verdade. Uma pessoa vulnerável não teria aceito ficar alojada em casa de Caroline Crale».

— Que pretende que eu faça? — perguntou Lady Dittisham.

— Tem a certeza, madame, de que recordar o passado não lhe vai ser penoso?

Ela ponderou durante um momento e, subitamente, ocorreu a Poirot que Lady Dittisham era uma mulher muito franca. Podia mentir por necessidade mas nunca por opção.

— Não, penoso não. — respondeu pausadamente Elsa Dittisham — Num certo sentido, gostava que fosse.

— Porquê?

— É tão estúpido nunca sentir nada... — disse ela, impacientemente. E Hercule Poirot pensou: «Sim, Elsa Greer está morta...».

— Seja como for, — Lady Dittisham disse em voz alta — a minha missão torna-se muito mais fácil.

— Que pretende saber? — perguntou ela, alegremente.

— Tem boa memória, madame?

— Razoavelmente boa, julgo.

— E tem a certeza de que não lhe é doloroso rever essa época em pormenor?

— Não é de forma nenhuma doloroso. As coisas são apenas dolorosas, quando estão a acontecer.

— Sim, eu sei que com algumas pessoas é esse o caso.

— É o que o Edward, o meu marido, não consegue compreender. — disse Lady Dittisham — Está convencido de que o julgamento e tudo o resto representaram um terrível sofrimento para mim.

— E não representaram?

— Não, até gostei. — respondeu Elsa Dittisham. A sua voz continha uma nota de comprazimento. Continuou: — Meu Deus, como aquele bruto do Depleach se atirou a mim. Um homem diabólico, acredite. Adorei dar-lhe luta. Mas ele não me vergou. — Olhou para Poirot com um sorriso — Espero não estar a destruir as suas ilusões. Eu era uma rapariga de vinte anos, devia estar ali prostrada, suponho... consumida pela vergonha ou coisa parecida. Mas não estava. Só queria uma coisa.

— O quê?

— Levá-la à forca, naturalmente. — disse Elsa Dittisham.

Ele reparou nas suas mãos, belas mãos, mas com unhas longas e dobradas. Mãos de predadora.

— Considera-me vingativa? — perguntou — E sou, sou vingativa em relação aos que me fizeram mal. Aquela mulher era, aos meus olhos, o gênero mais baixo de mulher que existe. Sabia que o Amyas gostava de mim... que ia deixá-la, e matou-o só para que ele nunca fosse meu. — olhou na direção de Poirot — Não acha que é uma grande maldade?

— Não compreende ou não tolera o ciúme?

— Não, creio que não. Quando se perde, perde-se. Quando não se é capaz de conservar um marido, é deixá-lo partir com elegância. É o sentido de posse que eu não compreendo.

— Talvez o tivesse compreendido, se se tivesse casado com ele.

— Não me parece. Nós não éramos... — subitamente, sorriu a Poirot. O sorriso era um pouco assustador, pensou ele. Era tão distante de qualquer sentimento real. — Quero que entenda bem isto — disse ela — Não pense que o Amyas Crale seduziu uma jovem rapariga inocente. As coisas não se passaram assim! Dos dois, fui eu a responsável. Conheci-o numa festa e apaixonei-me por ele... sabia que tinha de conquistá-lo...

Uma paródia... uma paródia grotesca, mas...

*E toda a minha sorte a teus pés deponho*

*E te seguirei, meu senhor, até ao fim do mundo...*

— Mesmo sendo ele casado?

— «Propriedade privada, entrada proibida»? É preciso mais do que uma tabuleta para nos afastar da realidade. Se ele era infeliz com a mulher e podia ser feliz comigo, porque não? Só se vive uma vida.

— Mas há quem diga que ele era feliz com a mulher.

Elsa abanou a cabeça.

— Não. Estavam constantemente a discutir. Ela dava-lhe cabo da cabeça, era... oh, era uma mulher horrível! — levantou-se e acendeu um cigarro — Provavelmente sou injusta para com ela — disse, com um leve sorriso — Mas penso *realmente* que era uma mulher detestável.

— Foi uma grande tragédia. — disse Poirot, pausadamente.

— Sim, foi uma grande tragédia. — voltou-se para ele subitamente, e algo na sua expressão exausta e monótona animou-se com um frêmito.

— Matou-me, compreende? Matou-me. Desde então, a minha vida tem sido um vácuo... um vácuo total. — a sua voz sumiu-se — Um vazio! — agitou as mãos impacientemente — Como um peixe embalsamado numa vitrine.

— Amyas Crale significava assim tanto para si?

Ela aquiesceu. Foi um ligeiro gesto de estranha confiança... curiosamente patético.

— Creio que sempre tive uma mente obsessiva, — disse numa sombria atitude meditativa — Creio que... realmente... uma pessoa devia espetar um punhal em si mesma... como Julieta. Mas... mas fazer isso é reconhecer que se perdeu... que a vida nos venceu.

— E em seu lugar?

— Tudo deve continuar... como antes... quando nos recompomos. Eu recompus-me, *sim*. Deixou de ter qualquer significado para mim. Decidi avançar para o que viesse a seguir.

— Sim, o que viesse a seguir. — Poirot viu as suas tentativas esforçadas para realizar essa firme determinação. Viu-a bela e rica, sedutora aos olhos dos homens, procurando com mãos gananciosas de predadora preencher uma vida vazia. Idolatria... um casamento com um aviador famoso... depois um explorador,

esse homem corpulento, Arnold Stevenson talvez não muito diferente fisicamente de Amyas Crale; um retorno às artes criativas: Dittisham!

Elsa Dittisham disse:

— Nunca fui hipócrita! Há um provérbio espanhol de que sempre gostei. *Deus diz: leva o que quiseres e paga.* Pois bem, foi o que eu fiz. Levei o que quis... mas sempre me dispus a pagar o preço.

— O que a senhora não compreende é que existem coisas que não podem ser compradas. — disse Hercule Poirot.

— Não me refiro simplesmente ao dinheiro. — disse ela, fitando-o.

— Não, não, compreendo a que se refere. — interpôs Poirot — Mas nem tudo na vida tem uma etiqueta, custa tanto. Há coisas que *não estão à venda*-

— Disparate!

Ele sorriu levemente. A voz de Elsa denotava a arrogância do operário fabril de sucesso que tinha ascendido ao panteão dos ricos.

Hercule Poirot sentiu invadi-lo uma onda de piedade. Olhou para o rosto intemporal, sem rugas, os olhos fatigados, e recordou a rapariga que Amyas Crale pintara...

— Fale-me desse livro. —pediu Elsa Dittisham — Qual é a finalidade? De quem foi a ideia?

— Ah, minha querida senhora, que outra finalidade existe senão pintar o passado com as cores do presente?

— Mas o *senhor* não é escritor?

— Não, sou um especialista em criminalidade.

— Quer dizer que o consultam sobre livros policiais?

— Nem sempre. Neste caso, fui contratado.

— Por quem?

— Vou examinar esta publicação, numa perspectiva... qual é o termo... crítica, a pedido de uma pessoa interessada.

— Que pessoa?

— Miss Carla Lemarchant.

— Quem é ela?

— É a filha de Amyas e Caroline Crale.

Elsa fitou-o por um momento, dizendo em seguida:

— Ah, claro, *havia* uma filha. Já me lembro. Suponho que é adulta agora.

— Sim, tem vinte e um anos.

— Como é? É alta e morena e bonita, julgo eu. E tem coragem e personalidade. Gostava de falar com ela. — disse Elsa, pensativamente.

— Talvez ela não queira falar com a senhora.

Elsa pareceu surpreendida.

— Porque não? Ah, compreendo. Mas que disparate! É impossível que ela recorde seja o que for. Não podia ter mais de seis anos.

— Sabe que a mãe foi condenada pelo assassinio do pai.

— E julga que a culpa é minha? É uma interpretação possível. — Elsa encolheu os ombros e disse: — Que estupidez! Se a Caroline se tivesse comportado como um ser humano razoável...

— Não aceita então qualquer responsabilidade?

— Porque havia de aceitar? Não tenho nada de que me envergonhe. Amava-o. Tê-lo-ia feito feliz. — Ohou para Poirot. A sua expressão desfez-se, e ele viu subitamente, de forma surpreendente, a rapariga do quadro. — Se conseguisse fazê-lo ver. — disse ela — Se pudesse ver com os meus olhos. Se soubesse...

Poirot inclinou-se para a frente.

— Mas foi isso que eu quis dizer. Compreende, Mr. Philip Blake, que estava presente na altura, vai escrever-me um relato minucioso de tudo o que aconteceu. Mr. Meredith Blake, a mesma coisa. Se a senhora...

Elsa Dittisham respirou fundo, dizendo com escárnio: — Esses dois! O Philip sempre foi estúpido. O Meredith andava sempre a toque de caixa atrás da Caroline... embora fosse um amor. Mas não vai ser pelos seus relatos que o senhor vai *realmente* compreender o que se passou.

Ele observou-a, viu a animação intensificar-se-lhe no olhar, viu uma mulher viva ganhar forma a partir de uma mulher morta. Ela disse, rapidamente e quase com ferocidade:

— Quer saber a *verdade*? Não para publicá-la. Para si...

— Comprometo-me a não publicar nada sem o seu consentimento.

— Gostava de pôr a verdade por escrito... — ficou em silêncio, durante alguns momentos, a pensar. Ele viu a dureza macia das suas faces ceder e assumir um contorno mais jovem, viu a vida insinuar-se nela à medida que o passado a reclamava. — Voltar atrás... escrever o que se passou... Mostrar-lhe como ela era... — os seus olhos faiscaram. O peito palpitou apaixonadamente. — Ela matou-o. Matou o Amyas. O Amyas que queria viver... que adorava a vida. O ódio não devia ser mais forte do que o amor... mas o ódio dela era. E o meu ódio por ela é... odeio-a... odeio-a... odeio-a... — aproximou-se dele, baixou-se, agarrando-lhe na manga e dizendo num tom insistente: — Tem de compreender... *tem* de compreender... o que sentíamos um pelo outro. Eu e o Amyas. Existe uma coisa... vou mostrar-lha.

Atravessou a sala como um furacão. Rodou a chave numa pequena escrivaninha, abrindo uma gaveta dissimulada dentro de um compartimento.

Quando voltou, trazia na mão uma carta amarrotada, com a tinta esbatida. Atirou-lha, trazendo à memória de Poirot a súbita recordação pungente de uma criança que conhecera que lhe tinha atirado um dos seus tesouros uma concha especial apanhada à beira-mar e zelosamente guardada. Da mesma forma, essa criança tinha recuado e ficado a observá-lo. Altiava, receosa, atentamente crítica da sua reação ao seu tesouro. Desdobrou as folhas desbotadas.

*Elsa - criança maravilhosa! Nunca houve nada tão belo. E, contudo, tenho medo - sou demasiado velho - um diabo feio e instável, de mau feitio, na meia-idade. Não confies em mim, não acredites em mim - não valho nada - à exceção do meu trabalho. É ele que revela o melhor de mim. Pronto, não digas que não foste avisada.*

*Com mil diabos, minha amada, serás minha, aconteça o que acontecer. Por ti, ia até ao fim do mundo e tu sabes. E hei-de pintar um quadro teu que fará*

*este mundo estúpido abrir a boca de pasmo! Sou louco por ti - não consigo dormir - não consigo comer. Elsa - Elsa - sou teu para sempre - teu até à morte.*  
Amyas.

Dezasseis anos. Tinta esbatida, papel amarrotado. Mas as palavras sempre vivas... sempre vibrantes...

Ele olhou para a mulher a quem tinham sido escritas. Mas já não era uma mulher que ele contemplava. Era uma jovem rapariga apaixonada.

Pensou mais uma vez em Julieta...

## CAPÍTULO IX - ESTE PORQUINHO NÃO COMEU NENHUM

— Posso perguntar a razão, M. Poirot?

Hercule Poirot ponderou a resposta à pergunta. Estava ciente de um par de olhos cinzentos perspicazes que o observavam de um pequeno rosto mirrado.

Tinha subido ao andar superior do modesto prédio e batido à porta do n.º dos Gillespie Buildings, edifícios destinados às mulheres trabalhadoras.

Neste exíguo espaço cúbico, residia Miss Cecilia Williams, numa sala que era simultaneamente quarto de dormir, sala de estar e de jantar e, através do uso criterioso de um bico de gás, cozinha; uma espécie de cubículo adjacente continha uma banheira de dimensão reduzida e a louça de casa de banho habitual.

Por mais pobre que fosse o ambiente, Miss Williams tinha-se esforçado por lhe imprimir o seu toque pessoal.

As paredes estavam pintadas de um cinza-claro austero, e havia várias reproduções suspensas nelas. Dante encontrando-se com Beatriz numa ponte e esse quadro que uma vez uma criança tinha descrito como uma «rapariga cega sentada numa laranja e chamado, não sei por que, *Esperança*». Havia ainda duas aguarelas de Veneza e uma cópia sépia da «Primavera» de ootticelli. Sobre a cómoda baixa encontrava-se uma grande quantidade de fotografias amarelcidas que, pelo estilo dos penteados, datavam, na sua maioria, de há vinte a trinta anos.

O tapete quadrado estava puído, a mobília estava estragada e era de má qualidade. Era claro, para Hercule Poirot, que Cecilia Williams vivia com

grandes dificuldades. Aqui não havia rosbife. Era o porquinho que não comeu nenhum.

Clara, incisiva e insistente, a voz de Miss Williams repetiu a pergunta.

— Quer as minhas recordações do processo Crale? Posso perguntar a razão?

Alguns dos amigos e associados de Hercule Poirot afirmaram que, nos momentos em que mais os enfurecia, ele preferia a mentira à verdade e que movia mundos e fundos para obter os seus fins através de falsas e elaboradas declarações, em lugar *de* confiar na simples verdade.

Mas, neste caso, tomou rapidamente uma decisão. Hercule Poirot não era oriundo dessa classe de crianças belgas ou francesas que tiveram uma preceptora inglesa, mas reagia com a mesma simplicidade e inevitabilidade dos muitos rapazinhos a quem perguntavam: «Já lavaste os dentes esta manhã, Harold (ou Richard ou Anthony)?». Considerando por um breve momento a possibilidade de mentir, rejeitavam-na de imediato e respondiam, humilhados: «Não, Miss Williams».

Porque Miss Williams possuía aquilo que qualquer educadora infantil deve possuir, essa qualidade misteriosa a autoridade! Quando Miss Williams dizia: «Vai lavar as mãos, Joan» ou «Espero que leias este capítulo sobre os poetas isabelinos e sejas capaz de responder às minhas perguntas», era invariavelmente obedecida. Nunca tinha passado pela cabeça de Miss Williams não ser obedecida.

Assim, nesta instância, Hercule Poirot não proferiu qualquer explicação plausível acerca de um livro que seria escrito sobre crimes passados. Preferiu simplesmente narrar as circunstâncias em que Carla Lemarchant solicitara os seus serviços.

A pequena senhora de idade, no seu vestido aseado e gasto, ouviu atentamente:

— Interessa-me muito saber notícias dessa criança, — disse — saber o que é feito dela.

— É uma jovem muito encantadora e atraente, com imensa coragem e idéias muito próprias.

— Ótimo — disse, secamente, Miss Williams.

— E é, se me é permitido dizê-lo, uma pessoa muito persistente. Não é pessoa que aceite facilmente uma evasiva ou uma recusa.

A ex-preceptora anuiu pensativamente. — Tem tendências artísticas? — perguntou.

— Julgo que não.

— Aí está uma boa coisa! — comentou, secamente, Miss Williams. O tom do comentário não deixou quaisquer dúvidas quanto ao ponto de vista de Miss Williams sobre os artistas — Pelo que diz dela, imagino que sai mais à mão do que ao pai. — acrescentou.

— É possível. A senhora é que poderá esclarecer-me quanto a isso quando a vir. Gostaria de vê-la?

— Gostaria muito de vê-la. É sempre interessante ver a evolução de uma criança que se conheceu.

— Suponho que era muito pequena quando a viu pela última vez?

— Tinha cinco anos e meio. Uma criança muito encantadora... um pouco sossegada demais, talvez. Reflexiva. Dada a brincadeiras muito suas, em que não via com bons olhos a colaboração dos outros. Natural e nada mimada.

— Foi uma felicidade ser tão novinha. — disse Poirot.

— Sim, com efeito. Se fosse mais velha, o choque da tragédia poderia ter tido um efeito desastroso.

— No entanto, — disse Poirot — não se pode deixar de sentir que a situação *não* foi vantajosa... por pouco que a criança compreendesse ou lhe fosse dado a saber, deve ter existido uma atmosfera de mistério e evasão, um desenraizamento abrupto. São coisas negativas para uma criança.

Miss Williams replicou reflexivamente:

— Talvez tenham sido menos nefastas do que julga.

— Antes de encerrarmos o assunto de Carla Lemarchant... ou seja, a pequena Carla Crale — disse Poirot, há uma coisa que gostava de perguntar-lhe. Se há alguém que possa explicá-la, creio que é a senhora.

— Sim? — perguntou ela, num tom interrogativo e cauteloso.

Poirot agitou as mãos, num esforço para expressar a sua ideia.

— Existe uma coisa... uma sutileza que não sou capaz de definir... mas fico sempre com a impressão, quando menciono a criança, de que nunca lhe é atribuído o seu justo valor. Quando a menciono, as respostas contêm sempre uma vaga surpresa, como se a pessoa com quem falo se tivesse completamente esquecido de que *existia* uma filha. Com certeza, mademoiselle, que não é uma coisa natural. Uma criança, nestas circunstâncias, é um ser importante, não em si mesma, mas como um eixo vital. Amyas Crale poderá ter tido razões para deixar a mulher... ou para não a deixar. Mas, normalmente quando um casamento se desfaz, um filho constitui um ponto muito importante. Neste caso, a criança parece contar muito pouco. A mim, enfim, parece-me... estranho.

Miss Williams retorquiu imediatamente:

— Pôs o dedo numa ferida vital, M. Poirot. Tem toda a razão. E, em parte foi por essa razão que eu disse o que acabei de dizer... que a transferência da Carla para um ambiente diferente pode, sob certos aspectos, ter sido benéfica para ela. Quando fosse mais velha, poderia vir a sofrer de instabilidade na sua vida familiar, compreende? — inclinou-se para a frente e falou pausada e cuidadosamente: — Naturalmente, ao longo do meu trabalho, tenho assistido a um grande número de situações no âmbito do problema entre pais e filhos. Muitas crianças, *quase todas* as crianças, devo dizer, sofrem de um excesso de atenções por parte dos pais. Existe demasiado amor, demasiada vigilância. A criança tem uma consciência desconfortável destes desvelos e procura libertar-se, escapar e passar despercebida. No caso dos filhos únicos, é ainda mais evidente e é claro que as mães são as prevaricadoras mais sérias. O efeito sobre o casamento é muitas vezes negativo. O marido ressent-se do fato de passar a segundo plano, busca consolo... ou melhor, lisonja e atenção... noutro lado, e mais tarde ou mais cedo ocorre o divórcio. O melhor para uma criança, estou convencida, é aquilo a

que eu chamo uma negligência saudável da parte de ambos os pais. No caso de uma grande família com muitos filhos e pouco dinheiro, isso acontece com naturalidade. Os filhos são ignorados, porque a mãe não dispõe literalmente de tempo para se ocupar deles. Os filhos compreendem que ela os ama, mas não dão importância a manifestações excessivas do fato. Mas há um outro aspecto. Por vezes, temos um marido e uma mulher que se bastam tão completamente um ao outro, que estão tão absorvidos um pelo outro, que o filho do casamento quase parece irreal a ambos. E, nessas circunstâncias, creio que a criança acaba por se ressentir do fato, por se sentir defraudada e esquecida. Compreenda que não é, de forma alguma, de *negligência* que estou a falar. Mrs. Crale, por exemplo, podia ser considerada uma mãe extremosa, sempre preocupada com o bem-estar da Carla, com a sua saúde... brincando com ela nos momentos próprios e sempre bondosa e alegre. Mas apesar de tudo isso, Mrs. Crale vivia completamente absorvida pelo marido. Pode-se dizer que existia unicamente através dele e para ele. — Miss Williams calou-se, acrescentando em seguida, calmamente: — É essa, julgo, a justificação do que veio mais tarde a fazer.

— Quer dizer que eram mais como amantes do que como marido e mulher? — perguntou Hercule Poirot.

Miss Williams, franzindo ligeiramente o sobrolho, em sinal de desagrado com a fraseologia dos estrangeiros, respondeu:

— Pode-se certamente caracterizar assim a situação.

— Ele era-lhe tão dedicado a ela como ela a ele?

— Eram um casal dedicado um ao outro. Mas ele, naturalmente, era homem.

Miss Williams esforçou-se por carregar a última palavra de uma conotação inteiramente vitoriana.

— Os homens... — disse Miss Williams, calando-se.

Como um proprietário abastado diz «bolcheviques», como um comunista sincero diz «capitalistas!», como uma boa dona de casa diz «baratas», assim Miss Williams disse «homens!»

Da sua vida de solteirona, de preceptora, irrompeu uma explosão de feroz feminismo. Ninguém que a ouvisse falar duvidaria de que, para Miss Williams, os Homens eram o Inimigo!

— Não pegaria em armas por um homem? — perguntou Poirot.

Ela respondeu secamente: — Os homens ficam sempre com o melhor quinhão. Espero que não seja sempre assim.

Hercule Poirot olhou-a, conjecturando. Podia visualizar facilmente Miss Williams acorrentar-se, eficiente e metodicamente, a uma grade e a dar início a uma greve de fome com persistência determinada. Passando do geral ao particular, perguntou:

— A senhora não gostava de Amyas Crale?

— Não, efetivamente não gostava do Amyas Crale. Nem aprovava o seu comportamento. Se fosse sua mulher, tê-lo-ia deixado. Há coisas que uma mulher não devia ter de suportar.

— Mas Mrs. Crale suportou-as?

— Sim.

— Achou que era um erro?

— Sim, e acho. Uma mulher deve ter algum amor-próprio e não se submeter a humilhações.

— Alguma vez expressou essa opinião a Mrs. Crale?

— Com certeza que não. Não me competia fazê-lo. Fui contratada para educar a Angela e não para dar conselhos a Mrs. Crale, sem me serem pedidos. Se o fizesse, seria uma impertinência.

— Gostava de Mrs. Crale?

— Gostava muito de Mrs. Crale. — o tom de eficiência abrandou, revelando afeto e emoção — Gostava muito dela e sentia imensa pena dela.

— E a sua pupila, a Angela Warren?

— Era uma rapariga muito interessante, uma das pupilas mais interessantes que já tive. Muito inteligente. Indisciplinada, temperamental, difícil de lidar em certos aspectos, mas um carácter francamente excelente. — fez uma pausa e prosseguiu — Sempre esperei que viesse a fazer coisas importantes. E

veio! Leu o livro dela sobre o Saara? E escavou esses túmulos interessantes no Fayum! Sim, sinto orgulho na Angela. Não estive muito tempo em Alderbury... dois anos e meio... mas sempre alimentei a convicção de que ajudei a estimular o seu raciocínio e a encorajar o seu gosto pela arqueologia

— Ao que sei, — murmurou Poirot — decidiram enviá-la para o colégio, para continuar a sua educação. A senhora deve ter ficado ressentida com essa decisão

— De maneira nenhuma, M. Poirot. Concordei plenamente com ela. — após uma pausa, continuou — Deixe-me esclarecer uma coisa. A Angela era uma rapariga muito querida... muito querida mesmo... afetuosa e impulsiva... mas era também o que eu chamo uma rapariga difícil. Ou seja, estava numa idade difícil. Há sempre uma fase em que as raparigas se sentem inseguras, a fase em que já não são crianças, nem são ainda mulheres. Num momento, a Angela era sensata e madura, bastante crescida até, mas no momento seguinte tinha as suas recaídas de maria-rapaz, pregando partidas maldosas, sendo rude e perdendo o controle. Sabe, as raparigas *parecem* difíceis nessa idade... são terrivelmente sensíveis. Ressentem-se *de* tudo o que se lhes diz. Ficam aborrecidas, quando são tratadas como crianças, e de repente intimidam-se, quando são tratadas como adultas. A Angela atravessava essa fase. Tinha ataques de mau gênio, ofendia-se, quando se metiam com ela, e zangava-se... e depois amuava durante dias a fio, sentada pelos cantos, de mau humor... e a seguir, animava-se novamente, trepava às árvores, andava com os rapazes que ajudavam no jardim, recusando submeter-se a qualquer espécie de autoridade. — Miss Williams fez uma pausa e prosseguiu: — Quando uma rapariga chega a essa idade, a escola é muito útil. Faz-lhe falta o estímulo de outras mentalidades, além da disciplina saudável de uma comunidade que a ajudará a tornar-se um membro aceitável da sociedade. O ambiente familiar da Angela não era ideal, na minha opinião. Para começar, Mrs. Crale estragava-a com mimos. Bastava que a Angela fosse a correr ter com ela e Mrs. Crale apoiava-a sempre. Em resultado, a Angela achava-se com direito a todo o tempo e atenção da irmã e era este estado de espírito que a fazia entrar em conflito com Mr. Crale. Este considerava naturalmente que *devia* estar em

primeiro lugar... e pretendia que tal acontecesse. Gostava muito da rapariga... eram bons companheiros e costumavam pegar um com o outro num tom amistoso, mas havia alturas em que a preocupação de Mrs. Crale com a Angela desagradava subitamente a Mr. Crale. Como todos os homens, era um menino mimado; esperava que toda a gente o cumulasse de atenções. Então tinha zangas violentas com a Angela, e Mrs. Crale quase sempre acorria em defesa desta. Ele ficava furioso. Por outro lado, se *ela* o apoiasse a *ele*, a Angela ficava furiosa. Era nestas ocasiões que a Angela retomava as suas atitudes infantis e lhe pregava alguma partida. Ele tinha o hábito de ingerir as bebidas de um trago e, uma vez, ela pôs-lhe muito sal no copo. Aquilo atuou como um emético e ele perdeu as estribeiras. Mas o que realmente provocou a crise foi quando ela lhe enfiou uma série de lesmas na cama. Ele tinha uma repugnância anormal por lesmas. Perdeu completamente a cabeça e disse que a rapariga devia ir para o colégio. Não estava disposto a continuar a aturar aqueles disparates. A Angela ficou terrivelmente perturbada, embora ela própria tivesse expressado, numa ou noutra ocasião, a vontade de ir para um colégio interno, mas naquele momento decidiu fazer do caso uma ofensa imperdoável. Mrs. Crale não queria que ela fosse, mas deixou-se convencer... em grande parte, julgo, resultante do meu ponto de vista sobre o assunto. Fiz-lhe ver que seria extremamente benéfico para a Angela e que lhe traria, na minha opinião, grandes vantagens. Foi então decidido que iria para Helston no Outono... um colégio excelente na costa sul. Mas, durante essas férias, Mrs. Crale continuava insatisfeita com a solução. E Angela foi alimentando um certo rancor contra Mr. Crale sempre que se lembrava. Não era nada de grave, compreenda, M. Poirot, mas criou uma espécie de pano de fundo latente, durante todo o Verão, para tudo... enfim, para tudo o *mais* que se passava.

— Refere-se a Elsa Greer? — perguntou Poirot.

— Precisamente. — respondeu Miss Williams incisivamente, cerrando firmemente os lábios.

— Que opinião tinha de Elsa Greer?

— Não me rebaixava ao ponto de ter uma opinião sobre ela. Uma mulher sem escrúpulos dos pés à cabeça.

— Era muito jovem.

— Tinha idade suficiente para ter juízo. Não encontro qualquer desculpa para o seu comportamento... nem uma.

— Imagino que se apaixonou por ele...

Miss Williams interrompeu-o, resfolegando.

— Apaixonou-se por ele, não há dúvida. M. Poirot, na minha opinião, sejam quais forem os nossos sentimentos, devemos exercer sobre eles um controle razoável. E quanto às nossas ações, podemos definitivamente controlá-las. Essa rapariga não tinha uma ponta de moral. Para ela, o fato de Mr. Crale ser casado, não tinha a menor relevância. Não tinha qualquer vergonha em relação a isso... era calculista e determinada. Talvez tenha tido uma educação deficiente... mas, como desculpa, não posso ir mais longe.

— A morte de Mr. Crale deve ter sido um choque terrível para ela.

— Foi, isso foi. E se há alguém que tenha culpas, é ela. Não vou ao ponto de desculpar um crime, M. Poirot, mas mesmo assim, se alguma mulher foi levada a um ponto de ruptura, essa mulher foi a Caroline Crale. Digo-lhe com toda a franqueza, houve momentos em que eu própria senti vontade de assassiná-los a ambos. A pavonear a rapariga nas barbas da mulher, ouvi-la, ter de suportar a sua insolência... e olhe que insolência não *lhe faltava*, M. Poirot. Não, não, o Amyas Crale teve o que merecia. Nenhum homem deve tratar impunemente a mulher como ele tratou. A sua morte foi uma retaliação justa.

— Fala com veemência... — observou Hercule Poirot.

A pequena Miss Williams olhou-o com os seus indômitos olhos cinzentos e disse:

— Tenho opiniões *veementes* em relação ao casamento, sim. A não ser que seja respeitado e mantido, um país pode degenerar. Mrs. Crale era uma esposa fiel e dedicada. O marido menosprezava-a e introduziu a amante em casa. Como disse, mereceu a sorte que teve. Provocou a paciência que ela sempre demonstrara e, pela minha parte, não a censuro pelo que fez.

Poirot disse muito pausadamente: — Ele agiu muito mal... admito... mas não se esqueça de que era um grande artista.

Miss Williams resfolegou audivelmente: — Sim, sim, eu sei. Hoje em dia, há sempre essa desculpa. Um artista! Uma desculpa para se ter uma vida desregrada, para a embriaguez, para a violência, para a infidelidade. E que espécie de artista era Mr. Crale, quando se faz o balanço final? Pode ser moda, durante alguns anos, admirar os seus quadros. Mas não vai durar. Ora, ele nem desenhar sabia! Tinha uma noção de perspectiva horrível! Até a anatomia estava toda errada. Eu sei do que estou a falar, M. Poirot. Estudei pintura durante algum tempo, em jovem, em Florença, e, para quem conhece e aprecia os grandes mestres, esses borrões de Mr. Crale são realmente ridículos. Espichar umas tintas na tela... sem composição... sem um desenho apurado. Não, — abanou a cabeça — não me peça que admire a pintura de Mr. Crale.

— Dois dos seus quadros estão na Tate Gallery. — recordou-lhe Poirot.

— É possível. — disse Miss Williams, desdenhosa — E também uma estátua de Epstein, creio.

Poirot apercebeu-se de que, para Miss Williams, estava dita a última palavra. Abandonou o tópico da arte.

— Estava com Mrs. Crale quando ela descobriu o corpo? — perguntou.

— Estava. Eu e ela saímos da casa juntas depois do almoço. A Angela tinha deixado ficar a camisola na praia, ou no barco, depois de tomar banho. Era sempre muito descuidada com as suas coisas. Quando chegamos à porta do jardim da Bateria, separei-me de Mrs. Crale, mas ela voltou a chamar-me quase de imediato. Creio que Mr. Crale estava morto há mais de uma hora. Estava estendido no banco junto ao cavalete.

— Ela ficou muito perturbada com a descoberta?

— Que quer exatamente dizer com isso, M. Poirot?

— Estou a perguntar-lhe quais foram as suas impressões na altura.

— Ah, compreendo. Sim, pareceu-me bastante aturdida. Mandou-me chamar o médico. Afinal, não podíamos ter a certeza absoluta de que ele estava morto... podia ter sido um ataque de catalepsia.

— Ela sugeriu essa possibilidade?

— Não me recordo.

— E a senhora foi telefonar?

O tom de Miss Williams foi seco e brusco. — Já ia a meio do caminho, quando me cruzei com Mr. Meredith Blak. Confiei-lhe essa incumbência e regresssei para junto de Mrs. Crale. Pensei, compreende? que ela pudesse ter desmaiado... e os homens não sabem lidar com esse tipo de situações.

— E tinha?

— Mrs. Crale estava com perfeito controle. — disse secamente Miss Williams — Era uma pessoa muito diferente de Miss Greer, que fez uma fita histórica e muito desagradável.

— Que gênero de fita?

— Tentou atacar Mrs. Crale.

— Quer dizer que ela compreendeu que Mrs. Crale era a responsável pela morte de Mr. Crale?

Miss Williams refletiu por momentos.

— Não, era impossível que ela tivesse a certeza disso. Essa... hum... suspeita terrível ainda não tinha sido levantada. Miss Greer limitou-se a gritar: «A culpa é toda tua, Caroline. Mataste-o. A culpa é tua». Ela não disse de fato: «Envenenaste-o», mas penso que foi sem dúvida o que pensou.

— E Mrs. Crale?

Miss Williams mexeu-se, inquieta. — Será preciso sermos hipócritas, M. Poirot? Não lhe posso dizer o que Mrs. Crale sentiu ou pensou naquele momento. Se foi horror perante o que tinha feito...

— Pareceu-lhe horror?

— N-não, n-não, não posso dizer que tenha parecido. Aturdida, sim... e assustada, creio. Sim, estou certa, assustada. Mas isso é perfeitamente natural

Hercule Poirot disse, num tom de voz pouco convencido: — Sim, talvez seja perfeitamente natural... Que posição adotou oficialmente em relação à morte do marido?

— Suicídio. Disse determinantemente, desde o início, que só podia ser suicídio.

— Disse-lhe o mesmo quando falou consigo em privado, ou avançou já uma teoria diferente?

— Não. Ela... ela... fez um esforço enorme para me convencer de que só podia ter sido suicídio.

Miss Williams pareceu embaraçada.

— E a senhora que respondeu a isso?

— Francamente, M. Poirot, que importância tem o *que* eu disse?

— Creio que tem muita.

— Não vejo porquê... — mas, como se o silêncio expectante de Poirot a tivesse hipnotizado, disse, com relutância: — Creio que disse: «Com certeza, Mrs. Crale, deve ter sido suicídio».

— Estava convencida do que disse?

— Não, não estava. — disse resolutamente Miss Williams, erguendo a cabeça — Mas peço-lhe que compreenda, M. Poirot, que eu estava inteiramente do lado de Mrs. Crale, se quiser pôr as coisas nesses termos. A minha simpatia ia para ela, não para a polícia.

— Gostaria que ela tivesse sido absolvida?

— Sim, gostaria. — respondeu Miss Williams, em tom desafiador.

— Então também simpatiza com os sentimentos da filha? — perguntou Poirot.

— Tenho uma grande simpatia pela Carla.

— Poria alguma objeção a escrever-me um relato minucioso da tragédia?

— Para ela ler?

— Sim.

— Não — disse Miss Williams, pausadamente — não ponho qualquer objeção. Ela está determinada em investigar o assunto, não está?

— Sim. Atrevo-me a dizer que teria sido preferível se lhe tivessem escondido a verdade...

Miss Williams interrompeu-o: — Não. É sempre melhor encarar a verdade. Não adianta fugir à infelicidade, deturpando os fatos. A Carla recebeu um choque ao saber da verdade... agora quer compreender exatamente como se deu a tragédia. Parece-me a atitude correta que uma jovem corajosa deve tomar. Quando estiver de posse de todos os fatos, poderá esquecer tudo e continuar a viver a sua vida.

— Talvez tenha razão. — comentou Poirot.

— Estou certa de que tenho razão.

— Mas a questão tem mais que se lhe diga, compreende? Ela não quer apenas conhecer a verdade... quer provar a inocência da mãe.

— Pobre rapariga. — disse Miss Williams. É o que acha? Agora compreendo por que razão disse que seria melhor se ela nunca soubesse. — disse Miss Williams. Mesmo assim, acho melhor que saiba. Desejar provar a inocência da mãe é uma esperança natural... e difícil, perante a descoberta que poderá fazer, mas creio que, pelo que diz dela, a Carla é suficientemente corajosa para suportar a verdade e não fugir dela.

— Está certa de que é a verdade?

— Não compreendo.

— Não vê nenhuma abertura que permita acreditar na inocência de Mrs. Crale?

— Julgo que essa possibilidade nunca foi seriamente considerada.

— E, no entanto, ela própria insistiu na teoria do suicídio?

— A pobre senhora tinha de dizer *alguma coisa*. — disse secamente Miss Williams.

— Sabe que, quando Mrs. Crale estava às portas da morte, deixou uma carta à filha, em que jura solenemente estar inocente?

— Não devia tê-lo feito. — disse bruscamente Miss Williams, fitando Poirot.

— Acha?

— Sim, acho. Ora, o senhor é um sentimentalista como a maioria dos homens...

Poirot interrompeu, indignado: — Eu *não* sou sentimentalista.

— Mas os falsos sentimentos existem. Para quê escrever uma coisa dessas, uma mentira, num momento tão solene? Para poupar a dor da filha? Sim. muitas mulheres fariam o mesmo. Mas nunca teria julgado Mrs. Crale capaz disso. Era uma mulher corajosa e sincera. Consideraria mais próprio dela ter dito à filha que não fizesse juízos.

Poirot disse, num tom ligeiramente exasperado: — Não considera sequer a possibilidade de que Caroline Crale tenha escrito a verdade?

— De maneira nenhuma!

— E contudo afirma ter nutrido afeto por ela.

— E nutri. Uma enorme afeição e uma compaixão profunda.

— Bem, então...

Miss Williams olhou-o com uma expressão estranha. — Não está a compreender, M. Poirot. Agora não tem importância que eu o diga... já passou muito tempo. Mas, sabe, acontece que eu sei que Caroline Crale foi culpada!

— Como?

— É verdade. Não sei se fiz bem em guardar para mim o que sabia na altura... mas o fato é que guardei. Tem de acreditar na minha palavra, definitivamente, eu *sei* que Caroline Crale foi culpada...

## CAPÍTULO X - ESTE PORQUINHO GUINCHOU «Hi Hi Hi»

O apartamento de Angela Warren era virado para Regents Park. Neste dia primaveril, entrava pela janela aberta uma leve aragem, transmitindo a ilusão de se estar no campo, se não fosse o estrépito constante e ameaçador do tráfego que circulava em baixo.

Poirot, que estava junto da janela, voltou-se, quando a porta abriu e Angela Warren entrou na sala.

Não era a primeira vez que a via. Tinha aproveitado uma oportunidade para assistir a uma palestra que ela proferira na Royal Geographical. Tinha sido, na sua opinião, uma palestra excelente. Talvez maçadora, do ponto de vista do

gosto popular. Miss Warren possuía um estilo de discurso esplêndido, sem pausas nem hesitações à procura das palavras. Não se repetia. Os seus tons de voz eram claros e harmoniosos. Não fazia concessões ao gosto romântico, nem ao amor de aventura. O interesse humano da palestra era reduzido. Foi uma exposição admirável de fatos concisos, apropriadamente ilustrada com diapositivos excelentes e com deduções inteligentes dos fatos expostos. Seca, precisa, clara, lúcida, altamente técnica.

Mereceu a profunda aprovação de Hercule Poirot. Estava perante uma mente ordenada.

Agora que a via de perto, apercebeu-se de que Angela Warren podia facilmente ter sido uma mulher muito bela. As suas feições eram regulares, ainda que austeras. Tinha sobrancelhas escuras finamente marcadas, olhos castanhos lúcidos e inteligentes e uma pele fina e clara. Tinha ombros quadrados e um andar levemente masculino.

A sua figura não sugeria, de maneira alguma, o porquinho que guincha «hi hi hi». Mas, na face direita, desfigurando e arrepanhando a pele, exibia essa cicatriz sarada. O olho direito era ligeiramente torto, o canto puxado para baixo, mas ninguém daria conta de que a visão desse olho fora destruída.

Pareceu quase certo a Hercule Poirot que vivera com esta deficiência durante tanto tempo que não tinha agora qualquer consciência dela. E ocorreu-lhe, que, das cinco pessoas por quem se tinha interessado em resultado das suas investigações, aquelas que se poderia dizer terem à partida as maiores vantagens não eram as que realmente usufruíam de maior sucesso e felicidade na vida. Elsa, de quem se poderia dizer dispor à partida de todas as vantagens juventude, beleza, fortuna era a que pior se saíra. Era como uma flor submergida por uma geada prematura ainda em botão mas sem vida. Cecilia Williams, em matéria de aparência não possuía trunfos de que pudesse vangloriar-se. No entanto, aos olhos de Poirot, não demonstrava desânimo, nem um sentido de fracasso. A vida de Miss Williams tinha sido, para ela, estimulante; era uma pessoa que continuava a interessar-se pelas outras pessoas e por aquilo que se passava à sua volta. Possuía essa enorme vantagem mental e moral de uma severa educação

vitoriana que nos é negada nos dias de hoje. Havia cumprido o seu dever na vida para que fora chamada pela vontade de Deus, e essa certeza encapsulava-a numa armadura impregnável aos golpes da inveja, do descontentamento e do remorso. Tinha as suas recordações, os seus pequenos prazeres, possibilitados por rigorosas economias, e saúde e vigor suficientes para poder manter o seu interesse pela vida.

Já em Angela Warren esta jovem criatura debilitada pela desfiguração e pela humilhação decorrente, Poirot julgava entrever um espírito fortalecido por uma luta necessária para conquistar segurança e autoconfiança. A indisciplinada menina de escola tinha dado lugar a uma mulher cheia de vitalidade e força, uma mulher de considerável poder mental e dotada de abundante energia para realizar objetivos ambiciosos. Era uma mulher, Poirot estava certo, simultaneamente feliz e bem sucedida. Tinha uma vida preenchida, alegre e eminentemente agradável.

Acontecia que não era o tipo de mulher que agradava realmente a Poirot. Embora admirasse a precisão objetiva da sua mente, achava-a possuidora de um toque de *femme formidable*, suficiente para alarmá-lo, enquanto homem. O seu gosto sempre dera preferência ao espantoso e ao extravagante.

Com Angela Warren, era fácil ir diretamente ao motivo da sua visita. Não havia subterfúgios. Limitou-se a relatar a conversa que Carla Lemarchant tivera com ele.

O rosto austero de Angela Warren iluminou-se, em sinal de apreciação.

— A pequena Carla? Ela está cá? Gostava imenso de estar com ela.

— Não manteve o contato com ela?

— Não tanto quanto devia ter mantido. Ainda estava no colégio na época em que ela partiu para o Canadá, e sabia, naturalmente, que no espaço de um ou dois anos já nos teria esquecido. Ultimamente, o único elo entre nós tem sido uma prenda de Natal esporádica. Imaginei que, por esta altura, estaria totalmente imbuída na atmosfera canadiana e que o seu futuro estaria aí. Teria sido melhor, dadas as circunstâncias.

— Assim se poderia pensar, sem dúvida. — disse Poirot — Uma mudança de nome, uma mudança de cenário. Uma nova vida. Mas não estava destinado a ser assim tão simples.

Falou então do noivado de Carla Lemarchant, da sua descoberta, ao atingir a maioridade, e dos motivos da sua vinda para Inglaterra.

Angela Warren ouviu silenciosamente, a sua face desfigurada apoiada numa mão. Não traiu qualquer emoção, durante este relato, mas quando Poirot terminou, disse calmamente:

— Ainda bem para a Carla.

Poirot ficou admirado. Era a primeira vez que presenciava esta reação.

— Aprova, Miss Warren? — perguntou.

— Com certeza. Desejo-lhe as maiores felicidades. Farei o que puder para ajudar. Compreende?, sinto-me culpada por não ter feito pessoalmente qualquer tentativa.

— Crê então que existe uma possibilidade de que o seu ponto de vista esteja certo?

Angela Warren disse ríspidamente: — É evidente que está certo. Não foi a Caroline. Sempre soube isso.

— Devo dizer que me surpreende imenso, mademoiselle. — murmurou Hercule Poirot. As outras pessoas com quem falei, todas...

Ela atalhou, bruscamente: — Não se deve fiar nisso. Estou ciente de que as provas circunstanciais são esmagadoras. A minha própria convicção baseia-se no conhecimento... io conhecimento da minha irmã. Sei, muito simples e definitivamente, que a Caro *não podia* ter morto ninguém.

— Acha que se pode dizer isso com absoluta certeza sobre qualquer criatura humana?

— Na maior parte dos casos, talvez não. Concordo que o ser humano está cheio de surpresas curiosas. Mas, no caso da Caroline, havia razões especiais... razões que eu estou em posição de avaliar melhor do que ninguém. — tocou na face deformada. — Está a ver isto? Provavelmente já conhece a história.

— Poirot assentiu. — Foi a Caroline que mo fez. É por isso que tenho a certeza... sei... que ela não o assassinou.

— Não seria um argumento convincente para a maioria das pessoas.

— Não, seria o contrário. Foi, na verdade, usado dessa forma, julgo. Como prova de que a Caroline tinha um temperamento violento e indomável! Por me ter ferido, quando eu era bebé, homens cultos argumentaram que ela seria igualmente capaz de envenenar um marido infiel.

— Eu, pelo menos, fui capaz de apreciar a diferença. — disse Poirot — Um acesso súbito de raiva incontrolável não leva ninguém, primeiro, a subtrair um veneno e, depois, a usá-lo intencionalmente no dia seguinte.

Angela Warren agitou uma mão impaciente. — Não foi, de modo nenhum, o que eu quis dizer. Tenho de tentar esclarecer. Supondo que é uma pessoa por norma afetuosa e de carácter bondoso... mas que é igualmente capaz de sentir ciúmes intensos. E supondo que, durante os anos da sua vida em que é mais difícil exercer o autocontrole, fica, num acesso de raiva, efetivamente perto de cometer o que é, na realidade, assassínio. Pense no choque terrível, no horror, no remorso que toma conta da pessoa. Para alguém sensível como a Caroline, esse horror e remorso nunca abandonam a pessoa. Nunca a abandonou. Penso que não tinha total consciência disso na altura, mas em retrospectiva, reconheço-o perfeitamente. A Caro vivia assombrada, perpetuamente assombrada, pelo fato de me ter desfigurado. Esse sentimento nunca lhe deu descanso. Influenciava todos os seus atos. Explicava a sua atitude para comigo. Nada era bom demais para mim. Aos seus olhos, eu tinha de estar sempre em primeiro lugar. Metade das discussões que tinha com o Amyas eram por minha causa. Eu era atreita a sentir ciúmes e pregava-lhe partidas de todo o gênero. Surrupiava aquela coisa dos gatos para lhe meter nas bebidas e uma vez enfiei-lhe um ouriço-cacheiro na cama. Mas a Caroline tomava sempre o meu partido. — fez uma pausa e prosseguiu: — Claro que só me fazia mal. Tornei-me horivelmente mimada. Mas isso não é para aqui chamado. Estamos a discutir o efeito sobre a Caroline. O resultado desse impulso violento foi a rejeição, que a acompanhou toda a vida, de qualquer outro ato semelhante. A Caro exercia uma vigilância constante sobre si

mesma, vivia num temor permanente de que qualquer coisa desse gênero pudesse voltar a acontecer. E tinha os seus processos para se precaver contra essa possibilidade. Um deles era uma grande extravagância de linguagem. Ela achava (e eu creio que era psicologicamente verdade) que, se fosse violenta no discurso, não sentiria a tentação de ser violenta nos atos. Descobriu por experiência própria que o método funcionava. Foi por isso que ouvi a Caro dizer coisas como: «Apetecia-me retalhar fulano de tal em pedaços e pô-lo a ferver lentamente em óleo». E dizia-me ou dizia ao Amyas: «Se continuas a aborrecer-me, mato-te». Do mesmo modo, envolvia-se facilmente em violentas quezílias. Reconhecia, julgo, o impulso para a violência da sua natureza e encontrou assim deliberadamente uma saída para ele. Ela e o Amyas costumavam ter brigas tremendas e chocantes.

— Sim, recolhi depoimentos nesse sentido. Discutiam como cão e gato, disseram-me — assentiu Hercule Poirot.

Angela Warren disse: — Exatamente. É isso que é enganador e estúpido nos depoimentos. Claro que a Caro e o Amyas discutiam! Claro que diziam um ao outro coisas azedas, ofensivas e cruéis! O que ninguém reconhece é que eles *gostavam* de discutir. Gostavam sinceramente! O Amyas também gostava. Eram um casal desse tipo. Gostavam ambos de drama e de cenas emocionais. A maior parte dos homens não gosta. Gosta de paz. Mas o Amyas era um artista. Gostava de berrar e de ameaçar e de ser, em geral, ofensivo. Era assim que descarregava. Era o gênero de homem que, quando perdia o botão do colarinho, deitava a casa abaixo. Eu sei que parece estranho, mas era com essa vida de brigas permanentes, seguidas de reconciliações, que o Amyas e a Caroline se divertiam! — fez um gesto de impaciência — Se não me tivessem mandado para longe e me tivessem deixado prestar o meu depoimento, ter-lhes-ia dito exatamente isso. Encolheu os ombros. Mas suponho que não teriam acreditado em mim. E, de qualquer forma, não seria tão claro para mim na altura como é agora. Era o gênero de coisa que eu sabia, mas em que não tinha pensado e muito menos sonhado em exprimir por palavras. — Olhou para Poirot. — Compreende o que quero dizer?

— Compreendo perfeitamente. — anuiu ele com vigor — E compreendo a justeza absoluta do que disse. Há pessoas para quem o consenso é uma monotonia. Precisam do estimulante da dissensão para criar drama nas suas vidas.

— Precisamente.

— Posso perguntar-lhe, Miss Warren, o que sentiu na altura?

Angela Warren suspirou. — Sobretudo perplexidade e impotência, creio. Pareceu-me um pesadelo desmesurado. A Caroline foi presa pouco depois... cerca de três dias depois, acho eu. Ainda recordo a minha indignação, a minha fúria muda... e, claro, a minha fé infantil de que fosse tudo um erro estúpido, de que tudo acabasse em bem. A Caro ficou principalmente preocupada *comigo*... quis manter-me o mais longe possível de tudo. Pediu a Miss Williams que me levasse quase de imediato para casa de uns parentes. A polícia não levantou objeções. E depois, quando decidiram que o meu depoimento não era necessário, fizeram diligências para me enviar para um colégio no estrangeiro. Abominei a ideia de ir, claro. Mas explicaram-me que a Caro só pensava em mim e que a única maneira de ajudá-la era ir. — fez uma pausa e continuou: —Fui então para Munique. Estava lá quando... quando foi lido o veredito. Nunca me deixaram visitar a Caro. Ela proibiu-o. Foi a única vez, na minha opinião, em que demonstrou falta de compreensão.

— Não pode estar certa disso, Miss Warren. Visitar um ente querido na prisão pode causar uma impressão terrível a uma jovem rapariga com sensibilidade.

— Possivelmente.

Angela Warren levantou-se e disse: — Depois do veredito, quando foi condenada, a minha irmã escreveu-me uma carta. Nunca a mostrei a ninguém. Acho que devo mostrar-lha a si agora. Poderá ajudar a compreender o gênero de pessoa que a Caroline era. Se quiser, pode levá-la para mostrar igualmente à Carla.

Dirigiu-se à porta e, voltando-se, disse:

— Venha comigo. Tenho um retrato da Caroline no meu quarto.

Pela segunda vez, Poirot achou-se a contemplar um retrato.

Enquanto pintura, o retrato de Caroline Crale era medíocre. Mas Poirot admirou-o com interesse; não era o seu valor artístico que lhe interessava.

Viu um rosto oval comprido, uma linha de maxilar elegante e uma expressão meiga e ligeiramente tímida. Era um rosto inseguro de si próprio, emotivo, com uma beleza introvertida e escondida. Faltava-lhe a força e a vitalidade do rosto da filha essa energia e alegria de viver que Carla Lemarchant tinha inquestionavelmente herdado do pai. Esta era uma criatura menos positiva. Porém, olhando para o rosto pintado, Hercule Poirot compreendeu a razão por que um homem imaginativo como Quentin Fogg não fora capaz de esquecê-la.

Angela Warren estava novamente ao seu lado com uma carta na mão. Disse calmamente:

— Agora que viu que aparência ela tinha, leia a carta.

Ele desdobrou-a cuidadosamente e leu o que Caroline Crale tinha escrito dezasseis anos antes.

*Minha querida Angela,*

*Vais receber más notícias e vais chorar, mas quero que acredites que vai correr tudo bem. Nunca te disse mentiras e não digo agora, quando afirmo que me sinto, na verdade, feliz que sinto uma equidade essencial e uma paz que nunca conheci antes. Está tudo bem, querida. Não olhes para trás, não me lamentes nem me chores continua a tua vida e vence. Eu sei que és capaz. É tudo, minha querida, e eu vou ter com o Amyas. Não tenho a menor dúvida de que vamos reencontrar-nos. Não seria capaz de viver sem ele... Fá-lo por mim, sê feliz. Pela minha parte, já to disse sou feliz. Uma pessoa tem de pagar pelo que faz. Sabe bem sentirmo-nos em paz.*

*A tua irmã que te adora*

*Caro*

Hercule Poirot leu-a duas vezes. Em seguida, devolveu-a e disse:

— É uma carta muito bonita, mademoiselle... e notável. *Absolutamente* notável.

— A Caroline. — disse Angela Warren — era uma pessoa notável

— Sim, uma mente fora do comum... Considera que esta carta indica a sua inocência?

— Com certeza que indica!

— Não o diz explicitamente.

— Porque a Caro sabia que nunca me passaria pela cabeça considerá-la culpada!

— Talvez... talvez... Mas pode ser interpretada de outro modo. No sentido em que, sendo culpada, encontraria paz na expiação do seu crime.

Encaixava, pensou, na descrição que fora feita dela em tribunal. E, neste momento, invadiam-no as dúvidas mais fortes até aqui sentidas com respeito à linha de ação por que tinha enveredado. Até agora, tudo tinha apontado inabalavelmente para a culpa de Caroline Crale. Agora, até as suas palavras constituíam um testemunho contra ela.

Do outro lado, apenas existia a firme convicção de Angela Warren. Angela tinha-a conhecido bem, inquestionavelmente, mas não poderia a sua certeza advir da lealdade cega de uma rapariga adolescente, pronta a saltar em defesa da irmã bem-amada?

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Angela Warren disse: — Não, M. Poirot... eu *sei* que a Caroline não foi culpada.

— O *Bon Dieu* sabe que não quero dissuadi-la nesta matéria. — disse vivamente Poirot. — Mas sejamos práticos. A senhora diz que a sua irmã não foi culpada. Pois, muito bem, *que aconteceu de fato?*

Angela acenou pensativamente com a cabeça e disse: — É um ponto difícil, concordo. Suponho, como disse a Caroline, que o Amyas se suicidou.

— Isso é provável, pelo que conhecia do seu caráter?

— Muito improvável.

— Mas não diz, como no primeiro caso, que sabe que era impossível?

— Não, porque, como acabei de dizer, a maioria das pessoas faz *realmente* coisas impossíveis... isto é, coisas que parecem desajustadas do seu

caráter Mas presumo, quando as conhecemos intimamente, que não são assim tão desajustadas.

— Conhecia bem o seu cunhado?

— Sim, mas não como conhecia a Caro. Parece-me uma hipótese muito rebuscada que o Amyas se tenha suicidado... mas suponho que podia ter-se suicidado. *Deve tê-lo feito, aliás.*

— Não vê outra explicação?

Angela aceitou calmamente a sugestão, mas não sem uma ponta de interesse.

— Pois, compreendo o que quer dizer... Nunca considerei essa possibilidade. Quer dizer que uma das outras pessoas o assassinou? Que foi um assassinio premeditado, a sangue-frio...

— Poderia ter sido, ou não?

— Sim, poderia ter sido... Mas parece realmente muito improvável.

— Mais improvável do que suicídio?

— É difícil dizer... À primeira vista, não havia razões para suspeitar de nenhuma outra pessoa. Mesmo agora, em retrospectiva, não vejo nenhuma...

— Mesmo assim, consideremos essa possibilidade. Quem, dentre as pessoas intimamente envolvidas, diria que era... vá lá... a mais provável?

— Deixe-me pensar. Bem, eu não o matei. E essa criatura, a Elsa, não matou com certeza. Ficou louca de raiva, quando ele morreu. Quem mais estava presente? O Meredith Blake? Sempre foi muito dedicado à Caroline, era como um gatinho manso pela casa. Suponho que, num certo sentido, *isso podia* dar-lhe um motivo. Num romance, ele era capaz de querer livrar-se do Amyas para poder casar com a Caroline. Mas teria atingido esse objectivo do mesmo modo, deixando o Amyas partir com a Elsa e, consolando depois a Caroline, quando chegasse a altura certa. Além disso, não consigo *imaginar* realmente o Meredith como um assassino. É demasiado brando e prudente. Quem mais lá estava?

— Miss Williams? Philip Blake? — sugeriu Poirot.

A expressão grave de Angela descontraiu, esboçando um breve sorriso.

— Miss Williams? É impossível convencermo-nos de que a nossa preceptora possa cometer um crime! Miss Williams era sempre tão inflexível e tão cheia de integridade. — fez uma curta pausa e continuou: — Era muito dedicada à Caroline, naturalmente. Faria tudo por ela. E detestava o Amyas. Era uma grande feminista e sentia aversão pelos homens. Mas será suficiente para matar alguém? Duvido.

— Dificilmente seria o caso. — concordou Poirot.

— O Philip Blake? — continuou Angela, calando-se, em seguida, durante alguns momentos e acrescentando calmamente: — Sabe, acho que estamos simplesmente a falar de *probabilidades*, *ele* seria a pessoa mais provável.

— A senhora interessa-me muito, Miss Warren. — comentou Poirot — Posso perguntar-lhe por que razão diz isso?

— Por nenhuma razão definida. Mas, pelo que recordo dele, atrevo-me a dizer que era uma pessoa de imaginação muito limitada.

— E uma imaginação limitada cria uma predisposição para matar?

— Pode levar uma pessoa a tomar medidas drásticas, quando pretende resolver dificuldades. Os homens desse tipo retiram uma certa satisfação de se envolverem na ação, seja de que tipo for. O assassinio é uma coisa muito drástica, não lhe parece?

— Sim... julgo que tem razão... É definitivamente um ponto de vista, esse. Mas, mesmo assim, Miss Warren, tem de haver mais qualquer coisa. Que motivo podia ter tido Philip Blake?

Angela Warren não respondeu de imediato. Baixou os olhos, fixando o chão com uma expressão séria.

— Era o melhor amigo de Amyas Crale, não era? — perguntou Hercule Poirot.

Ela anuiu.

— Mas está a pensar em qualquer coisa, Miss Warren. Qualquer coisa que ainda não me disse. Os dois homens eram rivais, em relação à rapariga... a Elsa?

Angela Warren abanou a cabeça.

— Não, não, o Philip não.

— Que há então?

Angela Warren disse pausadamente:

— Sabe como, de repente, as coisas nos vêm à memória... talvez ao fim de muitos anos. Eu explico o que quero dizer. Uma vez, contaram-me uma história, quando eu tinha onze anos. Não achei a história minimamente interessante. Não me disse nada... entrou simplesmente por um ouvido e saiu por outro. Creio que nunca mais pensei nela. Mas, há cerca de dois anos, sentada na platéia num espetáculo musical, a história voltou-me à lembrança e fiquei tão surpreendida que cheguei mesmo a dizer em voz alta: «Ah, *agora* percebo aquela história idiota sobre o arroz-doce». E contudo não tinha havido qualquer alusão direta, nos mesmos termos... apenas uma referência qualquer engraçada.

— Compreendo o que quer dizer, mademoiselle disse Poirot.

— Então compreenderá o que lhe vou dizer. Uma vez estava alojada num hotel. Ia pelo corredor e a porta de um dos quartos abriu-se e saiu uma mulher que eu conhecia. Não era o seu quarto... e a sua expressão, quando me viu, denunciou totalmente esse fato. *Foi então que compreendi o significado da expressão que vi uma vez na Caroline, quando ela saiu do quarto do Philip Blake uma noite, em Alderbury.*

Inclinou-se para a frente, impedindo que Poirot interrompesse.

— Na *altura* não fazia ideia. *Sabia* coisas... as raparigas da minha idade normalmente sabem... mas não as associava à realidade. A Caroline a sair do quarto do Philip Blake, para mim, era simplesmente a Caroline a sair do quarto do Philip Blake. Podia ser do quarto de Miss Williams ou do meu quarto. Mas aquilo em que reparei, *sim*, foi na expressão do seu rosto... uma expressão estranha que eu não conhecia e não entendia. Não a entendi, como lhe disse, até essa noite, em Paris, em que vi a mesma expressão no rosto de outra mulher.

— Mas o que me está a dizer, Miss Warren, — disse Poirot, lentamente — é verdadeiramente espantoso. Fiquei com a impressão, pela conversa com o próprio Philip Blake, de que ele não gostava da sua irmã e de que nunca gostara.

— Eu sei. — disse Ângela — Não consigo explicar, mas é um fato.

Poirot fez um aceno lento de cabeça. Já na sua conversa com Philip Blake, tinha sentido vagamente que havia qualquer coisa que soava a falso. A sua exagerada animosidade em relação a Caroline, por qualquer razão, não tinha sido natural.

E as palavras e frases da sua conversa com Meredith Blake vieram-lhe à memória. «Muito aborrecido quando o Amyas casou não procurou a companhia de ambos durante mais de um ano...»

Então, Philip tinha sempre alimentado uma paixão por Caroline? E esta Paixão, quando ela preferiu Amyas, transformou-se em azedume e ódio?

Sim, Philip tinha sido demasiado veemente... demasiado parcial. Poirot suavizou-o reflexivamente o homem próspero e jovial, com o seu golfe e a sua confortável casa. Que sentira realmente Philip Blake dezasseis anos antes?

Angela Warren estava a falar:

— Não compreendo. É que eu não tenho qualquer experiência em relações amorosas... nunca aconteceram comigo. Conte-lhe isto, caso possa servir para alguma coisa... caso possa ter alguma implicação no que aconteceu.

## LIVRO II

### RELATO DE PHILIP BLAKE

(Carta de rosto recebida com o manuscrito)

*Caro M. Poirot,*

*Venho cumprir a minha promessa e juntar à presente um relato dos acontecimentos relacionados com a morte de Amyas Crale. Ao fim de todo este tempo, sinto-me obrigado a sublinhar que as minhas recordações podem não ser rigorosamente exatas, mas pus por escrito o que se passou, tanto quanto fui capaz de recordar.*

*Melhores cumprimentos,*

*Philip Blake*

*Notas sobre o Curso dos Acontecimentos que Levaram ao Assassinio de Amyas Crale, em Setembro de ...*

A minha amizade com o defunto remonta ao período da nossa infância. A sua casa e a minha, no campo, confinavam uma com a outra e as nossas famílias eram amigas. O Amyas Crale era pouco mais de dois anos mais velho do que eu. Em rapazes, brincávamos juntos, nas férias, embora não frequentássemos a mesma escola.

Do ponto de vista do meu conhecimento de longa data da pessoa, sinto-me particularmente qualificado para discorrer sobre o seu carácter e perspectivas gerais sobre a vida. E digo desde já o seguinte para quem conhecesse bem o Amyas Crale, a ideia de que se suicidou é absolutamente ridícula. Era um entusiasta da vida! Os argumentos da defesa no julgamento, afirmando que Crale vivia obcecado com problemas de consciência e se envenenou num assomo de remorso, são perfeitamente absurdos para qualquer pessoa que o conhecesse. Devo dizer que Crale tinha muito poucos problemas de consciência e, de modo nenhum, uma consciência mórbida. Além disso, ele e a mulher estavam de más relações e não me parece que ele tivesse muitos escrúpulos em romper o que, para ele, era um casamento insatisfatório. Estava pronto a cuidar das suas necessidades financeiras e das da filha do casamento, e estou certo de que o teria feito generosamente. Ele era um homem muito generoso e, no geral, uma pessoa bondosa e de quem se gostava. Não só era um pintor talentoso, mas um homem cujos amigos lhe eram dedicados. Tanto quanto sei, não tinha inimigos.

Também conhecia a Caroline Crale há muitos anos. Conheci-a antes de se casar, quando costumava passar algumas temporadas em Alderbury. Na altura, era uma rapariga algo neurótica, dada a explosões descontroladas de mau gênio, não completamente desprovida de atractivos, mas inquestionavelmente uma pessoa com quem era difícil viver.

Demonstrou a sua devoção pelo Amyas quase de imediato. Não creio que ele estivesse realmente muito apaixonado por ela. Mas acontecia que estavam

frequentemente juntos como disse, ela era atraente e acabaram por ficar noivos. Os melhores amigos do Amyas Crale sentiram-se bastante apreensivos com o noivado, pois não consideravam que a Caroline fosse a pessoa indicada para ele.

Esta situação causou alguma tensão, nos primeiros anos, entre a mulher de Crale e os seus amigos, mas o Amyas era um amigo leal e não estava disposto a desistir dos velhos amigos só porque a mulher lho exigia. Ao fim de alguns anos, eu e ele retomamos a nossa amizade e eu passei a frequentar assiduamente a casa de Alderbury. Devo acrescentar que fui padrinho da pequena Carla. Isto prova, creio, que o Amyas me considerava o seu melhor amigo e dá-me autoridade para falar em favor de um homem que já não pode defender-se.

Passando aos acontecimentos propriamente ditos, sobre que me pediu que escrevesse, cheguei a Alderbury (como confirma uma agenda antiga) cinco dias antes do crime, isto é, a de Setembro. Apercebi-me imediatamente de uma certa tensão no ar. Igualmente hospedada na casa, estava Miss Elsa Greer, que o Amyas estava a pintar na época.

Foi a primeira vez que vi Miss Greer em pessoa, mas sabia da sua existência há já algum tempo. O Amyas tinha-ma elogiado calorosamente um mês antes. Conhecera, disse-me, uma rapariga maravilhosa. Falou dela com tanto entusiasmo que eu lhe disse, em tom de brincadeira: «Tem cuidado, meu caro, ou ainda perdes a cabeça outra vez». Ele disse-me que me deixasse de idiotices. Estava a pintar a rapariga; não tinha qualquer interesse pessoal nela. Eu disse: «Qual carapuça! Já te ouvi dizer muitas vezes coisas dessas». Ele respondeu: «Desta vez é diferente»; ao que eu retorqui com algum cinismo: «É sempre!». O Amyas pareceu então muito preocupado e ansioso, dizendo: «Não compreendes. Ela não passa de uma rapariga. Pouco mais que uma criança». Acrescentou que tinha ideias muito modernas e não possuía quaisquer preconceitos antiquados. Disse: «É honesta e natural e absolutamente temerária!».

Pensei comigo mesmo, embora não o expressasse, que desta vez o Amyas estava realmente apanhado. Algumas semanas mais tarde, ouvi comentários de outras pessoas. Corria que essa rapariga, a Greer, estava absolutamente «pelo beicinho». Outra pessoa disse que era uma estupidez da

parte do Amyas, considerando a idade dela, ao que uma outra pessoa retorquiou, desdenhosamente, que Elsa Greer sabia muito bem como fazer as coisas. Houve outros comentários, dizendo que a rapariga nadava em dinheiro e sempre tinha tido tudo quanto queria e também que «era ela quem praticamente marcava o ritmo da relação». Colocava-se a questão do que pensava a mulher de Crale sobre o assunto - e a resposta era que, por essa altura, já devia estar habituada a esse gênero de coisas, ao que alguém objetou, dizendo ter sabido que ela tinha ciúmes incontroláveis e que fazia a vida de Crale num inferno tal que este, como qualquer homem na mesma situação, fazia muito bem em envolver-se em aventuras ocasionais.

Menciono tudo isto, porque julgo que é importante compreender muito bem o pé em que as coisas estavam, quando lá cheguei.

Senti interesse pela rapariga, quando a conheci - era extraordinariamente bonita e muito cativante - e eu fiquei, admito-o, maliciosamente divertido ao notar que a Caroline assumira um comportamento francamente agressivo.

O próprio Amyas Crale estava menos despreocupado do que habitualmente. Embora os seus modos possam ter parecido normais a quem não o conhecesse bem, eu, que o conhecia tão intimamente, notei de imediato vários indícios de tensão, instabilidade, acessos de abstração melancólica, uma irritabilidade geral na atitude.

Apesar de ter uma inclinação permanente para a melancolia quando pintava, o quadro em que estava a trabalhar não justificava inteiramente a tensão que ele revelava. Ficou satisfeito ao ver-me e disse, assim que ficamos a sós: «Ainda bem que vieste, Phil. Viver numa casa com quatro mulheres é suficiente para dar com um homem completamente em doido. Todas juntas hão-de mandar-me para um manicômio».

O ambiente era, sem dúvida, desconfortável. A Caroline, como disse estava visivelmente agressiva com toda a situação. De um modo delicado e bem-educado, era mais rude com a Elsa do que é possível imaginar sem pronunciar uma única palavra ofensiva. A própria Elsa era aberta e flagrantemente rude com a Caroline. Era ela quem punha e dispunha e sabia-o e não havia escrúpulos de

boa educação que a impedissem de se comportar com modos abertamente grosseiros. O resultado era que Crale passava a maior parte do tempo pegado com a miúda, a Angela, quando não estava a pintar. Em geral, tinham uma relação afetuosa, embora se provocassem mutuamente e discutissem muito. Mas, nesta ocasião, havia uma ponta de nervosismo em tudo o que o Amyas dissesse ou fizesse e os dois perdiam realmente as estribeiras um com o outro. O quarto membro do grupo era a preceptora. «Uma bruxa carrancuda», como o Amyas lhe chamava. «Odeia-me como se eu fosse veneno. Fica aí sentada com os lábios comprimidos, censurando-me constantemente.»

Foi então que ele disse: «Diabos levem as mulheres! Todas! Se um homem quer ter paz, tem de afastar-se das mulheres!».

«Não devias ter casado», disse eu. «És o tipo de homem que nunca devia ter contraído compromissos familiares.»

Respondeu que agora era demasiado tarde para ter essas conversas. Acrescentou que a Caroline rejubilaria, sem dúvida, se se visse livre dele. Foi o primeiro indício que tive de que andava qualquer coisa de estranho no ar.

«Que vem a ser isto?», perguntei-lhe. «Essa história com a bela Elsa é então uma coisa séria?» Ao que ele respondeu, com uma espécie de resmungo: «É bela, não é? Às vezes, desejava nunca lhe ter posto a vista em cima».

«Ouve, meu caro, tens de te controlar», disse eu. «Não vais agora ficar amarrado a outra mulher.» Ele olhou-me, a rir, e disse: «Isso é bom de dizer, mas eu não consigo deixar as mulheres em paz, não consigo, ponto final. E se conseguisse, não me deixavam elas em paz a mim!». Em seguida, encolheu aqueles seus ombros enormes e disse: «Bem, há-de acabar por se compor tudo, espero. E tens de admitir que o quadro é bom».

Referia-se ao retrato que estava a pintar da Elsa e, embora os meus conhecimentos de pintura fossem muito reduzidos, até eu conseguia ver que seria uma obra particularmente poderosa.

Enquanto pintava, o Amyas era outro homem. Embora resmungasse, protestasse, fizesse má cara, não tivesse tento na língua e, por vezes, atirasse ao ar os pincéis, a verdade era que se sentia intensamente feliz.

Era só quando ia tomar as refeições a casa que a atmosfera hostil entre as mulheres o deprimia. Essa hostilidade atingiu um ponto de crise, a de Setembro. Tínhamos passado um almoço embaraçoso. A Elsa tinha sido particularmente - julho, de fato, que a única palavra para descrever a sua atitude é *insolente*. Tinha ignorado deliberadamente a Caroline, dirigindo persistentemente a conversa para o Amyas, como se ele e ela estivessem sozinhos na sala. A Caroline tinha conversado com o resto das pessoas com ligeireza e jovialidade, engendrando artificialmente vários comentários perfeitamente inofensivos na aparência, mas que eram verdadeiras ferroadas. Não possuía a frontalidade desdenhosa da Elsa Greer - com a Caroline tudo era oblíquo, mais sugerido do que pronunciado.

As coisas atingiram o auge, após o almoço, na sala de estar, quando terminávamos o café. Eu tinha feito um comentário acerca de uma cabeça esculpida em faia altamente polida - uma coisa muito curiosa, e a Caroline disse: «É da autoria de um jovem escultor norueguês. Eu e o Amyas admiramos muito a sua obra. Contamos visitá-lo no próximo Verão». Aquela calma assunção de posse foi demasiado para a Elsa. Nunca deixava passar em branco um desafio. Esperou um ou dois minutos e depois falou, na sua voz clara e exageradamente enfática: «Esta sala seria muito bonita, se estivesse convenientemente decorada. Tem mobília a mais. Quando eu viver aqui, vou desembaraçar-me do lixo todo e só deixo uma ou duas peças. E acho que quero cortinas em tons de cobre, para serem apanhadas na luz do pôr-do-sol através daquela grande janela a poente». Voltou-se para mim e disse: «Não achas que vai ficar uma maravilha?».

Eu não tive tempo de responder. A Caroline falou e a sua voz era suave e aveludada, e o que apenas posso descrever como perigosa. Disse: «Estás a pensar em comprar esta casa, Elsa?»

A Elsa disse: «Não vou precisar de comprá-la».

«Que queres dizer com isso?», perguntou a Caroline. A sua voz não revelava agora qualquer suavidade. Era dura e metálica. A Elsa riu e disse: «Para quê fingir? Então, Caroline, sabes muito bem o que quero dizer!».

«Não faço ideia», respondeu Caroline.

«Não sejas como a avestruz», disse a Elsa. «Não adianta fazeres de conta que não vês e que não sabes o que se passa. Eu e o Amyas gostamos um do outro. Esta casa não é tua. É dele. E quando casarmos, hei-de viver aqui com ele.»

«Acho que és doida», respondeu a Caroline.

«Não, não sou, minha querida, e tu sabes», respondeu a Elsa. «Seria muito mais simples se fôssemos honestas uma com a outra. Eu e o Amyas amamo-nos, já tiveste ocasião de constatar com toda a clareza. Só tens uma coisa decente a fazer. É dar-lhe a sua liberdade.»

A Caroline disse: «Não acredito numa só palavra do que estás a dizer».

Mas o seu tom de voz não era convincente. A Elsa tinha-lhe furado as defesas.

E nesse momento, o Amyas Crale entrou na sala e a Elsa disse, com uma gargalhada: «Se não acreditas em mim, pergunta-lhe».

E a Caroline disse: «Vou perguntar». Sem fazer qualquer pausa, perguntou: «Amyas, a Elsa diz que queres casar com ela. É verdade?».

Coitado do Amyas. Senti pena dele. Um homem sente-se um parvo, quando o obrigam a passar por uma cena daquelas. Ficou escarlate e começou a balbuciar. Atirou-se à Elsa, perguntando-lhe por que diabo não era capaz de estar calada.

«Então é verdade?», perguntou a Caroline.

Ele não respondeu; limitou-se a ficar ali, passando o dedo em volta do pescoço por dentro do colarinho da camisa. Costumava fazer aquilo em criança, quando se metia numa alhada. O desgraçado disse, tentando imprimir um tom dignificado e decisivo às palavras, sem conseguir, claro:

«Não quero discutir esse assunto.»

«Mas vamos discuti-lo!», disse a Caroline.

A Elsa intrometeu-se e disse: «É mais do que justo que a Caroline saiba»-

A Caroline perguntou, muito calmamente: «É verdade, Amyas?».

Ele mostrou-se um pouco envergonhado de si próprio. Acontece aos homens, quando as mulheres os encostam à parede.

Ela insistiu: «Responde-me, por favor. Preciso de saber».

Ele atirou a cabeça para cima à maneira de um touro na arena e disse bruscamente: «É verdade, sim, mas não quero discutir isso agora».

E deu meia volta, saindo da sala em passos largos. Fui atrás dele. Não queria ficar na companhia das mulheres. Apanhei-o no terraço. Ia a praguejar. Nunca conheci homem que praguejasse com mais vigor. Depois vociferou:

«Porque é que ela não podia estar calada? Por que diabo não podia estar calada? Agora já não há volta a dar-lhe. E tenho de acabar o quadro, estás a ouvir? A melhor coisa que fiz na vida. E duas malditas mulheres idiotas querem deitar tudo a perder!»

Depois acalmou-se um pouco e disse que as mulheres não tinham nenhum sentido das proporções.

Não pude deixar de sorrir um pouco e disse: «Com mil diabos, meu caro, foste tu que te meteste nesta alhada».

«Como se eu não soubesse», disse ele, resmungando, e acrescentou: «Mas tens de admitir, Phil, que não se pode censurar um homem por perder a cabeça com ela. Até a Caroline devia compreender».

Perguntei-lhe o que aconteceria, se a Caroline fizesse finca-pé e lhe recusasse o divórcio. Mas ele já tinha caído num devaneio. Repeti a pergunta e ele disse, absorto: «A Caroline nunca seria vingativa. Não compreendes, meu caro».

«Há a criança», fiz-lhe notar.

Ele pegou-me pelo braço.

«Phil, meu velho, as tuas intenções são boas, mas deixa-te de grasnar como um corvo. Eu sei tratar dos meus assuntos. Vai correr tudo bem. Vais ver que vai.»

O Amyas era assim um otimista que não tinha qualquer razão para sê-lo. Depois disse, alegremente: «Que vão todas para o inferno!»

Não sei se ele teria dito mais alguma coisa, mas alguns minutos mais tarde, a Caroline apareceu de rompante no terraço. Trazia um chapéu, um chapéu esquisito, meio caído, castanho-escuro, bastante atraente.

Disse, num tom de voz absolutamente normal, de todos os dias «Tira esse casaco manchado de tinta, Amyas. Vamos tomar chá a casa do Meredith... não te recordas?»

Ele olhou e, gaguejando um pouco, disse: «Ah, tinha-me esquecido. Sim, p-p-pois vamos.»

«Então vai ver se te livras desse ar de ferro-velho.» Embora o seu tom de voz fosse muito natural, não o olhou nos olhos. Aproximou-se de um canteiro *de* dalias e começou a colher algumas das flores que começavam a murchar

O Amyas voltou-se lentamente e entrou em casa.

A Caroline falou comigo. Falou durante muito tempo. Sobre as hipóteses de o tempo aguentar. E se já haveria cavalas *e*, havendo, se eu, o Amyas e a Angela queríamos ir à pesca. Era realmente espantosa. Tenho de lhe reconhecer isso.

Mas eu penso que revelava o tipo de mulher que era. Tinha uma força de vontade enorme e um comando total de si própria. Não sei se tomou a decisão de matá-lo nesse momento, mas não ficaria surpreso. E era capaz de fazer os seus planos com cuidado e sem emoção, com uma mente absolutamente lúcida e implacável.

A Caroline Crale era uma mulher muito perigosa. Devia ter-me apercebido então de que ela não estava preparada para aceitar a situação de braços cruzados. Mas fui tolo ao ponto de pensar que se tinha decidido a aceitar o inevitável ou então pensou talvez que, se continuasse a comportar-se com normalidade, o Amyas acabaria por mudar de ideias.

Nesse momento, os outros saíram de casa. A Elsa estava com um ar provocador, mas ao mesmo tempo triunfante. A Caroline não lhe ligou. Foi a Angela quem realmente salvou a situação. Saiu a discutir com Miss Williams, dizendo que não ia mudar de saia por causa de ninguém. A que trazia servia

perfeitamente; estava muito bem para o velho Meredith; ele nunca reparava em nada.

Finalmente, arrancamos. A Caroline foi com a Angela e eu fui com o Amyas. A Elsa foi sozinha com um sorriso nos lábios.

Eu pessoalmente não a admirava; era de um tipo demasiado violento mas tenho de admitir que, nessa tarde, estava extraordinariamente bela. As mulheres ficam belas, quando conseguem o que querem.

Não consigo recordar os acontecimentos dessa tarde com clareza. Tenho memórias confusas. Lembro-me de o Merry ter vindo ao nosso encontro. Creio que passeamos primeiro pelo jardim. Lembro-me de ter tido uma longa discussão com a Angela sobre o adestramento de *terriers* para caçar ratos. Ela comeu uma dose excessiva de maçãs e tentou persuadir-me a fazer o mesmo.

Quando entramos em casa, estavam a servir o chá sob o cedro grande. O Merry, recordo-me, parecia muito perturbado. Suponho que a Caroline ou o Amyas lhe terão dito qualquer coisa. Olhava duvidoso para a Caroline, e em seguida fitou a Elsa. O desgraçado estava profundamente preocupado. Claro que a Caroline gostava de trazer o Meredith mais ou menos pela trela, o amigo dedicado e platônico que nunca, nunca iria longe demais. Era esse gênero de mulher que ela era.

Depois do chá, o Meredith teve uma breve conversa comigo.

«Ouve, Phil», disse, «o Amyas *não* pode fazer uma coisa destas!».

«Não tenhas ilusões, é precisamente o que ele vai fazer», respondi.

«Ele não pode deixar a mulher e a filha e desandar com esta rapariga. É muito mais velho do que ela. Ela não pode ter mais de dezoito anos.»

Disse-lhe que Miss Greer tinha vinte anos feitos, e plenos de sofisticação.

«Seja como for, é menor», disse ele. «Não pode ter consciência do que está a fazer.»

Pobre Meredith. Sempre o cavalheiro correto e cortês.

«Não te preocupes, meu velho», disse eu. «Ela sabe o que está a fazer e gosta!»

Não tivemos oportunidade para dizer mais nada. Pensei comigo mesmo que talvez o Merry se sentisse transtornado com a ideia de a Caroline ser uma mulher abandonada pelo marido. Quando o divórcio se consumasse, ela podia ter esperança de que o seu cãozinho fiel a desposasse. Na minha ideia, aquela devoção vã enquadrava-se muito melhor com ele. Devo confessar que esse aspecto da situação me divertia.

Curiosamente, lembro-me muito mal da nossa visita à sala dos cheiretes do Meredith. Ele adorava mostrar o seu passatempo às pessoas. Pessoalmente, sempre o achei muito maçador. Imagino que estive presente, com os outros, quando ele fez a sua exposição sobre a eficácia da conina, mas não me recordo. E não vi a Caroline apropriar-se do veneno. Como disse, ela era uma mulher muito habilidosa. Lembro-me de o Meredith ler em voz alta a passagem de Platão descrevendo a morte de Sócrates. Muito enfadonha, pensei. Os clássicos sempre me enfadaram.

Não me lembro de muito mais acerca desse dia. Sei que o Amyas e a Angela tiveram uma briga monumental e todos nós nos sentimos aliviados. Evitou outras dificuldades. A Angela fugiu a correr para o quarto, com uma última explosão de vitupérios. Disse *A*, que havia de vingar-se. *B*, oxalá ele morresse. *C*, que esperava que morresse de lepra, que seria muito bem feito. *D*, que desejava que lhe ficasse presa ao nariz uma salsicha, como no conto de fadas, e que nunca mais saísse. Quando partiu, rimo-nos todos, foi superior a nós, a misturada teve imensa graça.

A Caroline foi deitar-se imediatamente. Miss Williams desapareceu atrás da pupila. O Amyas e a Elsa saíram juntos para o jardim. Era claro que ninguém pretendia a minha companhia. Decidi ir dar um passeio sozinho. Estava uma noite muito agradável.

Na manhã seguinte, desci bastante tarde. Não estava ninguém na sala de jantar. Tem piada, as coisas de que uma pessoa se lembra. Lembro-me perfeitamente do sabor dos rins e do *bacon* que comi. Os rins estavam deliciosos, apimentados.

Em seguida, saí à procura do resto das pessoas. Não vi ninguém, fumei um cigarro, encontrei Miss Williams que andava numa lufa-lufa à procura da Angela, que mais uma vez se furtara aos seus deveres de consertar um vestido esgaçado. Voltei para o vestíbulo e apercebi-me de que o Amyas e a Caroline estavam a discutir na biblioteca. Falavam num tom muito alto. Ouvi-a dizer

«Tu e as tuas mulheres! Dá-me vontade de te matar. Um dia destes, mato-te.» O Amyas disse: «Não sejas tola, Caroline». E ela disse: «Estou a falar a sério, Amyas»

Bom, não quis continuar à escuta e voltei a sair. Encaminhei-me para o terraço na direção contrária e dei de caras com a Elsa.

Estava sentada numa das cadeiras compridas. Esta encontrava-se precisamente por baixo da janela da biblioteca e a janela estava aberta. Imagino que não deve ter perdido muito do que se passou lá dentro. Quando me viu, levantou-se, numa paz de alma total, e aproximou-se de mim. Vinha a sorrir. Pegou-me pelo braço e disse.

«Está uma bonita manhã, não está?»

Estava uma bonita manhã para ela, pois! Uma rapariga bastante cruel. Não, creio que simplesmente honesta e falha de imaginação. A única coisa que era capaz de ver era a sua própria ambição.

Estávamos a conversar no terraço há cerca de cinco minutos, quando ouvi a porta da biblioteca bater com um estrondo e o Amyas Crale saiu. Vinha afogueado.

Agarrou na Elsa sem cerimônias pelo ombro e disse: «Vamos, são horas de posares. Quero despachar-me com o quadro».

Ela disse: «Muito bem, vou só lá cima buscar uma camisola. Está um vento frio».

Entrou em casa. Fiquei a ver se o Amyas me dizia alguma coisa, mas não disse muito. Apenas: «Estas mulheres!».

Eu respondi: «Anima-te, meu velho».

Em seguida, nenhum de nós falou até a Elsa voltar a aparecer.

Afastaram-se juntos na direção do jardim da Bateria. Eu entrei em casa. A Caroline estava no vestíbulo. Creio que nem deu pela minha presença. Era uma atitude que, por vezes, assumia. Parecia ausentar-se por completo recolher-se, digamos, dentro de si mesma. Limitou-se a murmurar qualquer coisa. Não para mim, para ela. Mas consegui ouvir as palavras; «É demasiado cruel...» Foi o que ela disse. Depois, passou por mim e dirigiu-se ao andar superior, continuando a parecer não me ter visto exatamente como uma pessoa obcecada por uma visão interior. Eu por mim penso (repare que não tenho qualquer autoridade para dizê-lo) que ela foi buscar o veneno e que foi então que decidiu fazer o que fez.

E precisamente nesse momento o telefone tocou. Em certas casas, espera-se que os criados atendam, mas eu era uma visita tão assídua de Alderbury que reagi mais ou menos como uma pessoa da família. Peguei no auscultador.

Do outro lado, ouvi a voz do meu irmão Meredith. Estava muito perturbado. Explicou que tinha ido ao laboratório e que o frasco da conina estava meio vazio.

Não preciso de voltar a referir todas as coisas que sei agora que devia ter feito. O incidente era muito inquietante e eu fui suficientemente parvo para me deixar apanhar de surpresa. Do outro lado da linha, o Meredith estava bastante agitado. Ouvi alguém nas escadas e apenas lhe disse bruscamente que viesse ter comigo sem demora.

Fui pessoalmente ao seu encontro. Caso não conheça a topografia, o caminho mais curto de uma propriedade à outra era atravessando a remo um pequeno ribeiro. Desci o trilho até ao ponto onde os barcos estavam atracados num pequeno cais. Para tal, tive de passar ao lado do muro do jardim da Bateria. Ouvi a Elsa e o Amyas conversarem, enquanto ele pintava. Pareciam muito alegres e despreocupados. O Amyas estava a dizer que estava um dia extraordinariamente quente (e estava, estava muito quente para Setembro) e a Elsa dizia que, sentada ali a posar na ameia, sentia um vento frio vindo do mar. E depois disse: «Estou terrivelmente perra de estar a posar. Posso descansar um pouco, querido?». E ouvi o Amyas exclamar: «Nem penses. Aguenta. És uma

rapariga forte. E isto está a correr bem, acredita». Ouvi a Elsa dizer: «Bruto» e rir, e a partir daí não consegui ouvir mais nada.

O Meredith já vinha a remar da outra margem e eu esperei que chegasse. Amarrou o barco e subiu os degraus. Estava muito pálido e preocupado.

«Tens uma cabeça melhor do que a minha, Philip», disse-me. «Que devo fazer? Aquela substância é perigosa.»

Eu disse: «Tens a certeza absoluta de que desapareceu?». O Meredith sempre foi uma pessoa bastante vaga, compreende. Talvez por isso não levei a coisa tão a sério como devia ter levado. Ele respondeu que tinha a *certeza* absoluta. Na tarde do dia anterior, o frasco estava cheio.

«E não fazes ideia nenhuma de quem o terá roubado?», perguntei. Ele disse que não e perguntou-me a *minha* opinião. Poderia ter sido um dos criados? Disse que imaginava que sim, mas que me parecia improvável. Mantinha sempre a porta fechada à chave, não era assim? Sempre, disse, e depois lançou-se num palra tório, dizendo que tinha encontrado a janela alguns centímetros aberta na parte de baixo. Devia ter sido assim que a pessoa entrou.

«Um ladrão fortuito?», perguntei, com cepticismo. «Na minha opinião, isso abre algumas possibilidades muito desagradáveis, Meredith.»

Ele perguntou-me o que eu realmente pensava e eu respondi que, se ele tinha a certeza de não estar enganado, provavelmente tinha sido a Caroline para envenenar a Elsa - ou, em alternativa, a Elsa para afastar a Caroline e desobstruir o caminho que a levaria ao amor sem restrições.

O Meredith titubeou um pouco e disse que era absurdo e melodramático e que não podia ser verdade. Eu disse: «Bom, a droga desapareceu. Qual é a *tua* explicação?». Ele não tinha nenhuma, claro. A verdade é que pensava o mesmo que eu, mas não queria encarar o fato.

Repetiu: «Que vamos fazer?».

E eu, como o grande parvo que fui, respondi: «Temos de ponderar o assunto com cuidado. Ou anuncias o desaparecimento, sem rodeios, quando todos estiverem presentes, ou então chamas a Caroline à parte e responsabiliza-la. Se estás convencido de que ela *não* está envolvida, adota a mesma tática com

a Elsa». Ele disse: «Uma rapariga daquelas! É impossível que tenha sido ela». Eu disse que não rejeitaria essa hipótese.

Enquanto conversávamos, íamo-nos encaminhando para a casa. Depois da minha última observação, nenhum de nós falou durante alguns momentos. Estávamos a contornar o jardim da Bateria e eu ouvi a voz da Caroline.

Pensei que talvez estivesse a ter lugar uma discussão a três vozes, mas o tema era a Angela. A Caroline protestava e dizia: «É muito cruel para a pequena». E o Amyas respondeu-lhe com uma observação impaciente. Em seguida, a porta do jardim abriu-se no momento em que chegamos junto dela. O Amyas pareceu um pouco surpreendido por nos ver ali. A Caroline vinha a sair e disse: «Olá, Meredith. Temos estado a discutir a ida da Angela para o colégio. Não tenho de todo a certeza de que seja o melhor para ela». O Amyas disse: «Não te consumas com a rapariga. Não há-de ter problemas. Bons ares a levem!».

Nesse momento, a Elsa apareceu a correr pelo trilho, vinda de casa. Trazia na mão uma camisola escarlate. O Amyas resmungou:

«Vamos embora. Volta para a tua pose. Não quero perder tempo.»

Voltou para junto do cavalete. Reparei que cambaleava ligeiramente e perguntei-me se teria estado a beber. Seria uma atitude perfeitamente desculpável no meio de tanta barafunda e de tantas cenas.

«A cerveja aqui está a esquentar. Porque é que não há gelo aqui em baixo?», vociferou.

E a Caroline Crale disse: «Eu mando-te já cerveja gelada».

«Obrigado», rosnou o Amyas, em resposta.

Em seguida, a Caroline fechou a porta do jardim da Bateria e encaminhou-se conosco para casa. Nós sentamo-nos no terraço e ela entrou. Cerca de cinco minutos mais tarde, a Angela apareceu com duas garrafas de cerveja e alguns copos. O dia estava quente e ficamos satisfeitos com a idéia. Enquanto bebíamos, vimos a Caroline passar. Levava consigo outra garrafa e disse que ia levá-la ao Amyas. O Meredith ofereceu-se para ir, mas ela foi muito peremptória, dizendo que a levaria pessoalmente. Pensei parvo que fui que não

passava dos ciúmes que sentia. Não suportava que os dois estivessem sozinhos no jardim. Por isso, já lá tinha ido uma vez, com o débil pretexto de discutir a partida da Angela.

Desceu pelo caminho em ziguezague, enquanto eu e o Meredith a observávamos. Ainda não tínhamos decidido nada e agora a Angela insistia para que eu fosse tomar banho com ela. Parecia impossível ficar um momento a sós com o Meredith. Disse-lhe simplesmente: «Depois do almoço». E ele anuiu.

Depois, fui tomar banho com a Angela. Nadamos um bom bocado até à outra margem do ribeiro *e para cá* novamente e, em seguida, estendemo-nos nas rochas a apanhar banhos de sol. A Angela estava um pouco taciturna, o que me convinha. Decidi que, imediatamente a seguir ao almoço, chamaria a Caroline à parte e a acusaria à queima-roupa de ter roubado o veneno. Não adiantava incumbir o Meredith da tarefa; ele era demasiado pusilânime. Não, responsabilizá-la-ia frontalmente. Em resultado, ela teria de devolvê-lo ou, mesmo que não devolvesse, não se atreveria a usá-lo. Não me restavam dúvidas, depois de pensar melhor no assunto, de que tinha sido ela. A Elsa era uma jovem demasiado sensível e determinada para se arriscar a mexer em venenos. Sabia muito bem o que queria e era perfeitamente capaz de olhar por si. A Caroline era de têmpera mais perigosa desequilibrada, levada por impulsos e definitivamente neurótica. E, contudo, continuava latente em mim a impressão de que o Meredith *podia* estar enganado. Ou que um dos criados tivesse andado lá a bisbilhotar e tivesse entornado o frasco, não tendo depois a coragem de admiti-lo. É que o veneno parece uma coisa tão melodramática que uma pessoa tem dificuldade em acreditar.

Até acontecer.

Já era bastante tarde, quando olhei para o relógio, e fui a correr com a Angela para casa. Estavam precisamente a sentar-se à mesa à exceção do Amyas que tinha ficado a pintar no jardim. Era um hábito freqüente e, secretamente, achei muito prudente da sua parte ter decidido fazê-lo naquele dia. O almoço teria provavelmente sido um embaraço.

Tomamos o café no terraço. Gostava de recordar melhor a aparência e as ações da Caroline. Não parecia de modo nenhum excitada. Tranqüila e bastante triste, foi a impressão com que fiquei. Que demônio era aquela mulher!

Porque é uma coisa diabólica, envenenar um homem a sangue-frio. Se houvesse um revólver pela casa e ela tivesse pegado nele e o matasse bem, teria sido mais compreensível. Mas um envenenamento a frio, premeditado, por vingança... E tão calma e composta.

Levantou-se e disse que ia levar-lhe o café com os modos mais naturais que se possa imaginar. E, no entanto, sabia, tinha de saber que, nesse momento, ia encontrá-lo morto. Miss Williams foi com ela. Não me lembro se foi por sugestão de Caroline ou não. Mas penso que sim.

As duas mulheres afastaram-se juntas. Pouco depois, o Meredith foi dar um passeio. Eu estava a arranjar uma desculpa para ir atrás dele, quando o vi novamente subir o trilho a correr. Estava sem cor e disse, ofegante:

«Temos de chamar um médico... depressa... o Amyas...»

Levantei-me de um salto.

«Está doente... está a morrer?»

«Infelizmente está morto...», respondeu o Meredith.

Tínhamo-nos esquecido temporariamente da Elsa que, nesse momento, emitiu um grito. Foi como o uivo de um lobisomem. Gritou:

«Morto? Morto?...» E desatou a correr. Não sabia que era possível uma pessoa mover-se assim como um veado como uma coisa destroçada. E como uma Fúria vingadora também.

O Meredith disse, sem fôlego: «Vai atrás dela. Eu telefono. Vai atrás dela. Não se sabe o que é capaz de fazer».

Eu fui atrás dela e ainda bem. Poderia ter facilmente morto a Caroline. Nunca vi uma mágoa e um ódio delirante assim. Todo o verniz da sofisticação e da boa educação estalou. Via-se que o pai e os avós tinham sido operários. Privada do amante, estava reduzida ao mais primitivo que existe na mulher. Teria esganhado o rosto da Caroline, ter-lhe-ia arrancado os cabelos, atirado do

parapeito, se pudesse. Por qualquer razão, pensou que a Caroline o tinha esfaqueado. Estava completamente enganada, claro.

Contive-a *e, em seguida*, Miss Williams tomou conta da situação. Devo dizer que o fez com grande competência. Conseguiu que a Elsa se controlasse em menos de um minuto disse-lhe que devia estar calada e que um tal barulho e violência eram absolutamente inaceitáveis. Era uma mulher temível. Mas conseguiu. A Elsa calou-se e ficou simplesmente ali a arquejar e a tremer.

Quanto à Caroline, no que me diz respeito, a máscara caiu. Ficou ali, perfeitamente calma quase se poderia dizer aturdida. Mas não estava aturdida. Foram os olhos que a denunciaram. Estavam vigilantes absolutamente conscientes e silenciosamente vigilantes. Tinha começado, suponho, a ter medo...

Dirigi-me a ela e falei-lhe. Disse-o muito baixinho. Creio que nenhuma das outras duas mulheres me ouviu.

«Maldita assassina, mataste o meu melhor amigo», disse-lhe.

Ela recuou e disse:

«Não... não, não... ele... foi ele...»

Olhei-a frontalmente e disse:

«Podes ir contar essa história... à polícia.»

E contou, mas eles não acreditaram.

*Fim da Declaração de Philip Blake.*

## RELATO DE MEREDITH BLAKE

Caro M. Poirot,

Como lhe prometi, passei ao papel um relato de tudo de que me lembro, relativamente aos trágicos acontecimentos que sucederam há dezesseis anos. Em primeiro lugar, gostaria de dizer que refleti cuidadosamente sobre tudo quanto me disse no nosso recente encontro. E, depois de pensar muito, estou ainda mais convencido do que antes, de que é extremamente improvável que a Caroline Crale tenha envenenado o marido. Sempre me pareceu uma incongruência, mas a falta de qualquer outra explicação e a sua própria atitude levaram-me a seguir,

como um carneiro, a opinião de outras pessoas e a fazer coro com elas dizendo que, se não foi ela, que outra explicação pode haver?

Desde que falei com o senhor, refleti com grande cuidado sobre a solução alternativa apresentada na altura e avançada pela defesa durante o julgamento. Ou seja, a de que o Amyas Crale pôs termo à sua própria vida. Embora na época, pelo que dele conhecia, essa solução me tivesse parecido muito rebuscada, reconheço que devo agora alterar a minha opinião. Para começar, temos o fato altamente significativo de a Caroline acreditar nela. Se vamos agora aceitar que essa encantadora e gentil senhora foi injustamente condenada, então a sua convicção, repetidamente formulada, deve ter um peso considerável. Ela conhecia o Amyas melhor do que ninguém. Se, na *sua* opinião, o suicídio era uma possibilidade, então *deve* ter sido suicídio, apesar do cepticismo dos seus amigos.

Proponho, pois, a teoria de que o Amyas Crale possuía um resquício de consciência, algum remorso latente e mesmo desespero ante os excessos a que o seu temperamento o levava, de que apenas a mulher tinha conhecimento. Esta suposição não é, creio, impossível. Ele poderá ter-lhe mostrado, e só a ela, essa faceta da sua personalidade. Apesar de inconsistente com tudo quanto lhe ouvi, é, todavia, verdade que a maioria dos homens tem um lado desconhecido e inconsciente que, com frequência, constitui surpresa para as pessoas que os conhecem intimamente. Descobre-se que um homem respeitado e austero teve uma vida escandalosa que ocultou. Um banal homem de negócios tem, talvez, um apreço secreto por alguma refinada obra de arte. Pessoas duras e implacáveis foram acusadas de bondades escondidas de que ninguém suspeitava. Homens generosos e joviais revelaram um lado mesquinho e cruel.

Portanto, pode ter acontecido que o Amyas Crale possuísse uma veia mórbida de auto-acusação e que, quanto mais alardeava o seu egoísmo e o seu direito a fazer o que bem lhe apetecia, mais intensamente essa consciência secreta o corroesse. É improvável, à primeira vista, mas acredito agora que deve ter sido esse o caso. E volto a repetir, a própria Caroline defendeu inabalavelmente esse ponto de vista. Isto é, repito, muito importante!

Passo agora ao exame dos fatos, ou melhor, à minha memória dos fatos, à luz desta nova convicção.

Penso que posso incluir aqui uma conversa relevante que tive com a Caroline algumas semanas antes da tragédia. Teve lugar durante a primeira visita da Elsa Greer a Alderbury.

A Caroline, como lhe disse, sabia da minha profunda amizade e afeição por ela. Eu era, por conseguinte, a pessoa a quem ela mais facilmente podia fazer confidências. Não andava muito feliz. No entanto, fiquei surpreendido quando, um dia, subitamente me perguntou se eu achava que o Amyas gostava realmente muito da rapariga que trouxera consigo.

Eu respondi: «Está interessado em pintá-la. Sabes como é o Amyas».

Abanando a cabeça, disse: «Não, está apaixonado por ela».

«Bom, talvez um pouco.»

«Muito, na minha opinião.»

Admito que ela é extraordinariamente atraente», respondi. «E ambos sabemos que o Amyas é susceptível. Mas já deves saber, minha querida, que o Amyas só tem realmente olhos para uma pessoa, e essa pessoa és tu. Tem estas paixões, mas nunca duram muito. Tu és a única pessoa que conta para ele e, embora o seu comportamento seja detestável, não afeta aquilo que sente por ti.»

A Caroline disse: «Era o que eu costumava pensar».

«Acredita, Caro, é verdade», disse eu.

«Mas desta vez, Merry», disse a Caroline, «estou com medo. A rapariga é tão... tão incrivelmente sincera. É tão jovem... e tão intensa. Pressinto que desta vez é sério».

Eu retorqui: «Mas o próprio fato de ser tão nova e, como dizes, tão sincera, protegê-la-á. De uma maneira geral, as mulheres são joguetes nas mãos do Amyas, mas no caso de uma rapariga assim, será diferente».

«Sim, é disso que tenho medo... que seja diferente.» E continuou: «Tenho trinta e quatro anos, Merry, sabes, e estamos casados há dez anos. Em aspecto, não chego aos calcanhares desta pequena, da Elsa, e sei-o».

Eu disse: «Mas tu sabes, Caroline, sabes muito bem... que o Amyas te é profundamente dedicado».

Ela respondeu: «Alguma vez se poderá saber com os homens?». E, em seguida, riu, com uma ponta de mágoa, e disse: «Eu sou uma mulher muito primitiva, Merry. Só me apetece espetar uma faca nessa rapariga».

Disse-lhe que a pequena provavelmente não fazia a menor idéia do que estava a fazer. Nutria uma grande admiração pelo Amyas, idolatrava-o como um herói, e provavelmente não se apercebia de que o Amyas estava a apaixonar-se por ela.

A Caroline disse-me: «Meu querido Merry!» e começou a falar do jardim. Tive a esperança de que não se preocupasse mais com o assunto.

Pouco depois, a Elsa regressou a Londres. O Amyas esteve ausente durante várias semanas. Eu, pelo meu lado, esqueci completamente aquela história. E depois soube que a Elsa estava de volta a Alderbury, para que o Amyas pudesse acabar de pintar o retrato.

Fiquei um pouco transtornado com a notícia. Mas a Caroline, quando falei com ela, não estava numa disposição comunicativa. Parecia a Caroline de sempre, de modo nenhum preocupada ou aborrecida. Imaginei que estava tudo a correr bem.

Foi por isso que fiquei chocado ao saber até que ponto as coisas tinham progredido.

Falei-lhe das minhas conversas com o Crale e com a Elsa. Não tive oportunidade de falar com a Caroline. Apenas pudemos trocar as breves palavras que já lhe relatei.

Sou capaz de visualizar o seu rosto agora, os grandes olhos escuros Pela emoção sublimada. Ainda ouço a sua voz, quando disse:

*«Está tudo acabado...»*

Não consigo descrever-lhe a profunda desolação que essas palavras transmitiram. Constituíam uma tradução literal da verdade. Para ela, com a partida do Amyas, tudo estava acabado. Estou convencido de que foi essa a razão por que ela levou a conina. Era uma saída. Uma solução que a minha estúpida

exposição sobre a substância lhe sugeriu. E a passagem de Fédon que eu li apresenta uma imagem compassiva da morte.

Eis a minha convicção presente. Ela levou a conina, decidida a pôr termo à vida, quando o Amyas a abandonasse. Ele pode tê-la visto pegar nela, ou pode ter descoberto mais tarde que ela a tinha.

Essa descoberta afetou-o terrivelmente. Ficou horrorizado com a idéia do que os seus atos a levaram a considerar. Mas, não obstante o seu horror e remorso, continuava a sentir-se incapaz de deixar a Elsa. Sou capaz de compreender essa atitude. Quem se apaixonasse por ela acharia praticamente impossível desligar-se da relação.

*Ele* não conseguia imaginar a vida sem a Elsa. Compreendia que a Caroline era incapaz de viver sem *ele*. Decidiu que só havia uma saída: usar a conina para se matar.

E creio que a forma como o fez pode ser típica da pessoa em causa. A sua pintura era o aspecto da sua vida que lhe era mais caro. A sua opção foi morrer literalmente de pincel na mão. E a última coisa que os seus olhos veriam seria o rosto da rapariga que amava tão desesperadamente. Pode ter pensado também que a sua morte era o melhor que podia acontecer à rapariga...

Admito que esta teoria deixe alguns fatos curiosos por explicar. Por que razão, por exemplo, só apareceram as impressões digitais da Caroline no frasco de conina vazio? Sugiro que, depois de o Amyas o manusear, todas as impressões digitais foram esbatidas ou apagadas com as pilhas de roupa macia que se encontravam sobre o frasco e que, depois da sua morte, a Caroline pegou nele para ver se alguém lhe teria tocado. Decerto que se trata de algo possível e plausível, não concorda? Quanto à evidência das impressões digitais na garrafa de cerveja, as testemunhas de defesa exprimiram a opinião de que a mão de um homem *pode* ficar distorcida depois de ingerir veneno, pegando assim na garrafa de cerveja de uma forma muito pouco natural.

Há ainda outra coisa que fica por explicar. A própria atitude da Caroline durante o julgamento. Mas julgo que agora compreendi a razão. Foi *ela quem efetivamente levou o veneno do meu laboratório*. Foi a sua determinação em

suicidar-se que impeliu o marido a matar-se em seu lugar. Não é com certeza descabido supor que, num excesso mórbido de responsabilidade, ela se tenha considerado responsável pela sua morte que se tenha convencido de que era culpada de assassínio ainda que não do tipo de assassínio de que estava a ser acusada?

Penso que tudo poderá ter-se passado assim. E se for este o caso, então ser-lhe-á decerto fácil persuadir a pequena Carla do fato. E ela poderá casar com o noivo, na certeza de que a única coisa de que a mãe foi culpada foi um impulso (e nada mais) para acabar com a própria vida.

Mas nada disto, infelizmente, é aquilo que me pediu que foi um relato dos acontecimentos tal como os recordo. Deixe-me agora reparar esta omissão. Já lhe contei integralmente o que se passou no dia anterior à morte do Amyas. Chegamos agora ao dia em si.

Eu tinha dormido muito mal preocupado com a volta desastrosa que as coisas tinham levado para os meus amigos. Após um longo período de vigília, em que procurei em vão pensar em qualquer coisa de útil que pudesse fazer para evitar a catástrofe, adormeci profundamente por volta das seis da manhã. Quando me trouxeram o chá da manhã, não acordei, tendo por fim despertado, acabrunhado e nada revigorado, cerca das nove e meia. Pouco depois, julguei ouvir movimento na sala por baixo do meu quarto, que era a sala que eu usava como laboratório.

Devo aqui referir que os ruídos foram provavelmente causados pela entrada de um gato. Descubri a vidraça ligeiramente levantada, como tinha sido deixada, por descuido, no dia anterior. Estava aberta o suficiente para deixar entrar um gato. Apenas menciono estes ruídos para explicar a razão por que fui ao laboratório.

Assim que me vesti, encaminhei-me para ali e, examinando as prateleiras, reparei que o frasco que continha o preparado de conina estava ligeiramente desalinhado em relação aos outros. Tendo a minha atenção sido assim atraída, fiquei estupefato quando notei que tinha desaparecido uma

quantidade considerável da substância. O frasco estava praticamente cheio no dia anterior e agora estava quase vazio.

Fechei e tranquei a janela e saí, fechando a porta à chave atrás de mim. Estava bastante transtornado e também intrigado. Quando fico assim atônito, os meus processos mentais são, infelizmente, um tanto lentos.

A princípio, fiquei perturbado, e depois apreensivo e, finalmente, definitivamente alarmado. Interroguei a criadagem e todos negaram ter entrado no laboratório. Refleti um pouco mais e então decidi telefonar ao meu irmão a pedir-lhe conselho.

O Philip foi mais rápido do que eu. Apercebeu-se da gravidade da minha descoberta e insistiu para que eu fosse de imediato ter com ele, para discutirmos a situação.

Saí, tendo encontrado Miss Williams, que tinha vindo da outra margem à procura de uma pupila faltosa. Assegurei-lhe que não tinha visto a Angela *e que* ela não tinha estado lá em casa.

Penso que Miss Williams notou que se passava qualquer coisa. Olhou-me com uma expressão de estranheza. Não fazia tensões, no entanto, de lhe contar o que acontecera. Sugeri-lhe que tentasse a horta, havia lá uma macieira que a Angela adorava e apressei-me até à margem, atravessando de barco até Alderbury.

O meu irmão já lá estava à minha espera.

Dirigimo-nos juntos para a casa, seguindo o caminho que eu e o senhor tomamos no outro dia. Quando se olha para a topografia, compreende-se que, ao passar por baixo do muro do jardim da Bateria, não havia maneira de evitar ouvir qualquer conversa que estivesse ali a decorrer.

Para além do fato de a Caroline e o Amyas estarem envolvidos numa discussão qualquer, não prestei grande atenção ao que diziam.

Não ouvi qualquer ameaça proferida pela Caroline, e disso não tenho dúvidas. O tema da discussão era a Angela e presumo que a Caroline estivesse a pedir uma suspensão temporária da decisão decretada pelo Amyas de que ela

fosse para o colégio. Contudo, o Amyas mostrava-se inflexível, gritando, irritado, que estava tudo resolvido e que ele próprio trataria de lhe aviar as malas.

A porta do jardim abriu-se, precisamente quando íamos a passar, e a Caroline saiu. Parecia perturbada, mas não excessivamente. Sorriu-me com um ar absorto e disse que tinham estado a discutir a Angela. A Elsa apareceu pelo trilho abaixo nesse momento e, como o Amyas queria claramente continuar a pintura, sem que o interrompêssemos, continuamos a nossa subida.

Mais tarde, o Philip culpou-se amargamente pelo fato de não termos agido de imediato. Mas eu próprio não entendo a coisa dessa forma. Nós não tínhamos qualquer direito de partir do princípio de que estava na forja um assassinio. (Além do mais, estou hoje convencido que *não* estava na forja.) Era claro que devíamos ter seguido uma linha de ação *qualquer*, mas continuo a manter que fizemos bem em ter discutido primeiro a questão com cuidado. Era preciso determinar qual a ação correta a adotar e, num ou noutro momento, dei comigo a pensar se não me teria enganado. O frasco estava realmente cheio no dia anterior, como eu pensava? Eu não sou dessas pessoas (como o meu irmão Philip) que têm certezas inabaláveis acerca de tudo. A memória por vezes prega-nos partidas. Quantas vezes, por exemplo, estamos convencidos de que pusemos um objeto num determinado lugar, para mais tarde descobrirmos que o pusemos noutro muito diferente. Quanto mais tentava lembrar-me da quantidade de droga que o frasco tinha na tarde do dia anterior, mais inseguro e duvidoso ficava. O Philip começou a irritar-se com as minhas incertezas e a perder a paciência comigo.

Não pudemos continuar a nossa conversa na altura e concordamos tacitamente em adiá-la até depois do almoço. (Devo dizer que tinha toda a liberdade de aparecer para almoçar em Alderbury, se assim me aprouvesse.)

Mais tarde, a Angela e a Caroline trouxeram-nos cerveja. Perguntei à Angela por que razão tinha faltado aos seus deveres e disse-lhe que Miss Williams estava em pé de guerra, ao que me respondeu que tinha ido tomar banho acrescentando que não via razão para remendar a sua horrível saia velha, quando estava em vias de ter roupa nova quando fosse para o colégio.

Como não havia hipótese de continuar a conversar com o Philip a sós e, uma vez que me sentia realmente ansioso por pensar em tudo sozinho, afastei-me pelo trilho em direção ao jardim da Bateria. Logo acima do jardim, como lhe mostrei, existe uma clareira nas árvores, onde costumava estar um velho banco. Sentei-me ali a fumar e a pensar, observando a Elsa que posava para o Amyas.

Hei - de sempre pensar nela como a vi naquele dia. Numa pose rígida, com a sua camisa amarela e calças azul-escuras e uma camisola vermelha colocada em redor dos ombros para se agasalhar.

Tinha uma fisionomia profundamente animada de vida, de saúde e de radiância. E aquela sua voz alegre expondo os planos que tinha para o futuro

Pode parecer que estive furtivamente à escuta, mas não foi o caso. A Elsa via-me perfeitamente. Tanto ela, como o Amyas, sabiam que eu ali estava. Ela acenou-me e exclamou que o Amyas estava um perfeito bruto nessa manhã que não a deixava descansar. Sentia os músculos presos e doía-lhe o corpo todo.

O Amyas resmungou que os músculos dela não estavam tão presos como os seus. Ele estava completamente empenado sofria de reumatismo. A Elsa disse, em tom de troça: «Coitadinho do velhote!». E ele disse que lhe tinha saído um inválido enferrujado na rifa.

Sabe, fiquei chocado com a sua aquiescência leviana em relação a um futuro a dois, ao mesmo tempo que estavam a causar tanto sofrimento. E, no entanto, não conseguia censurá-la. Era tão jovem, tão confiante, estava tão apaixonada. E não tinha realmente consciência do que estava a fazer. Não compreendia o sofrimento. Partia simplesmente do princípio, com a confiança ingênua de uma criança, de que a Caroline ficaria «bem», de que «ultrapassaria tudo num instante». Não via mais ninguém, compreende, a não ser ela própria e o Amyas em felicidade total. Já me tinha dito que os meus pontos de vista eram antiquados. Não tinha dúvidas, nem escrúpulos nem piedade. Mas pode-se esperar piedade da radiosa juventude? A piedade é uma emoção mais madura e cautelosa.

Eles não falaram muito, naturalmente. Nenhum pintor gosta de dar à língua, enquanto pinta. Talvez de dez em dez minutos, mais ou menos, a Elsa

fizesse alguma observação a que o Amyas respondia com um rosnado. A certa altura, disse:

«Acho que tens razão acerca de Espanha. É o primeiro sítio aonde vamos. E tens de me levar a assistir a uma tourada. Deve ser fantástico. Só que gostava que fosse o touro a matar o homem e não o contrário. Compreendo o que sentiam as mulheres romanas quando viam um homem morrer. Os homens não valem grande coisa, mas os animais são esplêndidos.»

Suponho que ela própria era como um animal jovem e primitiva, não tendo ainda passado pelas adversidades que caracterizam a vivência humana.

Não creio que a Elsa tivesse começado *a pensar limitava-se a sentir*. Mas era demasiado viva, mais viva do que qualquer pessoa que alguma vez conheci.

Foi a última vez que a vi radiosa e segura na crista da onda. Exultante, creio, é a palavra que a define.

O sino tocou para o almoço e eu levantei-me, desci o trilho e entrei no jardim da Bateria, e a Elsa acompanhou-me. A luz ali era ofuscante, para quem vinha da sombra das árvores. Mal conseguia ver. O Amyas estava estendido no banco, com os braços descaídos. Olhava fixamente o quadro. Recordo-o tantas vezes assim. Como podia eu saber que o veneno já estava a atuar, paralisando-o, enquanto ali estava sentado?

Ele detestava profundamente a doença. Nunca admitia estar doente. É possível mesmo que achasse que tinha apanhado demasiado sol; os sintomas são muito semelhantes mas seria a última pessoa a queixar-se disso.

A Elsa disse: «Ele não quer almoçar».

Pensei comigo mesmo que era uma atitude sensata e disse: «Então até logo».

Ele desviou os olhos do quadro até que os pousou em mim. Tinham uma estranha como hei-de descrever parecia malevolência. Uma espécie de olhar feroz e malévol.

Naturalmente que, na altura, não o compreendi se o seu trabalho não lhe corria como ele desejava, ficava muitas vezes com um ar violento. E pensei que fosse esse o caso. Emitiu uma espécie de gemido.

Nem eu, nem a Elsa, vimos nele nada de anormal apenas o seu temperamento artístico.

Assim, deixamo-lo e fomos juntos para casa, rindo e conversando. Se ela soubesse, pobre pequena, que nunca mais o veria com vida... Bem, graças a Deus que não sabia. Pôde assim prolongar a sua felicidade por mais uns momentos.

A Caroline estava perfeitamente normal ao almoço um pouco preocupada; nada mais. Não demonstra a sua atitude que ela nada teve a ver com o assunto? Ela *não podia* ser uma actriz assim tão talentosa.

Mais tarde, ela e a preceptora desceram ao jardim e encontraram-no.

Cruzei-me com Miss Williams, quando esta subia o trilho. Disse-me que chamasse um médico, e voltou para junto de Caroline.

A pobre pequena, refiro-me à Elsa! Tomada dessa dor frenética e descontrolada que é típica das crianças. Não acreditam que a vida lhes possa fazer coisas destas. A Caroline estava bastante calma. Sim, bastante calma. Conseguiu, evidentemente, controlar-se muito melhor do que a Elsa. Não pareceu sentir remorsos nesse momento. Disse apenas que ele devia ter-se suicidado. E nós não acreditamos. A Elsa explodiu e acusou-a frontalmente.

É claro que ela já devia ter concluído que viria a ser suspeita. Sim, e isso explica possivelmente a sua atitude.

O Philip ficou absolutamente convencido de que *tinha* sido ela.

A preceptora foi uma grande ajuda e não arredou pé. Obrigou a Elsa a deitar-se e deu-lhe um sedativo, e manteve a Angela afastada, quando a polícia chegou. Sim, aquela mulher prestou um apoio inestimável.

Toda a história se tornou um pesadelo. A polícia a passar revista à casa e a fazer perguntas, e depois os jornalistas, a invadirem a casa como moscas e a baterem chapas e a quererem entrevistas com os membros da família.

Um pesadelo, tudo aquilo...

Continua a ser um pesadelo, depois destes anos todos. Peço a Deus que, logo que o senhor convença a pequena Carla do que realmente sucedeu, possamos esquecer tudo para nunca mais o recordar.

O Amyas *deve* ter-se suicidado por mais improvável que pareça.

*Fim do Relato de Meredith Blake.*

## RELATO DE LADY DITTISHAM

Exponho aqui a história integral da minha relação com o Amyas Crale até ao momento da sua trágica morte.

Conheci-o numa festa de artistas. Ele estava, recorde, junto a uma janela, e vi-o, assim que entrei na sala. Perguntei quem era. Alguém me disse: «É Crale, o pintor». Disse imediatamente que gostava de lhe ser apresentada.

Nessa ocasião, conversamos durante, talvez, dez minutos. Quando uma pessoa causa em nós uma impressão semelhante à que o Amyas Crale causou em mim, não adianta tentarmos descrever essa pessoa. Se disser que, quando vi o Amyas Crale, todas as outras pessoas pareceram diminuir de tamanho e desaparecer, a expressão traduz perfeitamente aquilo que senti.

Imediatamente após esse encontro, fui ver tantos quadros seus, quantos pude. Decorria uma exposição sua em Bond Street, na altura, e um dos seus quadros encontrava-se em Manchester, outro em Leeds e dois em galerias públicas de Londres. Fui vê-los todos. Depois voltei a encontrar-me com ele. Disse-lhe: «Fui ver todos os seus quadros. Acho-os esplêndidos».

Ele pôs um ar divertido e disse: «Quem lhe disse que era capaz de apreciar pintura? Não me parece que entenda nada do assunto.»

«Talvez não», respondi. «Mas mesmo assim são esplêndidos.»

Ele sorriu-me e disse: «Deixe-se de efusões tontas».

Respondi: «Não são efusões tontas. Quero que me pinte».

Crale disse: «Se tem dois dedos de testa, há-de reparar que eu não pinto retratos de mulheres bonitas».

«Não tem de ser um retrato e eu não sou uma mulher bonita», respondi-lhe.

Ele olhou-me então, como se tivesse começado a ver-me, e disse: «Não, talvez não seja».

«Pinta-me então?», perguntei.

Ele estudou-me, durante algum tempo, com a cabeça de lado e disse «É uma pequena estranha, não é?».

«Sou bastante rica, sabe. Tenho meios para lhe pagar generosamente» disse-lhe.

«Porque está tão ansiosa por que eu a pinte?», perguntou.

«Porque quero!», respondi.

«Isso é uma razão?»

«É. Eu consigo sempre o que quero», disse eu.

Ele respondeu: «Faz-me pena, tão nova ainda!».

«Pinta-me?», perguntei.

Ele agarrou-me pelos ombros e fez-me rodar na direção da luz, examinando-me. Depois, afastou-se um pouco de mim. Eu fiquei imóvel, à espera.

Ele disse: «Por vezes, sinto vontade de pintar um bando de araras australianas, de cores improváveis, a pousar na Catedral de São Paulo. Se a pintasse contra uma bonita paisagem tradicional, creio que conseguiria exatamente o mesmo resultado».

«Pinta-me então?», perguntei.

«Tem um dos coloridos exóticos mais belos, brutos e extravagantes que já vi. Sim, pinto!», respondeu.

«Está combinado então.»

Ele continuou: «Mas aviso-a, Elsa Greer. Se a pintar, é muito provável que faça amor consigo».

«Espero bem que sim...», respondi.

Disse-o com firmeza e calma. Ouvi-o suster a respiração e vi a expressão que lhe aflorou ao olhar.

Compreende, foi deste modo súbito que se passou.

Um ou dois dias mais tarde, voltamos a encontrar-nos. Ele disse-me que queria que eu me deslocasse ao Devonshire tinha aí o cenário ideal que pretendia como pano de fundo. Disse: «Sou casado, sabe? E gosto muito da minha mulher».

Disse-lhe que, se ele gostava dela, ela devia ser uma excelente pessoa.

Ele respondeu que era, de fato, excelente. «Na verdade, é perfeitamente adorável, e eu adoro-a. Portanto, meta isso na cabeça e resigne-se, jovem Elsa.»

Disse-lhe que compreendia muito bem.

Ele começou o quadro uma semana mais tarde. A Caroline Crale recebeu-me com muita simpatia. Não gostou por aí além de mim mas, afinal de contas, porque havia de gostar? O Amyas foi muito cordato. Nunca me disse uma palavra que a mulher não pudesse ouvir, e eu comportei-me com ele com grande cortesia e formalidade. Mas, no fundo, ambos sabíamos.

Ao fim de dez dias, disse-me que eu devia regressar a Londres.

«O quadro não está acabado», protestei.

«Mal o comecei», replicou. «A verdade é que não posso pintá-la, Elsa.»

«Porquê?»

Ele respondeu: «Sabe muito bem porquê, Elsa. E é pela mesma razão que tem de sair daqui. Não consigo pensar no quadro, não consigo pensar em nada, a não ser em si».

Estávamos no jardim da Bateria. Estava um dia de sol quente. Ouvia-se o chilrear dos pássaros e o zumbido das abelhas. Devia ser uma atmosfera de felicidade e de paz. Mas não dava essa sensação. Por qualquer razão, o clima era... de tragédia. Como se, como se aquilo que viria acontecer já ali estivesse espelhado.

Eu sabia que a minha partida para Londres não resolveria nada, mas disse: «Muito bem, eu vou, se é isso que quer».

«Linda menina», respondeu o Amyas.

E eu parti. Não lhe escrevi.

Ele aguentou dez dias e veio ter comigo. Estava tão magro e com um ar tão macilento e infeliz que fiquei chocada.

«Eu avisei-te, Elsa», disse ele. «Não digas que não te avisei.»

«Tenho estado à tua espera», disse-lhe. «Sabia que acabarias por vir.»

Ele emitiu uma espécie de gemido e disse: «Há coisas que são demasiado fortes para qualquer homem. Não consigo comer, nem dormir nem ter sossego, de tanto te desejar».

Disse-lhe que sabia disso e que o mesmo se passava comigo, passava-se desde o primeiro momento em que o tinha visto. Era o Destino e não adiantava resistir-lhe.

Ele disse que desejava que eu não fosse tão nova e eu retorqui que não tinha importância. Suponho que devo dizer que, durante as semanas seguintes, fomos muito felizes. Mas a felicidade não é o termo correto. Era algo demais profundo e assustador.

Estávamos talhados um para o outro e tínhamo-nos encontrado e ambos sabíamos que tínhamos de ficar juntos para sempre.

Mas aconteceu uma outra coisa. O quadro inacabado começou a atormentar o Amys, que me disse: «Que diabo, não consegui pintar-te antes porque tu própria te meteste pelo meio. Mas *quero* pintar-te, Elsa. Quero pintar-te, para que esse quadro se torne a melhor coisa que alguma vez fiz. Estou em pulgas para pegar nos pincéis, para te ver sentada naquela ameia obsoleta, com o mar azul convencional e as nobres árvores inglesas e tu, tu ali sentada, como um grito dissonante de triunfo».

E continuou: «Tenho de pintar-te assim! E enquanto estiver a pintar-te, não posso tolerar intromissões, nem contrariedades. Quando o quadro estiver terminado, conto a verdade à Caroline e esclarecemos esta confusão toda».

«A Caroline vai dificultar o divórcio?»

Ele respondeu que achava que não. Mas com as mulheres nunca se sabia.

Disse-lhe que lamentava, se ela ficasse transtornada, mas que afinal estas coisas acontecem.

«Isso é muito bonito e razoável, Elsa», disse ele. «Mas a Caroline não é razoável, nunca foi razoável, e certamente não vai sentir-se razoável. Ela ama-me, compreendes?»

Eu disse que compreendia, mas que, se ela o amava, poria a sua felicidade em primeiro lugar e, em todo o caso, não haveria de querer prendê-lo, quando ele queria ser livre.

«A verdade é que a vida não se resolve com máximas admiráveis saídas da literatura moderna», retorquiu. «Lembra-te de que a natureza é uma força brutal e selvagem.»

Eu respondi: «Hoje em dia, as pessoas são com certeza civilizadas», e o Amyas riu, dizendo: «Civilizadas, uma ova! Provavelmente a Caroline tem vontade de te espetar um punhal. E capaz disso é ela. Não compreendes, Elsa, que ela vai sofrer? Não sabes o que significa sofrer?».

«Então não lhe digas», respondi.

«Não. A ruptura é inevitável. Tens de me pertencer como deve ser, Elsa. Perante o mundo. Tens de ser abertamente minha.»

«Imagina que ela não te dá o divórcio», disse eu.

«Não tenho medo disso», respondeu.

«Então de que tens medo?»

Ele respondeu então pausadamente: «Não sei...».

Ele conhecia a Caroline, compreende? Eu não.

Se eu pudesse ter adivinhado...

Voltamos para Alderbury. Desta vez, as coisas complicaram-se. A Caroline tinha começado a suspeitar. A situação não me agradava nada. Sempre detestei a mentira e o engano. Achava que devíamos dizer-lhe. O Amyas não queria ouvir falar do assunto.

O mais estranho é que ele não queria realmente saber. Apesar de gostar da Caroline e de não querer magoá-la, a honestidade ou desonestidade da situação eram-lhe completamente indiferentes. Pintava com uma espécie de frenesi e nada mais importava. Nunca o tinha visto mergulhado num dos seus transes criativos. Compreendia agora a genialidade do seu talento. Para ele, era natural deixar-se arrebatar a ponto de esquecer os comportamentos de decência mais normais. Mas para mim era diferente. Encontrava-me numa posição horrível. A minha presença desagradava à Caroline o que era perfeitamente

justificado. A única forma de retificar essa posição seria a franqueza e a honestidade.

Mas o Amyas limitava-se a dizer que não estava para se incomodar com cenas e confusões, enquanto não terminasse o quadro. Disse-lhe que provavelmente não haveria nenhuma cena. A Caroline era demasiado orgulhosa e digna para isso.

«Quero ser honesta acerca da situação», disse. «*Temos* de ser honestos!»

O Amyas disse: «A honestidade que vá para o diabo! Apenas estou a pintar um quadro!».

Eu compreendia o seu ponto de vista, mas ele não compreendia o meu.

E eu acabei por me ir abaixo. A Caroline tinha estado a falar de um projeto qualquer que ela e o Amyas tinham para o outono seguinte. Falou sobre isso com grande confiança. E subitamente senti que aquilo que estávamos a fazer era abominável deixá-la continuar naquela ilusão e talvez também me tivesse sentido enfurecida, porque ela demonstrava um grande desagrado para comigo, de uma forma inteligente e difícil de apreender.

Assim, desabafei e disse a verdade. Continuo a pensar que, num certo sentido, fiz bem. Embora, claro, nunca o tivesse feito, se tivesse a mínima suspeita de qual seria o resultado.

O choque deu-se de imediato. O Amyas ficou furioso comigo, mas teve de admitir que eu tinha dito a verdade.

Não consegui de todo entender a Caroline. Fomos tomar chá a casa do Meredith Blake e o seu fingimento foi perfeito conversou e riu. Como uma idiota, pensei que estava a aceitar bem a situação. A minha incapacidade para ir embora criou um ambiente desconfortável, mas o Amyas teria perdido a cabeça, se eu tivesse ido. Pensei que talvez a Caroline partisse. Teria sido muito mais fácil para nós, se tivesse partido.

Não a vi pegar na conina. Quero ser franca e, portanto, é perfeitamente possível que ela a tivesse levado, como disse, com a finalidade de se suicidar.

Mas não penso *realmente* que assim tenha sido. Penso que ela era uma dessas mulheres intensamente ciumentas e possessivas que não largam mão

daquilo que julgam pertencer-lhe. O Amyas era propriedade sua. Julgo que estava preparada para matá-lo, antes de deixá-lo partir completa e definitivamente com outra mulher. Acho que tomou a decisão imediata de matá-lo. E creio que o fato de o Meredith falar tão abertamente sobre a conina lhe proporcionou o meio de fazer o que já decidira fazer. Era uma mulher amargurada e rancorosa vingativa. O Amyas sempre soube que ela era perigosa. Eu não sabia.

Na manhã seguinte, ela teve um último confronto com o Amyas. Ouvi quase tudo do terraço. Ele foi esplêndido muito paciente e calmo. Implorou-lhe que fosse razoável. Disse que gostava muito dela e da filha e que sempre gostaria. Faria tudo para garantir o futuro de ambas. Em seguida, endureceu de tom e disse: «Mas entende uma coisa. Vou casar com a Elsa e ponto final e não há nada que me impeça. Tu e eu sempre concordamos em dar liberdade um ao outro. Estas coisas acontecem».

A Caroline disse-lhe: «Faz como entenderes. Já te avisei».

A sua voz era muito calma, mas transparecia dela uma nota estranha.

O Amyas disse: «Que queres dizer, Caroline?».

«Tu pertences-me e *não tenciono largar mão de ti*. Antes matar-te a deixar-te ficar com essa rapariga...»

Exatamente nesse momento, o Philip Blake apareceu no terraço. Levantei-me e fui ao seu encontro. Não quis que ele ouvisse.

O Amyas saiu também e disse que eram horas de continuar a pintar, Descemos juntos até ao jardim. Ele não se abriu muito. Limitou-se a dizer que a Caroline estava a reagir mal mas que, por amor de Deus, não falasse no assunto. Precisava de se concentrar no que estava a fazer. Mais um dia talvez, e acabaria o quadro, afirmou.

«E há-de ser a melhor coisa que já fiz, Elsa, mesmo que a pague com sangue e lágrimas», disse.

Um pouco mais tarde, dirigi-me à casa para ir buscar uma camisola. Estava um vento frio. Quando voltei, a Caroline estava no jardim. Suponho que

descera para fazer um último apelo. O Philip e o Meredith estavam também presentes.

Foi então que o Amyas disse que tinha sede e pediu uma bebida. Disse que havia cerveja, mas que não estava gelada.

A Caroline disse que lhe mandava cerveja fresca. Disse-o com toda a naturalidade, num tom quase amistoso. Era uma grande atriz, aquela mulher. Já devia saber, nesse momento, o que ia fazer.

Dez minutos mais tarde, apareceu com a cerveja. O Amyas estava a pintar. Ela serviu-a e pousou o copo ao lado dele. Nenhum de nós a observou. O Amyas estava concentrado no seu trabalho e eu não podia desfazer a pose.

O Amyas bebeu-a de um trago, como era seu hábito com a cerveja, despejando-a de uma vez pela garganta abaixo. Depois, fez um esgar, dizendo que sabia mal, mas que, pelo menos, estava fresca.

Mesmo aí, quando ele fez esse comentário, não suspeitei de nada; limitei-me a rir e disse: «Fígado».

Depois de vê-lo beber, a Caroline foi embora.

Deve ter sido cerca de quarenta minutos mais tarde que o Amyas se queixou de rigidez nos músculos e de dores. Disse que pensava estar com uma ponta de reumatismo. O Amyas não suportava estar doente e não gostava que andassem à sua volta com cuidados. Depois deste comentário, esqueceu o assunto e disse frivolamente: «Deve ser a velhice. Saiu-te na rifa um inválido enferrujado, Elsa». Eu respondi-lhe à letra. Mas notei que movia as pernas com dificuldade e de um modo estranho e que esboçou mais um ou outro esgar. Nunca me passou pela cabeça que não fosse reumatismo. Nesse momento, arrastou o banco e estendeu-se nele, esticando-se de vez em quando, para dar um retoque aqui e ali na tela. Era uma coisa que fazia por vezes quando estava a pintar. Ficava simplesmente sentado a olhar para mim e depois para a tela. Havia ocasiões em que o fazia durante meia hora seguida. Portanto, não vi nada de estranho nisso.

Ouvimos o sino para o almoço e ele disse que não ia. Que ficava ali e que não queria comer nada. Também não era anormal e, para ele, seria mais fácil do que enfrentar a Caroline à mesa.

Falou de um modo igualmente estranho as palavras saíam-lhe numa espécie de grunhidos. Mas às vezes falava assim, quando não estava satisfeito com o progresso da pintura.

O Meredith Blake veio buscar-me. Falou com o Amyas, mas este só lhe respondeu com grunhidos.

Subimos juntos até à casa e deixamo-lo ali. Deixamo-lo ali... a morrer sozinho. Eu nunca tinha realmente tido qualquer experiência com a doença pouco sabia de doenças julguei que o Amyas estivesse num desses estados de espírito de artista. Se soubesse se me tivesse apercebido talvez um médico o pudesse ter salvo... Oh meu Deus, porque não não adianta agora pensar nisso. Fui uma idiota cega. Uma idiota estúpida e cega.

Não há muito mais para relatar.

A Caroline e a preceptora foram ao jardim depois do almoço. O Meredith foi atrás delas. Apareceu quase imediatamente a correr. Disse-nos que o Amyas estava morto.

Foi aí que eu soube! Quero dizer, que soube que tinha sido a Caroline. A ideia de veneno ainda não me tinha ocorrido. Pensei que ela tivesse lá ido nesse preciso momento e o tivesse matado a tiro ou à facada.

Senti vontade de me atirar a ela de matá-la...

Como foi ela *capaz*? Como foi *capaz*? Ele era um homem tão intenso, tão cheio de vida e vigor. Acabar com tudo isso transformá-lo num corpo mole e frio. Só para que eu não pudesse tê-lo.

Mulher horrível...

Mulher horrível, desdenhosa, cruel, vingativa...

Odeio-a. Ainda hoje a odeio.

Nem sequer a mandaram para a forca.

Deviam tê-la mandado para a forca...

*Até a força seria um castigo demasiado brando para ela... Odeio-a...  
odeio-a... odeio-a...*

*Fim do Relato de Lady Dittisham.*

## RELATO DE CECILIA WILLIAMS

*Caro M. Poirot,*

*Envio-lhe um relato dos acontecimentos ocorridos em Setembro de ...  
que pessoalmente presenciei.*

*Fui absolutamente sincera e não omiti nada. Pode mostrá-lo à Carla  
Crale. Poderá causar-lhe dor, mas eu sempre fui crente na verdade. Os  
paliativos são prejudiciais. É necessário ter a coragem de enfrentar a realidade.  
Sem essa coragem, a vida não faz sentido. As pessoas que mais mal nos fazem  
são as pessoas que nos protegem da realidade.*

*Creia-me respeitosamente,*

*Cecília Williams*

Chamo-me Cecília Williams. Fui contratada por Mrs. Crale como  
preceptora da sua meia-irmã, Angela Warren, em ... Nessa época, tinha quarenta  
e oito anos.

Assumi as minhas funções em Alderbury, uma propriedade muito bonita  
no sul do Devon, que pertencia, há muitas gerações, à família de Mr. Crale. Sabia  
que Mr. Crale era um pintor muito conhecido, mas só o conheci quando me  
estabeleci em Alderbury.

Os residentes da casa incluíam Mr. e Mrs. Crale, Angela Warren (na  
altura, uma rapariga de treze anos) e três criadas que serviam a família há muitos  
anos.

Achei a minha pupila uma personalidade interessante e promissora.  
Possuía capacidades muito marcadas e foi um prazer ensiná-la. Era um pouco  
arisca e indisciplinada, mas estes defeitos advinham sobretudo do seu  
temperamento vivo e eu sempre preferi que as minhas pupilas demonstrassem

vivacidade. O excesso de vitalidade pode ser domado e orientado numa direção de verdadeira utilidade e realização.

No geral, achei a Angela aberta à disciplina. Era, de algum modo, uma menina mimada, mimada por Mrs. Crale, que era demasiado indulgente para com ela. A influência de Mr. Crale era, na minha opinião, imprudente. Um dia, consentia-lhe tudo, de forma absurda, e, no seguinte, era desnecessariamente severo. Era realmente um homem dado a grandes variações de humor possivelmente em virtude daquilo que se timbra como temperamento artístico.

Eu própria nunca entendi a razão por que a posse de talento artístico haverá de isentar um homem do exercício decoroso do autocontrole. Pessoalmente, não admirava a pintura de Mr. Crale. Aos meus olhos, o desenho parecia deficiente e as cores exageradas, mas naturalmente não me competia exprimir qualquer opinião nesta matéria.

Não tardei a criar um apego enorme a Mrs. Crale. Admirava o seu caráter e a sua força espiritual perante as dificuldades da sua vida. Mr. Crale não era um marido fiel e creio que este fato era uma fonte de intenso sofrimento para ela. Uma mulher mais determinada tê-lo-ia deixado, mas Mrs. Crale nunca pareceu considerar esse rumo. Suportava as suas infidelidades e perdoava-lhas mas devo dizer que não as aceitava com docilidade. Protestava e com veemência!

Disse-se no tribunal que a sua relação era como a do gato e do rato. Eu não iria tão longe Mrs. Crale tinha demasiada dignidade, para que essa definição se lhe pudesse aplicar, mas entregavam-se *de fato* a discussões. E eu considero essa situação mais do que natural, dadas as circunstâncias.

Trabalhava para Mrs. Crale há pouco mais de dois anos, quando Miss Elsa Greer entrou em cena. Chegou a Alderbury no Verão de ... Mrs. Crale não lhe fora apresentada antes. Era amiga de Mr. Crale e constou que a sua presença se devia ao fato de Mr. Crale pretender pintar o seu retrato.

Foi imediatamente evidente que Mr. Crale estava apaixonado por esta rapariga e que ela própria nada fazia para desencorajá-lo. Na minha opinião, o seu comportamento era bastante ofensivo, sendo abominavelmente grosseira para com Mrs. Crale e namorando abertamente com Mr. Crale.

Naturalmente que Mrs. Crale não comentou o assunto comigo, mas eu via que estava perturbada e infeliz e fiz tudo ao meu alcance para distraí-la e aligeirar o seu fardo. Miss Greer posava diariamente para Mr. Crale, mas notei que o quadro não estava a avançar depressa. Tinham, decerto, outras coisas sobre que falar!

A minha pupila, digo-o reconhecidamente, apercebia-se de muito pouco do que se passava. Em alguns aspectos, a Angela era imatura para a idade que tinha. Embora o seu intelecto estivesse bem desenvolvido, não era, de maneira nenhuma, o que se pode chamar precoce. Não parecia ter qualquer desejo de ler livros indesejáveis e não mostrava sinais de curiosidade mórbida, como é muitas vezes próprio das raparigas dessa idade.

Não reparava, por conseguinte, em nada de indesejável na amizade entre Mr. Crale e Miss Greer. No entanto, não gostava de Miss Greer e considerava-a estúpida. Neste aspecto, tinha toda a razão. Presumo que Miss Greer tivesse tido uma educação conveniente, mas nunca abria um livro e era totalmente iletrada quando se tratava de referências literárias correntes. Além do mais, era incapaz de aguentar uma discussão sobre qualquer tópico intelectual.

Vivia completamente absorvida pela sua aparência pessoal, pelo vestuário e pelos homens.

Penso que a Angela não deu tão-pouco conta de que a irmã era infeliz. Nesse tempo, não era uma pessoa muito perspicaz. Passava muito tempo com brincadeiras de rapaz, como subir a árvores e fazer corridas perigosas de bicicleta. Era igualmente uma leitora apaixonada e demonstrava um extremo bom gosto naquilo que lhe agradava e desagradava.

Mrs. Crale tinha sempre o cuidado de esconder qualquer sinal de infelicidade da Angela e esforçava-se por parecer animada e alegre, sempre que a rapariga estava presente.

Miss Greer regressou a Londres fato, devo dizer, com que todos exultamos! Os criados tinham-lhe tanta aversão como eu. Ela era o gênero de pessoa que dava imenso que fazer, desnecessariamente, e se esquecia de dizer obrigada.

Mr. Crale ausentou-se, pouco depois, e é claro que eu sabia que tinha ido atrás da rapariga. Senti imensa pena de Mrs. Crale. Ela sentia estas coisas com grande acutilância. Guardei um grande ressentimento em relação a Mr. Crale. Quando um homem tem uma mulher encantadora, elegante e inteligente, não deve tratá-la mal.

Contudo, eu e ela esperávamos que o romance terminasse em breve. Não que tivéssemos mencionado o assunto uma à outra não o fizemos mas ela conhecia perfeitamente a minha opinião.

Infelizmente, após algumas semanas, os dois reapareceram. Parecia que as sessões de pintura iam recomeçar.

Mr. Crale pintava agora com um frenesi extraordinário. Parecia menos preocupado com a rapariga do que com o quadro que estava a pintar. No entanto, compreendi que não se tratava do gênero de coisa habitual por que já tínhamos passado. Esta rapariga tinha-lhe fincado as garras e estava para ficar. Ele era completamente subserviente para com ela.

A situação atingiu o auge no dia anterior à sua morte isto é, a de Setembro. Os modos de Miss Greer tinham sido inadmissivelmente insolentes nos últimos dias. Sentia-se segura de si própria e queria afirmar a sua importância. Mrs. Crale comportou-se como uma verdadeira dama. Era friamente cortês, mas dava claramente a entender à outra o que pensava dela.

Nesse dia, de Setembro, estávamos nós sentados na sala de estar, depois do almoço, Miss Greer saiu-se com um comentário espantoso sobre as suas intenções de redecorar a sala quando vivesse em Alderbury.

Naturalmente, Mrs. Crale não podia deixá-lo passar em branco. Desafiou-a e Miss Greer teve o desaforo de dizer, diante de todos, que ia casar com Mr. Crale. Estava efetivamente a falar em casar com um homem casado e disse-o à mulher deste!

Eu fiquei profundamente zangada com Mr. Crale. Como se atrevia a deixar esta rapariga insultar a mulher na sua própria casa? Se queria fugir com a rapariga, devia ter fugido com ela, em lugar de trazê-la para a casa onde vivia a mulher e de apoiar a sua insolência.

Apesar do que com certeza sentiu, Mrs. Crale não perdeu a dignidade. Nesse momento, o marido entrou e ela imediatamente exigiu a sua confirmação.

Mr. Crale ficou, e com razão, irritado com Miss Greer por ter forçado irrefletidamente a situação. Além do mais, fazia-o surgir numa posição de desvantagem e os homens não gostam de estar em desvantagem. Mexe com a sua vaidade.

Ele ficou ali, homem corpulento que era, com um ar envergonhado e idiota, como um menino de escola traquinas. Foi a mulher quem se mostrou à altura da situação. Ele viu-se na contingência de tartamudear, atoleimadamente, que era verdade, que não era sua intenção que ela soubesse daquela maneira.

Nunca vi nada como o olhar de desdém que ela lhe lançou. Saiu da sala de cabeça erguida. Era uma mulher bela muito mais bela do que aquela rapariga espaventosa e movia-se como uma rainha.

Desejei ardentemente que Amyas Crale fosse punido pela crueldade que evidenciara e pela indignidade que infligira a uma mulher nobre e há muito sofredora.

Pela primeira vez, tentei exprimir a Mrs. Crale aquilo que sentia, mas ela interrompeu-me, dizendo:

«Devemos tentar comportar-nos como habitualmente. É a melhor atitude. Vamos tomar chá a casa do Meredith Blake.»

«Acho-a uma pessoa maravilhosa, Mrs. Crale», disse-lhe eu.

«A senhora não sabe...», comentou ela.

Depois, quando já ia a sair da sala, voltou atrás e beijou-me, dizendo:

«A senhora é um grande conforto para mim.»

Dirigiu-se ao seu quarto, nesse momento, e julgo que esteve a chorar. Vi-a quando todos partiram. Tinha posto um chapéu de abas largas que lhe escondia parcialmente a cara um chapéu que raramente usava.

Mr. Crale estava pouco à vontade, mas tentou disfarçar a sua atrapalhão. Mr. Philip Blake tentou comportar-se como habitualmente. Essa Miss Greer não cabia em si de contente. Toda satisfeita consigo própria, a ronronar como um gato que roubou uma sardinha.

Partiram todos e voltaram por volta das seis horas. Não voltei a estar com Mrs. Crale a sós nesse dia. Ao jantar, mostrou-se muito calma e controlada e foi deitar-se cedo. Creio que ninguém se apercebeu do seu sofrimento.

O serão foi dominado por uma espécie de discussão recorrente entre Mr. Crale e Angela. Voltaram a trazer à baila a velha questão do colégio. Ele estava irritável e com os nervos em franja, e ela anormalmente implicativa. O assunto estava decidido, o uniforme tinha sido comprado e não adiantava recomeçar a discussão, mas ela optou subitamente por torná-lo num motivo de agravo. Não tenho dúvida de que sentiu a tensão que reinava e de que esta mexeu com ela, tanto como com o resto dos presentes. Infelizmente, eu própria estava demasiado absorvida pelos meus pensamentos para procurar controlá-la, como devia ter feito. Tudo acabou com ela a arremessar um pesa-papéis a Mr. Crale e a sair disparada da sala.

Fui atrás dela e disse-lhe asperamente que o seu comportamento infantil me envergonhava, mas ela continuava muito descontrolada, pelo que achei melhor deixá-la em paz.

Hesitei quanto a ir ter com Mrs. Crale ao quarto, mas acabei por decidir que ela ficaria possivelmente aborrecida. Desde então, só penso que devia ter ultrapassado o meu acanhamento e insistido para que me recebesse. Se ela o tivesse feito, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Ela não tinha ninguém, compreende, com quem pudesse desabafar. Embora admire o autocontrole, tenho lamentavelmente de admitir que, muitas vezes, tem efeitos negativos, quando levado longe demais. É preferível descarregar as emoções de um modo natural.

Cruzei-me com Mr. Crale quando me encaminhava para o meu quarto. Ele desejou-me boa-noite, mas eu não respondi.

Na manhã seguinte, o tempo, tanto quanto me lembro, estava estupendo. Tinha-se a sensação de que, num cenário tão tranqüilo, até um homem havia de cair em si ao acordar.

Fui ao quarto da Angela, antes de descer para o pequeno-almoço, mas ela já se levantara e saíra. Peguei numa saia rasgada que ela tinha deixado no chão e levei-a comigo, para que ela a consertasse depois do pequeno-almoço.

Mas ela tinha conseguido pão e compota de laranja na cozinha e tinha saído. Depois de tomar o pequeno-almoço, fui à sua procura. Menciono este fato para explicar a razão por que não passei mais tempo com Mrs. Crale, nessa manhã, como talvez devesse ter passado. Na altura, porém, achei ser meu dever ir à procura da Angela. Ela era muito travessa e teimosa, quando se tratava de consertar a roupa, e eu não tencionava permitir que pusesse dessa maneira em causa a minha autoridade.

O seu fato de banho tinha desaparecido e, assim sendo, dirigi-me à praia. Não havia sinais dela na água, nem nos rochedos, pelo que achei possível que ela tivesse ido a casa de Mr. Meredith Blake. Eram grandes amigos. Assim, atravessei a remo para a outra margem e retomei a minha busca. Não a encontrei e acabei por regressar. Mrs. Crale, Mr. Blake e Mr. Philip Blake estavam no terraço.

Estava uma manhã muito quente, sobretudo ao abrigo do vento, o que era o caso no terraço e na casa. Mrs. Crale sugeriu que talvez apreciassem cerveja gelada.

Havia um pequeno pavilhão de Verão que tinha sido construído, adjacente à casa, em tempos vitorianos. Mrs. Crale não gostava dele e não o usava como estufa, tendo-o transformado numa espécie de bar, com garrafas de gim, vermute, limonada, cerveja de gengibre, etc., guardadas em prateleiras, e havia um pequeno frigorífico que era fornecido de gelo, todas as manhãs, no qual havia sempre cerveja e cerveja de gengibre.

Mrs. Crale foi aí buscar a cerveja e eu fui com ela. A Angela estava nesse momento a tirar uma garrafa de cerveja do frigorífico.

Mrs. Crale foi à minha frente e disse:

«Quero uma garrafa de cerveja para levar ao Amyas.»

É extremamente difícil agora saber se devia ter suspeitado de alguma coisa. A sua voz, estou praticamente convencida, estava perfeitamente normal. Mas devo admitir que, nesse momento, as minhas atenções se concentravam, não nela, mas na Angela. Esta estava junto ao frigorífico e aprouve-me verificar que estava afogueada e tinha a culpa estampada no rosto.

Fui muito severa com ela e, para minha surpresa, ela mostrou-se muito dócil. Perguntei-lhe onde tinha estado e ela respondeu que estivera a tomar banho. Eu disse: «Não te vi na praia». E ela riu. Depois, perguntei-lhe onde estava a sua camisola e ela respondeu que a devia ter deixado na praia.

Menciono estes pormenores para explicar por que razão deixei Mrs. Crale levar a cerveja ao jardim da Bateria.

Quanto ao resto da manhã, a minha memória guarda uma lembrança turva. A Angela foi buscar o seu estojo de costura e remendou a saia, sem mais protestos. Creio que eu própria ponteei alguma roupa da casa. Mr. Crale não apareceu para almoçar. Fiquei satisfeita que tivesse mostrado, pelo menos, essa decência.

Depois do almoço, Mrs. Crale disse que ia descer ao jardim. Eu queria ir buscar a camisola da Angela à praia. Partimos juntas. Ela foi ao jardim da Bateria e eu ia continuar o meu caminho, quando o grito dela me fez voltar atrás. Como lhe disse quando me visitou, ela pediu-me que fosse telefonar a um médico. Pelo caminho, encontrei Mr. Meredith Blake e, em seguida, voltei para junto de Mrs. Crale.

Foi esta a história que contei no inquérito judicial e, mais tarde, em tribunal,

O que vou agora escrever nunca o disse a ninguém. Nunca me foi feita nenhuma pergunta a que eu tivesse dado uma resposta inverídica. No entanto, culpada de ter omitido determinados fatos não me arrependo disso. Fá-lo-ia novamente. Estou plenamente consciente de que, ao revelar o que vou revelar, me exponho à censura, mas não creio que ninguém, depois deste lapso de tempo, venha a considerar a questão seriamente sobretudo quando Caroline Crale foi condenada sem este meu depoimento.

O que aconteceu foi então o seguinte:

Como disse, cruzei-me com Mr. Meredith Blake e voltei a correr pelo trilho abaixo o mais depressa que pude. Trazia sandálias de praia e sempre tive boas pernas.

Cheguei à porta aberta do jardim da Bateria e vi o seguinte:

Mrs. Crale estava atarefada a limpar com o lenço a garrafa de cerveja que estava sobre a mesa. Em seguida, pegou na mão do marido morto e apertou os seus dedos contra a garrafa. Durante todo o tempo, estava à escuta e alerta. Foi o medo que lhe vi no rosto que me disse a verdade.

Nesse momento, soube, sem sombra de dúvida, que Caroline Crale tinha envenenado o marido. E, pelo meu lado, não a censuro. Ele levou-a a um ponto que nenhum ser humano é capaz de suportar e a sorte que lhe coube foi obra sua.

Nunca falei deste incidente a Mrs. Crale e ela nunca soube que eu o presenciei.

A filha de Caroline Crale não deve permitir que a sua vida assente sobre uma mentira. Por mais dor que o conhecimento da verdade possa causar-lhe, a verdade é a única coisa que importa.

Diga-lhe, da minha parte, que a mãe não merece ser julgada. Foi impelida mais longe do que aquilo que uma mulher que ama pode tolerar. A filha deve compreender e perdoar.

*Fim do Relato de Cecília Williams.*

## RELATO DE ANGELA WARREN

Caro M. Poirot,

Cumprindo a promessa que lhe fiz, passei ao papel tudo quanto recordo dessa época trágica há dezasseis anos. Mas apenas me apercebi do pouco de que *efetivamente* me lembro, quando comecei a fazê-lo. É que até a tragédia acontecer, não há nada que sirva como referência.

Tenho uma vaga lembrança de dias estivais e de incidentes isolados, mas não posso afirmar com segurança em que verão eles se passaram! A morte do Amyas não passou de um trovão que rebentou de repente. Foi completamente inesperada para mim, e julgo que tudo quanto levou a esse momento me passou ao lado.

Tenho tentado pensar se se trata de uma atitude normal ou não. As raparigas de quinze anos são tão cegas, surdas e obtusas como eu pareço ter sido?

Talvez sejam. Eu era, creio, rápida a avaliar os estados de espírito das pessoas, mas nunca dei cabo da cabeça a pensar no que dava origem a esses estados.

Além disso, precisamente nessa época, tinha começado a descobrir o fascínio das palavras. Coisas que lia, excertos de poesia de Shakespeare faziam eco na minha cabeça. Lembro-me agora de caminhar pelo trilho da horta, repetindo para mim mesma, numa espécie de delírio extático, «sob a onda translúcida de um verde vidrado»... Era tão belo. Sentia a necessidade de repetir a frase indefinidamente.

E, à mistura com estas novas descobertas e excitação, havia tudo o que eu gostava de fazer desde que tinha memória. Nadar e trepar às árvores, comer fruta, pregar partidas ao rapaz da estrebaria e dar de comer aos cavalos.

A Caroline e o Amyas eram o eixo do meu mundo. Eram as figuras centrais, mas eu nunca *pensava* neles, nas questões que os ocupavam, nem naquilo que pensavam e sentiam.

Não prestei particular atenção à chegada da Elsa Greer. Achava-a estúpida e nem sequer a considerava bonita. Aceitei-a como uma pessoa com dinheiro, mas aborrecida, que o Amyas estava a pintar.

Na verdade, o primeiro indício que tive de toda a situação foi uma conversa que ouvi por acaso do terraço, para onde tinha escapado um dia depois do almoço a Elsa a dizer que ia casar com o Amyas! Pareceu-me uma simples absurdidade. Lembro-me de ter questionado o Amyas sobre o assunto. Foi no jardim em Handcross. Perguntei-lhe:

«Porque é que a Elsa diz que se vai casar contigo? Não pode. Um homem não pode ter duas mulheres... é bigamia e podem ser presos por isso.»

O Amyas ficou muito zangado e disse: «Onde diabo foste ouvir isso?».

Disse-lhe que tinha ouvido através da janela da biblioteca.

Ele ficou mais furioso do que nunca e disse que tinha chegado a altura de eu ir para o colégio e de perder a mania de escutar às portas.

Ainda recordo o ressentimento que senti com as suas palavras. Porque era tão *injusto*. Absoluta e totalmente injusto.

Furiosa, tartamudeei que não tinha estado à escuta e, de qualquer forma, perguntei, que tinha levado a Elsa a dizer uma coisa daquelas?

O Amyas disse que não passava de uma brincadeira.

Devia ter-me contentado com a resposta. E quase contentei. Mas não completamente.

No regresso, disse à Elsa: «Perguntei ao Amyas o que tinhas querido dizer quando afirmaste que ias casar com ele e ele disse que não passou duma brincadeira».

Julguei que ia ficar toda mordida, mas limitou-se a sorrir.

Não gostei daquele sorriso. Fui ter com a Caroline ao quarto. Ela estava a vestir-se para o jantar. Perguntei-lhe frontalmente se era possível o Amyas casar com a Elsa.

Lembro-me da resposta da Caroline, como se estivesse a ouvi-la agora. Deve ter falado com grande veemência.

«O Amyas só se casará com a Elsa por cima do meu cadáver», foi o que disse.

Eu fiquei completamente descansada. A morte parecia estar a séculos de distância de todos nós. No entanto, continuava muito magoada com o Amyas, pelo que ele tinha dito nessa tarde, e atirei-me violentamente a ele durante o jantar; lembro-me que tivemos uma discussão acesa, e eu saí da sala e fui deitar-me, tendo adormecido desfeita em lágrimas.

Não me lembro com clareza da tarde em casa do Meredith Blake, embora me recorde *bem* da sua leitura da passagem de Fédon descrevendo a morte de Sócrates. Nunca a tinha ouvido. Achei que era a coisa mais magnífica, mais bela que jamais tinha ouvido. Lembro-me disso mas não me lembro quando teve lugar. Tanto quanto sou capaz de evocar agora, pode ter sido em qualquer momento durante esse verão.

Também não recordo nada do que aconteceu na manhã seguinte, apesar de ter pensado vezes sem conta. Tenho a vaga sensação de que devo ter tomado banho e creio lembrar-me de ter sido obrigada a remendar qualquer coisa.

Mas é tudo muito vago e confuso até ao momento que o Meredith desceu o caminho, ofegante, vindo do terraço, com o rosto pálido e uma expressão estranha. Lembro-me de uma chávena de café cair da mesa e partir-se foi a Elsa. E lembro-me dela a correr a correr subitamente, com todas as suas forças, pelo caminho abaixo e a sua expressão terrível.

Disse repetidamente a mim mesma: «O Amyas está morto». Mas não parecia real.

Lembro-me da chegada do Dr. Faussett e da sua expressão grave. Miss Williams estava atarefada a tratar da Caroline. Eu deambulei por ali, sentindo-me desolada e estorvando toda a gente. Tinha uma sensação desagradável e mórbida. Não me deixavam ir ver o Amyas. Mas a polícia não tardou a chegar, começando a tomar notas e, passado pouco tempo, trouxeram o seu corpo numa maca coberta com um pano.

Miss Williams levou-me ao quarto da Caroline mais tarde. Ela estava no sofá. Estava sem cor e tinha um ar doentio.

Beijou-me e disse-me que queria que eu fosse embora, o mais depressa possível e que, embora fosse tudo uma coisa horrível, não queria que eu me afligisse, nem que pensasse no assunto. Devia ir para casa de Lady Tressillian, onde estava a Carla, porque a casa devia permanecer o mais possível desocupada.

Agarrei-me à Caroline e disse que não queria ir embora. Queria ficar com ela. Ela disse que sabia disso, mas que era melhor para mim ir embora, o que lhe tiraria muitas preocupações. E Miss Williams interrompeu e disse:

«A melhor forma de ajudares a tua irmã, Angela, é fazeres o que ela quer que tu faças, sem protestar.»

Eu disse então que faria o que a Caroline quisesse e a Caroline disse: «É assim mesmo, linda menina, a minha Angela». E abraçou-me, dizendo que não havia motivo para preocupações e que falasse e pensasse no assunto o menos possível.

Tive de descer e falar com o inspetor da Polícia. Este foi muito amável, perguntou-me quando tinha sido a última vez que eu vira o Amyas e muitas outras coisas, que na altura me pareceram completamente desnecessárias, mas

cuja necessidade, naturalmente, agora compreendo. Ficou convencido de que eu não tinha nada para lhe dizer que ele já não soubesse pelos outros. Disse então a Miss Williams que não punha objeções a que eu fosse para casa de Lady Tressillian, em Ferriby Grange.

Fui para lá e Lady Tressillian foi muito bondosa para comigo. Mas, evidentemente, em breve vim a saber a verdade. Prenderam a Caroline quase imediatamente. Fiquei tão horrorizada e atônita que adoeci gravemente.

Soube mais tarde que a Caroline estava terrivelmente preocupada comigo. Foi por insistência sua que fui enviada para fora de Inglaterra, antes de o julgamento começar. Mas isso já lhe contei.

Como vê, o que escrevi é lamentavelmente frugal. Desde que falei consigo, tentei recapitular minuciosamente o pouco de que me lembrava, dando voltas à memória à procura de um ou outro pormenor ou da expressão ou reação desta ou daquela pessoa. Não recordo nada que seja consistente com a culpa. O frenesi da Elsa. A palidez e a aflição do Meredith. A dor e a raiva do Philip tudo me parece bastante natural. Mas suponho que alguém *podia* estar a fazer teatro?

A única coisa que sei é que *não foi a Caroline*.

Estou muito segura deste aspecto e sempre estarei, mas não disponho de provas para apresentar, à exceção do meu próprio conhecimento íntimo do seu caráter.

*Fim do Relato de Angela Warren.*

## **LIVRO III**

### **CAPÍTULO I - CONCLUSÕES**

Carla Lemarchant ergueu o olhar. Os seus olhos deixavam transparecer a fadiga e a dor. Afastou o cabelo da fronte com um gesto cansado.

— Tudo isto é desconcertante. — disse, tocando na pilha de manuscrito  
— Porque, de cada vez, o ângulo é diferente! Todos vêem a minha mãe de modo diferente. Mas os fatos são os mesmos. Todos convergem nos fatos.

— A leitura desencorajou-a?

— Sim. A si não?

— Não, considero esses documentos muito valiosos... muito esclarecedores.

Poirot falou lenta e reflexivamente.

— Oxalá nunca os tivesse lido! — desabafou Carla.

Poirot olhou para ela.

— Ah... é então isso que sente?

Carla respondeu amargamente:

— Todos pensam que ela o matou... todos, exceto a tia Angela e o que ela pensa não conta. Não tem nenhum motivo. É apenas uma dessas pessoas leais que defendem uma coisa contra tudo e contra todos. Não diz outra coisa, senão: «A Caroline não podia ter feito aquilo».

— É o que lhe parece?

— Que outra coisa pode parecer? Sabe, cheguei à conclusão de que, se não foi a minha mãe, então deve ter sido uma destas cinco pessoas. Até elaborei teorias sobre os motivos.

— Ah! Isso é muito interessante. Fale-me delas.

— Ora, não passam de teorias. O Philip Blake, por exemplo. É corretor da bolsa e era o melhor amigo do meu pai... provavelmente o meu pai confiava nele. E os artistas normalmente negligenciam as questões financeiras. Talvez o Philip Blake estivesse num aperto e usasse o dinheiro do meu pai. Pode ter obrigado o meu pai a assinar qualquer coisa. Depois a situação pode ter chegado a um ponto em que seria desmascarada... e só a morte do meu pai o poderia salvar. Foi uma das coisas em que pensei.

— Nada mal congeminado. Que mais?

— Bem, temos a Elsa. O Philip Blake diz que ela sabia muito bem o *que* queria para se arriscar a mexer em venenos, mas eu não acho que seja verdade.

Suponhamos que a minha mãe foi ter com ela e lhe disse que nunca daria o divórcio ao meu pai, que nada a levaria a divorciar-se dele. Pode dizer o que quiser, mas eu acho que a Elsa tinha uma mentalidade burguesa... queria um casamento respeitável. Penso que, nessas circunstâncias, a Elsa seria perfeitamente capaz de roubar o veneno... teve as mesmas oportunidades nessa tarde... e pode ter tentado livrar-se da minha mãe, envenenando-a. Acho que se *enquadraria* perfeitamente no seu caráter. E, depois, possivelmente, por um acidente qualquer, o Amyas ingeriu a droga em lugar da Caroline.

— Mais uma vez, nada mal congeminado. Que mais?

— Bem, — disse Carla, pausadamente — pensei que... talvez... o *Meredith!*

— Ah... Meredith Blake?

— Sim. É que me parece ser precisamente o gênero de pessoa capaz de cometer um crime. Quero dizer, ele era o frouxo e hesitante, de quem os outros faziam troça e, talvez, no fundo, ele guardasse ressentimento. Depois, o meu pai casou com a rapariga com quem ele queria casar. E o meu pai era um homem rico e de sucesso. E ele preparava todos esses venenos! Talvez os preparasse realmente, porque lhe agradava a idéia de poder um dia matar alguém. Teve de chamar a atenção para o fato de o preparado ter sido roubado, para desviar as suspeitas de si próprio. Mas a pessoa de longe mais provável para tê-lo levado era ele. A idéia de ver a Caroline enforcada até é capaz de lhe ter agradado, porque ela o rejeitara muitos anos antes. Sabe, o que ele afirma no seu relato cheira-me a esturro... como as pessoas fazem coisas que não se ajustam ao seu caráter. Suponhamos que se referia a si *próprio* quando o escreveu?

Hercule Poirot disse: — Tem pelo menos razão numa coisa: não interpretar o que foi escrito como uma narrativa necessariamente fiel. O que foi escrito pode tê-lo sido deliberadamente para enganar.

— Sim, eu sei. Não me esqueci disso.

— Mais idéias?

Carla respondeu pausadamente: — Tinha-me questionado, antes de ler isto, acerca de Miss Williams. Ela ia perder o emprego, compreende, quando a

Angela fosse para o colégio. E se o Amyas morresse inesperadamente, a Angela provavelmente não iria. Quer dizer, se passasse por uma morte natural... o que podia facilmente ter acontecido, suponho, se o Meredith não tivesse dado pela falta da conina. Informe-me sobre a conina, e soube que não deixa vestígios distintos após a morte. Podia ter-se pensado que tinha sido uma insolação. Eu sei que a perda de um emprego não parece um motivo muito convincente para se assassinar alguém. Mas já se cometeram muitos assassinios por motivos que parecem ridiculamente desajustados. Pequenas quantias de dinheiro, por vezes. E uma preceptora de meia-idade, talvez incompetente, poderia simplesmente ter começado a afligir-se, não vendo qualquer futuro à sua frente. Como disse, foi o que pensei antes de ler isto. Mas Miss Williams não me parece nada assim. Não me parece minimamente incompetente...

— De maneira nenhuma. Continua a ser uma mulher muito eficiente e inteligente.

— Eu sei. É uma coisa que se vê. E parece também de absoluta confiança. Foi o que realmente me preocupou. O *senhor* sabe... o *senhor* compreende. Não se importa, claro. Desde o início, tornou claro que queria a verdade. Suponho que agora temos a verdade! Miss Williams tem toda a razão. É necessário aceitar a verdade. Não leva a lado nenhum basearmos a nossa vida numa mentira, porque é aquilo em que queremos acreditar. Pois, muito bem, eu sou capaz de aguentar com ela! A minha mãe não estava inocente! Escreveu-me aquela carta, porque estava fraca e infeliz e queria poupar-me. Não a julgo. Talvez me devesse sentir igualmente assim. Não sei que efeito a prisão tem sobre as pessoas. E também não a censuro... e estava tão desesperada com o meu pai, suponho que foi superior às suas forças. Mas também não censuro o meu pai, de maneira nenhuma. Compreendo... ainda que só um pouco... aquilo que *ele* sentia. Tão vivo... tão dominado pelo desejo de ter tudo... Era mais forte do que ele... era o seu carácter. E era um grande pintor. Acho que isso desculpa muita coisa.

Voltou o seu rosto afogueado e emocionado para Hercule Poirot, erguendo provocadoramente o queixo.

— Está então convencida? — perguntou Hercule Poirot.

— Convencida? — perguntou Carla Lemarchant. Falhou-lhe a voz ao pronunciar a palavra.

Poirot inclinou-se para a frente e deu-lhe uma palmada paternal no ombro.

— Ouça. — disse — Está a desistir da luta no momento em que vale mais a pena lutar. No momento em que eu, Hercule Poirot, tenho uma idéia muito clara do que aconteceu.

Carla olhou-o fixamente e disse: — Miss Williams gostava muito da minha mãe. Viu-a, com os seus próprios olhos, forjar as provas do suicídio. Se acredita no que ela diz...

Hercule Poirot levantou-se, dizendo: — *Mademoiselle*, porque Cecilia Williams diz que viu a sua mãe forjar as impressões digitais de Amyas Crale na garrafa de cerveja... na garrafa de *cerveja*, repare... é essa a única coisa de que preciso para saber definitivamente, de uma vez por todas, que a sua mãe não matou o seu pai.

Acenou com a cabeça várias vezes e saiu da sala, deixando Carla de olhos cravados nas suas costas.

## CAPÍTULO II - POIROT FAZ CINCO PERGUNTAS

— Então, M. Poirot? — o tom de Philip Blake era de impaciência.

— Tenho de agradecer-lhe o relato lúcido e admirável que fez da tragédia dos Crale. — disse Poirot.

Philip Blake pareceu pouco à-vontade.

— É muita amabilidade sua. — murmurou — Fiquei realmente surpreendido com o que recordava, quando comecei a escrever.

— Foi uma narrativa admiravelmente clara, — disse Poirot — mas houve algumas omissões, não é verdade?

— Omissões? — Philip Blake franziu o sobrolho.

Hercule Poirot disse:

— Digamos que a sua narrativa não foi inteiramente sincera. O seu tom endureceu. Fui informado, Mr. Blake, de que, pelo menos numa noite durante o verão, Mrs. Crale foi vista a sair do seu quarto a uma hora bastante comprometedora.

Instalou-se um silêncio, apenas interrompido pela respiração audível de Philip Blake. Por fim, este disse: — Quem lhe disse isso?

Hercule Poirot abanou a cabeça.

— Quem me disse não é chamado ao caso. A questão é que eu sei.

Mais uma vez, fez-se um silêncio; em seguida, Philip Blake, decidindo-se, disse: — Por acidente, ao que parece, o senhor esbarrou com uma questão puramente privada. Admito que não se enquadra naquilo que escrevi. No entanto, enquadra-se melhor do que possa pensar. Agora vejo-me obrigado a dizer-lhe a verdade.

*Efetivamente*, alimentei um sentimento de animosidade para com a Caroline Crale. Ao mesmo tempo, sempre me senti fortemente atraído por ela. Talvez este último fator tenha induzido o primeiro. Desagradava-me o poder que ela exercia sobre mim e tentei reprimir a atração que sentia por ela, frisando constantemente os seus pontos mais fracos. Nunca *gostei* dela se é que me compreende. Mas ter-me-ia sido fácil, em qualquer momento fazer amor com ela. Em rapaz, tinha-me apaixonado por ela e ela não me tinha ligado. Para mim, era uma coisa difícil de perdoar.

A minha oportunidade chegou, quando o Amyas perdeu completamente a cabeça pela rapariga, a Greer. Sem que fosse realmente a minha intenção, surpreendi-me a dizer à Caroline que a amava. Ela disse com muita calma: «Sim, eu sempre o soube». A insolência da mulher!

Claro que eu sabia que ela não me amava, mas vi que estava perturbada e desiludida com a aventura do Amyas. Num estado de espírito destes, é muito fácil subjugar uma mulher. Ela concordou em vir ter comigo nessa noite. E veio.

Blake fez uma pausa. Debatia-se agora com dificuldades para se expressar.

— Veio ao meu quarto. E ali, com os meus braços em torno dela, disse-me, com toda a frieza, que não adiantava! Afinal, disse ela, era uma mulher de um só homem. Pertencia ao Amyas Crale, para o bem e para o mal. Concordou que me tinha tratado muito mal, mas disse não ter podido evitá-lo. Pediu-me que lhe perdoasse.

E foi embora. *Deixou-me*. Admira-se, M. Poirot, que o meu ódio por ela tivesse aumentado cem vezes? Admira-se que eu nunca lhe tenha perdoado? Pelo insulto que me infligiu, e ainda pelo fato de ter assassinado o amigo que eu mais amava no mundo?

Tremendo violentamente, Philip Blake exclamou:

— *Não quero falar nisto*, está a ouvir? Aí tem a sua resposta. Agora desapareça! E nunca mais volte a falar-me neste assunto!

— Pretendo saber, Mr. Blake, por que ordem os seus convidados saíram do laboratório naquele dia.

— Meredith Blake protestou.

— Mas, meu caro M. Poirot... Passados dezasseis anos! Como é que eu posso lembrar-me? Já lhe disse que a Caroline Crale foi a última a sair.

— Tem a *certeza* disso?

— Sim... pelo menos... julgo que sim...

— Vamos lá agora. Temos de ter a *certeza absoluta*, compreende?

Sempre a protestar, Meredith Blake foi à frente. Abriu a porta e escancarou as portadas. Poirot falou-lhe num tom autoritário.

— Muito bem, meu amigo. Mostrou aos seus visitantes as suas interessantes poções de ervas. Agora feche os olhos e pense...

Meredith Blake obedeceu. Poirot tirou um lenço do bolso e agitou-o suavemente de um lado para o outro. Blake murmurou, as narinas fremindo ligeiramente.

— Sim, sim... extraordinário como as coisas voltam à memória. Lembrome agora que a Caroline trazia um vestido claro, cor de café. O Phil estava com um ar enfadado... Sempre tinha achado o meu passatempo uma idiotice.

— Agora reflita, — instruiu Poirot — está quase a sair da sala. Vai à biblioteca, onde vai ler uma passagem sobre a morte de Sócrates. Quem sai primeiro da sala... o senhor?

— Eu e a Elsa... sim. Ela transpôs a porta primeiro. Eu saí logo atrás. Estávamos a conversar. Fiquei ali à espera que os outros saíssem, para poder fechar novamente a porta. O Philip... sim, o Philip saiu a seguir. E a Angela... estava a perguntar-lhe o que eram touros e ursos. Continuaram pelo corredor. O Amyas seguiu-os. Eu continuei à espera... da Caroline, claro.

— Então tem a certeza absoluta de que a Caroline ficou para trás. Viu o que ela estava a fazer?

Blake abanou a cabeça.

— Não, estava de costas para a sala, compreende. Estava a falar com a Elsa... a enfadá-la, imagino... a explicar-lhe como determinadas plantas, segundo a superstição antiga, devem ser colhidas durante a lua cheia. E depois a Caroline saiu... um pouco apressada... e eu fechei a porta à chave.

Calou-se e olhou para Poirot, que estava a enfiar o lenço ao bolso. Meredith Blake fungou, com uma expressão de repugnância, e pensou: «Esta agora, o sujeito usa *mesmo perfume*».

— Tenho a certeza absoluta disse, em voz alta. Foi por essa ordem A Elsa, eu, o Philip, a Angela e a Caroline. Isso ajuda-o em alguma coisa?

— Tudo encaixa. — respondeu Poirot — Ouça, desejo organizar aqui uma reunião. Creio que não será difícil...

— Então?

Elsa Dittisham fez a pergunta quase com avidez... como uma criança.

— Desejo fazer-lhe uma pergunta, *madame*.

— Sim?

— Quando tudo acabou... — disse Poirot refiro-me ao julgamento... Meredith Blake pediu-a em casamento?

Elsa olhou-o fixamente. O seu ar era de desprezo, quase de enfado.

— Sim, pediu. Porquê?

— Ficou surpreendida?

— Fiquei? Não me recordo.

— Que lhe respondeu?

Elsa riu e disse:

— Que acha o senhor que eu respondi? Depois do *Amyas... o Meredith?* Teria sido ridículo. Foi uma estupidez da parte dele. Ele sempre foi muito estúpido. — Elsa sorriu subitamente e continuou: — Queria proteger-me, está a ver... «olhar por mim»... foi como pôs a questão! Pensou, como toda a gente, que as sessões periódicas do julgamento tinham sido uma provação terrível para mim. E os jornalistas! E as vaias das multidões! E a lama que me foi atirada. — por um instante, ficou meditativa, dizendo, em seguida: — Pobre Meredith! Um pateta consumado! — e voltou a rir.

Mais uma vez, Hercule Poirot defrontou o olhar astuto e penetrante de Miss Williams e, mais uma vez, sentiu os anos recuar e sentiu-se, ele próprio, um rapazinho submisso e apreensivo.

— Tinha, — explicou — uma pergunta que desejava fazer-lhe.

Miss Williams deu a entender que estava disposta a ouvir a pergunta.

Poirot disse, pausadamente, escolhendo as palavras com cuidado:

— Angela Warren ficou desfigurada quando era uma criança pequena. Nas minhas notas, encontro duas referências ao fato. Uma indica que Mrs. Crale atirou um pesa-papéis à criança. A outra diz que ela atacou a pequenita com um pé-de-cabra. Qual destas versões é a correta?

Miss Williams respondeu vivamente:

— Nunca ouvi falar em nenhum pé-de-cabra. A versão correta é com o pesa-papéis.

— Qual foi a sua fonte de informação?

— A própria Angela. Informou-me, logo no início, de sua livre vontade.

— Que disse ela exatamente?

— Tocou na face e disse: «A Caroline fez-me isto, quando eu era bebé. Atirou-me um pesa-papéis. Nunca fale no assunto, porque ela fica terrivelmente perturbada, está bem?».

— Alguma vez Mrs. Crale lhe falou no assunto?

— Apenas de uma forma indireta. Partiu do princípio de que eu conhecia a história. Lembro-me de que me disse uma vez: «Eu sei que acha que eu estrago a Angela com mimos, mas, sabe, acho sempre que nada do que possa fazer poderá compensá-la do mal que lhe fiz». E, numa outra ocasião, disse: «Saber que se desfigurou um ser humano para toda a vida é o fardo mais pesado que se pode suportar».

— Obrigado, Miss Williams. É tudo o que eu queria saber.

Cecilia Williams disse bruscamente: — Não o compreendo, M. Poirot. Mostrou à Carla o meu relato da tragédia?

Poirot assentiu.

— E ainda assim continua... — calou-se.

— Reflita por um momento. — pediu Poirot — Se passasse por um vendedor de peixe e visse doze peixes expostos na banca, pensaria que eram todos peixes autênticos, não é verdade? Mas um podia ser um peixe empalhado.

Miss Williams replicou, animadamente: — Muito pouco provável e ademais...

— Ah, pouco provável, sim, mas não impossível... porque um amigo meu pegou num peixe empalhado uma vez... era a sua atividade... para compará-lo com a coisa autêntica! E se visse uma jarra de zínias numa sala de estar, em dezembro, diria que eram falsas... mas podiam ser verdadeiras, trazidas de avião de Bagdade.

— Que pretende dizer com essas absurdidades? — inquiriu Miss Williams.

— É para lhe demonstrar que é com os olhos da mente que realmente se vê...

Poirot abrandou um pouco, ao aproximar-se do grande prédio de apartamentos voltado para Regent's Park.

Na verdade, pensando bem sobre o assunto, não pretendia fazer quaisquer perguntas a Angela Warren. A única pergunta que queria realmente fazer-lhe podia esperar...

Não, era apenas a sua insaciável paixão pela simetria que o trazia ali. Cinco pessoas, devia haver cinco perguntas! Era mais exato assim. Dava um desfecho muito melhor ao assunto.

Bem, alguma coisa havia de lhe ocorrer.

Angela Warren cumprimentou-o quase com sofreguidão, dizendo:

— Descobriu alguma coisa? Chegou a alguma conclusão?

Poirot fez um movimento lento de cabeça, no seu melhor estilo de mandarim chinês, e disse:

— Finalmente, estou a fazer progressos.

— O Philip Blake? — foi um misto de afirmação e interrogação.

— *Mademoiselle*, presentemente não desejo fazer qualquer declaração.

Ainda não chegou o momento. Quero apenas pedir-lhe que tenha a amabilidade de se deslocar a Handcross Manor. Os outros já aceitaram.

Com um leve franzir de sobrolho, ela respondeu: — Que se propõe fazer? Reconstituir o que sucedeu há dezasseis anos?

— Olhar talvez para os acontecimentos de um ponto de vista mais claro. Vem?

— Com certeza que irei. — disse pausadamente Angela Warren — Será interessante rever todas essas pessoas. Talvez as veja agora de um ponto de vista mais claro... como o senhor diz... do que nessa época.

— Importa-se de levar consigo a carta que me mostrou?

Angela Warren franziu o sobrolho.

— Essa carta pertence-me. Mostrei-lha por uma boa razão que deve bastar, e não tenciono permitir que seja lida por pessoas estranhas e insensíveis.

— Mas deixar-se-á guiar por mim nessa matéria?

— Nem pensar. Levarei a carta comigo, mas usarei o meu próprio discernimento que, atrevo-me a afirmar, é tão criterioso como o seu.

Poirot abriu as mãos, em sinal de resignação. Levantou-se para sair, dizendo: — Permita-me que lhe faça uma última pergunta.

— Faça favor.

— Na altura da tragédia, tinha lido recentemente *A Lua e Cinco Tostões* de Somerset Maugham, não tinha?

Angela fitou-o e disse: — Creio que... sim, sim, efetivamente tinha. — Olhou-o com franca curiosidade — Como é que soube?

— Quero provar-lhe, *mademoiselle*, que até numa pequena questão sem importância, sou uma espécie de mágico. Há coisas que sei, sem precisar que mas digam.

### CAPÍTULO III - A RECONSTITUIÇÃO

O sol da tarde penetrava no laboratório de Handcross Manor. Haviam sido trazidas para a sala algumas cadeiras de braços e um sofá, que mais contribuía para sublinhar o ambiente de desolação do que para mobilar o espaço.

Ligeiramente embaraçado, coçando o bigode, Meredith Blake mantinha com Carla uma conversa incoerente. Interrompeu a determinada altura, para dizer: — Minha querida, és tão parecida com a tua mãe... e ao mesmo tempo muito diferente.

Carla perguntou: — Em que sou parecida e em que sou diferente dela?

— Tens a mesma cor de tez e a mesma forma de andar, mas és... como dizer... *mais positiva* do que ela era.

Philip Blake, a testa crispada numa expressão mal-humorada, olhava pela janela e tamborilava impacientemente na vidraça. Disse: — Qual é o propósito disto tudo? Uma tarde de sábado magnífica...

Hercule Poirot apressou-se a deitar água na fervura. — Ah, sinto imenso... eu sei que é imperdoável causar transtornos ao golfe. *Mais voyons*, M. Blake, trata-se da filha do seu melhor amigo. Com certeza que faz um esforço por ela, não é assim?

O mordomo anunciou: — Miss Warren.

Meredith foi ao seu encontro para dar-lhe as boas-vindas. — Foste muito amável em teres-te disponibilizado a vir, Angela. Sei que és uma pessoa muito ocupada.

Conduziu-a até junto da janela.

Carla disse: — Olá, tia Angela. Li o teu artigo em *The Times* hoje de manhã. É fantástico ter uma pessoa famosa na família. — indicou o jovem alto, de maxilar anguloso e calmos olhos cinzentos — Apresento-te o John Rattery. Eu e ele... esperamos... vir a casar.

— Ah, não sabia... — disse Angela Warren.

Meredith foi cumprimentar Miss Williams que chegou de seguida.

— Miss Williams, há quanto tempo não nos víamos.

Franzina, débil e indómita, a idosa preceptora entrou na sala. Por um momento, o seu olhar pousou pensativamente em Poirot e, em seguida, passou à figura alta e espadaúda, vestida com um fato de tweed de bom corte.

Angela Warren avançou ao seu encontro e disse, com um sorriso: — Sinto-me novamente como uma menina de escola.

— Sinto um grande orgulho em ti, minha querida. — disse Miss Williams — Não me deixaste ficar mal. Esta é a Carla, imagino? Não se deve lembrar de mim. Era muito novinha...

Philip Blake disse, num tom agastado: — Que vem a ser tudo isto? Ninguém me disse...

— Chamo-lhe... eu... uma viagem ao passado. — respondeu Hercule Poirot — Acho melhor sentarmo-nos. Assim estaremos preparados quando a próxima convidada chegar. E, logo que aqui esteja, podemos proceder ao que aqui nos traz... aplacar os fantasmas.

Philip Blake exclamou: — Que parvoíce é esta? Espero bem que não vá realizar uma sessão de espiritismo.

— Não, não. Vamos simplesmente discutir algumas ocorrências que se deram há muito tempo... discuti-las e, talvez, ver mais claramente como elas sucederam. Quanto aos fantasmas, não se materializarão, mas quem pode

afiançar que não estão aqui, nesta sala, ainda que não os vejamos? Quem pode afiançar que Amyas e Caroline Crale não estão aqui presentes... a ouvir?

— É um contra-senso absurdo... — exclamou Philip Blake, calando-se, quando a porta abriu e o mordomo anunciou Lady Dittisham.

Elsa Dittisham entrou com a leve insolência enfadada que a caracterizava. Sorriu de fugida a Meredith, olhou friamente para Angela e Philip e encaminhou-se para uma cadeira junto à janela, afastada dos outros. Despreendeu a opulenta estola de pele clara que trazia ao pescoço e deixou-a cair para trás. Olhou em volta, durante uns momentos, fixando por fim o olhar em Carla, que lho retribuiu, estudando pensativamente a mulher que semeara o caos na vida dos seus pais. A expressão do seu rosto jovem e sincero não era hostil, mas apenas curiosa.

— Peço desculpa pelo atraso, M. Poirot. — disse Elsa.

— Foi muito gentil em ter vindo, madame.

Cecilia Williams emitiu um som imperceptível. Elsa confrontou a animosidade do seu olhar com uma total falta de interesse e disse:

— Hoje não te reconheceria, Angela. Há quanto tempo foi? Dezasseis anos?

Hercule Poirot viu aqui a sua oportunidade.

— Sim, decorreram dezasseis anos desde as ocorrências de que vamos falar, mas deixem-me primeiro dizer-lhes por que razão aqui nos reunimos.

E, em meia dúzia de palavras simples, expôs o apelo que Carla lhe fizera e a sua aceitação da tarefa.

Prosseguiu rapidamente, ignorando a tempestade que começava a formar-se no rosto de Philip e o desagrado ferido no de Meredith.

— Aceitei a incumbência... e comecei a trabalhar a fim de descobrir... a verdade.

Carla Lemarchant, sentada na enorme poltrona, ouviu vagamente, à distância, as palavras de Poirot.

Protegendo os olhos do sol com a mão, estudou sub-repticiamente os cinco rostos. Seria capaz de imaginar alguma destas pessoas a cometer um

crime? A exótica Elsa, o afogado Philip, o querido, simpático e bom Mr. Meredith Blake, essa preceptora formidável e soturna, a fria e competente Angela Warren?

Seria capaz se se esforçasse de visualizar um deles a matar alguém? Sim, talvez, mas não seria o tipo certo de crime. Era capaz de imaginar Philip Blake, numa explosão de raiva, a estrangular uma mulher sim, era capaz de imaginar uma coisa dessas... E era capaz de imaginar Meredith Blake a ameaçar um assaltante com um revólver e a dispará-lo por acidente... E era capaz de imaginar Angela Warren, também a disparar um revólver, mas não por acidente. Sem qualquer emoção pessoal envolvida, a segurança da operação dependeria disso! E Elsa, num qualquer castelo deslumbrante, dizendo do seu canapé de sedas orientais: «Lancem a bruxa das ameias!». Fantasias loucas e, nem no mais louco arroubo de fantasia, era capaz de imaginar a pequena Miss Williams a matar fosse quem fosse! Outro quadro fantástico: «Já alguma vez matou alguém, Miss Williams?». «Continua a fazer os exercícios de matemática, Carla, e não faça perguntas tolas. Matar é muito feio.»

Carla pensou: «É pérfido e eu tenho de acabar com isto. Ouve, tonta, ouve esse homenzinho que diz que sabe».

Hercule Poirot falava: — Era essa a minha tarefa... meter marcha atrás, por assim dizer, e recuar no tempo para descobrir o que realmente tinha acontecido.

Philip Blake disse: — Todos sabemos o que aconteceu. Pretender que foi outra coisa é um embuste... é o que é, um embuste descarado. Está a extorquir dinheiro a esta rapariga sob falsos pretextos.

Poirot não se deixou enfurecer e disse: — O senhor diz, *todos sabemos o que aconteceu*. Fala sem refletir. A versão aceita de certos fatos não é necessariamente a verdadeira. À primeira vista, por exemplo, o senhor, Mr. Blake, não gostava de Caroline Crale. Esta é a versão aceita da sua atitude. Mas qualquer pessoa com um mínimo de talento para a psicologia é capaz de perceber imediatamente que a verdade era precisamente o contrário. Sempre se sentiu violentamente atraído por Caroline Crale. O fato desagradava-lhe e o senhor

procurou ultrapassá-lo, repetindo resolutamente a si próprio os defeitos dela e reiterando a sua aversão. Do mesmo modo, Mr. Meredith Blake nutria tradicionalmente uma devoção de longa data por Caroline Crale. Na sua história da tragédia, atribui a si próprio o papel de quem guardava ressentimento pela conduta de Amyas Crale, por causa dela, mas basta ler cuidadosamente entre as linhas para ver que a devoção de uma vida inteira se tinha consumido e que era a jovem e bela Elsa Greer quem ocupava o seu pensamento e afetos.

Meredith balbuciou qualquer coisa e Lady Dittisham sorriu. Poirot continuou:

— Menciono estes fatos para ilustrar a minha perspectiva, embora tenham tido influência nos acontecimentos. Pois muito bem, começo pela minha viagem ao passado... destinada a inteirar-me de tudo o que me fosse possível sobre a tragédia. Vou contar-lhes como abordei a tarefa. Falei com o advogado de defesa de Caroline Crale, com o advogado da coroa assistente, com o velho jurisconsulto que tinha privado intimamente com a família Crale, com o chefe de escritório do advogado, que esteve presente em tribunal durante o julgamento, com o inspetor-chefe da polícia encarregado do caso e finalmente cheguei às cinco testemunhas oculares presentes no local do crime. E, a partir de todos estes depoimentos, construí um quadro o quadro compósito de uma mulher. E deduzi os seguintes fatos:

*«Que em momento nenhum Caroline Crale protestou a sua inocência (exceto numa só carta que escreveu à filha).*

*«Que Caroline Crale não revelou qualquer medo no banco dos réus, que, na verdade, não demonstrou praticamente nenhum interesse, que adotou uma atitude profundamente derrotista, ao longo de todo o processo. Que, na prisão, se comportou de forma calma e serena. Que numa carta que escreveu à irmã, imediatamente após o veredito, se afirmou igualmente conformada com a sorte de que fora vítima. E, na opinião de toda a gente com quem falei (com uma notável exceção), Caroline Crale era culpada.*

Philip Blake acenou afirmativamente: — É evidente que era!

Hercule Poirot disse: — Mas o meu papel não era aceitar o veredicto de outras pessoas. Tinha de examinar as *provas pessoalmente*. Examinar os fatos e convencer-me de que a psicologia do caso era concordante com eles. Para tal, analisei minuciosamente os arquivos da polícia e consegui igualmente obter os relatos da tragédia das cinco pessoas presentes no local do crime. Estes relatos foram preciosíssimos, já que continham determinados aspectos que eu não pude obter dos arquivos da polícia ou seja: *A*, determinadas conversas e incidentes que, do ponto de vista da polícia, não eram relevantes; *B*, as opiniões das próprias pessoas relativamente ao que Caroline Crale teria pensado e sentido (não legalmente admissíveis como prova); *C*, determinados fatos que foram deliberadamente omitidos à polícia.

Estava agora em posição de avaliar *pessoalmente* o caso. Parece não haver qualquer dúvida de que Caroline Crale tinha motivos de sobra para cometer o crime. Amava o marido, este tinha publicamente admitido que estava em vias de trocá-la por outra mulher e, segundo ela própria admitiu, era uma mulher ciumenta.

Passando dos motivos ao meio, um frasco de perfume vazio que havia contido conina foi encontrado na gaveta da sua escrivaninha. Não tinha outras impressões digitais, além das suas. Quando a polícia a interrogou sobre o assunto, admitiu tê-lo levado desta sala em que agora nos encontramos. O frasco de conina aqui tinha igualmente as suas impressões digitais. Interroguei Mr. Meredith Blake sobre a ordem por que as cinco pessoas saíram desta sala nesse dia... pois parecia-me difícil de conceber que *qualquer pessoa* pudesse ter pegado no veneno, na presença de cinco pessoas. As pessoas saíram da sala por esta ordem: Elsa Greer, Meredith Blake, Angela Warren e Philip Blake, Amyas Crale e, por último, Caroline Crale. Além disso, Mr. Meredith Blake estava de costas para a sala, enquanto esperava que Mrs. Crale saísse, pelo que lhe era impossível ver o que ela fazia. Quer isto dizer que ela teve a oportunidade. Assim, estou convencido de que ela levou a conina. Existe confirmação indireta do fato. Mr. Meredith Blake disse-me no outro dia: «Lembro-me de estar aqui e sentir o odor do jasmim através da janela aberta». Mas o mês era Setembro e a trepadeira de

jasmim lá fora já teria deixado de florir. É o jasmineiro vulgar que floresce em Junho e Julho. Mas o frasco de perfume encontrado no seu quarto, contendo os resíduos da conina, tinha contido originalmente perfume de jasmim. Estou, pois, certo de que Mrs. Crale decidiu roubar a conina e esvaziou furtivamente, pela janela, o perfume do frasco que trazia na carteira.

Confirmei este fato, pela segunda vez, quando, no outro dia, pedi a Mr. Blake que fechasse os olhos e tentasse recordar-se da ordem de saída das pessoas da sala. Uma lufada de fragrância de jasmim estimulou de imediato a sua memória. Somos todos mais influenciados pelo cheiro do que imaginamos.

Chegamos, pois, à manhã do dia fatídico. Até aqui os fatos não estão em contradição. A súbita revelação de Miss Greer do fato de ela e de Mr. Crale estarem a pensar casar-se, a confirmação de Amyas Crale desse mesmo fato e o profundo desgosto de Caroline Crale. Nenhum destes elementos depende do depoimento de uma única testemunha.

Na manhã seguinte, dá-se uma cena entre marido e mulher na biblioteca. A primeira coisa que se ouve é Caroline Crale, dizendo: «Tu e as tuas mulheres!» num tom azedo, e, finalmente, «Um dia destes, mato-te». Philip Blake ouviu estas palavras do corredor. E Miss Greer ouviu-as do terraço.

Em seguida, ela ouviu Mr. Crale pedir à mulher que fosse razoável. E ouviu Mrs. Crale dizer: «Antes matar-te do que deixar-te nas mãos dessa rapariga». Pouco depois, Amyas Crale sai e diz, com rispidez, a Elsa Greer que desça para continuar a posar. Ela vai buscar uma camisola e acompanha-o.

Até aqui, não há nada que pareça psicologicamente incorreto. Todos se comportaram como seria de esperar que se comportassem. Mas agora chegamos a uma coisa que é incongruente.

Meredith Blake descobre o desaparecimento da poção, telefona ao irmão; encontram-se no cais de desembarque e passam pelo jardim da Bateria, onde Caroline Crale está em plena discussão com o marido a propósito de ida de Angela para o colégio. Ora, isto parece-me muito bizarro. Marido e mulher têm uma cena tremenda que acaba numa distinta ameaça da parte de Caroline e, no

entanto, uns vinte minutos mais tarde, ela desce ao jardim e inicia uma banal discussão familiar.

Poirot voltou-se para Meredith Blake. — Na sua narrativa, refere determinadas palavras que ouviu Crale dizer. Nomeadamente: «Está tudo resolvido... eu trato de lhe aviar as malas». É assim, não é verdade?

— Sim, qualquer coisa desse gênero. — respondeu Meredith Blake.

Poirot voltou-se para Philip Blake: — A sua memória confere?

Blake franziu o sobrolho. — Não me lembrava até o senhor falar no assunto... mas agora lembro. As malas foram realmente mencionadas!

— Mencionadas por Mr. Crale, e não por Mrs. Crale?

— Foi o Amyas. A única coisa que ouvi a Caroline dizer foi que era muito cruel para a pequena. Seja como for, qual é o interesse de tudo isso agora? Todos sabemos que a Angela foi para o colégio passado um dia ou dois.

— Não está a entender o sentido da minha objeção. Porque havia *Amyas Crale* de fazer as malas da rapariga? É uma coisa absurda! Havia Mrs. Crale, havia Miss Williams, havia uma criada. Fazer as malas é uma tarefa de mulher... não é de homem.

Philip Blake disse impacientemente: — Que importância tem? Não tem nada a ver com o crime.

— Acha que não? Quanto a mim, foi o primeiro ponto que me pareceu sugestivo. E é logo seguido de outro. Mrs. Crale, uma mulher desesperada destroçada, que pouco antes ameaçou o marido e que está inquestionavelmente a pensar em suicídio ou assassínio, oferece-se agora, com os modos mais amistosos, para trazer cerveja gelada ao marido.

Meredith Blake disse, pausadamente: — Não é estranho, se ela estivesse a pensar matá-lo. Nesse caso, seria justamente o que faria. Dissimular!

— Acha que sim? Decidiu matar o marido e já tem o veneno. O marido dispõe de uma reserva de cerveja no jardim da Bateria. Com certeza que, se é dotada de alguma inteligência, será numa dessas garrafas que porá o veneno, num momento em que ninguém esteja por perto.

Meredith Blake objetou. — Não podia tê-lo feito. Podia ser outra pessoa a beber.

— Sim, Elsa Greer. Está a dizer-me que, depois de ter tomado a decisão de matar o marido, Caroline Crale teria escrúpulos em matar também a rapariga?

Mas não nos detenhamos nesse ponto. Limitemo-nos aos fatos. Caroline Crale diz que vai mandar ao marido cerveja gelada. Sobe à casa, vai buscar uma *garrafa* ao pavilhão de Verão, onde a cerveja é guardada, e leva-lha. Serve-a e dá-lha.

Amyas Crale bebe-a e diz: «Hoje tudo me sabe mal». Mrs. Crale volta para casa. Almoça e apresenta-se com os modos habituais. Disseram que parecia um pouco preocupada. Isso não nos ajuda, pois não existe qualquer critério de comportamento para um assassino. Existem assassinos calmos e assassinos nervosos.

Depois do almoço, volta ao jardim da Bateria. Descobre o marido morto e faz, digamos, todas as coisas óbvias que se espera dela. Manifesta emoção e manda a preceptora chamar o médico. Chegamos agora a um fato desconhecido até agora. — Olhou para Miss Williams — Não coloca objeções?

Miss Williams estava bastante pálida. — Não o fiz prometer sigilo. — respondeu.

Calmamente, mas produzindo um efeito visível, Poirot narrou o que a preceptora vira.

Elsa Dittisham mudou de posição. Cravou o olhar na mulherzinha apagada, sentada na poltrona. — Viu-a realmente fazer isso? — perguntou com incredulidade.

Philip Blake pôs-se de pé num salto: — Mas isso resolve a questão! — gritou — Resolve a questão de uma vez por todas.

Hercule Poirot olhou-o, com docilidade, e disse: — Não necessariamente.

Angela Warren disse abruptamente: — Não acredito. — O rápido olhar que desferiu à preceptora ia carregado de uma centelha de hostilidade.

Meredith Blake puxava pelo bigode, com uma expressão consternada.

Unicamente Miss Williams permanecia imperturbável. Estava sentada muito direita e, em cada face, ardia uma rodela de cor. — Foi o que eu vi. — retorquiu.

Poirot disse, lentamente: — É evidente que só temos a sua palavra...

— Só existe a minha palavra. — Os seus indômitos olhos cinzentos cruzaram-se com os seus. Não estou habituada, M. Poirot, a que duvidem da minha palavra.

Hercule Poirot inclinou a cabeça e disse: — Eu não duvido da sua palavra, Miss Williams. O que viu passou-se exatamente como a senhora descreveu... e, em virtude do que viu, compreendi que Caroline Crale não era culpada... não podia ser culpada.

Pela primeira vez, John Rattery, o jovem alto, de expressão ansiosa, falou: — Estou interessado em saber por que *razão* afirma uma coisa dessas, M. Poirot.

Poirot voltou-se para ele: — Com certeza. Dir-lhe-ei. O que viu Miss Williams? Viu Caroline Crale a limpar, muito cuidadosa e ansiosamente, impressões digitais e, subsequentemente, a imprimir as do marido morto na garrafa de cerveja. *Na garrafa de cerveja*, repare. Mas a conina estava no copo e não na garrafa. A polícia não descobriu vestígios de conina na garrafa. Nunca houve conina na garrafa. *E Caroline Crale não sabia disso.*

Ela, que alegadamente envenenou o marido, não sabia como ele tinha sido envenenado. Estava convencida de que o veneno estava na garrafa.

Meredith protestou: — Mas porquê...

Poirot interrompeu-o imediatamente. — *Sim... porquê?* Por que razão tentou Caroline Crale tão desesperadamente estabelecer a teoria do suicídio? A resposta é... tem de ser... muito simples. Porque sabia quem o *tinha* envenenado e estava disposta a tudo... a suportar tudo... para que as suspeitas não recaíssem sobre essa pessoa.

Estamos quase no fim. Quem poderia ser essa pessoa? Ela teria protegido Philip Blake? Ou Meredith? Ou Elsa Greer? Ou Cecilia Williams? Não, só existe uma pessoa que ela estava disposta a proteger a todo o custo. Fez uma pausa:

Miss Warren, se trouxe a última carta da sua irmã consigo, gostaria de lê-la em voz alta.

— Não. — respondeu Angela Warren.

— Mas, Miss Warren...

Angela levantou-se. A sua voz ressoou, fria como aço. — Compreendo perfeitamente aquilo que está a sugerir. Está a dizer, não é verdade, que eu matei o Amyas Crale e que a minha irmã sabia. Nego essa alegação em absoluto.

Poirot disse: — A carta...

— Essa carta foi-me destinada exclusivamente a mim.

Poirot olhou para o ponto da sala onde as duas pessoas mais jovens presentes se encontravam sentadas.

Carla Lemarchant disse: — Por favor, tia Angela, faz o que o M. Poirot te pede.

Angela Warren disse, num tom acrimonioso: — Francamente, Carla! Não tens a noção da decência? Era a tua mãe... tu...

A voz de Carla soou distinta e desapiedada. — Sim, era minha mãe. É por isso que tenho o direito de te pedir. Falo em nome *dela*. Quero que essa carta seja lida.

Lentamente, Angela Warren tirou a carta da carteira e passou-a a Poirot, dizendo, num tom azedo: — Oxalá nunca lha tivesse mostrado. — afastando-se deles, colocou-se junto da janela, olhando para fora.

Enquanto Hercule Poirot lia em voz alta a última carta de Caroline Crale, as sombras adensavam-se nos cantos da sala. Carla teve a sensação súbita de que estava alguém presente, ganhando forma, ouvindo, respirando, esperando. Pensou: «*Ela* está aqui... a minha mãe está aqui. A Caroline, a Caroline Crale está *aqui* nesta sala!».

A voz de Hercule Poirot calou-se.

— Creio que todos concordarão, — disse ele — que esta carta é admirável. Uma bela carta também, mas sem dúvida admirável. Porque contém uma omissão notável... não inclui qualquer protesto de inocência.

Angela Warren disse, sem desviar a cabeça: — Era desnecessário.

— Sim, Miss Warren, era desnecessário. Caroline Crale não tinha necessidade de dizer à irmã que estava inocente... porque sabia que a irmã estava inteirada desse fato... inteirada pela melhor das razões. A única coisa que preocupava Caroline Crale era confortar, tranquilizar e impedir a possibilidade de uma confissão da parte de Angela. Repete várias vezes: *Está tudo bem, querida, está tudo bem.*

Angela Warren disse: — Não é capaz de compreender? Ela queria que eu fosse feliz, mais nada.

— Sim, queria que fosse feliz, é mais do que evidente. É a sua única preocupação. Tem uma filha, mas não é nessa filha que pensa... isso virá mais tarde. Não, é a irmã que lhe ocupa o pensamento ao ponto de excluir tudo o resto. A irmã precisa de ser tranquilizada, encorajada a viver a sua vida, a ser feliz e a singrar. E para que o fardo da aceitação não seja excessivamente pesado, Caroline inclui uma frase cheia de significado: *Uma pessoa tem de pagar pelo que faz.*

Essa frase explica tudo. Alude explicitamente ao fardo que Caroline carregou, durante muitos anos, desde que, num ataque descontrolado de raiva adolescente, arremessou um pesa-papéis à sua irmã bebé, desfigurando-a para toda a vida. Agora, finalmente, tem a oportunidade de pagar por aquilo que fez. E se constitui algum consolo, dir-lhes-ei a todos que acredito sinceramente que, ao pagar esse preço, Caroline Crale atingiu uma paz e uma serenidade maiores do que alguma vez experimentara. Porque acreditava que estava a pagar pelo que fizera, o pesadelo do julgamento e da condenação não a afetaram. É uma coisa estranha de se dizer acerca de uma assassina condenada... mas ela tinha tudo aquilo de que precisava para ser feliz. Sim, mais do que imaginam, como agora lhes provarei.

Vejam como, através desta explicação, tudo encaixa no que diz respeito às reações de Caroline. Atentem na seqüência dos acontecimentos do seu ponto de vista. Para começar, na noite anterior, sucede uma coisa que a força a recordar a sua própria meninice rebelde. Angela atira um *pesa-papéis* a Amyas Crale. Foi isso, não se esqueçam, que ela própria fez muitos anos antes. Angela grita que

deseja a morte de Amyas. Depois, na manhã seguinte, Caroline entra no pavilhão de Verão e encontra Angela a mexer na cerveja. Lembrem-se das palavras de Miss Williams: «A Angela estava ali. Tinha a culpa estampada no rosto...» A culpa por ter faltado aos seus deveres, como interpretou Miss Williams, mas, para Caroline, a culpa de Angela, ao ser apanhada em flagrante, terá tido outro significado. Lembrem-se de que, pelo menos, numa ocasião anterior, Angela tinha posto coisas na bebida de Amyas. Era uma idéia que podia prontamente ocorrer-lhe.

Caroline pega na garrafa *que Angela lhe passa* e desce ao jardim da Bateria. E aí serve a bebida e dá-a a Amyas, que faz um esgar, ao sorvê-la, e pronuncia as sugestivas palavras: «Hoje tudo me sabe mal».

Caroline não alimenta suspeitas, nesse ponto... mas, depois do almoço, vai ao jardim da Bateria e encontra o marido morto... aí não lhe restam dúvidas de que foi envenenado. Não fora *ela*? Quem fora então? E subitamente fáz-se-lhe luz as ameaças de Angela, a expressão de Angela inclinada sobre a cerveja e apanhada em flagrante... culpada, culpada, culpada. Porque fez a pequena uma coisa destas? Para se vingar de Amyas, talvez sem intenção alguma de matar, mas simplesmente de pô-lo doente ou mal disposto? Ou fê-lo por ela, por Caroline? Compreendeu que Amyas se prepara para abandonar a irmã e ressentir-se do fato? Caroline lembra-se... tão vividamente... das suas próprias emoções violentas e rebeldes, quando tinha a idade de Angela. E só lhe ocorre um pensamento. Como pode proteger Angela? Angela manuseou aquela garrafa... esta terá as suas impressões digitais. Limpa-a rapidamente e passa-lhe lustro. Se ao menos as pessoas forem persuadidas de que foi suicídio... Se as impressões digitais de Amyas forem as únicas a serem encontradas. Tenta pressionar os seus dedos mortos à volta da garrafa... debatendo-se desesperadamente... à escuta, não vá alguém aparecer...

Uma vez assumida a veracidade desta premissa, tudo o resto encaixa.

A sua ansiedade, desde logo, em relação a Angela, a sua insistência para que fosse levada dali, tentando mantê-la afastada dos acontecimentos. O seu receio de que Angela fosse minuciosamente interrogada pela polícia. Por fim, a

sua opressiva ansiedade para fazer Angela sair de Inglaterra, antes do início do julgamento. Porque vive no terror permanente de que Angela possa ir-se abaixo e confessar

## CAPÍTULO IV - A VERDADE

Lentamente, Angela Warren voltou-se. O seu olhar, duro e desdenhoso, percorreu os rostos que a fitavam.

— Idiotas cegos... é o que são, todos vocês. Não vêem que, se tivesse sido eu, *teria* confessado! Nunca teria deixado a Caroline sofrer por uma coisa que eu tivesse feito. Nunca!

— Mas mexeu de fato na cerveja. — afirmou Poirot.

— Eu? Mexer na cerveja?

Poirot voltou-se para Meredith Blake. — Ouça, monsieur. Aqui no seu relato do que aconteceu, indica que ouviu ruídos nesta sala, que fica por baixo do seu quarto, na manhã do crime.

Blake assentiu. — Mas foi só um gato.

— Como sabe que foi um gato?

— Não...não me consigo lembrar. Mas foi um gato. Tenho a certeza absoluta de que foi um gato. A janela estava aberta o suficiente para um gato entrar.

— Mas não estava fixa nessa posição. A vidraça move-se livremente. Podia ter sido levantada e uma pessoa podia ter entrado e saído.

— Sim, mas eu sei que foi um gato.

— Mas *viu* o gato?

Blake, perplexo, disse pausadamente: — Não, não o vi... — calou-se, franzindo o sobrolho — Mas sei.

— Agora vou dizer-lhe por que *razão* sabe. Coloco entretanto esta questão à sua consideração. Alguém podia ter vindo a esta casa nessa manhã, entrado no seu laboratório, pegado em qualquer coisa da prateleira e saído novamente, sem o senhor ver. Se essa pessoa tivesse vindo de Alderbury, não

podia ter sido Philip Blake, nem Elsa Greer, nem Amyas Crale, nem Caroline Crale. Sabemos perfeitamente o que essas quatro pessoas estavam a fazer. Ficam de fora Angela Warren e Miss Williams. Miss Williams veio aqui... o senhor chegou a encontrá-la quando saiu. Ela disse-lhe na altura que andava à procura de Angela. Angela tinha ido tomar banho cedo, mas Miss Williams não a viu no mar, nem nas rochas. Ela podia facilmente ter nadado até este lado... de fato, foi o que fez mais tarde, nessa manhã, quando tomou banho com Philip Blake. Sugiro que ela nadou até aqui, se dirigiu à casa, entrou pela janela e levou qualquer coisa da prateleira.

— Não fiz nada disso... pelo menos... não... — disse Angela Warren.

— Ah! — Poirot emitiu um gemido de triunfo — Lembrou-se. Disse-me, não é verdade, que, para pregar uma partida maldosa a Amyas Crale, surriprou um pouco do que chamou «aquela coisa dos gatos»... foram as palavras que usou...

Meredith Blake disse bruscamente: — Valeriana! É claro.

— Exatamente. Foi isso que lhe deu a certeza de que tinha sido um gato que entrou na sala. O seu olfato é muito apurado. Sentiu o cheiro ténue e desagradável da valeriana, talvez sem tomar consciência disso... mas a sugestão ao seu subconsciente foi «gato». Os gatos gostam da valeriana e vão até ao fim do mundo por ela. A valeriana é particularmente desagradável ao paladar e foi a sua descrição dela, no dia anterior, que fez a travessa Miss Angela planear pôr um pouco na cerveja do cunhado que, como ela muito bem sabia, a sorvia sempre de um só trago.

Angela Warren disse, como quem procura recordar-se: — Terá sido mesmo nesse dia? Lembro-me perfeitamente de tê-la roubado. Sim, e lembro-me de ter pegado na cerveja e de a Caroline entrar e quase me apanhar em flagrante! Claro que lembro... Mas nunca associei o fato a esse dia em particular.

— Pois não... porque *na sua mente* não existia qualquer associação. Para si, as duas ocorrências foram completamente distintas. Uma era comparável às outras partidas maldosas que pregava... a outra foi uma bomba trágica que rebentou imprevisivelmente e conseguiu apagar da sua mente todos os outros

incidentes sem importância. Mas eu reparei, quando falou do assunto, que disse: «Surrupiava, etc., etc. para *meter* nas bebidas do Amyas». Não disse que o tinha realmente feito.

— Não, porque nunca fiz. A Caroline entrou precisamente quando eu estava a abrir a garrafa. Oh! Era um grito. E a Caroline pensou... pensou que tinha sido *eu*... — calou-se, olhou em volta. Disse, em voz baixa, no tom calmo que a caracterizava: — Imagino que todos pensam também que fui eu. — fez uma pausa e disse: — Eu *não matei o Amyas*. Nem em resultado de uma brincadeira maldosa, nem de outro modo qualquer. Se tivesse, nunca teria guardado silêncio.

Miss Williams disse abruptamente: — Claro que não, minha querida. — olhou para Hercule Poirot — Só um *tolo* pensaria uma coisa dessas.

Hercule Poirot disse com brandura: — Eu não sou tolo e não penso isso. Sei perfeitamente quem matou Amyas Crale. Fez uma pausa. Existe sempre o perigo de aceitar como provados fatos que, de maneira nenhuma, o são. Olhemos para a situação em Alderbury. Uma situação por demais conhecida. Duas mulheres e um homem. Tomamos como certo que Amyas Crale se propunha deixar a mulher pela outra rapariga. Mas eu sugiro-lhes agora *que ele nunca tencionou fazê-lo*.

Ele já tivera paixonetas por outras mulheres no passado. Vivia obcecado por elas, enquanto as relações duravam, mas estas eram de pouca dura. As mulheres por quem se apaixonara eram geralmente mulheres experientes... não esperavam grande coisa dele. Mas, neste caso, a mulher esperou. É que não era de todo uma mulher, compreendem? Era uma jovem e, segundo as palavras de Caroline Crale, era terrivelmente sincera... Podia ser fria e sofisticada no discurso, mas no amor era assustadoramente determinada. *Porque* ela própria sentia uma paixão profunda e obsessiva por Amyas Crale, assumiu que ele sentia o mesmo por ela. Assumiu inquestionavelmente que a paixão entre ambos seria eterna. Assumiu, sem lhe perguntar, que ele deixaria a mulher.

Por que razão, perguntarão, não a desenganou Amyas Crale? E a minha resposta é... o quadro. Ele queria acabar o quadro.

A algumas pessoas, pode parecer inacreditável... mas não a quem conhece os artistas. E já aceitamos essa explicação em princípio. A conversa entre Crale e Meredith Blake começa agora a fazer mais sentido. Crale sente-se embaraçado... dá uma palmada nas costas de Blake, tranquiliza-o, num tom otimista, dizendo que tudo vai acabar bem. É que, para Amyas Crale, tudo é simples. Está a pintar um quadro, um pouco importunado pelo que descreve como um par de mulheres ciumentas e neuróticas... mas não vai consentir que nenhuma delas interfira com o que, para ele, é a coisa mais importante da sua vida.

Se dissesse a Elsa a verdade, o quadro estaria acabado. Talvez no ardor dos seus sentimentos iniciais por ela, tenha realmente falado em deixar Caroline. Os homens dizem coisas dessas, quando estão apaixonados. Talvez tenha então simplesmente permitido que ela partisse desse princípio, como permite agora que parta. Não se preocupa com o que Elsa presume. Ela que pense o que quiser. Fará tudo para que ela não faça ondas por mais um ou dois dias.

Aí dir-lhe-á a verdade... que as coisas entre ambos estão acabadas. Ele nunca foi homem que se deixasse perturbar pelos escrúpulos. Julgo que, de início, se esforçou por não se envolver com Elsa. Advertiu-a do gênero de homem que era... mas ela não deu ouvidos à advertência. Precipitou-se em frente de olhos fechados. E, nas mãos de um homem como Crale, as mulheres eram joguetes. Se lhe tivessem perguntado, teria facilmente respondido que Elsa era nova e em breve se recomporia do desgosto. Era assim que funcionava a mente de Amyas Crale.

A mulher era realmente a única pessoa a quem tinha amor. Ela não lhe dava grandes preocupações. Só tinha de suportar a situação por mais alguns dias. Ficou furioso com Elsa, quando esta despejou o saco junto de Caroline, mas continuou a pensar com otimismo que tudo haveria de «correr bem». Caroline perdoar-lhe-ia, como sempre, e Elsa... Elsa teria simplesmente de «gramar». Para um homem como Amyas Crale, os problemas da vida são muito simples.

Mas eu penso que, nessa última noite, começou realmente a preocupar-se. Com Caroline, não com Elsa. Talvez tenha ido ao seu quarto e ela tenha

recusado falar com ele. Seja como for, após uma noite inquieta, chamou-a à parte, depois do pequeno-almoço, e confessou-lhe a verdade. Tinha-se apaixonado por Elsa, mas estava tudo acabado. Quando terminasse o quadro, nunca mais a veria.

E foi em resposta a isso que Caroline Crale exclamou, indignada: «Tu e as tuas mulheres!». Essa frase, compreendem, punha Elsa em pé de igualdade com as outras... as outras que já tinham ido à sua vida. E acrescentou, indignada: «Um dia destes, mato-te».

Estava zangada, revoltada com a sua insensibilidade e com a sua crueldade para com a rapariga. Quando Philip Blake a viu no vestíbulo e a ouviu murmurar entre dentes: «É demasiado cruel!», era em Elsa que ela estava a pensar.

Quanto a Crale, este saiu da biblioteca, encontrou Elsa com Philip Blake e ordenou-lhe bruscamente que descesse ao jardim para posar. O que ele não sabia era que Elsa Greer tinha estado sentada do lado de fora da janela da biblioteca e ouvido tudo. E o relato que ela mais tarde fez dessa conversa não foi o verdadeiro. Não se esqueçam de que só existe a sua palavra nessa matéria.

Imaginem o choque que deve ter sido para ela ouvir a verdade, dita brutalmente!

Na tarde anterior, Meredith Blake disse-nos que, enquanto esperava que Caroline saísse desta sala, ficou à porta de costas voltadas para o interior. Estava a falar com Elsa Greer. O que quer dizer que esta estava *de frente* para ele e *que podia* ver exatamente, por cima do seu ombro, o que Caroline fazia... e que *era a única pessoa que podia fazê-lo*.

Viu Caroline pegar no veneno. Não disse nada, mas o fato veio-lhe à memória, quando estava sentada junto da janela da biblioteca.

Quando Amyas Crale saiu, deu a desculpa de que precisava de uma camisola e foi ao quarto de Caroline Crale à procura do veneno. As mulheres conhecem os esconderijos prováveis das outras mulheres. Encontrou-o e, com cuidado para não apagar quaisquer impressões digitais, nem deixar as suas, despejou o conteúdo na pipeta de uma caneta de tinta permanente.

Em seguida, desceu e acompanhou Crale ao jardim da Bateria. E, sem dúvida então, serviu-lhe cerveja e ele sorveu-a de um trago, como de costume.

Entretanto, Caroline Crale estava seriamente perturbada. Quando viu Elsa entrar em casa (desta vez para ir realmente buscar uma camisola), Caroline dirigiu-se rapidamente ao jardim da Bateria e confrontou o marido. O que ele está a fazer é vergonhoso! Não está disposta a aturá-lo! É terrivelmente cruel e duro para com a rapariga! Amyas, irritado com a interrupção, diz que está tudo resolvido... quando acabar o quadro, tratará de aviar a rapariga mais as malas! *«Está tudo resolvido... eu trato de a aviar mais as malas. Acredita.»*

Ouvem então os passos dos irmãos Blake e Caroline sai, ligeiramente embaraçada, murmura qualquer coisa acerca de Angela e do colégio, diz que tem muito que fazer, e, por uma associação natural de ideias, os dois homens julgam que a conversa que acabaram de ouvir diz respeito a Angela, *E trato de a aviar mais as malas* torna-se *«Trato de lhe aviar as malas»*.

E Elsa, de camisola na mão, desce o trilho, calma e sorridente, e mais uma vez toma a sua pose.

Apostou, sem dúvida, no fato de que as suspeitas recairão sobre Caroline e de que o frasco de conina será encontrado no seu quarto. Mas agora Caroline, sem saber, faz completamente o seu jogo. Traz cerveja gelada e serve-a ao marido. Amyas bebe-a de um trago, fazendo um esgar e dizendo: *«Hoje tudo me sabe mal»*.

Entendem a que ponto este comentário é significativo? *Tudo* sabe mal? Indica que houve mais qualquer coisa *antes* dessa cerveja que lhe soube mal e cujo travo *ainda lhe persiste na boca*. E, mais uma coisa, Philip Blake refere que Crale estava a cambalear ligeiramente e pergunta-se *«se ele terá estado a beber»*. Mas esse andar ligeiramente trôpego *foi o primeiro sinal dos efeitos da conina*, o que significa *que esta já lhe tinha sido administrada algum tempo antes de Caroline lhe levar a garrafa de cerveja gelada*.

E assim Elsa Greer sentou-se no muro cinzento e posou e, já que tinha de impedi-lo de suspeitar até ser demasiado tarde, conversou com Amyas Crale alegremente e com naturalidade. Nesse momento, avistou Meredith no banco em

cima, acenou-lhe com a mão e representou o seu papel com mais garra ainda por causa dele.

E Amyas Crale, um homem que detestava a doença e recusava admiti-la, pintou obstinadamente até os braços o atraiçoarem e a fala engrossar, e esparramou-se no banco, desamparado, mas ainda lúcido.

O sino na casa tocou e Meredith levantou-se do banco para ir ao jardim da Bateria. Penso que, nesse breve momento, Elsa saiu do seu lugar e correu à mesa, despejando as últimas gotas do veneno no copo de cerveja que continha essa última bebida inofensiva. (Descartou-se do conta-gotas no trilho para a casa... pisando-o e reduzindo-o a pó.) Em seguida, foi ao encontro de Meredith na entrada.

Na sombra, Meredith vê um vulto, mas com pouca nitidez... apenas o amigo estendido numa posição familiar, tendo visto o seu olhar desviar-se do quadro com o que ele descreveu como um olhar feroz e malévolos.

De quanto se apercebeu Amyas ou até que ponto adivinhou? O que soube na sua mente consciente é-nos impossível determinar, mas a sua mão e o seu olhar foram esclarecedores.

*Hercule Poirot fez um gesto na direção do quadro na parede.*

Eu devia ter compreendido, quando vi esse quadro pela primeira vez. Porque é um quadro admirável. É o quadro de uma assassina, pintado pela sua vítima... é o quadro de uma rapariga que assiste à morte do seu amante...

## CAPÍTULO V - AS REPERCUSSÕES

No silêncio que se seguiu um silêncio de horror e consternação, o pôdo-sol desvaneceu-se lentamente e a sua última radiância tremeluzente abandonou a janela, onde havia pousado sobre a cabeça escura e as peles claras da mulher aí sentada.

Elsa Dittisham mexeu-se e falou: — Leva-os daqui, Meredith. Quero ficar a sós com M. Poirot. — deixou-se ficar ali sentada, imóvel, até que a porta se fechou atrás de todos, e disse: — É muito inteligente, não é?

Poirot não respondeu.

— Que espera que eu faça? Que confesse? — perguntou.

Ele abanou a cabeça.

— Porque não farei nada disso! — disse Elsa — E não confessarei coisa nenhuma. O que dissermos aqui um ao outro não tem a menor importância. Porque não passa da sua palavra contra a minha.

— Exatamente.

— Quero saber o que pensa fazer.

Hercule Poirot respondeu: — Farei tudo o que estiver ao meu alcance para induzir as autoridades a concederem a absolvição póstuma de Caroline Crale.

Elsa riu e disse: — Que absurdo! Ser absolvida por uma coisa que não se fez. E acrescentou: E eu?

— Apresentarei as minhas conclusões às pessoas relevantes. Se decidirem que existe a possibilidade de reunir provas para processá-la, é possível que atuem. Dir-lhe-ei que, na minha opinião, não existem provas suficientes... existem apenas deduções e não fatos. Além disso, não se mostrarão decerto ansiosas por processar alguém na sua posição, a não ser que exista ampla justificação para tal procedimento.

— Não estou preocupada disse Elsa. Se fosse levada ao banco dos réus, a lutar pela minha vida... talvez houvesse aí qualquer coisa... qualquer coisa de vivo... de emocionante. É possível que... até gostasse.

— O seu marido não gostaria.

Ela olhou-o fixamente. — Crê que me importo minimamente com o que o meu marido possa sentir?

— Não, não creio. Não creio que alguma vez na sua vida se tenha importado com o que qualquer outra pessoa possa sentir. Se tivesse, talvez fosse mais feliz.

— Porque tem pena de mim? — perguntou bruscamente.

— Porque tem muito para aprender, minha filha.

— Que tenho eu para aprender?

— Todos os sentimentos de uma pessoa adulta... a piedade, a compaixão, a compreensão. As únicas coisas que conhece... que alguma vez conheceu... são o amor e o ódio.

— Eu vi a Caroline pegar na conina disse Elsa. Julguei que tencionava suicidar-se. Isso teria simplificado tudo. Mas, depois, na manhã seguinte, descobri. Ele disse-lhe que eu não significava nada para ele... que já *tinha* significado, mas que estava acabado. Quando concluiu o quadro, mandava-me de malas aviadas. Disse-lhe que ela não tinha motivo para preocupações. E ela... sentiu pena de mim... Compreende o efeito que isso teve em mim? Encontrei o veneno e dei-lho a tomar e fiquei ali sentada a assistir à sua morte. Nunca me senti tão viva, tão exultante, tão cheia de poder. Assisti à sua morte... — estendeu as mãos — Não compreendi que estava a matar-me... a mim e não a ele. Mais tarde, vi-a ser apanhada numa cilada... o que também não serviu de nada. Não podia magoá-la... ela não queria saber... escapou a tudo... grande parte do tempo, ela não estava presente. Ela e Amyas tinham ambos escapado... Partiram juntos para um lugar a que eu não tinha acesso. Mas não morreram. *Eu*, sim, morri.

Elsa Dittisham levantou-se. Encaminhou-se para a porta. E disse novamente: — *Morri...*

No vestíbulo, passou por dois jovens cuja vida em comum apenas começava.

O motorista segurou na porta do carro. Lady Dittisham entrou e o motorista envolveu-lhe os joelhos na manta de pele.

**FIM**